

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CAIO RAPHAEL PASSAMANI SIMÕES SILVA

**ENTRE A MUDANÇA E A FUGA:  
REIFICAÇÃO E DESREIFICAÇÃO EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO RAMOS**

Vitória

2025

CAIO RAPHAEL PASSAMANI SIMÕES SILVA

**ENTRE A MUDANÇA E A FUGA:  
REIFICAÇÃO E DESREIFICAÇÃO EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO RAMOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura e Outros Sistemas de Significação.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Cei Santos.

Vitória

2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

P285e Passamani, Caio, 1993-  
Entre a Mudança e a Fuga: : Reificação e Desreificação em Vidas Secas, de Graciliano Ramos / Caio Passamani. - 2025. 272 p. : il.

Orientador: Vitor Cei Santos.  
Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Vidas Secas. 2. Graciliano Ramos. 3. Literatura Brasileira. 4. Reificação. I. Cei Santos, Vitor. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 82

---

Caio Raphael Passamani Simões Silva

**“ENTRE A MUDANÇA E A FUGA: REIFICAÇÃO E DESREIFICAÇÃO EM VIDAS  
SECAS, DE GRACILIANO RAMOS”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Aprovada em 07 de agosto de 2025.

Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** VITOR CEI SANTOS  
Data: 08/08/2025 11:57:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Vitor Cei Santos (UFES)**  
Orientador e Presidente da Comissão

**Prof. Dr. Gaspar Paz (UFES)**  
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LUCIANA MOLINA QUEIROZ  
Data: 08/08/2025 17:34:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Luís Eustáquio Soares (UFES)**  
Examinador Interno

**Profa. Dra. Luciana Molina Queiroz (Universidade Carolina de Praga)**  
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** BARBARA DEL RIO ARAUJO  
Data: 08/08/2025 11:45:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Bárbara del Rio Araújo (CEFET-MG)**  
Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
GASPAR LEAL PAZ - SIAPE 2130923  
Departamento de Teoria da Arte e Música - DTAM/CAR  
Em 11/08/2025 às 11:23

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.ukf.ufes.br/arquivos-assinados/1180488?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LUIS EUSTAQUIO SOARES - MATRÍCULA 1351264  
Membro - Programa de Pós-Graduação em Letras  
Em 11/08/2025 às 19:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.ukf.ufes.br/arquivos-assinados/1181077?tipoArquivo=O>

Escrita sob o signo da determinação e da organização, dedico  
esta tese de doutorado a meu pai.

## AGRADECIMENTOS

Fugidias são as palavras quando busco elaborar um agradecimento decente aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o êxito desta empreitada acadêmica. Anelo escrever as palavras certas, mas o que chega ao papel não passa de certas palavras, muito aquém do que eu gostaria de dizer às pessoas que aqui serão apontadas nominalmente. E não poderia ser diferente: o efusivo sentimento de gratidão que sinto pelos que foram por mim não habita o campo das letras, por mais irônico que isso soe.

Agradeço à minha família pelo amor incondicional. À minha esposa, Lorena Simões Ferreira Passamani – minha verdade profunda. Carinho, cuidado e amor sem medidas. Seu amparo afetivo e compreensão foram medulares para a realização desta tese. Eu a amo integralmente e lhe sou grato por tudo. Sinto-me honrado por ela partilhar a vida comigo. Tê-la em meus braços é pura graça. Meus pais, Sylvia Renata Passamani Simões e Alexandre Silva Ferreira Goulart, me criaram com zelo e carinho, primando por uma educação que fosse humanizada e voltada aos estudos. Para além das palavras, ensinaram com ações. Habitam minha memória imagens de minha mãe a ler tomos oftalmológicos sob a luz de um abajur num quarto-escritório; lembranças de meu pai sentado à mesa da sala com um *Essencial Grammar in Use* em mãos. Eles foram minha fonte primeira de amor, cuidado e inspiração para a formação intelectual; assim como espero sê-lo futuramente a meus filhos. Deram-me a vida e empenharam-se nos mínimos detalhes pela minha saúde e felicidade. Também fui agraciado por outros membros familiares que reiteravam a importância dos estudos, entes aos quais sou profundamente grato. Minha avó materna, Maria Passamani, sempre me perguntou o que eu estava lendo ao me encontrar. A paterna, Maria Divina, me contou histórias do Pedro Malasartes para dormir, fomentando gosto pelas narrações e suprimindo a necessidade de fabular, consoante o ensinamento de *Candido*.<sup>1</sup> Mulheres de envergadura literária, que leram Leon Tolstói, William Shakespeare, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Nelson Rodrigues. À minha avó de consideração Maria da Conceição Raach, cujo carinho é um fio condutor em minha vida. A meu avô, Carlos Martins Simões, minha reverência pelo afeto genuíno por toda vida. A Fernando Ruy Costa, agradeço pela contínua dedicação em ser o melhor para minha família materna – sem falar nas inúmeras conversas construtivas em que pude sorver um pouco de sua cultura enciclopédica. Sou grato ao apoio de minha irmã Giovanna Passamani e de meu afilhado

---

<sup>1</sup> CANDIDO, 2011, p. 176.

Lucca Vitor Raimundo Passamani, preciosidades que genuinamente me amam, importam-se comigo e torcem pelos meus incursos acadêmicos. Agradeço também a meus segundos pais, Walquiria Simões e Wilson Ferreira, que me tratam como filho, em demonstração de afeto, alegria e interesse pelos meus sonhos. Com os anos de formação neste seio familiar, aprendi a “deixar o couro esticado”. Por um lado, passei a não temer o fracasso; por outro, a não suportar a ideia de dar menos do que eu posso em tudo o que faço. Parte da existência está dentro de minha alçada; a outra é contingência. A primeira é a parte que me cabe.

A meu orientador de mestrado e de doutorado, um parágrafo à parte. Em meados de 2020, enviei um e-mail para o então coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), prof. dr. Vitor Cei Santos, demonstrando interesse em realizar um mestrado em Estudos Literários. Recebi como resposta uma sugestão para delimitar o escopo da ideia apresentada, juntamente com alguns artigos para ler e amadurecer o tema. A partir daí, as interlocuções não pararam. O professor Vitor me acolheu como seu orientando de mestrado – posteriormente, de doutorado – e esteve presente em *todas* as etapas de minha formação acadêmica na pós-graduação, sem exceção. De gentileza, clareza e objetividade sem iguais, Vitor sempre esteve disposto a me auxiliar. Ele é um paradigma de cristalina honestidade e consistência intelectual, de conduta acadêmica investigativa rumo a uma erudição crítica e humanizada. Sob sua orientação, meus estudos foram revestidos de leveza e segurança. Hoje, considero-o um amigo, alguém que se importa, torce pelo meu sucesso e com quem posso ter frutíferos diálogos.

Meu muito obrigado a figuras excepcionais que tive a satisfação de conhecer, com as quais pude dialogar e aprender nestes últimos anos de caminhada no PPGL da Universidade Federal do Espírito Santo. Refiro-me aos discentes Anaximandro Amorim; Bartira Zanotelli; Carlos Alexandre Rocha; Cristina Moura; Gabriela Oliveira; Luana Paslawski; Lucimar Simon; Nadine Braga; Panna Maranhão; Pedro Henrique Pimenta; Rodrigo Caldeira; Sara Lovatti; Tarsis e Vitor Vogas. Cumprimentos laudatórios à Erlândia Ribeiro da Silva e a Jerson Oliveira Mendes Júnior, pesquisadores de sensibilidade única que me acompanharam nesta caminhada acadêmica desde o início do meu mestrado, em 2021. À Iana Lima Cordeiro, latinista perspicaz com quem troco percepções literárias há anos. À Francyne dos Santos Gonçalves, Késia Gomes da Silva e Thalita de Oliveira Simões Banhos, argutas companheiras de pesquisa, pela atenção, respeito e agradável convivência nestes anos de estudos doutorais. Louros à excelência profissional de Thalita Banhos, com a qual tive a satisfação de trabalhar. A Solveig Josefina

Villegas Zerlin, cuyo cariño y pureza etérea habitan en el brillo de su mirada, le agradezco las clases, el aliento y las palabras de afirmación. Reverencio a todos pelo bom convívio e por todas as interlocuções, que potencializaram a elaboração acadêmica.

À Bárbara Del Rio Araújo, Gaspar Leal Paz, Luciana Molina Queiroz e Luis Eustáquio Soares – professores que aceitaram gentilmente compor minha banca de doutorado –, as mais sinceras reverências pelos apontamentos feitos durante minhas duas qualificações. Seus comentários e sugestões de leitura, avaliados um a um detalhadamente, foram fundamentais para a consistência das discussões levantadas nesta tese. Foi uma honra escrever sob auxílio de pesquisadores da envergadura intelectual como a vossa. Um agradecimento especial à Rafaela Scardino Lima Pizzol, de cuja disciplina me recordo pela profusão de ideias, debatidas com uma sutileza singular. Agradeço-lhe sumamente pelas indicações bibliográficas nesta reta final do doutorado, por esclarecerem um elemento *sine qua non* na reflexão proposta. A Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro e à Maria Amélia Dalvi, gostaria de deixar registrado minha admiração e respeito. Exemplos de sublime qualidade e diligência acadêmica, escutá-los é essencial para se entender o que significam comprometimento e autonomia intelectual. Embora não tenham participado do meu convívio nestes anos de incurso doutoral, é indispensável apontar minha gratidão por Carmelita Minélio da Silva, Edna da Silva Polese, João Cláudio Arendt, Leila Maria Tesch, Leni Ribeiro Leite, Paulo Roberto Sodré, Rivaldo Capistrano de Souza Júnior, Santinho Ferreira de Souza e Sérgio da Fonseca Amaral, docentes em que me espelhei pela lisura e integridade em face à pesquisa acadêmica e à postura docente.

A propósito de agradecimentos a estudantes e professores da UFES, mais dois apontamentos fundamentais: 1. durante o doutorado, recebi de Cristina Moura e Gaspar Paz Leal um tratamento agradabilíssimo. Para além da acurácia intelectual, que apresentam de sobejo, os dois materializam o conceito de cordialidade. 2. Luís Eustáquio, figura extraordinária e de humor único, apresenta um repertório marxista colossal. Sua engenhosa desenvoltura em expor e concatenar ideias me foi inspiração para estudar e buscar esclarecimento conceitual em Marx e Lukács; e sua disciplina, ponto de inflexão para o amadurecimento das discussões propostas neste estudo – motivo pelo qual lhe agradeço mais uma vez.

À equipe escolar da EEEFM Major Alfredo Pedro Rabayolli, bravos trabalhadores de convívio cotidiano, agradecimentos sem fim. Desde que lá assumi a cadeira de Português/Literatura, em

2023, todos me tratam com bom ânimo e respeito. O ambiente profissional, fundamentalmente de resistência diante das questões que circundam a educação, torna-se leve com a união e a fraternidade que atravessam o corpo docente e gestor da escola. Trabalhando dois turnos praticamente todos os dias da semana, muitos foram os momentos de descontração coletiva dos quais me ausentei para algum lugar mais reservado em prol de desenvolver esta pesquisa. A equipe, todavia, foi compreensiva em face à minha necessidade de otimizar o tempo, de forma que me senti acolhido em minhas particularidades e benquisto em ambiente profissional – o que influenciou positivamente a pesquisa acadêmica. Muito obrigado a todos! Avante, importantes agradecimentos nominais: a Victor Camponez Vialeto, que me auxiliou a delimitar o tema da tese de doutorado, além de tecer considerações cirúrgicas sobre a escrita do projeto de pesquisa e sobre o preparo para a prova de admissão. Admiro-lhe a argúcia e a sofisticação de ideias. A Igor da Rocha Gulicz, companheiro de trabalho e de estudos literários, sou grato por todos os debates educacionais, indicações bibliográficas e pelo excelente convívio; obrigado por partilhar um pouco de seu conhecimento e, mormente, por dizer o necessário, mesmo quando contrário ao que eu pensava. Isso é papel de amigo. À Ana Lúcia Lepre Batista, por apoiar minha caminhada acadêmica, estar presente em momentos capitais do meu doutorado, compartilhar estratégias docentes e me tratar com uma simpatia ímpar. A Felipe de Almeida Tavares, pelos diálogos literários, conselhos e direcionamentos de quem já trilhou esses mesmos passos doutorais. A André Prock e Fabrício Silva, professores-filósofos, pelos diálogos fecundos a respeito de questões interseccionais entre Filosofia e Literatura. À Girlene Gobete, dileta pedagoga do Rabayolli, por torcer por mim em perspectiva profissional, acadêmica e pessoal. Alguém que acredita no que faz, Gir emana cuidado, atenção e probidade ímpares, o que me motiva a persistir na docência em constante aprimoramento intelectual. À Ashley Anderson Silva Oliveira, por coordenar a Educação de Jovens e Adultos do Rabayolli com um estado de espírito inigualável. Sua disposição e incrível habilidade de animar o ambiente educacional envolvem a todos com leveza – o que foi determinante para a elaboração do texto. À diretora Leonara Coutinho Marcolano, agradeço pela valorização do meu trabalho, pela cordialidade e também por torcer por meu sucesso. Agradeço também a todos os meus alunos, resistentes diante de adversidades sociais, pela agradável e alegre convivência. Busco fazer o que me cabe para efetivar o que lhes é de direito segundo a Carta de 1988: respeito, dignidade, educação de qualidade. A questão educacional em *Vidas Secas* potencializa a urgência de lhes prover cotidianamente o meu melhor. Estratégias de resistência contra a reificação e a favor de uma educação humanizada, vivo-as na prática. Sinto-me honrado por aqueles que identificam

esse intento e retribuem com demonstração de interesse e comprometimento pelos estudos gramaticais e literários. Muito, muito obrigado!

A Fillipe Paulo Baptista, Kayo da Silva Cláudio e Maurício Almeida Castro Camara Reis – duas décadas de amizade –, minhas sinceras reverências por serem por mim nos momentos capitais de minha vida. Os três seguem em meus pensamentos, por todas as conversas, alegrias, tristezas e superações por que passamos juntos. É sempre uma felicidade poder revê-los. À Fernanda Oliveira e a Leonardo Geraldino Costa, figuras ilustres que me acompanham desde a graduação em Letras, agradeço cordialmente pela amizade. Sob o signo de uma sólida formação literária e de uma descontração *sui generis* frente aos percalços da vida, tive ao lado deles o melhor de dois mundos. A André da Silva Oliveira, Evelyn Crist Souza Simões e João Márcio Simoura de Sousa, muito obrigado por acreditarem em mim. À Joyce Fernandes de Oliveira, pelas reflexões profícuas sobre formas de lidar com a introspecção. À Edna Ramos Souza, que acompanhou o desenvolvimento desta tese do início ao fim, agradeço pelo convívio harmonioso, pelas palavras de incentivo e pelos comentários mais bem humorados: “Vidas Secas. Graciliano Ramos. Só pode ‘tá falando de mim, esse homem; tem até o meu sobrenome...”

Por fim, agradeço a todos os funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) pelo apoio institucional, em especial à Secretaria Integrada de Pós-graduação do CCHN (SIP) pela celeridade e contínua boa-vontade ao responder a e-mails diversos sobre dúvidas pontuais e questões burocráticas. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentar financeiramente minha pesquisa com uma bolsa de estudos, entre março de 2024 e agosto de 2025, viabilizando a existência desta tese. À Maria Mirtis Caser, presidente da Comissão de Bolsas, pelo trato gracioso para com todos do PPGL. Excelso, seu trabalho é de comover estátuas.

A pedra constrói o caminho.

## RESUMO

Em *Vidas Secas*, romance de Graciliano Ramos, uma família de retirantes nordestinos vive as consequências da miséria, da exploração laboral e da seca num processo que os abandona à condição de coisas. Esta tese defende que enquanto a reificação (coisificação) desumaniza a vida desses sertanejos por invisibilizar o trabalho humano, o romance desreifica-os, porque visibiliza o trabalho e recupera a humanidade das personagens. Objetiva-se investigar a estética do autor em face à realidade socioeconômica brasileira coeva, além de analisar individualmente os dilemas reificantes vividos por cada personagem. Apoiam teoricamente esta pesquisa Karl Marx e György Lukács, que o sucedeu nas reflexões sobre a reificação.

Palavras-chave: *Vidas Secas*. Graciliano Ramos. Reificação.

## ABSTRACT

In *Barren Lives*, a novel by Graciliano Ramos, a family of migrants from Northeast Brazil experiences the consequences of poverty, labor exploitation, and drought in a process that reduces them to the condition of things. This dissertation argues that while reification (objectification) dehumanizes the lives of these backwoodsmen by rendering human labor invisible, the novel de-reifies them by making labor visible and restoring the humanity of the characters. The aim is to investigate the author's aesthetics in light of the Brazilian socioeconomic reality, as well as to analyze individually the reifying dilemmas experienced by each character. Karl Marx and György Lukács — who expanded on Marx's reflections on reification — provide the theoretical foundation for this research.

Keywords: *Barren Lives*. Graciliano Ramos. Reification.

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>18</b> |
| <b>CAPÍTULO 1. A ESTÉTICA DE GRACILIANO: IMAGENS DE DENÚNCIA E RESISTÊNCIA</b> .....              | <b>30</b> |
| 1.1. UM DIÁLOGO ENTRE VIDA E OBRA – OBSERVAÇÕES PRELUDIAIS.....                                   | 30        |
| 1.2. UMA ESCRITA SECA, AFIADA.....  | 32        |
| 1.3. BIOGRAFIA, HISTORIOGRAFIA E VIDA PÚBLICA: ASPECTOS ENTRELAÇADOS NA ESTÉTICA DO AUTOR .....   | 36        |
| 1.4. ALGUMAS PALAVRAS A RESPEITO DOS TRÊS ROMANCES ANTERIORES A <i>VIDAS SECAS</i> .....          | 74        |
| 1.5. <i>VIDAS SECAS</i> – O SURGIMENTO E A ESTRUTURA DO ROMANCE.....                              | 79        |
| 1.6. A NARRAÇÃO: TERCEIRA PESSOA, AUSÊNCIA DE DIÁLOGOS E DISCURSO INDIRETO LIVRE .....            | 85        |
| 1.7. A SECA E A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO RURAL NORDESTINO: UMA QUESTÃO HISTORICAMENTE SITUADA ..... | 88        |
| <b>CAPÍTULO 2. REIFICAÇÃO: A TEORIA CRÍTICA</b> .....   | <b>97</b> |
| 2.1. ALIENAÇÃO, UMA RUPTURA ENTRE PRODUTOR E PRODUTO.....   | 98        |
| 2.2. O FETICHISMO DA MERCADORIA: A HUMANIZAÇÃO DO INANIMADO .....                                 | 110       |
| 2.3. REIFICAÇÃO: A DESUMANIZAÇÃO DO HUMANO.....   | 114       |
| 2.3.1. O conceito de reificação: etimologia e recepção geral .....                                | 114       |
| 2.3.2. Alienação, fetichismo da mercadoria e reificação – tríade conceitual .....                 | 117       |
| 2.3.3. Totalidade e atomização.....   | 122       |
| 2.3.4. A ciência no torvelinho da atomização socioeconômica .....                                 | 124       |
| 2.3.5. Dialética e contingência .....   | 127       |
| 2.3.6. Individualismo proposital e a necessidade do controle .....                                | 129       |
| 2.3.7. Naturalização .....  | 132       |
| 2.3.8. Por todos os domínios sociais – entre o qualitativo e o quantitativo.....                  | 135       |
| 2.3.9. Segunda natureza e a mercadoria consciente de si.....                                      | 138       |
| 2.4. CONSIDERAÇÕES PROPEDÊUTICAS SOBRE A ESTÉTICA DE GYÖRGY LUKÁCS.....                           | 140       |
| 2.4.1. O realismo estético lukácsiano: antídoto contra a decadência ideológica .....              | 152       |
| 2.4.2. Centralidade da ação e tipicidade em Lukács: o narrar e o descrever .....                  | 157       |

|  |            |
|--|------------|
| 2.5. A REIFICAÇÃO COMO CHAVE DE LEITURA DA REALIDADE NACIONAL .....  | 162        |
| <b>2.5.1. Ideias modernas em estrutura arcaica: esclarecimentos sobre o desenvolvimento do desenvolvimento</b> ..... | 165        |
| <b>2.5.2. Reificação à brasileira: perpetuação do status quo e marginalização das classes populares</b> .....        | 171        |
| <b>CAPÍTULO 3. ENTRE A MUDANÇA E A FUGA: REIFICAÇÃO E DESREIFICAÇÃO EM VIDAS SECAS .....</b>                         | <b>180</b> |
| 3.2. FABIANO .....   | 188        |
| 3.3. CADEIA .....  | 196        |
| <b>3.3.1. Cangaço: banditismo social à brasileira</b> .....  | 203        |
| 3.4. SINHA VITÓRIA .....   | 208        |
| 3.5. O MENINO MAIS NOVO .....  | 212        |
| 3.6. O MENINO MAIS VELHO .....   | 213        |
| 3.7. INVERNO .....   | 215        |
| 3.8. FESTA .....   | 216        |
| 3.9. BALEIA.....   | 219        |
| <b>3.9.1. Ser humano/animal: dualismo a ser superado</b> .....   | 224        |
| 3.10. CONTAS.....  | 240        |
| 3.11. O SOLDADO AMARELO .....  | 243        |
| 3.12. O MUNDO COBERTO DE PENAS .....   | 245        |
| 3.13. FUGA.....  | 246        |
| 3.14. VIDAS SECAS – ROMANCE DESMONTÁVEL? .....   | 249        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>256</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>261</b> |

## INTRODUÇÃO

Quarto e último romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* narra os sofrimentos e as adversidades por que passam Fabiano e sua família: retirantes miseráveis embrutecidos e castigados pelo meio degradante e opressivo <sup>2</sup> em que vivem. A miséria humana proveniente da exploração em meio à seca é traço constitutivo da obra e abre precedente para diferentes chaves de leitura, tal como a reificação.

Rubem Braga (1938) afirma que o romance é organizado em treze capítulos “desmontáveis”, porque dispõem de autonomia <sup>3</sup> e narram passagens parcialmente independentes da vida dos retirantes sertanejos. Essa separação em blocos é uma estratégia narrativa que evidencia o isolamento sociocomunicativo em que se encontram as personagens, que se irmanam, para além dos laços sanguíneos, no sofrimento e na pobreza; <sup>4</sup> ou ainda, como alega Bueno (2015), no projeto de sobrevivência. <sup>5</sup> A propósito de *Vidas Secas*, Antonio Candido (2006) defende que

Fabiano, sua mulher, seus filhos rodam num âmbito exíguo, sem saída nem variedade. Daí a construção por fragmentos, quadros quase destacados, onde os fatos se arranjam sem se integrarem uns com os outros aparentemente, sugerindo um mundo que não se compreende e se capta apenas por manifestações isoladas. <sup>6</sup>

A trama é narrada em discurso indireto livre por um narrador onisciente que adentra o pensamento dos protagonistas, “não falsifica o diálogo com os miseráveis, mas sabe mirar os males em comum e pesquisar o desatino do outro”. <sup>7</sup> Escolha discursiva que sela um pacto representativo entre o narrador, com suas percepções analíticas, e a família nordestina, abandonada à escassez e à ignorância no sertão distante. Por meio do narrador, responsável pela intermediação, o leitor acessa o que se passa na cabeça das personagens, possibilitando “a observação daquilo que se configura como exploração do trabalho e negação dos direitos básicos à vida”. <sup>8</sup> Assim, a narrativa dá voz e traz visibilidade aos que foram emudecidos.

---

<sup>2</sup> BASTOS, 2022, p. 126.

<sup>3</sup> BRAGA, 1938, p. 127.

<sup>4</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 14.

<sup>5</sup> BUENO, 2015, p. 145.

<sup>6</sup> CANDIDO, 2006, p. 60.

<sup>7</sup> GIMENEZ, 2023, p. 190.

<sup>8</sup> RABELLO, 2015, p. 186.

Tal estratégia traz verossimilhança para o enredo, porque ninguém na família de Fabiano apresenta competências linguísticas necessárias para narrar as dificuldades por que passam. São pessoas exploradas e sofridas que quase não se comunicam por palavras – não porque não querem, mas porque nunca aprenderam a fazê-lo, tampouco tiveram incentivo. O texto revela que a personagem Fabiano “nunca vira uma escola”,<sup>9</sup> mas pensava que “se lhe tivessem dado ensino”,<sup>10</sup> as coisas poderiam ser diferentes. Esses viventes desumanizados lutam mesmo é pela sobrevivência. Diante das intensas privações materiais, letramento e educação formal se tornam caprichos<sup>11</sup> que não podem bancar. A prioridade do grupo é arranjar algo para comer e, assim, “adiar a própria morte”.<sup>12</sup> Daí a impossibilidade de um narrador-personagem. Comunicação entre eles há; entretanto, majoritariamente por meio de exclamações, onomatopeias e sons guturais.<sup>13</sup> A rusticidade de suas palavras torna impossível o diálogo.<sup>14</sup> Nesse sentido, Hermenegildo Bastos (2022) observa que

[...] a linguagem é, como se tem observado, um problema em *Vidas Secas*, a linguagem como consciência imediata do homem. Os personagens de *Vidas Secas*, em sua existência quase ‘natural’, ganham sua sobrevivência na luta direta com elementos naturais.<sup>15</sup>

As personagens do romance são abandonadas a tamanha miséria que são equiparadas a coisas, a algo inferior ao mínimo de humanidade – constatação que leva a discussão ao cerne deste estudo: investigar o fenômeno socioeconômico da reificação como chave interpretativa da desumanização sofrida pelas personagens; e *Vidas Secas*, em contrapartida resistente, como obra que desreifica a família de Fabiano ao lhe recuperar a humanidade, visibilizando o trabalho do sertanejo e desvelando relações entre seres humanos por trás da objetividade ilusória da mercadoria no capitalismo; isto é, para além da aparente autonomia que o produto ganha em relação ao produtor dentro da sociedade de mercado. Este texto compreende a coisificação dos viventes a partir das noções de *alienação* e *fetichismo da mercadoria*, processos entrelaçados e sem os quais a compreensão da reificação é lacunar. Necessário, portanto, esclarecê-los.

---

<sup>9</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>10</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>11</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>12</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>13</sup> RAMOS, 2022, p. 08, 18.

<sup>14</sup> CANDIDO, 2006, p. 65.

<sup>15</sup> BASTOS, 2022, p. 126.

Em *Manuscritos Econômicos-filosóficos* de 1844, Karl Marx apresenta a alienação como um fenômeno multifacetado. Estruturado na ideia de alheamento ou distanciamento, *alienare* significa “tornar alheio”. O termo descreve a condição do trabalhador que vende sua força de trabalho nas configurações do trabalho assalariado, é separado do produto de seu próprio suor e, conseqüentemente, se encontra “alheio a si mesmo, a ponto de não mais se reconhecer.”<sup>16</sup> É o que acontece com o vaqueiro de *Vidas Secas*, Fabiano, preso ao dilema entre se considerar homem ou bicho; isto é, ser ou não provido de dignidade. Distanciamento que também leva a outras formas de alienação.

A separação entre produto e produtor, nomeada alienação, produz indiferença e insatisfação durante o ato laboral. O trabalho se volta contra o trabalhador, entristecendo-o e mortificando-o.<sup>17</sup> Perde-se também a capacidade de se objetivar no mundo; de se afirmar um ser capaz de imprimir sua identidade em um objeto gerado pelo próprio trabalho, transformando a natureza por meio dele – uma marca de alheamento de si diante de sua humanidade.<sup>18</sup> Além disso, o trabalhador se afasta de seus próprios pares: como as relações interpessoais são utilitárias e voltadas ao interesse material, é comum a reprodução desse comportamento. Tudo aquilo que no modo de produção burguês promove a fragmentação do trabalhador – diante de si, do fruto de seu trabalho ou da atividade laboral – Marx considera uma forma de alienação;<sup>19</sup> o que leva à acepção mais comum da expressão: a incapacidade de pensar criticamente as condições materiais e econômicas que pautam a existência social. A cisão alienante entre o produto e o produtor implica conseqüências para ambos os termos: são os fenômenos do *fetichismo da mercadoria* e da *reificação*, respectivamente.

Em *O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*, Marx afirma que não há nada de mais no valor de uso de um produto do trabalho humano – cada qual satisfaz as necessidades humanas de uma forma, sendo o ser humano aquele que altera as matérias naturais da melhor forma que lhe convém. Todavia, quando esse mesmo produto aparece como *mercadoria* no capitalismo, seu valor de troca predomina sobre seu valor de uso. A mercadoria passa a reproduzir os caracteres sociais do trabalho humano como se fossem de si própria. Em outras palavras, as *relações sociais dos produtores* são vistas como *relações dos próprios produtos*, que passam a

---

<sup>16</sup> ABBAGNANO, 2007, p. 26.

<sup>17</sup> MARX, 2004, p. 83.

<sup>18</sup> MARX, 2004, p. 80.

<sup>19</sup> BARROS, 2011, p. 236.

existir independentemente de quem os produziu.<sup>20</sup> Marx chama esse fenômeno – em que “os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens”<sup>21</sup> – de *fetichismo da mercadoria*; uma espécie de feitiço que traz vida a algo inanimado. Embora a consciência burguesa a considere uma necessidade natural, Marx afirma que essa transformação pertence a “uma formação social em que o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção”.<sup>22</sup> Inversão que acontece com os retirantes de *Vidas Secas*, subsumidos pelo modo de produção capitalista. Nele, os viventes são dominados por um trabalho extenuante, mortificante e que invisibiliza o trabalho realizado. Conseqüentemente, tornam-se alienados do que as próprias mãos produziram; passam a ser tratados como objetos. Assim, constitui-se o processo de reificação.<sup>23</sup>

O termo resulta da formação por aglutinação de duas palavras latinas: o substantivo *res* (coisa) e o verbo *facere* (fazer). Vandenberghe (2017) esclarece:

[...] a reificação (*Verdinglichung*) refere-se à transformação de propriedades, relações, processos, ações, conceitos, etc. humanos em coisas, [...] que agem como pseudo-personas, dotados de uma vida própria. [...] A transformação das propriedades humanas, das relações sociais, dos conceitos abstratos, etc. em coisas, tipos e números pode operar tanto a nível epistemológico como a nível social.<sup>24</sup>

O fenômeno encontra base teórica em Marx, mas não figura como palavra-chave em sua obra.<sup>25</sup> É em *História e Consciência de Classe*, publicado por György Lukács em 1923, que a reificação ocupa uma posição de destaque na análise crítica do funcionamento das sociedades de mercado. No quarto estudo da obra, intitulado “A reificação e a consciência do proletariado”, o pensador húngaro afirma que “a essência da estrutura da mercadoria [...] se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa”.<sup>26</sup> Questão específica do capitalismo moderno, em que o trabalhador não aparece como portador do processo produtivo.<sup>27</sup> Ao contrário, é confrontado pelo seu próprio trabalho como algo independente que o domina por

---

<sup>20</sup> MARX, 2011, p. 206.

<sup>21</sup> MARX, 2011, p. 207.

<sup>22</sup> MARX, 2011, p. 216.

<sup>23</sup> MARX, 2011, p. 207.

<sup>24</sup> VANDENBERGHE, 2017.

<sup>25</sup> GUTIERREZ, 2021, p. 15.

<sup>26</sup> LUKÁCS, 2013, p. 194.

<sup>27</sup> LUKÁCSK, 2013, p. 203.

leis próprias que lhe são estranhas.<sup>28</sup> É o que ocorre a Fabiano, neutralizado a um círculo laboral vicioso que o enfraquece, tornando-o impotente. A reificação pressupõe uma “racionalização continuamente crescente, uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais”<sup>29</sup> que penetra até “a alma do trabalhador”,<sup>30</sup> já que suas qualidades psicológicas são separadas de sua personalidade para serem objetivadas e integradas ao sistema produtivo.<sup>31</sup> Diante disso, o indivíduo assume uma atitude contemplativa, passiva. E não poderia ser diferente, pois

[...] todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram transparentes as relações humanas.<sup>32</sup>

O *Romance de 30* traz a primeiro plano os problemas nacionais coevos, principalmente em regiões nacionais menos favorecidas. Ademais, Graciliano Ramos apresenta personagens abordadas em profundidade psicológica. O autor alagoano vai além do descritivismo: sua prosa evidencia tensões sociais e expõe a face mais dolorosa do sofrimento humano.<sup>33</sup> Em perspectiva histórico-materialista, sua obra representa literariamente um Brasil cujas contradições históricas acompanham sua formação.<sup>34</sup> Nesse diapasão, *Vidas Secas* sobrepuja a objetividade narrativa realista: alinha as investigações psicológicas das personagens à crítica marxista, adicionando um caráter de denúncia social ao texto literário.<sup>35</sup>

Publicado em 1938, o romance conta uma história a partir da perspectiva dos vencidos; miseráveis abandonados diante da modernização do país, espoliados por um capitalismo em *vertente colonial*:<sup>36</sup> expressão que aponta para o desenvolvimento político e econômico desigual entre as regiões nacionais. Embora a origem do pensamento industrial brasileiro remonte ao século XIX<sup>37</sup> – *ergo*, ao Brasil Império –, ainda nos primeiros decênios da República regiões como o Nordeste brasileiro, onde é ambientado o romance, sofriam com o atraso político e econômico: consequências de um Estado que, ao priorizar a produção material

---

<sup>28</sup> LUKÁCS, 2013, p. 199.

<sup>29</sup> LUKÁCS, 2013, p. 201.

<sup>30</sup> LUKÁCS, 2013, p. 202.

<sup>31</sup> LUKÁCS, 2013, p. 202.

<sup>32</sup> LUKÁCS, 2013, p. 207.

<sup>33</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 03.

<sup>34</sup> RABELLO, 2015, p. 184.

<sup>35</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 06.

<sup>36</sup> BASTOS, 2022, p. 129.

<sup>37</sup> SALOMÃO, 2016, p. 01.

no eixo Centro-Sul do país, negligenciava amparo social a parte considerável da população, agravando a reificação.

A determinação social é um dos traços mais caros no romance; afinal, as condições materiais determinam os limites de compreensão das personagens a respeito do mundo e da exploração social.<sup>38</sup> Elas não são simples vítimas da seca, mas “indivíduos sujeitados a condições que lhes imputam uma consciência reificada em que objetos, cultura e instituições sociais aparecem como fantasmagóricas”<sup>39</sup> – elementos que, animados, passam a dominar a existência dos viventes na seara política, social e econômica, consoante a teoria marxiana do *fetichismo da mercadoria*. Ao irem com seus pais à festa de Natal na cidade, os meninos “espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo”.<sup>40</sup> As instituições sociais, distantes de suas pequeninas existências alienadas, lhes parecem misteriosas. A simples probabilidade de cada coisa ali ter um nome<sup>41</sup> já lhes deixava surpresos. “Como podiam os homens guardar tantas palavras?”<sup>42</sup>

A reificação em *Vidas Secas* supera largamente a questão climática: o fenômeno resulta da exploração sobre os mais vulneráveis – motivo pelo qual o embate entre trabalhador e sertão não é solucionado. A lógica econômica que subjaz o universo do romance pulveriza a dimensão individual dos retirantes integrados à natureza do meio.<sup>43</sup> A reificação ocorre em duas dimensões paralelas: como desumanização do trabalhador humano e como instrumentalização dos animais campestres; todos igualmente fadados à produção material extenuante. Ao elaborar uma narrativa que trata de viventes nordestinos reificados, o ficcionista trouxe à tona falibilidades estruturais: desvelou inconsistências históricas fundamentadas em apagamento do trabalho humano, negligência estatal e obediência calcada em abuso de poder. Graciliano produziu uma narrativa-denúncia da exploração do homem pelo homem; restituiu humanidade aos sertanejos retratados, desreificando-os.

Em *Vidas Secas*, o embate envolvendo a reificação é este: de um lado, a objetividade ilusória mercantil oculta o trabalho humano e a exploração das relações produtivas, condenando o

---

<sup>38</sup> RABELLO, 2015, p. 191.

<sup>39</sup> RABELLO, 2015, p. 185.

<sup>40</sup> RAMOS, 2022, p. 72.

<sup>41</sup> RAMOS, 2022, p. 80.

<sup>42</sup> RAMOS, 2022, p. 80.

<sup>43</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 07.

vivente miserável à condição de coisa, tipificado na figura de Fabiano; de outro lado, o romance desvela as relações entre trabalhadores ocultadas pela mercadoria e enfrenta a naturalização do *status quo* no modo de produção burguês, recuperando a humanidade das verdadeiras forças motrizes da história: os trabalhadores historicamente marginalizados, emudecidos, pulverizados. *Vidas Secas* simboliza a resistência contra a decadência ideológica do pensamento burguês; é expressão literária crítica à realidade histórico-social objetiva, <sup>44</sup> encarando contradições do desenvolvimento social sem apriorismos nem tipicidades desvinculadas de suas circunstâncias históricas. <sup>45</sup> Em concepção dialética entre aparência e essência da existência humana, Graciliano investiga objetivamente a realidade material, sobrepujando a superfície fenomênica e seus misticismos aviltantes. Ao recuperar a totalidade material com suas contradições impostas por determinações sociais, rompe com o idealismo estético e se posiciona combativamente contra o sistema dominante. Distante das estéticas antirrealistas e pseudorrealistas, *Vidas Secas* se aproxima do realismo estético lukácsiano – categorias fundamentais elucidadas e cotejadas com o romance na seção 2.4.1. *O realismo estético lukácsiano: antídoto contra a decadência ideológica.*

Fabiano é individualizado por sua descrição física, <sup>46</sup> mas tem dificuldade de compreender o caráter histórica e socialmente determinado dos elementos objetivos de sua vida, <sup>47</sup> fazendo-o recepcionar o *modus operandi* da sociedade como natural, necessário e eterno – nos termos do romance, “hereditário”. <sup>48</sup> Não lhe ocorre que sua desgraça seja resultado de ações humanas. Quando reflete “seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo?”, <sup>49</sup> atribui à questão climática a raiz fundamental de seus problemas, ignorando a infraestrutura social que subjaz sua miséria. Isto é, não consegue ir além do mundo fenomênico. Candido (2006) afirma que a lógica cartesiana “*penso, logo existo*” não se aplica ao matuto:

Fabiano existe, simplesmente. O seu mundo interior é amorfo e nebuloso [...]. O que há nele são os mecanismos da associação e da participação; quando muito, o resíduo indigerido da atividade cotidiana. É, portanto, mais que simples, primitivo. <sup>50</sup>

---

<sup>44</sup> SOARES, 2023, p. 14.

<sup>45</sup> SOARES, 2023, p. 24.

<sup>46</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 11, 12.

<sup>47</sup> RABELLO, 2015, p. 191.

<sup>48</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

<sup>49</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>50</sup> CANDIDO, 2006, p. 64.

Leitura que dialoga com a *reificação* em György Lukács: <sup>51</sup> a consciência do vaqueiro é coisificada porque ele não mais se vê como portador do processo produtivo. O fruto de seu trabalho integra objetivamente um sistema cujas regras lhe são estranhas, além de dominá-lo. É o que demonstra o trecho a seguir, extraído do capítulo *Contas*, em que o narrador adentra as reflexões do vaqueiro:

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos — aquilo estava no sangue.  
<sup>52</sup>

Noções de destino e hereditariedade encobrem os porquês para a frágil condição socioeconômica de si e de sua família, o que faz com que a realidade lhe seja manifesta como estanque; e a mudança, distante. O vaqueiro lida com discursos alheios que o reificam: perde traços constitutivos de sua humanidade, como acontecia aos escravizados. A narração mesmo anuncia que ele vivia como um cativo, <sup>53</sup> sem nunca se libertar. <sup>54</sup> Assim como outros objetos inanimados, na lógica capitalista o sujeito reificado possui “tempo de uso”. Quando deixa de satisfazer a necessidade de quem o “possui”, é substituído ou descartado. <sup>55</sup> Tratando da condição laboral do vaqueiro, o narrador afirma que “Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse” <sup>56</sup> – trecho paradigmático para perceber o nexos entre o vaqueiro e a reificação: descrito como uma coisa, poderia ser descartado a qualquer momento. Clara conjuntura desumanizante.

A cachorra Baleia é descrita em corporeidade, desejos caninos e importância afetiva com uma riqueza de detalhes que a humaniza e a identifica “como uma pessoa da família, sabida como gente”. <sup>57</sup> Diante da árida rusticidade que penetra a vida dos matutos, Baleia é alívio de ternura e empatia. Acompanha-os em momentos de solidão, como quando o menino mais velho se retira

---

<sup>51</sup> RABELLO, 2015, p. 190.

<sup>52</sup> RAMOS, 2022, p. 93.

<sup>53</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>54</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>55</sup> FERRI; ROSSETTO, 2015, p. 185.

<sup>56</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>57</sup> RAMOS, 2021, p. 32.

após tomar um cocorote da mãe. Em várias passagens a cadela apresenta uma sensibilidade humanizada. Para Álvaro Lins (1995), “só a um dos seus personagens ele [Graciliano Ramos] trata com verdadeira simpatia, e este não é gente, mas um cachorro em *Vidas Secas*.”<sup>58</sup>

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.<sup>59</sup>

Fragmento do nono capítulo do romance, em cujo fim a cachorra demonstra pela última vez sua humanização elevada: altruísta e solidária, morre sonhando com um futuro de felicidade compartilhada.<sup>60</sup> Depois de sacrificá-la, Fabiano fica com a consciência pesada, embora o sacrifício fosse motivado para poupá-la do sofrimento. “Pobre de Baleia. Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família.”<sup>61</sup> Sinha Vitória chora em silêncio quando se lembra da cachorra.<sup>62</sup>

Este estudo não defende uma dicotomia fronteira entre o animal e o ser humano em *Vidas Secas*, como se fossem antípodas. Pelo contrário, busca esclarecer que a reificação é um fenômeno que paira sobre os seres humanos *bem como* sobre os animais; afinal, lhes são comuns a exploração e a instrumentalização da existência em proveito da produção material alheia. Humano e animal: ambos reificados, ambos instrumentalizados, ambos mortificados.

*Entre a mudança e a fuga: reificação e desreificação em Vidas Secas, de Graciliano Ramos*, título deste estudo, se justifica em dois níveis. Primeiramente, “mudança” e “fuga” são os nomes do primeiro e do último capítulo do romance: busca-se estudar a reificação através de toda a obra. O título escolhido indica o caráter cíclico do romance, juntamente com a determinação social que marca a condição das personagens. A história começa com a família de Fabiano procurando água, alimento e abrigo para se refugiar da aridez sertaneja. O encontro da fazenda representa uma mudança positiva: a família lá se estabelece em troca do serviço de Fabiano ao fazendeiro. No final, eles tornam a errar pela caatinga, o que configura a fuga. Marginalizados perante a desigual modernização nacional durante a primeira metade do século

---

<sup>58</sup> LINS, 1995, p. 137.

<sup>59</sup> RAMOS, 2022, p. 87.

<sup>60</sup> CARBONEL; PALERMO, 2021, p. 16.

<sup>61</sup> RAMOS, 2022, p. 96.

<sup>62</sup> RAMOS, 2022, p. 114.

XX, a “mudança” que intitula o capítulo inicial é questionada: defende-se que o último capítulo figura como um duplo do primeiro, configurando o ciclo de fuga desta saga sertaneja. É o que flagra Candido (2006) quando escreve que

*Vidas Secas* começa por uma fuga e acaba com outra. Decorre entre duas situações idênticas, de tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio.<sup>63</sup>

Ademais, “mudança” e “fuga” representam o contraste entre os sonhos dos retirantes e a realidade mortificante. O vaqueiro é um homem “esmagado pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo de primitivo é puro”.<sup>64</sup> Ele e sua família apresentam ambições concretas, mas inconsistentes diante da fragilidade socioeconômica enfrentada. Assim, cabe diagnosticar esse embate entre os sonhos de mudança e a realidade reificante, que transforma tudo em uma grande fuga.

O objetivo geral da pesquisa é realizar um estudo sobre a reificação em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em defesa da seguinte tese: *enquanto a reificação, por meio da objetividade ilusória mercantil e do ocultamento do trabalho humano, desumaniza os viventes que protagonizam a obra, o próprio romance – ao trazer centralidade às inconsistências estruturais que os mortificam e desvelar as relações sociais entre si – restitui-lhes a humanidade, desreificando-os sob o signo da resistência*. Todos os argumentos que sustentam o raciocínio desenvolvido convergem para a defesa de tal tese, que atravessará o estudo como um fio condutor em busca de consistência intelectual a cada leitura e discussão proposta. Os objetivos específicos são três: 1. elucidar a estética de Graciliano Ramos e o entrelaçamento com a realidade socioeconômica brasileira coeva; 2. empreender um estudo sobre o elo entre *alienação, fetichismo da mercadoria e reificação* no capitalismo moderno a partir de Karl Marx e György Lukács, identificando a reificação dentro da realidade histórica brasileira; e, por fim, 3. analisar individualmente os dilemas vividos pelos matutos de *Vidas Secas* – capítulo por capítulo –, delimitando como cada personagem almeja se livrar da condição reificante que a acomete.

---

<sup>63</sup> CANDIDO, 2006, p. 67.

<sup>64</sup> CANDIDO, 2006, p. 63.

Três tipos de texto fundamentam a pesquisa: teoria crítica marxista, basilar na compreensão sobre os conceitos de alienação, fetichismo da mercadoria e reificação em perspectiva histórica-materialista; fortuna crítica literária, elementar no estudo da obra de Graciliano – além de sua própria produção literária e jornalística – e historiografia brasileira, medular para a compreensão do fenômeno analisado diante do desenvolvimento socioeconômico e político do Brasil.

Compõem o estudo esta introdução – a primeira etapa da pesquisa, com breve exposição dos direcionamentos escolhidos abarcando justificativa, objetivos, metodologia, plano de trabalho – e três capítulos principais, além da conclusão. O primeiro capítulo da tese, “A estética de Graciliano: imagens de denúncia e resistência”, busca esclarecer a estética literária do autor, sua relação com a realidade socioeconômica e política nacional. A partir disso, aspectos sociais, estruturais e narrativos de *Vidas Secas* serão alumiados, associando sua escrita, concisa e objetiva, à proposta de ambientação seca e crítica no romance. Ao fim, breve abordagem história da seca e da degradação do trabalho rural no Nordeste durante a primeira metade do século XX, a fim de reiterar o elo entre a estética do autor com a realidade sertaneja coeva.

O segundo capítulo, intitulado “Reificação: a teoria crítica”, apresenta o aporte teórico da pesquisa. Parte-se do estudo dos *Manuscritos Econômicos-filosóficos* de 1844, em diálogo com outros textos de Karl Marx e com sua fortuna crítica, em busca do conceito de “alienação”. Acompanha-se então a evolução do conceito de *fetichismo da mercadoria* até sua recepção feita por Marx em *O Capital* (1876). Em seguida, um estudo sobre a reificação a partir de *História e consciência de classe* (1913), em que György Lukács recepciona o fenômeno como consequência do sistema de produção capitalista em fase moderna. Sucede uma exposição propedêutica da estética de Lukács para cotejá-la com a investigada em Graciliano Ramos, no enalço de devidas aproximações e possíveis distanciamentos. O objetivo final do capítulo é entender como a reificação se dá diante da evolução da estrutura socioeconômica e política brasileira, que apresenta suas especificidades.

Ao longo dos primeiros dois capítulos, o estudo propõe um contínuo diálogo entre as questões teóricas investigadas em cada momento – estética de Graciliano, conceitos fundantes em Marx e em Lukács, especificidades do desenvolvimento político e socioeconômico nacional – com

passagens fundamentais de *Vidas Secas*, em busca de maior dinamicidade entre teoria e texto, o qual deve apresentar centralidade numa tese voltada a estudos literários.

O terceiro capítulo, “Entre a mudança e a fuga: a reificação em *Vidas Secas*”, realizará uma releitura do romance, flagrando a reificação como fenômeno que atravessa a vida de todas as personagens – incluindo Baleia. Em ordem de capítulos, a família retirante será analisada membro a membro. Alguns excertos aludidos nos dois primeiros capítulos serão retomados; outros, apresentados pela primeira vez – todos em conformidade cronológica do romance e maior aprofundamento investigativo. Cada um à sua maneira, todos os integrantes da família buscam se libertar do espectro de reificação que os aprisiona – perspectiva defendida nas análises que compõem este capítulo da tese. Portanto, coloca-se em perspectiva a realidade degradante enfrentada com as aspirações singulares dos viventes, que se irmanam em sonhos humanizados.

A conclusão mobilizará as principais questões levantadas no estudo para sustentar a tese defendida: a existência do embate entre a reificação, que desumaniza os viventes ao ocultar seu trabalho humano sob o manto da objetividade ilusória mercantil, e a obra *Vidas Secas*, que lhes restitui a humanidade, desreificando-os.

## CAPÍTULO 1. A ESTÉTICA DE GRACILIANO: IMAGENS DE DENÚNCIA E RESISTÊNCIA

### 1.1. UM DIÁLOGO ENTRE VIDA E OBRA – OBSERVAÇÕES PRELUDIAIS

Composta por diferentes prismas da vida, uma obra literária coaduna elementos simbólicos e materiais que atravessam a vida do escritor <sup>65</sup> – percepção que se vê em Graciliano Ramos, cujos escritos dialogam com sua vida pública, política e intelectual. Dados biográficos não bastam para analisar a obra literária, mas, ao lado de registros historiográficos, eles compõem parcialmente a recepção, salvaguardados os elementos estéticos. É o que sugere Carlos Nelson Coutinho (2012) ao prefaciá-la a biografia *O velho Graça*, alegando que o texto biográfico é fonte para “indicar as condições e os fatos que tornaram possíveis a determinado indivíduo, através da construção da própria fisionomia intelectual, converter-se [...] em lugar-tenente da sociedade”. <sup>66</sup>

A produção jornalística de Graciliano – crônicas e artigos sob os pseudônimos X, J. Calisto, Anastácio Anacleto e R.O – também importa, porque revela simulacros discursivos que desenvolvem traços literários e abordam problemas sociais coletivos presentes em seus romances. Todavia, Edilson Dias de Moura (2023) observa: é preciso cuidado na investigação dessa produção jornalística. Há dois momentos enunciativos na obra do escritor. Parte considerável de sua escrita jornalística antecede o Graciliano ficcionista, consagrado na literatura nacional ao longo dos anos 1930-1940. Em vida, o escritor alagoano pouco ou nada falou de suas produções jornalísticas, que permaneceram no anonimato por anos a fio – muitas publicadas postumamente, inclusive. Logo, incorre em recepção anacrônica ou retroativa aquele que embarça os dois momentos enunciativos, buscando nos simulacros discursivos jornalísticos “causas”, “razões” para a concepção artística do Graciliano ficcionista. Não se trata de relações causa/consequência, mas de traços literários, temáticas e críticas sociais que

---

<sup>65</sup> MIRANDA, 2023, p. 10.

<sup>66</sup> COUTINHO, 2012, p. 08.

compõem também sua estética ficcional, <sup>67</sup> desafios sociais e políticos de sua época que lhe foram caros. <sup>68</sup>

Atento ao momento de produção ficcional de Graciliano a partir de 1930, o autor passou “da ficção para a autobiografia como desdobramento coerente e necessário da sua obra,” <sup>69</sup> na defesa de que a criação romanesca não teria esgotado a sua necessidade de expressão. Houve, na obra do autor,

[...] uma rotação de atitude literária, tendo a necessidade de inventar cedido o passo, em certo momento, à necessidade de depor. E o mais interessante é que a transição não se apresenta como ruptura, mas como consequência natural, sendo que nos dois planos a sua arte conseguiu transmitir visões igualmente válidas da vida e do mundo. Concluimos daí que no âmago da sua arte há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros. <sup>70</sup>

A vontade de testemunhar sobre o homem levou Graciliano a produzir uma obra que inicia pela narração de costumes sertanejos – no entrevero de fazendeiros, vaqueiros, vagabundos e funcionários que protagonizam seus romances –, e progride para a integração de suas percepções a propósito da condição de pessoas reais humilhadas e espoliadas, como ilustram *Infância* e *Memórias do cárcere*, obras confessionais. <sup>71</sup>

---

<sup>67</sup> MOURA, 2023, p. 51, 55, 133.

<sup>68</sup> LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 12.

<sup>69</sup> CANDIDO, 2006, p. 14, 99.

<sup>70</sup> CANDIDO, 2006, p. 103.

<sup>71</sup> CANDIDO, 2006, p. 17.

## 1.2. UMA ESCRITA SECA, AFIADA

A escrita afeita ao essencial é emblemática em Graciliano Ramos, segundo o qual quem escreve deve fazer como as lavadeiras alagoanas – molhar, ensaboar, enxaguar e torcer as roupas várias vezes antes de colocá-las para secar, até que não haja nem mais nenhuma gota para pingar. “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita pra dizer.”<sup>72</sup> Buscava exatidão vocabular. Não só consultava dicionários: lia-os, estudava-os. “Como escritor, sou obrigado a jogar com as palavras. Logo, preciso conhecer o seu valor exato.”<sup>73</sup> Ao lado da exatidão, a busca pela clareza. “O nosso interesse é que todas as pessoas nos entendam”.<sup>74</sup> Frente à verbosidade vazia, o autor buscava objetividade a ponto de se tornar uma obsessão, dado o seu hábito de corrigir seus textos e cortar tudo o que não fosse necessário.<sup>75</sup> *Vidas Secas* exemplifica esse laconismo. O texto, claro e nítido como o céu azul do romance – “azul que deslumbrava e endoidecia a gente”<sup>76</sup> –, é rico em períodos compostos por orações coordenadas assindéticas. Ao invés de conjunções, sinais gráficos. Secos, afiados. Basta iniciar o romance e os exemplos saltam aos olhos: “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.”<sup>77</sup> “Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.”<sup>78</sup> “Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça.”<sup>79</sup> Isso só nas duas páginas iniciais da obra. Os exemplos não têm fim, como a seca na vida dos matutos – seca climática, material, anímica.

Graciliano era contra a “literatura encrocada” dos grandes cânones das letras nacionais. Em “Chavões”, uma de suas crônicas escritas em Maceió durante a década de 30, afirma que

[...] a literatura encrocada dos homens de talento é como as veredas da minha terra: tem curvas fechadas, rampas que escangalham um carro, tocos prejudiciais aos pneumáticos, pedras, atoleiros, riachos, precipícios, areias e ramos indiscretos que batem na cara da gente. Tudo isso é desagradável e produz abalos e interrupções frequentes na viagem e na leitura.<sup>80</sup>

---

<sup>72</sup> SILVEIRA, 1998, p. 285.

<sup>73</sup> SENNA, 1948.

<sup>74</sup> RAMOS, 2002, p. 270.

<sup>75</sup> CANDIDO, 2006, p. 144.

<sup>76</sup> RAMOS, 2022, p. 11.

<sup>77</sup> RAMOS, 2022, p. 07.

<sup>78</sup> RAMOS, 2022, p. 07.

<sup>79</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>80</sup> RAMOS, 1931, p. 07.

Em “O romance no Nordeste”, crônica escrita no Rio de Janeiro em 1935, defende que o romance nacional deve refletir a língua, as ideias e a vida de sua própria terra, à revelia de séculos de colonização e influência literária estrangeira. Desconfia que o escritor brasileiro tenha medo de ser ele mesmo, porque se esforça para ser tomado por outro. Escreveu que os romancistas se preocupavam tanto em imitar o estrangeiro que ignoravam as coisas que estavam por perto, as miudezas da realidade ao redor. Como resultado, a produção romanesca nacional gerava diálogos lastimosos com a linguagem dos discursos formais, distantes da língua cotidiana. Um pedantismo desarrazoado que acabava em descrições desnecessariamente longas, pedantes. Em carta escrita em 1936 à Heloísa de Medeiros Ramos, sua segunda esposa, declara que o palavreado difícil arrasara as letras nacionais; que, nessa perspectiva, nem era possível falar em literatura realmente nacional.<sup>81</sup>

Peri, Iracema, a escrava Isaura, o alemão Lenz, o Timbira – como essa gente era complicada e falava difícil! Na floresta bruta ou pelas vizinhanças da senzala, adotavam sintaxe encrocadíssima, ideias e sentimentos que os gringos manifestam nos livros.<sup>82</sup>

Dizia ser evidente que os escritores não dominavam com familiaridade, nem eram próximos do assunto sobre os quais tratavam. A primeira obra literária que leu foi *O Guarani*, de José de Alencar, aos dez anos de idade. Atribuiu à ingenuidade pueril ter considerado o enredo como “a coisa mais real possível, que naquele tempo eu ainda não conhecia o que há de podre pelo mundo afora.”<sup>83</sup> Afinal, aos dez o futuro escritor ainda não acumulara repertório literário robusto para comparar diferentes sintaxes composicionais.

Nota que seus contemporâneos também flagraram essa criticidade, afastando-se do movimento mimético que importa propostas literárias e temáticas de outras terras.<sup>84</sup> Ao contrário, primeiro observavam o que acontecia nos diferentes ambientes para então deitar as narrações no papel. “Homens que abandonaram os salões e as florestas de pano pintado, foram ver como se comportavam os trabalhadores do eito, os presos, os retirantes, os vagabundos”<sup>85</sup> –, o que resultou no movimento do *Romance Nordestino*.

---

<sup>81</sup> RAMOS, 2022, p. 243.

<sup>82</sup> RAMOS, 2012, p. 155.

<sup>83</sup> RAMOS, 1910, p. 1.

<sup>84</sup> RAMOS, 1935.

<sup>85</sup> RAMOS, 2012, p. 156.

Graciliano tinha em bom apreço as obras de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Eça de Queirós. Pensava ser preciso conhecer as misérias da vida e não fugir delas com falseamentos ou romantismos. A produção literária que lhe aprouve foi a engajada com os dilemas da realidade circundante.<sup>86</sup> “De resto é bom a gente acostumar-se logo com as misérias da vida. É melhor do que o indivíduo, depois de mergulhado em pieguices românticas, deparar com a verdade nua e crua. Prefiro o realismo, repito, e creio que o realismo será a escola do futuro.”<sup>87</sup> Em perspectiva crítica, sua obra é objetiva e desbrava o interior das personagens em face aos desequilíbrios socioclimáticos. Ao sobrepujar a simples descrição de viventes e de paisagens nordestinas,<sup>88</sup> o escritor estabelece um diálogo entre o materialismo histórico e a crítica à economia política clássica, à manutenção do *status quo*. *Vidas Secas* materializa essa abordagem estética. A aridez da história é polissêmica, multifacetada: oriunda de fatores climáticos, sociais e materiais, a miséria das vidas retirantes chega ao leitor por meio de uma linguagem igualmente árida.

Segundo Samuel Araújo e Gaspar Paz (2017), encontra-se na linguagem um “campo de expressão por excelência de conflitos e mediações entre interesses nem sempre conciliáveis, em outras palavras, um terreno de ação política – seja em sentido de controle do Estado ou das micropolíticas do cotidiano de grupos e indivíduos.”<sup>89</sup> Em *Vidas Secas*, ela é conflitiva por diferentes prismas: a escrita de Graciliano carrega o signo do embate contra uma ordem narrativa distante da *práxis* laboral brasileira. O cortante de sua linguagem sublinha a resistência contra estéticas idealistas. O quê de conflitivo na linguagem se avoluma: é ferramenta de poder nas mãos de autoridades abusivas. Reificados, os matutos são alienados de faculdades linguísticas, fruto de privações educacionais, e sofrem explorações diversas: enganos e furtos cometidos por quem identifica em sua ignorância possível fonte de lucro, ou oportunidade para reafirmar uma autoridade descabida. O soldado amarelo, por exemplo, pisa os pés de Fabiano despropositadamente e o lança no cárcere.

Nos romances de Graciliano, a denúncia social e a dialética revelam inconsistências estruturais comumente ignoradas pela sociedade. Belmira Magalhães (2015) observa que “manter uma posição interpretativa dialética marxista [...] é andar contra a correnteza metodológica

---

<sup>86</sup> LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 19.

<sup>87</sup> RAMOS, 1910, p. 01.

<sup>88</sup> LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 37.

<sup>89</sup> ARAÚJO; PAZ, 2017, p. 211.

hegemônica nas análises literárias que, hoje, se caracterizam pela adoção de uma visão fragmentária da realidade e uma crítica às teorias ontológico totalizantes.”<sup>90</sup> A estética do romancista recupera dialeticamente a coesão entre os elementos que compõem a realidade, em resistência à fragmentação do ser social. O embate entre o eu e o mundo – metonímia para o embate entre o povo e o sertão nordestino – não se resolve facilmente. A solução sobrepuja questões individuais, perpassando a própria estrutura político-econômica do país, a coisificação do homem na sociedade de mercado e a reflexão sobre a consciência de classe. Partilham com Graciliano essa mesma classificação outros ficcionistas que também produziram na década de 1930, como Rachel de Queiróz, José Lins do Rego e Jorge Amado.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> MAGALHÃES, 2015, p. 08.

<sup>91</sup> CARBONEL; PALERMO, s/d, p. 06-07. OBS: Rachel de Queiróz, José Lins do Rego e Jorge Amado, junto com Manoel Antônio de Almeida e Machado de Assis, compõem a lista de “Romancistas brasileiros que mais lhe agradam:”, conforme o “Autorretrato aos 56 anos”, de Ramos. Disponível em: <<https://graciliano.com.br/autorretrato/>>. Acesso em: 23 dez. 2024.

### 1.3. BIOGRAFIA, HISTORIOGRAFIA E VIDA PÚBLICA: ASPECTOS ENTRELACADOS NA ESTÉTICA DO AUTOR

Em vários momentos Graciliano Ramos sugeriu uma aproximação entre sua vida e seus escritos. Uma experiência de vida lhe era pressuposto para a boa escrita literária. “Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos”.<sup>92</sup> “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só”.<sup>93</sup> “Os meus personagens não são inventados. Eles vivem em minhas reminiscências, com suas maneiras bruscas, seu rosto vincado pela miséria e pelo sofrimento”.<sup>94</sup> Ou ainda: “Nada me interessava fora dos acontecimentos”.<sup>95</sup>

A aproximação vida-obra sobrepuja a estrita relação entre as informações biográficas e a produção do ficcionista. Fundamental evitar hipóteses reducionistas que o enquadrem sob espectros de isolamento e contemplação literária. Por isso, este estudo vai além de informações biográficas, dialogando com aspectos de sua trajetória pública e administrativa.

A historiografia de sua produção literária aponta para diferentes esferas sociais por que o autor transitou, para vivências públicas que impactaram a sua estética. Aspectos ignorados por abordagens verticais de sua obra; elementos, todavia, centrais à elaboração de imagens literárias que discutem inconsistências da realidade nacional. Há claro nexos entre sua gestão administrativa e sua obra literária: em ambos, Graciliano Ramos expôs o poder repressor, escravista e racista da elite nacional na infraestrutura econômica do país.<sup>96</sup> Longe de abstrações, sua obra é uma crítica reflexão sobre valores e práticas sociais que lhe foram coevas; suas representações ficcionais estabelecem constante diálogo com o panorama histórico nacional e internacional.<sup>97</sup>

O autor nasceu em Quebrangulo, Alagoas, aos 27 de outubro de 1892. Três anos depois, a família se muda para Buíque, Pernambuco, pois seu pai recebera do sogro a sugestão de se

---

<sup>92</sup> RAMOS, 2022, p. 327-328.

<sup>93</sup> DE MORAES, 2012, p. 15

<sup>94</sup> BROCA, 1938, p. 8

<sup>95</sup> CANDIDO, 2006, p. 82

<sup>96</sup> MOURA, 2023, p. 23, 191, 321.

<sup>97</sup> ARAÚJO, 2018, p. 28.

mudar pra lá e viver da criação do gado. Considerações dignas de nota porque, após a mudança da família, a seca dominou Buíque. O açude secou, a água faltou, a plantação murchou, o gado minguou<sup>98</sup> – quadro que transformou a família do sr. Sebastião Ramos, pai de Graciliano, em retirantes acossados pela estiagem. Similar à trama em *Vidas Secas*. A seca à espreita é fio condutor de uma tragédia iminente; algo que aparece a Fabiano “como um fato necessário”;<sup>99</sup> que faz estremecer e causa medo à sinha Vitória<sup>100</sup> e afeta até mesmo o menino mais velho, que a leva na memória como um tempo em que “o mundo era ruim”,<sup>101</sup> com “homens fugindo à toa, cansados e famintos”.<sup>102</sup>

O escritor teve uma infância rígida, cheia de reprimendas severas e castigos brutais. Na escola, erros ortográficos e garranchos eram corrigidos à base de gritos pela professora; em casa, a curiosidade era reprovada pela mãe. O menino Graciliano queria saber sobre assuntos que corriam pela fazenda em que morava, como a origem dos cometas ou a existência do diabo. Contudo, se insistisse nas perguntas, era chamado de “animal” – registros memoriais afins ao do menino mais velho em *Vidas Secas*: levado pela busca por conhecimento e ampliação de repertório lexical, pergunta à mãe se ela já vira o inferno. Considerada insolente a indagação, ela se zanga e lhe aplica um cocorote.<sup>103</sup> O pai de Graciliano Ramos também lhe dava surras despropositadas, como quando pensou que o filho escondera um de seus cinturões. Assim, o menino cresceu em introspecção, buscando defender-se de agressões externas.<sup>104</sup>

Em 1914, Graciliano “teria lido rudimentos de Karl Marx três anos antes da Revolução Russa, e em francês”.<sup>105</sup> Acossada por sinha Vitória a cozinhar, a cachorra Baleia de *Vidas Secas* se afasta “com sentimentos revolucionários”.<sup>106</sup> Sem espaço para contingência lexical, o sentimento revolucionário sazonado pela miséria aparece até na vivente canina, esperta como gente. Aos 22 anos, o escritor trabalhava na *Sincera*, espécie de armarinho que teve com o pai. Mexia com uma porção de coisas, como tecidos, roupas, chapéus, perfumes, brinquedos. Já então, “seu ponto fraco era sensibilizar-se com os apertos financeiros dos conhecidos; não raro,

---

<sup>98</sup> DE MORAES, 2012, p. 28.

<sup>99</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>100</sup> RAMOS, 2022, p. 40, 41.

<sup>101</sup> RAMOS, 2022, p. 57.

<sup>102</sup> RAMOS, 2022, p. 56.

<sup>103</sup> RAMOS, 2022, p. 54.

<sup>104</sup> DE MORAES, 2012, p. 26.

<sup>105</sup> DE MORAES, 2012, p. 39

<sup>106</sup> RAMOS, 2022, p. 38.

vendia-lhes fiado”<sup>107</sup> – oposto à impressão da personagem Fabiano quando vai à feira da cidade comprar mantimentos: desconfia que os comerciantes o enganavam de diversas formas.

Quando houve a Semana de Arte Moderna em São Paulo, o escritor contava com 29 anos, trabalhava como comerciante em Palmares dos Índios, Alagoas, e colaborava para o semanário local *O Índio* sob os pseudônimos de J. Calisto e Anastácio Anacleto. Assinava uma prensa da capital, esteve a par do movimento vanguardista. Graciliano observou que a Semana de Arte Moderna de 1922 conseguira superar o passadismo, abrir alas para a renovação estética no campo literário. Como a picareta, os vanguardistas destruíram o pedante academicismo de escritores artificiais, miméticos da cultura europeia, alheios à fala e às temáticas nacionais em sua produção artística; de maneira que, em 1930, o terreno da arte literária estava desobstruído.<sup>108</sup> Todavia, restrito a experimentos de linguagem e proselitismos, o trabalho de criação fracassou: o movimento não foi exitoso na prosa, embora demonstrasse progresso na poesia. Ademais, os vanguardistas confundiram o ambiente literário com a Academia, traçaram uma linha arbitrária entre o que seria bom e ruim e “condenaram, por ignorância ou safadeza, muita coisa que merecia ser salva.”<sup>109</sup> Impossibilitados de encarar os problemas sociopolíticos nacionais, investiram contra a colocação pronominal padronizada e outras conformidades da variante lusitana da língua.<sup>110</sup>

O autor de *Vidas Secas* era favorável à renovação da língua culta, em não a deixar mumificada ou abandonada; entretanto, escreveu “não se concluir daí que devemos tartamudear em livros uma infeliz algaravia indigente, apenas compreensível quando percebemos a entonação e o gesto.”<sup>111</sup> Os representantes de 1922 não conseguiam se explicar; e o leitor, às vezes, tinha de lê-los como se estivesse adivinhando uma charada.<sup>112</sup> Perdiam em simplicidade, clareza e ordem – princípios caros ao ficcionista alagoano. *Vidas Secas* seria tudo menos charada: a miséria, a tragédia e o sofrimento oriundos de desequilíbrios climáticos e socioeconômicos são cristalino fio condutor que atravessa o romance da primeira à última página.

---

<sup>107</sup> DE MORAES, 2012, p. 49.

<sup>108</sup> RAMOS, 1946.

<sup>109</sup> SENNAM, 1948.

<sup>110</sup> SALLA; LEBENSZTAYN, 2022, p. 15.

<sup>111</sup> RAMOS, 2022, p. 116.

<sup>112</sup> RAMOS, 2022, p. 117.

Associada ao movimento literário conhecido como *Romance de 30*, a prosa de Graciliano é ambientada no Nordeste brasileiro: região negligenciada, sacrificada pelo desigual desenvolvimento do capitalismo – fenômeno agravado pela mudança do eixo econômico nacional para o Centro-Sul, durante o século XIX, em função da produção cafeeira no vale do Paraíba.<sup>113</sup> Recepcionado pelo público leitor como novidade, o *Romance de 30* representa a realidade miserável do país, deixando em segundo plano a ênfase retórica.<sup>114</sup> Retoma-se um problema negligenciado ao longo de quatro séculos de História nacional: a necessidade de superar estéticas literárias que ocultam incongruências socioeconômicas estruturais e privilegiam a elite, perpetuando o *status quo* vigente desde o Brasil Colônia: bestialização, silenciamento e apagamento do trabalhador; fruição, valorização e protagonismo da oligarquia. O *Romance de 30* centraliza os dilemas vividos pelos explorados e marginalizados, contestando a única visão de liberdade até então procedente em terras nacionais: a de quem possuía terras e seres escravizados.<sup>115</sup> Liberdade econômica fora da qual não há dignidade, humanidade, vida. Por conseguinte, o movimento demarcou cisão com teses racistas e eugenistas que vigoravam no imaginário cultural do brasileiro.<sup>116</sup>

Em cotejo com a estética de 1922, há um distanciamento “entre o modernismo dos grandes salões da cidade do Sudeste brasileiro, em expansão industrial e de horizonte cosmopolita, e a realidade da província nordestina, de insuficiência a demandar uma criticidade moderna, voltada aos problemas da atualidade.”<sup>117</sup> Inclusive, Graciliano compreendia o *modernismo brasileiro* como produção literária entre a Semana de Arte Moderna e o ano 1930, a partir da qual começaria o que chamou de geração pós-modernista, em função das diferentes propostas literárias.<sup>118</sup>

O autor foi observador atento da escassez que acometia as classes subalternas, cujo ápice é representado esteticamente em *Vidas Secas*. O romance apresenta personagens que, “morrendo de fome, comendo raízes”,<sup>119</sup> se alegram mesmo com uma “caça bem mesquinha”<sup>120</sup>, que lhes serviria para continuar com as errâncias pelo sertão. Para compreender a verve social de sua

---

<sup>113</sup> FAUSTO, 2015, p. 160.

<sup>114</sup> SALLA; LEBENSZTAYN, 2022, p. 65.

<sup>115</sup> MOURA, 2023, p. 115.

<sup>116</sup> MOURA, 2023, p. 175.

<sup>117</sup> SALLA; LEBENSZTAYN, 2022, p. 37.

<sup>118</sup> RAMOS, 2022, p. 143.

<sup>119</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

<sup>120</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

obra, fundamental ter em conta procedimentos administrativos que o homem público Graciliano tomou enquanto prefeito de Palmeira dos Índios, entre 1927 e 1929, e posteriormente como diretor da Instrução Pública de Alagoas – cargo equivalente ao de Secretário Estadual de Educação – entre 1933 e 1936. Suas questões medulares não derivam de uma visão particularista, mas do enfrentamento de problemas coletivos e historicamente situados.<sup>121</sup> A miséria vivida pela família de Fabiano é a mesma vivida pelo trabalhador espoliado no mais aspérrimo do sertão nordestino, do vivente abandonado às engrenagens do capital, desassistido pelo Estado, condenado a uma vida tragicamente reificada.

Quando eleito em 1927 prefeito do município de Palmeira dos Índios, Alagoas, o gestor Graciliano zelou por uma administração com força política independente, avessa a conchavos coronelistas e clientelistas tão marcantes à República Velha. Empenhou-se em compreender a legislação municipal, estabeleceu ordem à coisa pública e exigiu assiduidade dos funcionários públicos a seus cargos, o que gerou incômodo.<sup>122</sup> Finda a gestão administrativa, Graciliano enviou ao governador de Alagoas os relatórios de prestação de contas do município. Ao contrário de sua probidade com a coisa pública, em *Vidas Secas* o patrão manipula as contas para explorar quem foi historicamente privado de instrução. “Que juro! O que havia era safadeza”,<sup>123</sup> remói Fabiano em seu íntimo, incapaz de sustentar verbalmente a indignação. A coloquialidade dos relatórios de Graciliano legitimava a representação linguística dos marginalizados, o que tampouco agradou à elite local.<sup>124</sup> Verve de coloquialidade que marcou toda sua produção romanesca, de *Caetés* a *Vidas Secas*. Pela qualidade literária, seus relatórios chegaram às mãos de Augusto Schmidt, editor que o procura para saber se haveria outros materiais para publicação. Como resultado, publicação do romance *Caetés* em 1933.

Para tratar do incômodo causado por Graciliano Ramos às classes dirigentes enquanto diretor da Instrução Pública de Alagoas entre 1933 e 1936, cabe breve recapitulação do panorama político-econômico internacional, por refletir na conjuntura nacional coeva.

Diferentemente do século XIX, ao longo do qual a Inglaterra obteve o monopólio da economia e do comércio mundial por meio da produção fabril, os anos subsequentes à Primeira Grande

---

<sup>121</sup> MOURA, 2023, p. 24, 40.

<sup>122</sup> MOURA, 2023, p. 158.

<sup>123</sup> RAMOS, 2022, p. 91.

<sup>124</sup> MOURA, 2023, p. 57.

Guerra fizeram germinar, na Europa Ocidental economicamente abalada, uma nova sujeição envolta em instintos nacionalistas, agravando governos nazifascistas. Em 1932, estruturou-se a Ação Integralista Brasileira (AIB): movimento político ultranacionalista e conservador, sob comando de Plínio Salgado.<sup>125</sup> Já no governo Vargas, a Câmara dos Deputados aprovou, aos 04 de abril de 1935, a Lei de Segurança Nacional (LSN),

[...] pondo na clandestinidade partidos, fechando jornais, silenciando toda e qualquer oposição ao governo; em suma, a apelidada “Lei Monstro” justificaria prisões, exonerações de funcionários públicos, uma proliferação de pequenos golpes, que passaram, então, da substituição de governadores eleitos por interventores a prisões de oposicionistas, fossem eles quem fossem: senadores, juízes, funcionários públicos ou trabalhadores comuns.<sup>126</sup>

Antes mesmo do golpe de Estado Novo em 1937, a LSN trazia resoluções legais para criminalizar quaisquer manifestações que propagassem ideias contrárias à pauta integralista, fossem elas democratizantes ou não. Para a burguesia dirigente, os interesses soviéticos buscariam a revolução mundial comunista. Portanto, sob a égide da “defesa da democracia”, imperava a supressão de comportamentos liberais, democráticos, emancipatórios.<sup>127</sup> Em suma, uma lei-ferramenta para instaurar valores elitistas a nível nacional. Com tais arbitragens, as garantias de direitos individuais presentes na Carta de 1934 não passaram de abstração, sendo mais literárias e filosóficas do que efetivadas.<sup>128</sup> A propósito, ao longo da Era Vargas (1930 – 1945), a questão social teve roupagem utilitária: em troca de concessões sociais e trabalhistas, buscava acalmar os ânimos da população, prevenir conflitos que pudessem desestabilizar a infraestrutura social. Isto é, salvaguardar os interesses classistas, mascarados de interesses nacionais.<sup>129</sup>

Em 1933, Graciliano assume o cargo de diretor da Instrução Pública de Alagoas com a mesma predisposição de gerir a coisa pública com lisura e transparência. Visando melhorias e inovações, balizou-se por dados objetivos. Instaurou a “Seção de Estatística”, esclareceu dados e o real desenvolvimento de aprendizagem dos alunos. No mesmo ano em que assumiu o cargo, suprimiu cargos de ‘amizade’ e instaurou o concurso público para o magistério. Docentes reprovados na prova foram afastados da Instrução Pública – processo que inflamou reações

---

<sup>125</sup> MOURA, 2023, p. 164, 165.

<sup>126</sup> MOURA, 2023, p. 27.

<sup>127</sup> MOURA, 2023, p. 163.

<sup>128</sup> MOURA, 2023, p. 320.

<sup>129</sup> ARAÚJO, 2018, p. 17, 19.

contrárias ao novo diretor.<sup>130</sup> Procedimentos que afastam quaisquer sombras de uma gestão pública corrupta, incorporada em *Vidas Secas* pelo soldado amarelo, que usa da autoridade para reproduzir injustiças, ganha “dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas” e<sup>131</sup> humilhar viventes marginalizados. Encarcerado sem motivos plausíveis, Fabiano “só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas”;<sup>132</sup> e se questiona: “por que vinham bulir com um homem que só queria descansar?”.<sup>133</sup> O vaqueiro não concebe o absurdo de ser jogado no cárcere, ingenuamente não compreende “por que motivo o governo aproveitava gente assim”.<sup>134</sup>

E, por mais que forcejasse, não se convenciu de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.<sup>135</sup>

Graciliano rompeu com uma seleção racista para docentes da Instrução Pública, porque o concurso público fazia com que a competência intelectual passasse a ser o crivo único para lecionar ou não. Além disso, executou políticas públicas que incluíam alunos negros no processo de ensino-aprendizagem estadual – decisões avessas à pauta eugenista que fundamentava a Constituição Federal de 1934.<sup>136</sup> Criou campanhas de matrícula para crianças carentes, proibiu o castigo físico, forneceu material escolar, uniformes e calçados às crianças pobres, criou programas de merenda escolar.<sup>137</sup> Ao contrário do que apregoavam os argumentos integralistas, o gestor alagoano provou que as teses racistas da época eram movidas a preconceito ao constatar que as crianças negras – consideradas oriundas de classes perigosas – obtinham excelentes notas nos exames regulares das escolas estaduais. Por que teriam de estudar em “colônias correccionais”, e não em escolas públicas junto às crianças de famílias mais afortunadas, quando não havia sequer infração a ser flagrada?<sup>138</sup> Assim, Graciliano desvelou

---

<sup>130</sup> MOURA, 2023, p. 181.

<sup>131</sup> RAMOS, 2022, p. 99.

<sup>132</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>133</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>134</sup> RAMOS, 2022, p. 101.

<sup>135</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>136</sup> MOURA, 2023, p. 27, 29, 131.

<sup>137</sup> MOURA, 2023, p. 32.

<sup>138</sup> MOURA, 2023, p. 338.

fundamentos racistas de instituições públicas. Decisões resistentes que o colocaram em situação delicada, por serem contrárias à LSN. <sup>139</sup>

A adesão à frieza estatística para identificar resolução de problemas práticos – orçamentos, condições materiais, gastos e investimentos – compõe sua estética literária. <sup>140</sup> Conforme escreve em *O fator econômico no romance brasileiro*, artigo de 1945, o ficcionista que ignora dados estatísticos incorre no erro de representar a realidade de forma inverossímil, romantizada. O mundo objetivo e economicamente situado é o fundamento a partir do qual o indivíduo formula imagens que revelam sua organização mental. Procedimento estético de *Vidas Secas*, em que o protagonista – alienado do que produz, descapitalizado e reificado diante do sistema produtivo que lhe enfrenta – acaba por se comparar a seres inanimadas, igualmente destinados à produção material alheia. Graciliano defende um diálogo indelével entre a criação literária e o vetor socioeconômico; afinal, numa escrita verossímil, as decisões e as mundividências que mobilizam um enredo partem da base material, como acontece na vida como ela é. Fora da realidade material e produtiva do povo brasileiro, não há literatura capaz de compreender a real situação nacional. <sup>141</sup> Posicionamento afim ao de Frederic Jameson (1992), quando afirma que

[...] a conveniente distinção entre textos culturais que são sociais e políticos e os que não o são torna-se algo pior que um erro: ou seja, um sintoma e um reforço da reificação e da privatização da vida contemporânea. Essa distinção reconfirma aquele hiato estrutural, experimental e conceitual entre o público e o privado, o social e o psicológico, ou o político e o poético, entre a História ou a sociedade e o “individual” – a tendenciosa lei da vida social capitalista – , que mutila nossa existência enquanto sujeitos individuais e paralisa nosso pensamento com relação ao tempo da mudança, da mesma forma que, certamente, nos aliena da própria fala. <sup>142</sup>

A estética de Graciliano *desreifica* porque traz à tona a desumanização de viventes marginalizados. Ao recuperar os elos entre o público e o privado, o social e o psicológico, a sociedade e o individual, ela coloca o leitor diante da realidade material do país. Contribui para sua formação intelectual, convida-o a pensar formas de resistir à reificação que assombra as individualidades atomizadas em um sistema de produção alienante.

---

<sup>139</sup> MOURA, 2023, p. 172.

<sup>140</sup> MOURA, 2023, p. 32

<sup>141</sup> MOURA. 2023, p. 30.

<sup>142</sup> JAMESON, 1992, p. 18.

As subjetividades em *Vidas Secas* advêm de fatores objetivos, quantitativos, econômicos, e não o contrário. Exemplificando, o vaqueiro Fabiano “não sabia falar. [...] Não podia arrumar o que tinha no interior”, o que está relacionado ao fato de que ele “nunca vira uma escola”.<sup>143</sup> Alienado do que produz, o homem é privado da vivência escolar – o que corroborou para pensar que, em face ao perigo da seca e da fome, educação é capricho.<sup>144</sup> Enquanto essa realidade vingasse, ele e seus filhos “tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles”,<sup>145</sup> um dos diversos trechos que apontam para o processo de naturalização da condição miserável que viviam.

As análises sociais devem apreciar os fatores econômicos que trazem bonança a alguns e miséria a muitos; ou melhor, descobri-los, por subjazerem silentes o tecido social, indesejados aos que almejam a perpetuação do modo como as coisas estão. É a ideia fundamental do décimo capítulo do romance, *Contas*, em que o patrão se aproveita da rusticidade de Fabiano: para fugir da fome e garantir a sobrevivência de sua família, o vaqueiro “recorria à gaveta do amo”<sup>146</sup> em busca de itens alimentícios de subsistência. “Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada pra vender, o sertanejo endividava-se”.<sup>147</sup> A esposa do vaqueiro, “mulher que tinha miolo”,<sup>148</sup> fazia a aritmética e lhe dizia quanto ele deveria receber. Suas operações, todavia, “diferiam das do patrão”,<sup>149</sup> para o qual “a diferença era proveniente dos juros”.<sup>150</sup> O vaqueiro sabia que era safadeza, ladroagem do patrão, “mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se.”<sup>151</sup> Graciliano criticava as prosas que ignoravam essas contradições políticas, se distanciando da infraestrutura socioeconômica do país. Silenciar sobre as perversões do modo de produção vigente leva à reprodução de práticas que fazem viver essas desigualdades sociais, políticas e econômicas.<sup>152</sup> Para o ficcionista, a verossimilhança textual ocorreria aos ficcionistas que viveram o que escreveram. Afirma que

---

<sup>143</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>144</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>145</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>146</sup> RAMOS, 2022, p. 89.

<sup>147</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>148</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>149</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>150</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>151</sup> RAMOS, 2022, p. 89.

<sup>152</sup> DE MORAES, 2012, p. 197.

Era indispensável, porém, que nossos romances [romances nordestinos] não fossem escritos no Rio, por pessoas bem-intencionadas, sem dúvida, mas que nos desconheciam inteiramente. Hoje desapareceram os processos de pura composição literária. Em todos os livros do Nordeste, nota-se que os autores tiveram o cuidado de tomar a narrativa não absolutamente verdadeira, mas verossímil. Ninguém se afasta do ambiente, ninguém confia demasiado na imaginação.<sup>153</sup>

Em seu argumento, cita José Lins do Rego, que cresceu em um engenho de cana-de-açúcar e pôde, a partir de suas experiências, compor os livros do Ciclo da Cana-de-açúcar, entre os quais está *Menino de Engenho* (1932). As personagens desses escritores “mexem-se, pensam como nós, sentem como nós, preparam suas safras de açúcar, bebem cachaça, matam gente e vão para a cadeia, passam fome nos quartos sujos duma hospedaria”.<sup>154</sup> São criaturas críveis, pois dialogam de perto com o leitor brasileiro em matéria de linguagem, postura ou dilemas enfrentados. Críveis como os retirantes de *Vidas Secas*, que falam com o trabalhador brasileiro extenuado mesmo nos dias atuais,<sup>155</sup> 87 anos após a primeira publicação da obra. A proximidade entre suas personagens e o leitor se dá, dentre outros fatores plausíveis, porque Graciliano escrevia a partir da vivência; a seu ver, algo indispensável para transformar dado ambiente – como o sertão, uma fábrica ou uma cadeia – em obra de arte.<sup>156</sup>

Na década de 1940, Graciliano Ramos se aproxima de Candido Portinari na ideia de que a “arte deve interligar-se ao meio social como expressão de anseios, em particular, de camadas oprimidas.”<sup>157</sup> À proposta regionalista, adiciona um estilo sazonado na economia e precisão vocabular, exatidão nas palavras e uma densidade psicológica de personagens cujos dramas refletem o contexto socioeconômico que as enquadra. Não é difícil notar semelhança estética entre o quadro *Os retirantes*, pintado por Portinari em 1944, e o romance *Vidas Secas*, publicado seis anos antes.

Em ambas as criações, podemos perceber elementos que convergem: as descrições do ambiente bem como dos personagens, na obra de Ramos, são muito próximas às representações de Portinari em sua tela, realizadas por meio de linhas, traços e cores. Constatamos, assim, que há uma associação da imagem ao texto literário, visto que as duas artes apresentam semelhança na temática e na composição dos personagens. Por intermédio da intertextualidade observada entre o texto e a pintura, notamos a miséria, a

---

<sup>153</sup> RAMOS, 1935.

<sup>154</sup> RAMOS, 1935.

<sup>155</sup> Em esclarecimento do dêitico temporal, hoje são 07 de maio de 2025.

<sup>156</sup> RAMOS, 2012, p. 278.

<sup>157</sup> DE MORAES, 2012, p. 221.

fome, a angústia dos personagens por ter de abandonar a terra, as injustiças sofridas diante da seca implacável.<sup>158</sup>

Graciliano traça em sua obra ficcional uma linha de coerência em que o caos e a injustiça, embora constantes, não eliminam o ímpeto por lucidez, pela exposição da realidade por trás da aparência social, “na busca incessante do que é essencial para a vida”.<sup>159</sup> O escritor elabora um consistente diagnóstico de fatores que levam à humilhação do ser humano dentro das sociedades de mercado. Compõe imagens que revelam as consequências materiais e anímicas oriundas da exploração do homem pelo homem. “Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades”.<sup>160</sup> “Aquele negócio de juro engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia um favor.” Além de revelar o real, o autor também questiona os sistemas de representação da verdade. Edilson Dias de Moura (2023) observa que

[...] na vida das sociedades, a todo momento ocorrem eventos que são verdadeiros no sentido de serem eventos que acontecem efetivamente, mas eles não têm representação porque não estão incluídos em regimes de verdade e, por isso, não há discursos semelhantes a eles que possam ser entendidos como discursos verossímeis.<sup>161</sup>

A fim de desvelar sistemas injustos de representação da verdade no tecido social, Graciliano sublinha os dramas vividos por personagens neutralizadas por esses filtros de “verossimilhança”. Em *Vidas Secas*, um deles é a comunicação, inalcançada pela família nordestina. Ainda no capítulo *Contas*, tem-se o seguinte excerto, que escancara a questão comunicacional enquanto insidioso sistema de representação da verdade no universo aspérrimo da obra:

[...] sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele [Fabiano] saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? Sinha Terta é que tinha uma ponta de língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair

---

<sup>158</sup> SILVESTRE, 2015, p. 70.

<sup>159</sup> DE MORAES, 2012, p. 14.

<sup>160</sup> RAMOS, 2022, p. 108.

<sup>161</sup> MOURA, 2023, p. 91.

morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hem? que iam ganhar? <sup>162</sup>

O ficcionista desmascara a noção de liberdade burguesa nacional, calcada em posses materiais e em despotismo contra os desapropriados, abandonados à marginalidade e ao silêncio, associados à criminalidade por meio da coerção: seres reificados pela estrutura socioeconômica injusta que atravessou toda a história política nacional, chegando às primeiras décadas da República em proveito de privilégios classistas. <sup>163</sup>

Em *História da literatura brasileira*, Nelson Werneck Sodré (1982) afirma que o ficcionista alagoano é “a mais alta figura da prosa nordestina”, <sup>164</sup> alguém para o qual a língua não foi ferramenta de reprodução de cacoetes modernistas, rigores formalistas ou emulações classicistas, mas um “extraordinário instrumento para elaboração de uma obra de profundo conteúdo humano e social, em que os conflitos individuais e coletivos teriam exata representação”. <sup>165</sup> Elaborada de forma clara e sucinta, a prosa de Graciliano flagra “com fidelidade exemplar” <sup>166</sup> a vida do brasileiro de seu tempo, o primeiro quartel do século XX. Os dramas, os desencontros, o vínculo entre o ser humano e a natureza – tudo isso vem a primeiro plano, para além do documental e do superficial. Realizando “em altos padrões literários a transposição da realidade para a ficção”, <sup>167</sup> Graciliano legou para as letras nacionais imagens para se pensar real sem fumos de idealização.

Ao trazer centralidade aos marginalizados e propor o embate entre o homem e o mundo como algo de difícil solução – por envolver mudanças estruturais no país –, Graciliano supera o apriorismo tradicionalmente relacionado ao que é considerado trágico. Tratando de injustiças e privações sociais, do trabalho aviltante e exploratório, identifica no sistema de produção burguês uma ordem fundada em desordem: a humanização de uma minoria afirmada a preço da desumanização de muitos. Essa desordem nasce do sofrimento verdadeiro de seres humanos reais, expostos ao embrutecimento – o que se agrava porque os males oriundos de decisões humanas são naturalizados. Expondo tal conjuntura, sua prosa investiga a tragicidade na vida

---

<sup>162</sup> RAMOS, 2022, p. 94.

<sup>163</sup> MOURA, 2023, p. 91, 92, 94, 95.

<sup>164</sup> SODRÉ, 1982, p. 558.

<sup>165</sup> SODRÉ, 1982, p. 558.

<sup>166</sup> SODRÉ, 1982, p. 558.

<sup>167</sup> SODRÉ, 1982, p. 558.

dos seres mais humildes.<sup>168</sup> Em *Vidas Secas*, Fabiano “sabia que as contas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo”;<sup>169</sup> e, com o retorno da seca, “agora [ele e sua família] seriam comidos pelas arribações”,<sup>170</sup> como aconteceu com a cachorra Baleia, “fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus.”<sup>171</sup> Noções que aproximam a estética de Graciliano à crítica de Raymond Williams em *Tragédia moderna* (2002).

O crítico britânico pensa a tragédia para além das fronteiras acadêmico-tradicionais. Defende que o trágico também aparece “na vida de um homem reduzido ao silêncio, em uma banal vida de trabalhos”,<sup>172</sup> na morte de entes comuns ou na perda de conexão entre pai e filho. Em perspectiva com *Vidas Secas*, exemplificam tais tragédias: 1. o encarceramento súbito e descabido de Fabiano pelo soldado amarelo, seguido do silêncio amargo que o invade na cela; 2. a miríade de seus pensamentos desconexos ao passar uma vida vaquejando complacente, em busca íntima por um entendimento sociopolítica que lhe é alienado pela configuração laboral que o rodeia; 3. a morte da cachorra Baleia, do papagaio ou do cavalo de fábrica; 4. os ruídos comunicacionais entre Fabiano e seu filho mais velho (como evidencia a cena de abertura do romance) ou entre o vaqueiro e o filho mais novo, o qual admira o pai, mas não consegue chamar sua atenção. E ainda, 5. é fundamentalmente trágico que Fabiano, logo nos parágrafos inaugurais da obra, tenha desejado matar o filho mais velho, que não se mexia no chão gretado após sofrer uma vertigem. O pai, de coração duro e desejoso de responsabilizar alguém por sua desgraça, fustiga o filho “com a bainha da faca de ponta”,<sup>173</sup> admoestando-o, até que pega “no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar um anjinho aos bichos do mato.”<sup>174</sup> A academia tradicional desdenha essas perdas e sofrimentos como coisas vulgares, menores. Resistem em aceitar que a tragédia também pode compor o campo do prosaico.

Em definições clássicas, a ação trágica “é explicitamente referida a uma alta posição social”.

<sup>175</sup> Na arquetípica tragédia grega, o trágico figurava no seio de famílias reais de épocas míticas e passadas, num tempo de mediação entre homens e deuses. O herói trágico – cujo destino

---

<sup>168</sup> COSTA, 2002, p. 17, 18, 19, 107.

<sup>169</sup> RAMOS, 2022, p. 111.

<sup>170</sup> RAMOS, 2022, p. 111.

<sup>171</sup> RAMOS, 2022, p. 107.

<sup>172</sup> WILLIAMS, 2002, p. 29, 30.

<sup>173</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>174</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>175</sup> WILLIAMS, 2002, p. 41.

equivalia ao de todo o reino que ele incorporava – pressupunha fama e elevada posição social.<sup>176</sup> Em chave elitizada, identifica-se uma espécie de filtro dos sofrimentos gerais. Alguns são classificados como trágicos; outros, não.<sup>177</sup> “Guerra, revolução, pobreza, fome; homens reduzidos a objetos e mortos a partir de listas; perseguição e tortura; os muitos tipos de martírio contemporâneo”<sup>178</sup> – em acepção tradicional, nada disso levaria à catártica comoção do trágico; antes, tais fenômenos seriam considerados como meros acidentes. A trama de *Vidas Secas* não se enquadra nessa concepção de tragédia; afinal, a história trata de seres reificados da mais baixa posição social. Williams (2002) contesta a recepção tradicional, porque ela elimina o caráter significativo de todo “o sofrimento que é parte do nosso mundo social e político”,<sup>179</sup> toda dor, perda e lamento que não seja socialmente nobre. Graciliano também, porque flagra a tragicidade em viventes miseráveis, seres “menores” instrumentalizados pela lógica produtiva. Tragicidade dos seres errantes que, ao retorno da seca, buscam “um lugar menos seco para enterrar[em]-se”<sup>180</sup> e não conseguem recordar-se de fatos agradáveis, com os quais “a vida não seria inteiramente má”.<sup>181</sup>

Marx apresenta um ponto de inflexão a respeito da tragicidade. Sob o signo da dialética materialista, o desenvolvimento social é tomado como contraditório; a tragédia ocorre no embate de teses e antíteses, levantando transformações-sínteses.<sup>182</sup> A pretensa imutabilidade do trágico cede terreno para o processo dialético entre experiências humanas, convenções sociais e decisões institucionais.<sup>183</sup> Em dias correntes a tragédia é “resposta à desordem social”; portanto, improcedente recepcioná-la de forma alienada de aspectos que permeiam a vida em sociedade.<sup>184</sup> A revolução é a consequência lógica dessa trágica desordem engendrada pelo agravamento da ordem capitalista.<sup>185</sup> Revolução cujo objetivo é “conduzir uma determinada sociedade por meio de mútua e ativa responsabilidade e cooperação, tendo como elemento básico uma igualdade social completa”.<sup>186</sup> Necessidade premente em qualquer sociedade com subordinação de grupos étnicos frente a outros e trabalhadores campestres espoliados, como no

---

<sup>176</sup> WILLIAMS, 2002, p. 41, 42, 74.

<sup>177</sup> WILLIAMS, 2002, p. 29, 30.

<sup>178</sup> WILLIAMS, 2002, p. 90.

<sup>179</sup> WILLIAMS, 2002, p. 73.

<sup>180</sup> RAMOS, 2022, p. 114.

<sup>181</sup> RAMOS, 2022, p. 96.

<sup>182</sup> WILLIAMS, 2002, p. 57.

<sup>183</sup> WILLIAMS, 2002, p. 70.

<sup>184</sup> WILLIAMS, 2002, p. 89, 90.

<sup>185</sup> WILLIAMS, 2002, p. 101.

<sup>186</sup> WILLIAMS, 2002, p. 106.

universo de *Vidas Secas*. Afinal, a negação da completa dimensão humana é inconciliável com uma ordem social aceitável <sup>187</sup> – mensagem que fundamenta a dimensão denunciativa da narrativa que subverte a reprodução da ordem social burguesa.

Dentre os motivos por que muitos se opõem a mudanças estruturais revolucionárias, há o receio de perder privilégios, de que o reconhecimento da humanidade alheia resulte na perda de sua própria, de que os humilhados ajam vingativamente. A lógica é manter o subjugado em condições de exploração para evitar a perda de confortos individuais <sup>188</sup> – lógica combatida por seu Tomás da bolandeira em *Vidas Secas*, antigo patrão de Fabiano que “não sabia mandar: pedia” <sup>189</sup> e até mesmo um brinquedo havia dado de presente para o menino mais velho. <sup>190</sup> Raymond Williams (2002) adverte: o “verdadeiro perigo trágico, subjacente à guerra e à revolução, é a desordem que nós mesmos, continuamente, reencenamos.” <sup>191</sup> A estética de Graciliano vai ao encontro do que Raymond Williams (2002) considera “a única resposta relevante ao tipo de tragédia que já experimentamos”: <sup>192</sup> a exposição da desordem real. Não só identificá-la, mas também compreendê-la, pensá-la criticamente e resistir a elementos que corroboram para sua perpetuação. <sup>193</sup> É o que o ficcionista alagoano realiza em *Vidas Secas* ao reconhecer a tragédia oriunda de fatores climáticos e sociais.

Graciliano problematizou o estatuto “brasileiro” da “Literatura Brasileira”, compreendida enquanto produção artístico-intelectual fundamentada num projeto político que almejava a reprodução das configurações político-econômicas do Brasil Colônia: centralização política, sistema de produção escravista e eliminação simbólica das minorias sociais. Distante da ideia de diversidade cultural e étnica, o quê de “brasileiro” na historiografia da literatura nacional fez contraponto com o “não livre”, o cativo cuja função única era servir de força de trabalho. A configuração produtiva colonial não fora superada e a literatura nacional, restrita ao escopo de ser “brasileira”, representava uma parcela específica do contingente populacional – “os brasileiros” – em negligência de grande parcela da representação popular, <sup>194</sup> considerada indigna de figurar em obras literárias. Literatura e História, ancoradas num mesmo projeto

---

<sup>187</sup> WILLIAMS, 2002, p. 106.

<sup>188</sup> WILLIAMS, 2002, p. 107, 111.

<sup>189</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>190</sup> RAMOS, 2022, p. 67.

<sup>191</sup> WILLIAMS, 2002, p. 111.

<sup>192</sup> WILLIAMS, 2002, p. 111.

<sup>193</sup> WILLIAMS, 2002, p. 111.

<sup>194</sup> MOURA, 2023, p. 115.

político, legitimavam uma a outra.<sup>195</sup> Em perspectiva afim, Roberto Schwarz (1999) observa que o sistema literário nacional coexistiu historicamente com a escravidão e outras deformações sociais, o que revelou a perpetuação do legado colonial nas letras nacionais<sup>196</sup> durante o Império e a Primeira República.

Fundamental não perder de vista a historicidade do combate intelectual que Graciliano Ramos travou contra a institucionalização de práticas abusivas e humilhantes;<sup>197</sup> as mesmas que, ao lado do cerceamento intelectual institucionalizado, causaram seu encarceramento. Sob o signo da lucidez, a busca pelo desvelamento do real articulou sua literatura “em torno do problema do outro”.<sup>198</sup> O ficcionista apontou que não era necessário um esforço extraordinário para expor “as misérias desta sociedade meio decomposta”. Bastaria abrir olhos e ouvidos e deitar no papel as informações adquiridas,<sup>199</sup> com uma consciência “inconformada com a naturalização da violência e de iniquidades”.<sup>200</sup>

Ao compor *Vidas Secas*, o escritor abriu os olhos para viventes errantes acometidos pela fraqueza e pela fome,<sup>201</sup> instrumentalizados pela lógica capital – “uma coisa da fazenda, um traste”, –<sup>202</sup> porém fortes e resistentes. Fabiano “precisava chegar, mas não sabia onde.”<sup>203</sup> A principal força motriz da obra de Graciliano Ramos é “a permanente atitude de resistência face ao destino e à ordem estabelecida,”<sup>204</sup> que é corrupta e se aproveitava da ignorância coletiva.

A ignorância entre nós você bem sabe como é grande. Todo mundo fala do que não entende, e daí a confusão, o caminho aberto para o charlatanismo e a mais desenfreada demagogia. O povo precisa ler para não ser enganado. Pois nada mais fácil do que enganar um povo ignorante.<sup>205</sup>

Em 1915, sob o pseudônimo R.O no Jornal de Alagoas, Graciliano já diagnosticava a figura do chefe político como um quarto poder alinhado ao Legislativo, Executivo e Judiciário. Esse

---

<sup>195</sup> MOURA, 2023, p. 103, 106, 107, 109.

<sup>196</sup> SCHWARZ, 1999, p. 17, 19.

<sup>197</sup> MOURA, 2023, p. 327.

<sup>198</sup> BASTOS, 2022, p. 126.

<sup>199</sup> RAMOS, 1946, p. 11.

<sup>200</sup> LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 12.

<sup>201</sup> RAMOS, 2022, p. 120.

<sup>202</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>203</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>204</sup> DE CANDIDO, 2012, p. 102.

<sup>205</sup> RAMOS, 1946, p. 2.

poder paralelo seria “a única força de verdade. O resto é lorota”.<sup>206</sup> Desde o princípio a República já estava com deputados que eram um “poço de manha, papagueadores quando parolam com o eleitorado, mudos na câmara”, um presidente que enfatizava maravilhas que ninguém via realmente e comerciantes vorazes a enriquecer com favores clandestinos e contrabandos<sup>207</sup> – observações que sublinham o hiato entre o discurso carismático e a práxis política. O escritor também notou a ocupação de cargos públicos de pouca ou nenhuma utilidade, que existiam para benefícios pessoais de quem os ocupava. Perguntava-se: “para que tanta gente de palha a ocupar cargos em penca, a roer sinecuras polpudas nesta confederação cinematográfica? [...] A constituição da república precisa de uma revisão.”<sup>208</sup>

Sua estética é marcada pela recusa da dimensão espetacular do avanço nacional, o que é identificado na última página de *Vidas Secas*. O segundo êxodo da família retirante não implica um futuro idílico, ou uma resolução providencial dos problemas. Fabiano e sinha Vitória chegariam a outras plagas, encontrando-se igualmente acorrentados pelos grilhões estruturais. As críticas do ficcionista às desigualdades econômicas no Brasil antecedem sua escrita romanesca. O país, tal como vê, sofre de uma espécie de macrocefalia:<sup>209</sup> a sede do governo federal, próspera, se desenvolvia enormemente enquanto o campo definhava, reproduzindo hábitos e processos produtivos antigos, da época dos capitães-mores. Processos produtivos nos quais o trabalhador rural é reificado. A pobreza do homem rural lhe causa vergonha, levando-o a buscar melhores condições de vida rumo ao sul, sem saber que lá sua sina pode não ser tão distinta da atual, dada a manutenção do sistema de produção exploratório. E ainda assim imperam, sublinha o escritor, narrativas de que a pobreza sertaneja é consequência da preguiça, que a emigração é vocação para vadiagem – ou seja, responsabiliza-se o matuto por sua própria desgraça, caluniando-o cruelmente.<sup>210</sup>

Em 1921, sob o pseudônimo jornalístico J.C., o escritor pontua que o Brasil possui hinos bravos e belicosos que, em comparação com a realidade popular, causam surpresa: são entoados por

---

<sup>206</sup> R.O. [Graciliano Ramos]. *Jornal de Alagoas* - Maceió, AL, março de 1915. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 08.

<sup>207</sup> R.O. [Graciliano Ramos]. *Jornal de Alagoas* - Maceió, AL, março de 1915. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 08.

<sup>208</sup> R.O. [Graciliano Ramos]. *Jornal de Alagoas* - Maceió, AL, março de 1915. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 09.

<sup>209</sup> Na época em que escreve, Rio de Janeiro.

<sup>210</sup> RAMOS, 2002, p. 124, 126, 127.

“gente de espinhaço mole, pernas bambas, cachaço envergado”.<sup>211</sup> Gente humilde cujo trabalho extenuante enobrece a figura do opressor. A formação escolar pública durante o primeiro quartel do século XX, quando existente, passava por uma gramática pedante, recheada de sutilezas em grego que não eram bem compreendidas. Perguntas e respostas formuladas com as exatas palavras que constavam nos livros; uma erudição elegantemente vazia. Algo que, ao invés de estimular reflexão autônoma no aluno, reproduzia uma heteronomia copista. Obrigatoriedade de se ler literatura clássica na mais tenra infância, quando ainda é cedo demais para as crianças atribuírem sentido a certas palavras, resultando em leituras que não levavam a entendimento algum.<sup>212</sup> “De resto, nenhum pensamento, nenhuma ação, muito falar. Temos a idolatria da palavra, vazia embora. [...] Nossa preocupação máxima é falar bonito”.<sup>213</sup> Análise da formação escolar *quando existente*. Como demonstra *Vidas Secas*, ela amiúde inexistia. Fabiano nunca pisara em uma escola.<sup>214</sup> Subsumido pela lógica produtiva que o desumaniza, naturaliza a ideia de que ele e seus filhos devem se portar com subserviência. Seu filho, que “estava ficando muito curioso, muito enxerido”, não devia se meter com coisas que não eram da sua conta, mas sim falar de coisas imediatas;<sup>215</sup> isto é, assuntos referentes ao trabalho braçal, que lhes garantia a reprodução de uma sobrevivência reificada.

A recusa em condescender ao engano e à perpetuação da ignorância coletiva revela a verve emancipadora na obra de Graciliano – uma ruptura com os grilhões que acorrenta a população à subserviência ao que é imposto. O menino mais velho de *Vidas Secas* busca romper com a ignorância ao se perguntar sobre o mundo e o nome das coisas que nele há. Fabiano recrimina essa curiosidade, pensa que o futuro do menino é vaquejar. Sinha Vitória, mais esclarecida, discorda do marido: ela almeja um futuro diferente para seus filhos, em que não sejam perpetuadas a ignorância e a exploração barata. “Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que ideia!”<sup>216</sup>

---

<sup>211</sup> J.C. [Graciliano Ramos]. *O Índio*, Palmeira dos Índios, fevereiro de 1921. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 09.

<sup>212</sup> J.C. [Graciliano Ramos]. *O Índio*, Palmeira dos Índios, fevereiro de 1921. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 65.

<sup>213</sup> J.C. [Graciliano Ramos]. *O Índio*, Palmeira dos Índios, fevereiro de 1921. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 59.

<sup>214</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>215</sup> RAMOS, 2022, p. 18, 19.

<sup>216</sup> RAMOS, 2022, p. 119.

Na década de 1920, durante sua atuação no semanário *O Índio*, em Alagoas, Graciliano constatou que eram tempos em que o dólar governava o mundo, em que as consciências tinham se tornado mercadorias vendáveis.<sup>217</sup> Ainda jovem, constatou um mundo reificado e as consequências danosas desse fenômeno baseado na exploração do trabalho humano. É o mundo representado em *Vidas Secas*, pequeno<sup>218</sup> porque sem perspectivas e sem aparente saída para os vivos instrumentalizados pela lógica capital. Mortificados, deliram com miragens de juazeiros inexistentes;<sup>219</sup> fragilizados, estão na mira dos urubus.<sup>220</sup> Não, Graciliano jamais fugiu aos valores e às normas vigentes da sociedade; encarou-as de frente e as recusou. Em sua estética, a norma vigente é nociva. Em seus personagens mais sensíveis, uma insubordinação anárquica fundamentada na mais vil exploração; uma nostalgia por relações sociais humanizadas. O autor de *Vidas Secas* afirma:

O otimismo falaz nos indigna: seria tolice andarmos sorrindo à toa. Se descrevêssemos a glória, a nobreza, a renúncia, o altruísmo, faríamos trabalho cômodo, ao gosto do fornecedor e do senhorio, personagens que de ordinário não nos sorriem. Por que iríamos oferecer-lhes amabilidades, cantar loas, mentir?<sup>221</sup>

Fabiano, “aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade estava contra ele.”<sup>222</sup> Graciliano julgava impossível não reagir, não resistir contra um mundo de miséria e dor. O silêncio social *d’a arte pela arte* – “capricho dos escritores que escrevem com a tinta de rosas”<sup>223</sup> – não é despropositado: trata-se de atitude estética que endossa a manutenção do estado vigente de coisas. Daí o ficcionista ser avesso a literaturas insinceras, que só usavam expressões corretas e tratavam de temáticas agradáveis. Afirma que quando a chuva aparece, essas literaturas ficavam em casa, aquecidas e isoladas, pensando que tudo está certo, que as pessoas são felizes – não saberiam em que consistiria essa felicidade, contentando-se em afirmar e se convencerem do que diziam. Ufanavam-se de seu país. Negligenciavam que nem tudo vai bem à nação; que há regiões ignotas, “nos algodoais e nos canaviais no Nordeste,

---

<sup>217</sup> J.C. [Graciliano Ramos]. *O Índio*, Palmeira dos Índios, nº 9, 27 de março de 1921. In: RAMOS, G. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 92.

<sup>218</sup> RAMOS, 2022, p. 119.

<sup>219</sup> RAMOS, 2022, p. 07.

<sup>220</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>221</sup> RAMOS, 2012, p. 316

<sup>222</sup> RAMOS, 2022, p. 93.

<sup>223</sup> SOROMENHO, 1998, p. 281-5.

nas plantações de cacau e de café, nas cidadezinhas decadentes do interior”,<sup>224</sup> em que milhões de viventes passam dificuldade.

Alfredo Bosi (2002) conceitua a resistência enquanto a “necessidade de opor força própria à força alheia”.<sup>225</sup> Em Graciliano, ela é a urgência de escrever contra uma configuração social que, para garantir a concentração de renda em mãos sem calo algum, promove a espoliação de trabalhadores do eito e do engenho, de retirantes e outras sortes de despossuídos que habitavam as regiões aspérrimas do Nordeste. Nessa perspectiva, *Vidas Secas* desponta como um romance de resistência e emancipação intelectual por excelência.

Ao resenhar o romance *Suor* (1934), de Jorge Amado, Graciliano afirma que o ficcionista baiano era um “desses escritores inimigos da convenção e da metáfora, desabusados, observadores atentos”,<sup>226</sup> apresentando ao leitor vagabundos, gatunos, prostitutas, operários e outras sortes de viventes que, embora compusessem o tecido social, não habitavam as linhas dos prosadores nacionais. Estes fugiam à realidade, enfatizando idealizações de uma classe social distante da representação fidedigna do povo brasileiro. Mais do que um romance, Graciliano considerou *Suor* uma “série de pequenos quadros tendentes a mostrar o ódio que os ricos inspiram aos moradores pobres da hospedaria”<sup>227</sup> representada.

Em seu elogio ao colega ficcionista, o escritor alagoano lançou mão de uma nomenclatura fundamental na leitura de sua obra: a composição imagética. A estética do autor de *Vidas Secas* é caracterizada pela formação, sedimentação e reiteração de imagens impactantes no imaginário do leitor. É o que confirmou Lúcia Miguel Pereira (2005), uma das primeiras resenhistas do romance ainda em 1938: “Será um romance? É antes uma série de quadros, de gravuras em madeira, talhadas com precisão e firmeza”.<sup>228</sup> A justaposição de contos-capítulos da obra endossa a perspectiva: para além dos capítulos com uma profusão de ações entre os membros da família, há os específicos, que investigam o interior de cada personagem: “Fabiano”, “Sinha Vitória”, “O menino mais novo”, “O menino mais velho” e “Baleia”.

---

<sup>224</sup> RAMOS, 2002, p. 89.

<sup>225</sup> BOSI, 2002, p. 118.

<sup>226</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>227</sup> RAMOS, 2022, p. 90, 91.

<sup>228</sup> PEREIRA, 2005, p. 149. Originalmente, a crítica literária escreveu essa resenha em abril de 1938, mesmo mês de publicação da obra.

Ler Graciliano é trazer para primeiro plano as realidades esquecidas de viventes desamparados; é se deparar com imagens que desafiam o *modus operandi*, o que leva a um pensamento emancipado e autônomo. Na contramão da reprodução de normas sociais vigentes e de “relações de dominação encontradas na sociedade como um todo”,<sup>229</sup> a educação estética “propicia ao indivíduo condições de se tornar autônomo e crítico em relação à sociedade”.<sup>230</sup> Assim é a estética de Graciliano Ramos: um exercício de honestidade intelectual, nada atomizado, e sim pautado na consciência da totalidade social, na elucidação da realidade nacional e de sua estrutura político-econômica. O autor tratar da miséria da condição humana, e isso, que se sabe real, incomoda. Sua obra sublinha a crueza, a aspereza que o leitor bem entende, porque avessa a tapeações anímicas ou escapatórias românticas. Pelo contrário, ela fala da fome, de tragédias rurais e outros retratos da realidade tidos como inconvenientes à oligarquia latifundiária, realidade varrida para debaixo dos panos da historiografia nacional. É o que se observa em *Vidas Secas*, que “representa uma realidade, reflete sobre ela e apresenta as possibilidades e limites da intervenção na realidade.”<sup>231</sup> Intervenção que pressupõe uma sublevação da estrutura social. Algo que não se encerra em Fabiano e sua família; paira como espectro sobre a História nacional em proporção ao agravamento do sistema de produção burguês. “Havia muitas coisas [erradas]”,<sup>232</sup> pensa Fabiano. “Ele não podia explicá-las, mas havia.”<sup>233</sup> Irônico, Graciliano afirma:

Vamos falar mal de todos os romancistas que aludem à fome e à miséria das bagaceiras, das prisões, dos bairros operários, das casas de cômodos. Acabemos tudo isso. E a literatura se purificará, tornar-se-á inofensiva e cor-de-rosa, não provocará o mau humor de ninguém, não perturbará a digestão dos que podem comer. Amém.<sup>234</sup>

Embora escritas pelo Graciliano articulista em 1937, essas palavras não são “artefatos de épocas passadas”,<sup>235</sup> como sua estética tampouco o é. São perspectivas voltadas “para a práxis e para a transformação da sociedade”,<sup>236</sup> conforme postula Luciana Molina Queiroz (2018). Segundo a autora, é incontestável que o contexto histórico-social de uma obra possibilite uma recepção a par dos acontecimentos coevos. Contudo, além de trazer à tona a realidade social, uma obra

---

<sup>229</sup> QUEIROZ, 2018, p. 155.

<sup>230</sup> QUEIROZ, 2018, p. 65.

<sup>231</sup> MAGALHÃES, 2015, p. 19.

<sup>232</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>233</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>234</sup> RAMOS, 2002, p. 132.

<sup>235</sup> QUEIROZ, 2018, p. 33.

<sup>236</sup> QUEIROZ, 2018, p. 32, 33.

artística também figura como um ataque potencial contra o *status quo* vigente.<sup>237</sup> Sua verve combativa, para além de um estandarte estético, deve se voltar para a realidade prática. Não só para a realidade histórica coetânea, como também para proposições e reflexões críticas em face aos dias atuais. À medida que “são capazes de acender fagulhas em nossa imaginação sobre a completa ilogicidade da realidade”;<sup>238</sup> que desmantelam o caráter a-histórico e revelam a transformação possível da realidade social, as produções artísticas se mostram mais interessantes.<sup>239</sup> Portanto, equivocado pensar que a questão social em *Vidas Secas* está ultrapassada. A invisibilidade do trabalho humano pela lógica produtiva, em detrimento da humanidade do trabalhador, está na ordem do dia, tanto em esfera nacional, quanto internacional.

O conceito de imaginação negativa, central na pesquisa de Queiroz (2018), aparece como um desafio para estéticas de fundamento materialista. Ele consiste na produção de imagens que ainda não existem no estado de coisas vigente, mas que, por meio de transformação da realidade social, podem surgir.<sup>240</sup> De esteio materialista, a estética de Graciliano aceita esse desafio. A aridez anímica e a espoliação laboral em *Vidas Secas* não são a-históricos. Em perspectiva dialética, o romance flagra o porvir aberto a mudanças sociais, passível de mudança. Lendo-o, nota-se que possíveis transformações na realidade social dependem de alterações em sua estrutura socioeconômica – mudanças inexequíveis no sistema de produção burguês.

A estética de Graciliano aproxima-se de reflexões ensaísticas de Roberto Schwarz (1999), ao defender a revelação de desigualdades sociais na produção literária, ao invés de negligenciá-las.<sup>241</sup> Contrário a pressupostos sociais europeus, Graciliano também sublinha as condições socioeconômicas específicas do lugar esteticamente investigado. Supera o abismo entre a produção estética e as especificidades locais<sup>242</sup> e, para tanto, mobiliza conhecimentos de áreas distintas do saber para capturar a totalidade social nas suas produções literárias.<sup>243</sup>

---

<sup>237</sup> QUEIROZ, 2018, p. 34.

<sup>238</sup> QUEIROZ, 2018, p. 34.

<sup>239</sup> QUEIROZ, 2018, p. 36.

<sup>240</sup> QUEIROZ, 2018, p. 36, 37.

<sup>241</sup> SCHWARZ, 1999, p. 26.

<sup>242</sup> SCHWARZ, 1999, p. 27.

<sup>243</sup> SCHWARZ, 1999, p. 28.

A questão econômica atravessa a sua prosa, evidenciando as consequências da espoliação humana: tanto as de ordem material, quanto as de ordem psicológica. Em *O fator econômico no romance brasileiro*, escreveu ser imperativo observar os fatores que devem contribuir para a formação da obra artística, porque seu desconhecimento compromete a composição narrativa. Nos termos de Schwarz (1999), “trata-se de aspectos objetivos da configuração do romance, onde existem em ato, mas sem estarem ditos”;<sup>244</sup> um lastro de realidade que traz consistência ao trabalho artístico e lhe confere um estatuto literário especial. Várias são as passagens em *Vidas Secas* que exemplificam esses aspectos objetivos. Só no primeiro capítulo, há a vertigem sofrida pelo menino mais velho, que cai de fraqueza e fome no meio da terra agreste,<sup>245</sup> a reação seca de seu pai ou ainda a família resistindo à fraqueza, afastando-se da luz dura, que “endoidecia a gente”.<sup>246</sup>

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.<sup>247</sup>

Quando um romance é elaborado de cima pra baixo, é possível que questões sociopolíticas e econômicas estejam desvincilhadas da realidade reproduzida artisticamente, o que é problemático. Daí Graciliano apoiar uma elaboração ficcional que vá de baixo pra cima, ou seja, que não ignore essas questões.<sup>248</sup> Em suas palavras,

[...] para sermos completamente humanos, necessitamos estudar as coisas nacionais, estudá-las de baixo para cima. Não podemos tratar convenientemente das relações sociais e políticas, se esquecermos a estrutura econômica da região que desejamos apresentar em livro.<sup>249</sup>

Fundada no engendramento do conteúdo literário com matérias fora de seu terreno, essa crítica materialista implica reflexão histórica e análise do dinamismo entre estruturas sociais díspares.

<sup>250</sup> A fatura extraliterária de investigação social apresenta oportunidade excepcional,

---

<sup>244</sup> SCHWARZ, 1999, p. 38, 43.

<sup>245</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>246</sup> RAMOS, 2022, p. 11, 12.

<sup>247</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>248</sup> RAMOS, 2002, p. 246.

<sup>249</sup> RAMOS, 2002, p. 251.

<sup>250</sup> SCHWARZ, 1999, p. 28.

principalmente no contexto nacional, escasso de reflexão social crítica.<sup>251</sup> O cronista Graciliano pondera que o ficcionista que desdenha estatísticas incorre no perigo de criar narrativa de representações arbitrárias, liricamente adocicadas, com ares de irrealidade.<sup>252</sup> Por exemplo, ao tratar do conflito entre capitalista e trabalhador, não se esclarece como se dão as relações entre os dois, não há ênfase no sentimento de indignação, ódio e vingança em face à opressão que não se sabe nomear; sem falar nas conversações elegantes e pouco aderentes à realidade linguística do povo retratado.<sup>253</sup> Palavras adequadas à inconformidade que se passa no interior de Fabiano ao reencontrar seu algoz no descampado um ano após a humilhação sofrida.

Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam criação. Era um homem, evidentemente.<sup>254</sup>

Reflexão logo suprimida pelo temor de Fabiano à autoridade do soldado. “Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo.”<sup>255</sup> Há outras passagens também em que esse ódio escapa: embriagado depois de tomar umas na festa de Natal da cidade, o vaqueiro berra “Apareça um homem! [...] Cadê o valente? Quem tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem”<sup>256</sup> – demonstração de inconformidade diante de algo que, embora não soubesse expor em palavras, sabia sofrer: a desumanização naquele sistema de produção arcaico. A palavra “homem”, aqui, é duplamente significativa: estabelece uma relação tríplice com “bicho” e “cabra” nos pensamentos embaralhados de Fabiano. Respectivamente significando um ser humano dignificado, um animal e um trabalhador espoliado, Fabiano sabe-se cabra e, tomado da bravura resultante do álcool, busca enfrentar alguém tido como dignificado num embate corporal. A ausência de respostas leva o vaqueiro a reiterar aquilo de que já suspeitava: a autoridade abusiva “ganhava fumaça na companhia dos parceiros,”<sup>257</sup> mas sozinho, “não dava um caldo”.<sup>258</sup> É razoável que o ficcionista esclareça a causa, ou o histórico material por trás das escolhas tomadas pelas personagens de dado enredo. Não basta apelar para impulsos, até porque mesmo este teria uma causa. Por que certa personagem é marcada pela desonestidade,

---

<sup>251</sup> SCHWARZ, 1999, p. 44.

<sup>252</sup> RAMOS, 2002, p. 247, 248.

<sup>253</sup> RAMOS, 2022, p. 248.

<sup>254</sup> RAMOS, 2022, p. 103.

<sup>255</sup> RAMOS, 2022, p. 92.

<sup>256</sup> RAMOS, 2022, p. 76.

<sup>257</sup> RAMOS, 2022, p. 76.

<sup>258</sup> RAMOS, 2022, p. 32.

ou pela loucura? Seminal trabalhar com verossimilhança, contextualizando os viventes fictícios às suas realidades materiais; afinal, “o romancista não é nenhum deus para tirar criaturas vivas da cabeça”.<sup>259</sup> A respeito desse posicionamento estético investigativo, Schwarz (1999) afirma que

[...] a identificação do problema, a explicação de seu fundamento histórico-sociológico, a indicação de sua presença tácita num romance de peso e numa manifestação querida e duvidosa da alma nacional têm como condição prévia um ato de independência reflexiva, a recusa esclarecida à cumplicidade com os costumes mentais da elite. Não se trata da descrição distanciada de uma ideologia, mas de seu desmascaramento em pontos cruciais, com indicação dos motivos de classe atrás de preconceitos eficazes. Acompanhada de seus efeitos intelectuais, essa posição obriga a rever o quadro das ideias e letras brasileiras, no qual se inscreve como uma reflexão modificadora, um progresso do conhecimento-de-si disponível no interior de um processo histórico real.<sup>260</sup>

O autor alagoano prima pela intimidade com o objeto de escrita literária. Ao romancear sobre o crime e a loucura, a título de exemplo, afirma serem fundamentais visitas mínimas ao hospício, à cadeia. Ele mesmo passou onze meses no cárcere sob o governo federal getulista. Assim, a descrição da angústia sentida por Fabiano na cadeia não é contingente. A cena é escrita sob o crivo do factível. Julgava ser preciso saber quem eram as personagens antes de chegarem ao estado em que se encontram, acompanhando-as de perto, porque, “necessariamente o ofício desses homens deve ter contribuído para que as coisas se passassem desta ou daquela forma”.<sup>261</sup> Trata-se da anatomia de tipos sociais; algo que “não depende só da erudição literária e histórica, mas também da sensibilidade político-moral.”<sup>262</sup> Contudo, essa perspectiva literária não deve culminar em condenação ou absolvição por parte do ficcionista; não se trata de um juízo moral, mas sim de uma análise fria de um fato, tal como convém aos cientistas. Calor e exaltação levam à mentira. E o artista deve buscar dizer a verdade – não as grandes verdades metafísicas axiológicas, mas sim as pequenas, que se podem conhecer.<sup>263</sup>

A partir da publicação de *São Bernardo* (1936), há no Graciliano ficcionista uma ênfase na negação *de um mundo específico*: o do capital, de exploração e usurpação.<sup>264</sup> Essa posição de

---

<sup>259</sup> RAMOS, 2002, p. 251.

<sup>260</sup> SCHWARZ, 1999, p. 33.

<sup>261</sup> RAMOS, 2002, p. 251.

<sup>262</sup> SCHWARZ, 1999, p. 32.

<sup>263</sup> RAMOS, 2002, p. 252.

<sup>264</sup> CANDIDO, 2006, p. 85, 86, 87, 94.

resistência estética, juntamente a um posicionamento político, denuncia uma disposição social verticalizada, que não deve ser discutida. Basta que seja seguida em subserviência. Por isso, as situações materiais têm papel primordial no enredo de suas obras. As circunstâncias pautam o terreno em que vivem as personagens, demonstrando seu vigor.<sup>265</sup>

Entre março de 1936 e janeiro de 1937, entregues os originais de *Angústia* à sua datilógrafa, Graciliano Ramos foi preso sob o regime ditatorial de Getúlio Vargas, agravado durante o Estado Novo, de 1937 a 1945. A mando do general integralista Newton de Andrade Cavalcanti, operou-se um cerco aos considerados comunistas nas capitais nordestinas, o que incluía Maceió, onde residia o escritor. O encarceramento foi arbitrário. Sob o pretexto de manter a ordem pública, o governo varguista neutralizou qualquer opinião pública que discordasse das veredas totalitárias às quais a política brasileira caminhava. Para conter o chamado *perigo vermelho*, a narrativa da segurança interna prevaleceu sobre direitos e garantias individuais.<sup>266</sup> Dez anos após sua soltura, Graciliano começou a escrever sobre a sua experiência na cadeia – projeto ao qual se dedicou até a sua morte: trata-se das *Memórias do Cárcere* (1953), publicação póstuma, um “testemunho político de alto nível literário”.<sup>267</sup>

Essas memórias – que poderiam ser intituladas simplesmente de *Cadeia*,<sup>268</sup> conforme o próprio autor revelou a seu filho Ricardo Ramos<sup>269</sup> – são um facho de luz no esclarecimento de sua estética, vinculando “a criação artística exemplar à ira moral e política mais consequente”.<sup>270</sup> Isto é, literatura enquanto chave de resistência a uma ordem sociopolítica aviltante. Ao longo de seus relatos, que defendem a dignidade do eu e denunciam a institucionalização da violência estatal,<sup>271</sup> a mundividência de Graciliano se mostra em perspectiva com a história nacional coetânea, em auxílio do nexo entre sua vida e obra. Num país em que a descolonização ocorreu sob o monopólio político-econômico elitista em detrimento das camadas populares, *Memórias do Cárcere* enfatiza uma nova consciência política da realidade nacional contra o processo de reificação do ser humano, contra a perpetuação de um passado escravista e oligárquico

---

<sup>265</sup> CANDIDO, 2006, p. 92.

<sup>266</sup> DE MORAES, 2012, p. 114.

<sup>267</sup> MIRANDA, 2023, p. 641.

<sup>268</sup> Mesmo título que deu ao conto-capítulo destinado a narrar as injustiças sofridas por pelo vaqueiro Fabiano em *Vidas Secas*.

<sup>269</sup> RAMOS, 2023, p. 639.

<sup>270</sup> FERNANDES, 1984.

<sup>271</sup> FERNANDES, 1984.

pretensamente superado.<sup>272</sup> Nelas, a linguagem cumpre o papel efetivo de instrumento socializador da memória não para eternizar o passado, mas sim para confrontá-lo com o presente;<sup>273</sup> convidando o leitor a pensar criticamente a realidade nacional em termos de superações e entraves sociopolíticos ainda presentes. O texto memorialístico traz à tona vozes e corpos humanos – do sujeito encarcerado, do menino Graciliano, do retirante nordestino – em denúncia da ubiquidade da opressão institucionalizada. Essas vivências ganham ar de coletividade sob a pena do escritor que buscou manter-se livre e fiel a si mesmo até o fim, em narrativa de rememoração daquilo que é marginalizado, preferencialmente esquecido, esmagado e sufocado pelas grandes narrativas históricas.<sup>274</sup> Em *Memórias do Cárcere* Graciliano constata que seus meses de reclusão confirmaram sua visão de mundo: uma realidade nacional marcada por exploração e injustiças que aviltam a muitos em nome de poucos. Essa suspeita aparece em 1938 com a publicação de *Vidas Secas*, principalmente quando se pensa a composição literária de Fabiano, também encarcerado sob acusação torpe.

Conforme a atitude de lúcido enfrentamento que atravessa toda a sua obra literária e jornalística, Graciliano preludia suas memórias afirmando escrever “talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze”.<sup>275</sup> Ao longo dos quatro tomos memorialísticos, o escritor tece uma relação entre a humilhação vivida dentro da prisão e a espoliação sofrida pela população nacional, esclarecendo como ambas as circunstâncias estiveram sob o jugo de um mesmo ordenamento social alienante. “Preferível o cativo manifesto ao outro, simulado, que nos ofereciam lá fora”,<sup>276</sup> afirma, ao criticar o caráter espetacular da liberdade e das garantias constitucionais durante o governo Vargas.

Preocupado com a instrução intelectual pública, com o processo de alienação das massas e como a imprensa agravava esse problema, escreve que “um governo corrupto disfarçava as mazelas e restaurava-se, coloria-se de novo e expunha-se à luz favorável”;<sup>277</sup> ou seja, manipulava a realidade fenomênica e escondia as incongruências da gestão pública. Mesmo sem oportunidade de se defender, a imprensa o atacava, ao passo que “achava o governo

---

<sup>272</sup> FERNANDES, 1984.

<sup>273</sup> MIRANDA, 2023, p. 646.

<sup>274</sup> MIRANDA, 2023, p. 645, 654.

<sup>275</sup> RAMOS, 2023, p. 10.

<sup>276</sup> RAMOS, 2023, p. 45.

<sup>277</sup> RAMOS, 2023, p. 259.

excessivamente generoso”.<sup>278</sup> Muitos dos que viveram o cárcere ao lado de Graciliano também ignoravam o delito que lhe imputaram; “na verdade não imputavam: mantinham-nos em segregação, e isto devia bastar para convencê-los.”<sup>279</sup> No lugar de uma acusação formal, o governo simulava conjuras, grandes perigos, enchendo as cadeias em nome da salvação da pátria.<sup>280</sup> Imperioso que a população fosse enganada, e para isso nem era necessária muita força, porque a opinião pública se contentava com aparências.<sup>281</sup> Ignoradas pelos “estadistas capengas que nos dominavam”,<sup>282</sup> as populações rurais levavam uma vida miserável, desumanizando-se na obediência irrestrita ao coronel e ao vigário, autoridades incontrastáveis que se aproveitavam de pessoas como Fabiano, que “sempre havia obedecido”<sup>283</sup> e “pensava pouco”<sup>284</sup> – elementos vinculados pelo condicionamento a uma obediência irrestrita, em detrimento de uma mundividência própria, que pressupõe uma educação negligenciada em terras nacionais. Em terras de conformismo e usura, o camponês aguentava todas as iniquidades, fatalista, sereno. Já os cidadãos contentavam-se com discursos fracos, promessas impossíveis e artigos mal escritos. Eram voláteis em seus ânimos e capazes de aplaudir demagogos que, no início do século XX, defendiam atrocidades como a peste bubônica, a febre amarela e a varíola.<sup>285</sup> Em perspectiva com a realidade nacional hodierna, pouca mudança.

Graciliano reflete que, tomada pela lógica capital, sua terra atribuía pouco valor à vida humana. Lá, facilmente um matador era absolvido pelo júri. Algumas vezes, a supressão de uma vida viria até a calhar, porque a terra é populosa; a agricultura, escassa. Fundamental restabelecer o equilíbrio. Cedo ou tarde se morre, e em dadas situações uma morte poderia ser até providencial. Já lesar uma propriedade era o mais alto delito, diante do qual não há providência. Em cotejo com *Vidas Secas*, assim que “viera a trovoadá”,<sup>286</sup> o fazendeiro regressou à sua fazenda, expulsando Fabiano e família, salvo em caso de o vaqueiro oferecer seus préstimos, o que implicou uma relação laboral exploratória.<sup>287</sup> Ora, de fato a propriedade vem em primeiro lugar; já as vidas humanas, que continuem secas até sumir. Por um lado, responsabiliza-se e pune-se o ladrão, que sangra em interrogatórios após os quais não mais se reabilita; por outro,

---

<sup>278</sup> RAMOS, 2023, p. 311, 615.

<sup>279</sup> RAMOS, 2023, p. 107.

<sup>280</sup> RAMOS, 2023, p. 464.

<sup>281</sup> RAMOS, 2023, p. 85, 311.

<sup>282</sup> RAMOS, 2023, p. 54.

<sup>283</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

<sup>284</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

<sup>285</sup> RAMOS, 2023, p. 54, 55, 56.

<sup>286</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>287</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

anistia-se o assassino: a supressão da vida pode compor a lógica material.<sup>288</sup> Sem pôr nem tirar, Graciliano afirma: “habitua-me de fato, desde a infância, a presenciar violências, mas invariavelmente elas recaíam em sujeitos de classe baixa.”<sup>289</sup> A pulverização de uma educação crítica de qualidade ancorava-se na manutenção da ordem social incongruente. “O emburrecimento era necessário. Sem ele, como se poderiam aguentar políticos safados e generais analfabetos?”<sup>290</sup> Prova dessa incompetência oficial era a crítica policial, “tão estúpida que julgava a produção artística não pelo conteúdo, mas pelo nome do autor”.<sup>291</sup>

O que atormentou Graciliano Ramos não foi o simples fato de ser oprimido, e sim saber que a opressão havia se erigido em sistema, em ordenação jurídica, no *modus operandi* governamental para lidar com quem divergia de ideias, ideais e pensamentos.<sup>292</sup> Em Graciliano, a espoliação do trabalhador vira regra. Fabiano de *Vidas Secas* se recorda que, “num dia de apuros”<sup>293</sup> resolveu matar um porco para vendê-lo na cidade. Foi então interpelado por um cobrador da prefeitura, que chegou com um recibo em mãos informando que, para vender o porco, deveria pagar imposto. O agente se aproveita da ignorância do vaqueiro, que “não entendia de imposto”<sup>294</sup> e se recolhe, afastando qualquer chance de ter problema com o governo.<sup>295</sup> Sem alcançar a dimensão histórica do abuso de poder sobre os mais vulneráveis como ele, silencia. A demonstração de inconformidade até começa – “Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia?”<sup>296</sup> –, mas o enfrentamento logo capitula quando o funcionário público se impõe, em símbolo de autoridade local.

Graciliano narra que a opressão vivida no cárcere foi resultado do agravamento do movimento integralista, que serrava de cima,<sup>297</sup> e da expansão do fascismo Europa e mundo afora, o que fazia o autor pensar que rolaria de cárcere em cárcere até que acabasse em um campo de concentração<sup>298</sup> como Olga Benário Prestes. Para o escritor, Getúlio Vargas também era uma espécie de prisioneiro: pode ser que a opinião pública o considerasse forte, risonho, mas

---

<sup>288</sup> RAMOS, 2023, p. 111.

<sup>289</sup> RAMOS, 2023, p. 111.

<sup>290</sup> RAMOS, 2023, p. 17.

<sup>291</sup> RAMOS, 2023, p. 70.

<sup>292</sup> RAMOS, 2023, p. 84.

<sup>293</sup> RAMOS, 2022, p. 91.

<sup>294</sup> RAMOS, 2022, p. 92.

<sup>295</sup> RAMOS, 2022, p. 93.

<sup>296</sup> RAMOS, 2022, p. 92.

<sup>297</sup> RAMOS, 2023, p. 15.

<sup>298</sup> RAMOS, 2023, p. 147.

Graciliano e outros prisioneiros políticos consideravam-no “um pobre-diabo manejado pela embaixada alemã, pela embaixada italiana, por intermédio da chefatura de polícia”,<sup>299</sup> como um fantoche controlado por marionetistas nazifascistas. Consideravam haver aqui uma ditadura mal disfarçada, cujas injustiças e agressões emulavam as do totalitarismo estrangeiro.<sup>300</sup> Tal subserviência a um despotismo distante, essa adulação à ditadura infame, enchia o autor de tristeza e vergonha, conforme relata.<sup>301</sup>

Um discurso feito por certa liderança na Colônia Correcional de Dois Rios ilustra o autoritarismo reinante: “– Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. [...] Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer”.<sup>302</sup> De fato, “a eliminação de uma vida pouco influiria no cadastro policial: uma ficha a menos.”<sup>303</sup> Os suplícios testemunhados lhe fizeram lembrar a relação entre escravizados e senhores, os golpes dos capitães do mato desferidos em um trapo miserável com suas vontades já todas suspensas.<sup>304</sup> Em rompante de arbitragem, qualquer policial poderia mandar e desmandar “à ordem do chefe” – uma expressão-chave para suprimir automaticamente os direitos alcançados na obediência e justificar a barbárie, o aniquilamento de “miseráveis nascidos no subsolo social”.<sup>305</sup> Isto é, naturalização de ações despóticas.

O progressivo desaparecimento da humanidade – tratada nesta pesquisa sob o signo da reificação – aparece em *Memórias do cárcere* enquanto despersonalização. “Logo ao chegar, notei que me despersonalizavam”,<sup>306</sup> constata Graciliano Ramos. Os presos políticos são representados como uma multidão de carneiros levada de um lado para o outro sem justificações – incongruências com as quais não era possível se familiarizar, pois davam a impressão de que as autoridades desejavam esmagá-los, suprimindo direitos elementares como se sentar ou dormir.<sup>307</sup> A comparação com os carneiros dialoga com a personagem Fabiano que, ao pensar na exploração sofrida, se compara ao gado da fazenda. Noutro momento, o Graciliano

---

<sup>299</sup> RAMOS, 2023, p. 262.

<sup>300</sup> RAMOS, 2023, p. 57.

<sup>301</sup> RAMOS, 2023, p. 601.

<sup>302</sup> RAMOS, 2023, p. 402.

<sup>303</sup> RAMOS, 2023, p. 298.

<sup>304</sup> RAMOS, 2023, p. 110.

<sup>305</sup> RAMOS, 2023, p. 275.

<sup>306</sup> RAMOS, 2023, p. 27.

<sup>307</sup> RAMOS, 2023, p. 26, 37.

memorialista afirma que as autoridades buscavam reduzi-los a “máquinas perras e sem azeite”;<sup>308</sup> isto é, maquinário estragado, metáfora que se aproxima ainda mais da reificação.

A lida inumana gerava graves transformações anímicas nos detentos, a começar pela quebra da vontade, dos desejos e intuítos mais reservados – o que levou à resignação maior do que qualquer estímulo de resistência.<sup>309</sup> A Graciliano, restavam a murchidão e a indiferença; considerava-se morto, em decomposição. A curiosidade de saber deixava de existir. A partir da fermentação coletiva do medo, a indiferença se transformava em necessidade de não saber: um estado constante de alerta para, diante da mais simples inconveniência, fechar olhos e ouvidos e preservar a existência, ou postergar a morte.<sup>310</sup> De modo análogo, a viagem sem direção dos viventes em *Vidas Secas* acontece “mais lenta, mais arrastada, num grande silêncio.”<sup>311</sup> Quando avistado um canto de cerca, indício de morada, Fabiano encheu-se de “esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.”<sup>312</sup> Silêncio necessário para economizar energia vital, frágil que era a sobrevivência. Isso tudo agravará a naturalização da miséria e da reificação no romance. Em *Vidas Secas* o abandono da vontade de saber também evolui para a necessidade do não saber. “Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.”<sup>313</sup>

A sensação de incapacidade e a falta de perspectiva para uma vida pós-cárcere persistiam no autor. Finda a reclusão, quem estenderia a mão para viventes machucados, bambos, secos e sujos? Ausência de perspectiva que os leva a aceitar a humilhação. As pessoas receariam comprometer-se com recém-libertos. O cansaço e a amargura lhes esperariam, o esforço parecia em vão. Depois de meses recluso, a vida lhe parecia estragada. Habitava-se à sepultura, andaria em meio à multidão como alma penada.<sup>314</sup> A propósito dos viventes retirantes de *Vidas Secas*, tem-se essa sensação ultrajante por parte de Fabiano. “Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos.”<sup>315</sup>

---

<sup>308</sup> RAMOS, 2023, p. 543.

<sup>309</sup> RAMOS, 2023, p. 29, 99, 143.

<sup>310</sup> RAMOS, 2023, p. 70, 107, 230.

<sup>311</sup> RAMOS, 2022, p. 09.

<sup>312</sup> RAMOS, 2022, p. 10.

<sup>313</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>314</sup> RAMOS, 2023, p. 235, 344 .

<sup>315</sup> RAMOS, 2022, p. 21, 22.

Se a humilhante despersonalização não eliminava a vida por completo, seguramente rebaixava a produção literária nacional.<sup>316</sup> É contra esse enfraquecimento da produção intelectual que Graciliano resiste ao longo de toda sua obra, bem como durante a reclusão no cárcere. Sob o estandarte da emancipação, compõe imagens que desvelam a exploração que subjaz a estrutura socioeconômica nacional, uma realidade incômoda e ignorada. Suas armas são feitas de papel e com elas ataca “diversas instituições favoráveis aos ricos: o congresso, a justiça, a imprensa, o exército, a Colônia Correccional”.<sup>317</sup> Alfineta instituições que trabalham em prol do capitalismo, por cuja desgraça espera às claras.<sup>318</sup> Defende a sinonímia entre capitalismo, burguesia e exploração, tanto que escreve desejar “a morte do capitalismo, o fim da exploração”;<sup>319</sup> assim como afirma dentro do cárcere: “eu não sou burguês, não exploro ninguém. Se fosse burguês, não estaria aqui”.<sup>320</sup> Sua postura combativa contra a exploração capitalista era tal que afirmava não *crer* nela, mas sim *ter certeza* de que, cedo ou tarde, haveria a infalível vitória da revolução.<sup>321</sup>

Sua estética pressupõe uma escrita destituída de balizadores pré-determinados ou coações de quaisquer tipos.

Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares desconhecidos. Emitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente.<sup>322</sup>

Essa afirmação, feita no primeiro capítulo de suas memórias, revela o desejo de ir além das aparências, na composição literária de imagens e constatações que seriam imperceptíveis aos sentidos comuns. Só com essa necessária dose de autonomia artística que Graciliano compreendia ser possível alcançar dimensões inóspitas da realidade nacional. No final da década de 1930, *Vidas Secas* se mostrou um texto esclarecedor, investigativo de zonas amiúde desconhecidas por muitos brasileiros. Basta refletir que, em não havendo a difusão da

---

<sup>316</sup> RAMOS, 2023, p. 36.

<sup>317</sup> RAMOS, 2023, p. 500.

<sup>318</sup> RAMOS, 2023, p. 21, 27.

<sup>319</sup> RAMOS, 2023, p. 92.

<sup>320</sup> RAMOS, 2023, p. 431.

<sup>321</sup> RAMOS, 2023, p. 615.

<sup>322</sup> RAMOS, 2023, p. 12.

informação que se tem em dias correntes,<sup>323</sup> a obra mostrou-se fundamental para se conhecer um pouco dos dilemas então presentes na sociedade latifundiária nordestina. Graciliano Ramos buscava compreender, unificar – e se isso não fosse possível, ao menos aceitar o pensamento díspar, respeitá-lo por compreender que as diferenças não devem engendrar o ódio,<sup>324</sup> motivo pelo qual não pôde tirar da cabeça uma fala de Lobo Neves, capitão que conheceu nos meses de cárcere: “Não concordo com suas ideias, mas respeito-as”.<sup>325</sup>

*Viagem* reúne os últimos escritos de Graciliano. Publicada postumamente, a obra é composta por relatos do escritor a propósito de sua breve estadia na Checoslováquia e na União Soviética em 1952, um ano antes de sua morte. Últimas reflexões deitadas no papel, trata-se de outra leitura essencial na investigação de sua estética. Nelas, os eixos temáticos que atravessam sua obra jornalística e literária são ratificados com confirmações empíricas, visíveis, de suas suspeitas sobre os retrocessos de um sistema de produção burguês em face aos avanços provenientes da eliminação de classes sociais; dos benefícios de uma gestão pública voltada para o coletivo.

Em sua visita ao Kremlin de Moscou, complexo fortificado no centro da capital russa, Graciliano admirou-se com a veneração e o respeito coletivo que havia pelo governante Josef Stalin<sup>326</sup> – figura histórica que o escritor alagoano viu na Praça Vermelha – e, em comparação, observa haver o contrário em terras brasileiras: mormente, há prazer em atacar os mandatários brasileiros, apontando-lhes as mazelas. Seres mesquinhos, as autoridades nacionais são

---

<sup>323</sup> A locução dêitica temporal aponta para o ano de 2025; refere-se à difusão informacional oriunda do desenvolvimento tecnológico ao longo deste primeiro quartel do século XXI.

<sup>324</sup> RAMOS, 2023, p. 66.

<sup>325</sup> RAMOS, 2023, p. 73.

<sup>326</sup> Não se trata de eliminar a complexidade histórica de Josef Stalin, mas de evidenciar a percepção de Graciliano Ramos ao vê-lo na Praça Vermelha durante sua viagem à União Soviética, conforme seus relatos em *Viagem*. Enquanto os países do capitalismo liberal ocidental estagnavam economicamente durante a Grande Depressão, a União Soviética parecia imune a ela, entrando numa incisiva industrialização baseada nos Planos Quinquenais, com uma produção industrial que triplicou entre 1929 e 1940 e modernizou o Estado soviético em poucos anos. Durante a maior parte de sua existência, a região socialista do globo gerou economia e política autossuficientes. A URSS pôde assegurar a seus habitantes um mínimo social, com provimento de trabalho, comida, moradia, roupas, assistência médica – além de uma educação eficaz no combate ao analfabetismo que vigorava. (HOBSBAWM, 1995, p. 81, 290, 296, 297). Por outro lado, os interesses do Estado da URSS se sobrepuseram aos da Internacional Comunista, com um estrito controle stalinista sobre quaisquer elementos conflitantes, incluindo aspectos pessoais dos cidadãos, subordinando suas existências aos objetivos do partido, que, por sua vez, eram definidos pela autoridade máxima. Nesse sentido, Stalin governou à mão de ferro, o que resultou numa autocracia implacável. Portanto, a rápida modernização da URSS foi imposta ao povo a custo de sérios sacrifícios, o que fazia dos planos quinquenais mais parecidos com operações militares do que com empreendimentos econômicos. (HOBSBAWM, 1995, p. 63, 259, 300, 302, 303).

descritas pelo autor como viventes presos pelos próprios interesses, a mendigar o voto popular e a inventar promessas rapidamente esquecidas. “Habituo-nos a julgá-lo trapaceiro e venal; as suas palavras em tempo de eleição, ocas e abundantes, são para nós desgraçadas mentiras”.

327

Em visita a uma escola primária, o escritor presenciou o andamento de uma aula de francês na qual se faziam leitura e conjugação verbal a crianças de nove e dez anos de idade. Assegura que a pronúncia era “bastante superior a dos bacharéis do sertão de meu país”.<sup>328</sup> Já em uma aula de geografia para alunas do sétimo ano, Graciliano chama uma do primeiro banco, que sabia várias informações sobre o Brasil: referia-se à produção de batatas, mencionava o Rio de Janeiro e a Bahia. Depois que o autor ensinou onde fica o estado de São Paulo, a menina lhe perguntou se as crianças brasileiras conheciam as principais cidades soviéticas. Rindo da impertinência, Graciliano responde honestamente que não.<sup>329</sup> Em *Vidas Secas*, os pequenos são tipificados no menino mais velho e no menino mais novo: viventes de desejos inocentes e vontade de conhecer o mundo a seu redor. O narrador revela que se o menino mais novo possuísse um dos “periquitos que descansavam na vazante, nas touceiras de milho, [...] seria feliz”.<sup>330</sup> Já seu irmão mais velho tem “a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta”.<sup>331</sup> De espírito investigativo, indaga-se como seria possível “haver estrelas na terra”.<sup>332</sup> A miséria que os assola, todavia, se manifesta também como privação desses direitos fundamentais aos pequeninos. Os meninos mais velho e mais novo, se cotejados com essas alunas russas, estariam muito aquém em termos de formação escolar – não chega a ser improcedente alegar a completa nulidade desses direitos. Algo que é agravado por um aumento, no decorrer da história, da naturalização do estado social de miséria e privação, o que é reiterado diversas vezes pelo que passa no interior de Fabiano, que entende que sua sina “era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante”.<sup>333</sup> Perspectiva que – quando nos cumes da desolação, jogado na cadeia – é projetada também a seus filhos:

---

<sup>327</sup> RAMOS, 2022, p. 47, 48.

<sup>328</sup> RAMOS, 2022, p. 98, 99.

<sup>329</sup> RAMOS, 2022, p. 98, 99.

<sup>330</sup> RAMOS, 2022, p. 51.

<sup>331</sup> RAMOS, 2022, p. 57.

<sup>332</sup> RAMOS, 2022, p. 59.

<sup>333</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.<sup>334</sup>

As constatações escolares na Rússia fizeram Graciliano refletir sobre uma expressão coeva dentro do jornalismo ocidental: “o vírus do socialismo”. A diretora da escola visitada informou-lhe haver trinta e cinco carteiras escolares em cada sala, num complexo de trinta e seis salas. Multiplicação feita, percebeu que das mil e duzentas alunas, sobravam ainda sessenta lugares – isso sem contar a possibilidade de o instituto funcionar em outro turno, o que encerraria mais do que o dobro daquela população infantil. Com ácido raciocínio comparativo, o escritor afirma ser por este motivo que o vírus do socialismo causava estragos medonhos: enquanto garotas ginásiais soviéticas faziam esse cálculo, as estudantes brasileiras estavam imunes do vírus, porque “livres” da aritmética,<sup>335</sup> relegadas a não receber respostas frente a perguntas simples,<sup>336</sup> tamanha a alienação que as assolava – como ocorre ao menino mais velho, que busca o significado da palavra “inferno”. Como se sabe, a pergunta fica em suspenso porque, igualmente analfabetos, seus pais não podem auxiliá-lo. Assim, por trás de chavões sensacionalistas como o do “vírus do socialismo” havia cretinice, usurpação de lições essenciais para uma mínima formação escolar humanizada, que levasse em consideração a potencialidade humana em se desenvolver por meio do intelecto.

Em perspectiva com a questão literária, o autor reitera que pouco é o público leitor no Brasil – pouco e nada exigente. Salvo por seu Tomás da bolandeira, no universo de *Vidas Secas* não há indício de hábitos intelectuais por parte das personagens que compõem a narrativa.

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: — “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole.<sup>337</sup>

O vaqueiro reproduz a ideia da inutilidade da busca por erudição frente a cenários climático e socioeconomicamente decadentes. Ideia que parte da pretensa imutabilidade do estado vigente

---

<sup>334</sup> RAMOS, 2022, p. 35, 36.

<sup>335</sup> RAMOS, 2022, p. 100.

<sup>336</sup> RAMOS, 2022 p. 54.

<sup>337</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

de coisas, restando ao espoliado a subordinação silente. No caso, seu Tomás – um pequeno fazendeiro que emprega, mas extraordinariamente não explora seus funcionários – estaria perdendo tempo ao ler, em vez de se ater a “coisas imediatas”.<sup>338</sup>

Em seus diários de bordo, Graciliano observa uma realidade antônima durante sua experiência pela U.R.S.S. Escreve não haver por lá o direito de se publicar com superioridade histórias miseráveis e ignorantes. O público enchia as bibliotecas e, exigentes, sentiam-se no direito de mandar cartas aos autores, caso encontrassem omissões, solecismos, incongruências nas publicações; situação diante da qual o escritor era chamado a se explicar – a ver de Graciliano Ramos, mais do que justo. A outra face de enormes e muito bem pagas edições seria justamente esta: uma satisfação artística e autoral para com os leitores atentos.<sup>339</sup> Satisfação que se conjuga com a ideia de uma literatura engajada, emancipadora. Um processo literário voltado ao povo, uma composição de imagens e quadros sociais que desvelem inconsistências socioeconômicas, em defesa de uma realidade mais esclarecida, menos injusta. Uma linguagem que reflita a vida e as ideias da terra, sem idealizações e afastamentos pequeno-burgueses; que parta da investigação de uma realidade seca e se debruce esteticamente sobre vidas igualmente secas.

Ao questionar Alexandra Nikolskaya, funcionária no Ministério das Relações Exteriores, se certa mulher era empregada em oficina ou em repartição pública, recebeu como resposta que não havia distinção. Diante da uniformização laboral, um trabalho não era superior ao outro – constatação contrastante com o individualismo pequeno-burguês: “achamos vantagem nas discrepâncias, receamos tornar-nos medíocre, dócil ao proprietário. Queremos guardar o privilégio imbecil de não nos assemelharmos ao vizinho. Enfraquecendo-nos, julgamo-nos fortes. Realmente, somos bestas.”<sup>340</sup> O orgulho da insubmissão, da superioridade a outrem dentro do ordenamento produtivo, seria consequência da discrepância socioeconômica que embrutece a muitos sob a máscara do vigor. Reificação disfarçada de poder. Exatamente a perspectiva amadurecida e calcada no íntimo do vaqueiro Fabiano, que, quando reencontra o soldado amarelo no descampado agreste, nota “que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade.”<sup>341</sup>

---

<sup>338</sup> RAMOS, 2022, p. 19.

<sup>339</sup> RAMOS, 2022, p. 109.

<sup>340</sup> RAMOS, 2022, p. 123.

<sup>341</sup> RAMOS, 2022, p. 98.

Graciliano visitou um colcoz soviete, fazenda coletiva com cooperativas de produções agrícolas, e mais uma vez se surpreendeu com uma mulher que tinha doze filhos. Julga uma realidade descabida no Brasil. Coisa que rico não faz, porque faz dividir a fortuna; e o pobre, quando se embrenha por esse caminho, acaba na miséria.<sup>342</sup> Ora, o sistema de livre mercado lima escolhas individuais e coletivas, tornando improcedentes algumas decisões para não se correr o risco de viver a miséria e a marginalidade socioeconômica. Em *Vidas Secas*, Fabiano, embora pobre e miserável, resiste contra essas adversidades como pode, zelando pelo bem-estar de sua família. Não que consiga lhes garantir privilégios e luxos. Longe disso. Mas sempre toma decisões colocando em perspectiva sua esposa e filhos, de modo a minorar a miséria familiar. No capítulo inaugural, o vaqueiro identifica uma cerca, e, logo em seguida, “o pátio de uma fazenda sem vida”.<sup>343</sup> Para um momento no copiar da casa, “fazendo tenção de hospedar ali a família”<sup>344</sup> – esse era o seu objetivo: encontrar abrigo, proteger o seus. O zelo do matuto por sua família é outro contínuo no enredo: o homem respeita o sono de seus filhos quando finalmente conseguem descansar sob os juazeiros da fazenda abandonada;<sup>345</sup> busca água; dá-lhes de beber e “[mata] a sede da família”;<sup>346</sup> entenece-se com as carícias que recebe da cachorra Baleia;<sup>347</sup> consola e afaga sua cachorrinha;<sup>348</sup> preocupa-se a lidar com os filhos para que fossem futuramente resilientes diante das adversidades;<sup>349</sup> pensa se estariam bem quando é lançado na cadeia;<sup>350</sup> conclui ser a família o motivo que o mantém na condição de trabalhador submisso, em vez de sair a cometer desgraças e violências sertão afora contra os que já o humilharam.<sup>351</sup>

Pelos últimos relatos de *Viagem*, Graciliano capitula afirmando: as diferenças irreduzíveis atribuídas aos homens foram criadas para enfraquecê-los, torná-los rebanhos inimigos entre si, buscando subjugar um ao outro, mas sendo facilmente subjugados por quem lhes convenceu de tais diferenças. A educação soviete, avessa a tal visão, enfraquecia essas desconfianças mútuas, fortalecia os vínculos humanos, modificava a própria natureza humana. Não se tratava de forjar

---

<sup>342</sup> RAMOS, 2022, p. 135.

<sup>343</sup> RAMOS, 2022, p. 10.

<sup>344</sup> RAMOS, 2022, p. 11.

<sup>345</sup> RAMOS, 2022, p. 11.

<sup>346</sup> RAMOS, 2022, p. 13.

<sup>347</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>348</sup> RAMOS, 2022, p. 19.

<sup>349</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>350</sup> RAMOS, 2022, p. 32.

<sup>351</sup> RAMOS, 2022, p. 35.

novas qualidades, mas de fomentar as úteis e minorar as nocivas.<sup>352</sup> O avesso do que aconteceu (e ainda acontece) em terras locais.

---

<sup>352</sup> RAMOS, 2022, p. 160.

#### 1.4. ALGUMAS PALAVRAS A RESPEITO DOS TRÊS ROMANCES ANTERIORES A *VIDAS SECAS*

Mesmo antes de *Vidas Secas*, os dilemas socioeconômicos que marcaram o Nordeste durante a Primeira República já influenciavam diretamente a produção romanesca de Graciliano Ramos.

Em *Caetés* (1933), o guarda-livros João Valério leva uma vida pacata na cidade interiorana de Palmeira dos Índios, Alagoas, onde o escritor viveu durante anos. O protagonista é de uma família anteriormente próspera, mas que entrou em decadência econômica justamente em sua geração. O rapaz busca preencher o vazio da mediocridade tentando escrever um romance sobre os índios caetés – empreitada que se arrasta até ficar em suspenso quando começa a se relacionar com Luísa, esposa de seu chefe, Adrião. O desfecho do romance, com a trágica morte do patrão, sugere que a ascensão econômica e o reconhecimento social eram o que João Valério realmente desejava; afinal, após assumir o posto de Adrião em ambiente de trabalho, a personagem desiste do relacionamento com Luísa, assim como abandona sua empreitada literária inicial – dois remédios provisórios para a vacuidade socioeconômica que o atinge. *Caetés*, nesse sentido, é muito mais do que um “romance de costumes”: revela a primazia do fator socioeconômico em sociedades de mercado, capaz de reconfigurar tomadas de decisões.

O romance inaugural de Graciliano também pode ser recepcionado como sátira ao despreparo educacional, à superficialidade que demonstra a burguesia de Palmeira dos Índios.<sup>353</sup> Os dirigentes sociais, oriundos da classe média e alta, se apresentam como sensíveis e letrados – em contraste com o povo, tido como bárbaro –, mas em verdade não superam a mesquinhez e a mediocridade intelectual, que vão se revelando por meio das relações interpessoais travadas ao longo da trama.<sup>354</sup> O oposto do tratamento de seu Tomás da bolandeira, em *Vidas Secas*, para com os seus subordinados. “Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês.”<sup>355</sup> O irônico de *Caetés* está aí: uma sociedade viciosa que se mostra virtuosa. A narrativa desenvolve visão cética quanto ao progresso positivista da nação: diferentemente de uma visão idílica, a elite dirigente apresenta inaptidão para um progresso social efetivo, embora a inépcia seja atribuída aos índios caetés. Trata-se de uma sociedade parasitária em que

---

<sup>353</sup> MOURA, 2023, p. 22.

<sup>354</sup> MOURA, 2023, p. 119.

<sup>355</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

predominam insensibilidade e ausência completa de alteridade – o que se aproxima da reificação. Segundo Moura (2023), essa inércia não equivale à incapacidade de ação, e sim à inatividade em proveito pessoal, em prol da manutenção do *status quo* que, consigo, traz benefícios individuais. Como a mudança é indesejada, a inércia vinga por conveniência.<sup>356</sup> Em *Caetés*, a compaixão está atrelada à tal conveniência. O sentimento vinga quando endereçado a pessoas com posses materiais, como quando Adrião se adoenta, mas falha quando voltado aos despossuídos, à família do sapateiro à qual Luísa (esposa de Adrião) demonstra solidariedade no início da história – sensibilidade da qual João Valério se aproveita para consumir seus fins.<sup>357</sup> Embora o jogo social busque sustentar a sensibilidade desses viventes parasitários, o enredo revela o contrário: João Valério, assim que se vê órfão e despossuído, aspira à ascensão social. É acolhido pela família de Adrião Teixeira, tem relação extraconjugal com sua esposa, mas nada disso vinga após a morte do patrão. Logo assume seu posto e finda sua relação com Luísa.

Paulo Honório, o protagonista de *S. Bernardo* (1934), simboliza o coronelismo rural que coabitou o processo de agravamento do capitalismo na primeira metade do século XX em terras nacionais. Por meio de astuta observação, o protagonista compreende o funcionamento do sistema de produção rural e tira proveito disso.<sup>358</sup> O matuto se faz fazendeiro e, a partir de um sistema de produção exploratório, passa a ver a tudo e a todos unicamente pelo viés da troca,<sup>359</sup> da quantidade, em claro apagamento do valor de uso e da qualidade sensível que as relações sociais podem proporcionar. Sua compreensão é de tal forma subsumida pela lógica capital que, embora seja o patrão, Paulo Honório reifica a si mesmo, assim como tudo o que o circula. A personagem introduz em sua fazenda equipamentos fabris modernos, mas como sua mentalidade permanece arcaica, rebaixa a força de produção humana a níveis dramáticos que reproduzem a coisificação do ser humano.<sup>360</sup> Em diálogo com a História do Brasil, *São Bernardo* trata da dependência econômica nacional ao capital estrangeiro, do ínfimo mercado interno, da falibilidade de uma economia propriamente nacional. A trama vivida na fazenda de Paulo Honório está ancorada na mão de obra precária, bem como na falência da produção algodoeira e da indústria têxtil em função da crise de 1929 e da Revolução de 1930.<sup>361</sup> Consoante Bárbara Del Rio Araújo (2018),

---

<sup>356</sup> MOURA, 2023, p. 74, 76, 122.

<sup>357</sup> MOURA, 2023, p. 119, 120, 146.

<sup>358</sup> MOURA, 2023, p. 196.

<sup>359</sup> DE MORAES, 2012, p. 85.

<sup>360</sup> MOURA, 2023, p. 191, 200.

<sup>361</sup> MOURA, 2023, p. 195.

São Bernardo deixa evidente a condição trágica da nossa realidade histórica e mostra de modo incisivo que, mesmo acessando o capital e a modernização, não é possível a superação da nossa condição periférica e enjeitada. A nossa entrada no capitalismo reforça a nossa dependência.<sup>362</sup>

Em vez de o progresso tecnológico abrir caminho para a solução de conflitos sociais, ele agravou ainda mais a dependência econômica do país em face ao mercado estrangeiro. Diferentemente de sociedades em que a industrialização aconteceu a partir de transformações na organização produtiva, em terras nacionais a implementação de tecnologias produtivas não rompeu com o ideário colonial e suas práticas arcaicas de produção material. Assim, como a finalidade era um lucro material a partir de um progresso tecnológico desordenado, e não uma modificação estrutural das configurações produtivas, o processo nacional reiterou um subdesenvolvimento marcado por tal dependência.<sup>363</sup> O progresso histórico contraditório é representado por Paulo Honório, que ascende socialmente, mas perde sua humanidade ao ser capturado pela lógica econômica reificante. Sua posterior queda econômica sobrepuja o fator estritamente monetário – é também uma decadência anímica.<sup>364</sup>

O romance aponta como a reificação do trabalhador rural – por consequência, a supressão de sua participação democrática enquanto cidadão – potencializa a dependência econômica nacional, o que resulta num círculo vicioso.<sup>365</sup> Madalena, esposa de Paulo Honório, combate a reificação presente na fazenda São Bernardo. Com mentalidade democratizante, discute questões políticas, deseja estar a par da produção local, baliza sua conduta a partir de um pensamento crítico e emancipado, além de humanizar os trabalhadores das terras de Paulo Honório, o que o desestabiliza rumo ao trágico desfecho da história.<sup>366</sup>

Em suma, o romance apresenta uma sociedade “atrasada, desigual e injusta, cujos valores dominantes são a propriedade, a exploração da mão de obra, a despersonalização do indivíduo e a distinção política pela supremacia econômica”,<sup>367</sup> cenário diante do qual a posse das terras entre patrões e empregados – e, conseqüentemente, a questão dos desapossados e espoliados –

---

<sup>362</sup> ARAÚJO, 2018, p. 133.

<sup>363</sup> ARAÚJO, 2018, p. 26, 27.

<sup>364</sup> ARAÚJO, 2018, p. 26, 119, 122.

<sup>365</sup> MOURA, 2023, p. 212.

<sup>366</sup> MOURA, 2023, p. 195.

<sup>367</sup> DE MORAES, 2012, p. 84

desponta como um problema generalizado no mais agreste do sertão. A título de exemplo, Graciliano acreditava que a questão do cangaço no nordeste brasileiro advinha desses fatores sociais e econômicos: a opressão sobre os marginalizados e o agravamento da miséria sertaneja. Por isso, defendia que reverter o problema da miséria era condição para que o problema fosse resolvido e, sem essas providências, seria ingenuidade imaginar uma solução – <sup>368</sup> daí *Vidas Secas* não apresentar saída fácil para a trama sertaneja.

*Angústia* (1936) traz ao cerne de debate a antinomia entre dois universos socioeconômicos conflitantes: o escravocrata e burguês liberal. <sup>369</sup> O protagonista Luís da Silva habita o limite entre os dois campos antagônicos. Arruinada a propriedade rural de sua família, despossuído dos benefícios que a lógica escravocrata trazia a seu pai e avô, o homem se vê forçado a deixar a ordem escravista rural e encarar esta nova, liberal capitalista, dentro da qual não passa de um despejado – derrocada que lhe causa ressentimento. <sup>370</sup> Em rompantes de nostalgia, trazidos pela narrativa como *flashbacks* da outra ordem temporal, o infeliz cidadão idealiza a antiga sociedade rural, vangloria arbitrariedades e injustiças naturalizadas durante o sistema escravista – afinal, nele a balança da justiça pendia a seu favor; nele o apagamento do outro não o atingia, enquanto a divisão do trabalho liberal o relega à condição de desqualificação, à insignificância, à inexistência. A arbitrariedade da violência cede espaço à condição de subjugado pela burguesia urbana, o que lhe é insuportável. O não pertencimento diante da lógica burguesa o enche de ódio. <sup>371</sup> Em linhas narrativas paralelas e concomitantes, campo e cidade contracenam entre si ao longo da trama: Luís rememora a vida rural como virtuosa e feliz, enquanto a cidadina se mostra desgraçada, viciosa e doentia. O protagonista, cego quanto às injustiças infligidas pelo avô Trajano aos cativos que habitavam sua fazenda, incapaz de superar a antiga ordem escravista, culpa a burguesia urbana: considera-a má e imoral porque representam a usurpação de privilégios aos quais ele e seus ascendentes estavam acostumados. <sup>372</sup> A nostalgia ressentida o leva a recuperar algo da antiga ordem social agrária que inexiste em sua nova realidade: o exercício da violência. <sup>373</sup> Trata-se da eliminação de um sistema de privilégios por meio da recuperação de outro igualmente arbitrário e violento. Nesta linha de raciocínio, o assassinio de Julião Tavares não é motivado por desafetos ou questões amorosas envolvendo a jovem Marina,

---

<sup>368</sup> DE MORAES, 2012, p. 183.

<sup>369</sup> MOURA, 2023, p. 262.

<sup>370</sup> MOURA, 2023, p. 277, 284.

<sup>371</sup> MOURA, 2023, p. 270, 272, 289, 298.

<sup>372</sup> MOURA, 2023, p.266, 284, 299, 310.

<sup>373</sup> MOURA, 2023, p. 276.

mas pelo desejo que Luís sente em vingar a decadência dos seus, pela sua inabilidade em aceitar perdas pessoais adjacentes à ordem social capitalista urbana. O antagonista de Luís são os valores dessa nova ordem insuperável, Julião é mero vetor a representá-los. Seu enforcamento, todavia, não surte o efeito esperado: o passado idealizado não é restaurado, a miséria em que vive não é suprimida.<sup>374</sup> Diferença fundamental entre Luís da Silva e Fabiano, de *Vidas Secas*: enquanto este resiste ao processo de reificação buscando prover o sustento da família e o mínimo necessário para sobreviver, sublevando a tentação de jogar tudo aos ares e buscar vingança no cangaço, aquele não suporta o fato de ter perdido seus privilégios arcaicos em uma lógica cidadão-liberal; acossado por angústia sem fim, parte para o assassinato de Julião, representante de sua humilhação.

Luís da Silva não enxerga perspectiva de se libertar das amarras socioeconômicas, que o prendem a uma existência miserável e irrelevante. Seu desequilíbrio interno, que distorce o mundo exterior e resulta na obsessão, é o que o leva ao crime. Graciliano desenvolve literariamente esses conflitos sociais, cotejando a opressão do sistema escravocrata fundiário com o liberal urbano. Desenvolve as tramas psicológicas em cada personagem com realismo crítico. Para Candido (2006), o homem em Graciliano, em face aos ditames da iniquidade, se equilibra entre a “abulia e violência; isto é, ausência mórbida da vontade e vontade desvirtuada pela força.” Suas obras confessionais reiteram a tese – o menino Graciliano e o jovem encarcerado arbitrariamente destilam violências reprimidas.<sup>375</sup>

---

<sup>374</sup> MOURA, 2023, p. 278, 279, 317.

<sup>375</sup> CANDIDO, 2006, p. 89.

## 1.5. VIDAS SECAS – O SURGIMENTO E A ESTRUTURA DO ROMANCE

Liberto do cárcere em janeiro de 1937, o escritor alagoano se pegou com o seguinte dilema: por um lado, era novamente homem livre; por outro, um ex-detento político. Precisava voltar a trabalhar para arcar com as despesas, que haviam aumentado com vinda da família para o Rio de Janeiro. Conforme refletira durante os meses de cárcere, quem lhe daria emprego? Incertezas quanto ao futuro profissional que fazem lembrar a última página de *Vidas Secas*. Com o retorno da seca e a necessidade de nova diáspora, surge no íntimo do casal matuto o questionamento: “Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos.”<sup>376</sup> Foi nesse cenário nebuloso que o ficcionista Graciliano iniciou um novo projeto literário: escrever capítulos de um romance como se fossem contos, e publicá-los como tal – o que se mostrou um dos mais autênticos processos composicionais da literatura brasileira. Por razões de ordem financeira, Graciliano escrevia os textos um a um e os publicava em revistas e jornais, chegando até a publicar a mesma narrativa em periódicos diferentes com títulos diferentes. “Dos treze capítulos, oito saíram nas páginas de *O Cruzeiro*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Folha de Minas* e *Lanterna Verde*, além de *La Prensa*, de Buenos Aires”.<sup>377</sup>

O projeto começa aos 4 de maio de 1937, depois de cem dias em liberdade, quando escreve um conto baseado no sacrifício de uma cachorra, fato que havia presenciado no sertão pernambucano durante sua infância. A ideia, conforme escreve posteriormente, seria adivinhar o que se passa na cabeça de uma cachorrinha que está pelas últimas.

Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma de uma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. [...] Referindo-me a animais de dois pés, jogo com as mãos deles, com os ouvidos, com os olhos. Agora é diferente. O mundo exterior revela-se a minha Baleia por intermédio do olfato, e eu sou um bicho de péssimo faro.<sup>378</sup>

O conto se chamou “Baleia” e figurou posteriormente como o nono capítulo de *Vidas Secas*. Um mês depois, aos 18 de junho, Graciliano escreveu “Sinha Vitória”, que seria o quarto capítulo da obra. “Mudança”, capítulo que abre o romance, só estaria pronto aos 16 de julho

---

<sup>376</sup> RAMOS, 2022, p. 124.

<sup>377</sup> DE MORAES, 2012, p. 159.

<sup>378</sup> RAMOS, 2022, p. 309.

daquele ano. Os episódios narrados em formato de conto não obedeciam a um enredo pré-concebido em detalhes. Quando reunidos, os episódios não apresentavam um seguimento único; poderiam ser tanto destacados para leituras solas, quanto seriados de outra forma que ainda assim formariam um todo. Efetivamente, só foram ordenados para publicação única a pedido de José Olympio, gestor e livreiro brasileiro de editora homônima. De todo modo, há um fio temático que serve de unidade e atravessa as pequenas narrativas organizadas em romance: “o sentimento da terra nordestina [...] materializado nos ásperos e cruéis embates do homem com a natureza da região”<sup>379</sup> e com forças sociais que o envilecem, engendrando uma condição humana marcada pela consciência dilacerada.

O austero trabalho de revisão dos manuscritos levou o autor riscar muitas palavras indesejáveis, até que se ativesse ao estritamente necessário. Lia o texto para sua esposa para sentir sua sonoridade, a ponto de suas filhas mais novas aprenderem a recitar alguns trechos de cor.<sup>380</sup> O título inicial da obra seria *O mundo coberto por penas*, homônimo ao penúltimo capítulo. Daniel Pereira, irmão de José Olympio, advertiu a Graciliano que o título era descabido; que deveria ser algo que retratasse melhor as personagens da obra, “que tinham umas vidas secas”.<sup>381</sup> O título ficou e a obra foi publicada em março de 1938 pela referida editora. Em tom memorialístico, o próprio Graciliano sintetizou esses acontecimentos com as seguintes palavras:

Em 1937 escrevi algumas linhas sobre a morte duma cachorra, um bicho que saiu inteligente demais, creio eu, e por isso um pouco diferente dos meus bípedes. Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olympio me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia, as últimas criaturas que pus em circulação. Todos os meus tipos foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam senão pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam.<sup>382</sup>

Último romance do escritor, *Vidas Secas* o laureou como alto escritor brasileiro; entretanto, o livro vendeu pouco.<sup>383</sup> “A primeira edição, de mil exemplares, levou quase dez anos para zerar

---

<sup>379</sup> DE MORAES, 2012, p. 158, 159.

<sup>380</sup> DE MORAES, 2012, p. 160.

<sup>381</sup> DE MORAES, 2012, p. 161.

<sup>382</sup> RAMOS, 2002, p. 193.

<sup>383</sup> DE MORAES, 2012, p. 165.

o estoque.”<sup>384</sup>. Embora reconhecido em vida como um dos melhores prosadores nacionais, Graciliano Ramos morreu pobre. Sua obra só foi popularizada depois da sua morte, quando escolas e universidades começaram a discuti-la com os discentes em todo o Brasil. Nem mesmo a ditadura militar foi párea para refrear a inserção e a leitura de sua obra em instituições educacionais. Entre 1964 e 1985, ler Graciliano ganhou um caráter extraliterário: um ato de resistência, uma recusa à cultura oficial e inconformismo com o *modus operandi* perante um quadro político de autoritarismo, perseguições e desmandos.<sup>385</sup> Consciente do desenvolvimento desigual do modo de produção capitalista, o escritor flagrou em seus textos a miséria e a exploração do homem pelo homem em um contexto histórico bem delimitado: o Brasil do final do século XIX e primeira metade do XX.<sup>386</sup> Em perspectiva emancipatória, sua obra são imagens que denunciam os grilhões sociais reificantes.<sup>387</sup>

*Vidas Secas* é composto por capítulos relativamente autônomos entre si, passagens que ganham um sentido pleno quando reunidos em justaposição – motivo que levou o escritor Rubem Braga a considerá-lo um “romance desmontável”.<sup>388</sup> A obra trata da “liberdade em face das circunstâncias”,<sup>389</sup> do sonho de superação de um mundo reificado.<sup>390</sup> É a história de Fabiano e sua família: sua esposa, seus dois filhos e a cachorra Baleia – retirantes que vivem o drama da seca e da estrutura social a desfavorecê-los. O romance é estruturado a partir do sistema de exploração capitalista arcaico, ultrapassado em relação ao desenvolvimento industrial que ocorria na região Centro-Sul desde meados do século XIX.<sup>391</sup> Para Luís Eustáquio Soares (2024), o romance trata do abandono comum dos seres vivos na Terra, condenados por uma política policiada a uma pobreza indelével, incontornável. “Eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa.”<sup>392</sup> Muito mais do que autoridades policiais do Estado, essa política se dá por quaisquer ferramentas que buscam assegurar a impossibilidade de se escapar do abandono absoluto,<sup>393</sup> ou seja, assegurar a manutenção do *status quo*: prosperidade material e privilégio para a burguesia ascendente, miséria, privação e reificação para os trabalhadores.

---

<sup>384</sup> DE MORAES, 2012, p. 292.

<sup>385</sup> DE MORAES, 2012, p. 299.

<sup>386</sup> SANDRINI, 2019, p. 90.

<sup>387</sup> DE MORAES, 2012, p. 299, 302.

<sup>388</sup> BRAGA, 2011, p. 127.

<sup>389</sup> CANDIDO, 2006, p. 83.

<sup>390</sup> BASTOS, 2022, p. 125.

<sup>391</sup> MOURA, 2023, p. 350.

<sup>392</sup> RAMOS, 2022, p. 39.

<sup>393</sup> SOARES, 2024, p. 38.

Entretanto, as circunstâncias desfavoráveis não eliminam a resistência, nem a pureza interior da família de retirantes, o que possibilita afirmar: o texto traz uma visão pessimista sobre o quadro social, mas também resgata a dimensão humana de suas personagens.<sup>394</sup> Segundo Rabello (2015),

Sob uma perspectiva da crítica histórico-materialista, não podemos deixar de abordar a obra de Graciliano Ramos como representação de um Brasil em que as contradições históricas que acompanham a formação do país são apreendidas e internalizadas esteticamente na forma literária.<sup>395</sup>

O romance “é um grito do povo do Nordeste brasileiro, contra as condições semifeudais em que tem vivido”.<sup>396</sup> Com honestidade intelectual, Graciliano sonda a trama de modo a sublevar o *status quo* literário, estabelecendo um movimento pendular entre o ingênuo das personagens e o crítico da narrativa.<sup>397</sup> O sofrimento dos desgraçados transmite universalidade, porque é tratado “de maneira contundente às condições existenciais e estruturais da sociedade”.<sup>398</sup> O ficcionista trata de figuras marginalizadas através das quais o leitor consegue se enxergar e refletir criticamente a propósito de seu país. Por isso, a opressão em *Vidas Secas* habita a interseção entre o individual e o coletivo.<sup>399</sup>

A história não é centrada em um único protagonista, o que a distancia da proeminência de João Valério em *Caetés* (1933), Paulo Honório em *S. Bernardo* (1934) e Luís da Silva em *Angústia* (1936).<sup>400</sup> Pelo contrário, os dilemas por que passam os integrantes da família se completam: como a família se encontra no entrevero da natureza e da organização social que a arruína, as existências individuais são a soma de momentos aparentemente desconexos, atomizados como a estruturação capitular da narrativa. Candido (2006) afirma que a unidade “só existe para o demiurgo que os animou”.<sup>401</sup> Ela é notável para o narrador da história, para o leitor, mas não para os próprios personagens, distantes da totalidade socioeconômica de suas vidas.

---

<sup>394</sup> CANDIDO, 2006, p. 64.

<sup>395</sup> RABELLO, 2015, p. 184.

<sup>396</sup> FACÓ, 1945.

<sup>397</sup> GIMENEZ, 2023, p. 192.

<sup>398</sup> MIRANDA, 2023, p. 11.

<sup>399</sup> BASTOS, 2022, p. 126.

<sup>400</sup> CANDIDO, 2006, p. 144, 145.

<sup>401</sup> CANDIDO, 2006, p. 67.

Por um lado, a construção fragmentada de capítulos fortalece a individualidade das personagens, porque cada uma é apresentada com o seu próprio ponto de vista diante dos problemas enfrentados.<sup>402</sup> Por outro lado, a fragmentação aponta para a perda de suas particularidades no torvelinho de um trabalho alienado, demonstrando que parte delas sobrevive às condições degradantes e parte se perde, porque reificada. É o que aponta Hermenegildo Bastos quando diz que

[...] a reificação invade o campo poético [em *Vidas Secas*]. O que temos são partes do corpo, ou da alma, ou do espaço, ou do tempo. Só depois essas partes de conjugam na visão do narrador e do leitor. Suprema coragem de um escritor, a de assumir a condição da arte numa sociedade reificada.<sup>403</sup>

O texto apresenta caráter cíclico. O primeiro capítulo se chama “mudança” e o último, “fuga”; o que demonstra o retorno perpétuo da miséria, a falibilidade em encontrar uma saída para as dificuldades dentro das circunstâncias postas, independente da resistência da família.<sup>404</sup> A vida dos matutos é um constante sufocamento pelo meio social e pela seca, apaziguado por breves períodos de chuva e de reles condições para sobreviver – ou, como põe o narrador da obra, de adiamento da própria morte.<sup>405</sup> A semelhança entre o início e o fim da história levanta a seguinte suspeita: sob o signo da exploração e do ocultamento laboral, a “mudança” não passa de eufemismo para outra fuga, temperada com uma anêmica esperança por dias melhores.<sup>406</sup>

*Vidas Secas* não é um romance de ambiente. Em vez de colocar suas personagens em situações convencionais e concentrar na pintura do meio e paisagens rurais, Graciliano auscultou a alma do matuto que vivia nas regiões aspérrimas mais afastadas do sertão nordestino. Na crônica *A propósito de seca*, de 1937, escreveu que “a figura do retirante, celebrado em prosa e verso, inspirou compaixão e algum desprezo, compaixão porque ele era evidentemente infeliz, desprezo por ser um indivíduo inferior, vagabundo e meio selvagem.”<sup>407</sup> Sua proposta é outra: o autor humaniza suas personagens quando investiga o que sentiam e pensavam. Em carta à sua

---

<sup>402</sup> BASTOS, 2022, p. 126.

<sup>403</sup> BASTOS, 2022, p. 128.

<sup>404</sup> CANDIDO, 2006, p. 67.

<sup>405</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>406</sup> Válido notar as diferentes recepções a propósito da relação “mudança” / “fuga”. Edilson Dias de Moura (2023), por exemplo, interpreta a “fuga” final de modo esperançoso. Consonante o pesquisador, a fuga da família sinaliza o reconhecimento do inimigo, a recusa de circunstâncias que aprisionam. Observa aí configuração para novas rotas de escape, a consciência de ser tratado como “não livre”, o desejo de liberdade (MOURA, 2023, p. 361).

<sup>407</sup> RAMOS, 1937.

esposa Heloisa, Graciliano revelou tentar entender o que as personagens tinham por dentro;<sup>408</sup> observou como esses seres recepcionariam e reagiriam à hostilidade climática e à injustiça humana; decidiu por não emprestar os modos e falas citadinas para esses seres embrutecidos. A decisão revela sua crítica a romances cheios de convencionalismos, inverossimilhanças em relação à real compostura dos matutos; prosas em que o sertanejo aparece como um tagarela, quando na verdade é de poucas palavras, taciturno, fechado em seus pensamentos. Por isso, os desgraçados que protagonizam *Vidas Secas* pouco falam, pouco pensam, mas o pouco que fazem é digno de anotação e observação diante da realidade exterior.<sup>409</sup>

A condição dos retirantes em *Vidas Secas* é esclarecida por algumas palavras escritas pelo próprio autor em 1945, quando conclamou a população a exigir uma Assembleia Constituinte, findo o Estado Novo. Em sua crônica *A tarefa principal: Constituinte!*, o escritor falou a propósito do

[...] terrível arrocho das nossas populações rurais, que, se ainda resistem, não é porque não hajam buscado por todos os meios acabar com elas. Submeteram-nas à fome, deram-lhes a doença, a miséria extrema, a beatice de Canudos e o Juazeiro, o cangaço, animalizaram-nas [...] Quando não puderam esconder as desgraças que nos afligiam, esforçaram-se por mudar o efeito em causa – e responsabilizaram o caboclo.<sup>410</sup>

Graciliano diz não crer numa mudança social que coabite com a “nossa estrutura econômica”:<sup>411</sup> uma que ainda se via presa à estrutura colonial de produção material e de trocas desiguais, a ocultar a relação entre pessoas, animar a relação entre mercadorias e aviltar o trabalhador despossuído em prol de oligarquias cafeeiras durante a Primeira República – período em que, sob a inobservância às necessidades da região Nordeste, foram perpetuadas regalias fundamentadas em desigualdades sociais.

---

<sup>408</sup> RAMOS, 2022, p. 309.

<sup>409</sup> BROCA, 1938, p. 8.

<sup>410</sup> RAMOS, 1945, p. 03.

<sup>411</sup> RAMOS, 1945, p. 03.

## 1.6. A NARRAÇÃO: TERCEIRA PESSOA, AUSÊNCIA DE DIÁLOGOS E DISCURSO INDIRETO LIVRE

*Vidas Secas* é narrado em terceira pessoa e marcado pela supressão de diálogos – estratégia que, novamente, difere da empregada em seus três romances anteriores, *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). A rusticidade da família de Fabiano inviabiliza a presença de um narrador-personagem. Aceito o pacto ficcional, as personagens se atêm a uma fragmentada comunicação oral. Nenhum deles apresenta capacidade narrativa ou descritiva. Ancorada na baixa capacidade comunicativa e na inexistência retórica entre a família, a ausência de diálogos prepara terreno para dois campos narrativos paralelos: o mundo externo, marcado pela exploração do matuto e pelas vicissitudes climáticas, e o mundo interno, fluxo anuviado de ideias concebidas por cada membro familiar.<sup>412</sup>

Como os retirantes estão aquém da linguagem retoricamente sistematizada, o leitor tem contato, por intermédio do narrador onisciente, com seus questionamentos internos, que apreendem o descompasso entre seus sonhos e o destino que lhes espera. Embora todos eles lutem contra um destino ruim com bravura sem igual, a realidade que os cerca contribui para que vivam de forma sub-humana, enfrentando privações diversas.<sup>413</sup>

Por meio do discurso indireto, o narrador adentra o universo mental das criaturas rústicas. Atribui-lhes expressão para o que sentem – por isso, está legalmente presente, mas também ausente, porque trabalha como mero relator dos pensamentos sufocados, sem se identificar com as personagens. É o que ocorre na passagem em que Fabiano questiona a si próprio se seria homem, animal ou cabra. Vale a representação integral do trecho, porque paradigmático:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. *E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros* (grifo nosso). Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

<sup>414</sup>

---

<sup>412</sup> CANDIDO, 2006, p. 65, 66, 147.

<sup>413</sup> SANDRINI, 2019, p. 46.

<sup>414</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

A urgência de esclarecimento introspectivo contrasta com *Porão* (1938), relato publicado por Newton Freitas, que viveu o cárcere ao lado de Graciliano. A propósito do livro, o alagoano escreveu que

O autor só nos mostra a parte externa dos indivíduos. As suas personagens andam bem, falam, mexem-se. Notamos os seus movimentos e vemos onde elas pisam, mas não percebemos o interior delas. Estão atordoadas, evidentemente, não podem pensar direito, mas teria sido bom que os acontecimentos se apresentassem refletidos naqueles espíritos torturados. Seria preferível que, em vez de vermos um soldado empurrando brutalmente os presos por uma escada com o cano duma pistola, sentíssemos as reações que o soldado, a pistola e a escada provocaram na mente dos prisioneiros.<sup>415</sup>

O narrador de *Vidas Secas* expõe o ambiente reificante em que a família vive, mas não sugere subterfúgios para a situação familiar. Baliza a recepção que o leitor faz das personagens, resultando na criação de uma realidade honesta, que não apela para soluções rasas e românticas que mascarem a precariedade vivenciada pelos retirantes.<sup>416</sup> A escolha discursiva é uma memória comum que abarca, ao mesmo tempo, realidade e ficção.<sup>417</sup> Há um entrelaçamento de vozes – a do autor, do narrador e das personagens – que resulta na emergência coletiva de vozes desprezadas social, política e literariamente. A fatura do entrelaçamento vocal tríplice é de alta criticidade, pois coloca em xeque a dinâmica da realidade socioeconômica local e, em tom de denúncia, flagra a consciência do subdesenvolvimento por que passam as regiões aspérrimas nordestinas.<sup>418</sup> Resistência política de Graciliano Ramos, porque atribui voz aos emudecidos.<sup>419</sup> O alagoano não escreve sobre os matutos como simples seres dignos de dó e pena sem terem para onde ir. Vai além da recepção de um litorâneo, que enxergaria o sertanejo como

[...] um indivíduo meio selvagem, faminto, esfarrapado, sujo, com um rosário de contas enorme, chapéu de couro e faca de ponta. Falso, preguiçoso, colérico e vingativo. Não tem morada certa, desloca-se do Juazeiro do Padre Cícero para o grupo do Lampião, abandona facilmente a mulher e os filhos, bebe cachaça e furta como rato.<sup>420</sup>

---

<sup>415</sup> RAMOS, 2002, p. 95.

<sup>416</sup> CANDIDO, 2006, p. 150.

<sup>417</sup> SOARES, 2019, p. 14, 15.

<sup>418</sup> ARAÚJO, 2018, p. 44.

<sup>419</sup> SANDRINI, 2019, p. 24, 25.

<sup>420</sup> RAMOS, 1931, p. 11.

Graciliano não se satisfaz em expor a realidade exterior das personagens. Considera artificial a literatura de descrição, até mesmo falsa porque deixa de expor com objetividade a miséria que realmente há na vida de pobres retirantes.<sup>421</sup> Por isso, faz valer seu interior, propondo que, por mais embrutecidos e reificados que fossem, cada qual carregava dentro de si sonhos e conflitos – aspectos que humanizam os seres, tornando-os merecedores de atenção. Quando evidencia a inexistência de dignidade em suas vidas, expõe a ordem social massacrante. Embora a existência em *Vidas Secas* seja degradante, “a proximidade dos personagens da vida natural lhes confere uma espécie de reserva ética não existente nos outros romances de Graciliano Ramos”.<sup>422</sup> Mais do que paisagem, a natureza é o duplo do matuto humilhado, fornecendo-lhe os insumos naturais para que ele alcance, com muito esforço, a sobrevivência.<sup>423</sup>

Com dilemas e sentimentos próprios, esses desgraçados fazem o possível para investigar a si mesmos e compreender as dinâmicas do mundo exterior. O drama da obra se encontra no entrosamento entre esses dois campos. Aquém das condições mínimas de civilidade, a família é desapropriada de sua humanidade, humilhada pela figura do Estado e do proprietário de terras. Levada pela fome e pelo instinto de sobrevivência, cai nas garras do clima agreste e fica à mercê dos “caprichos hidrográficos que lhes são vida e morte”.<sup>424</sup> É consciente da própria humilhação, de que lhe tiram vantagem, mas se sente impotente para promover qualquer espécie de mudança significativa.

---

<sup>421</sup> SILVEIRA, 1939, p. 9, 10.

<sup>422</sup> BASTOS, 2022, p. 127.

<sup>423</sup> BASTOS, 2022, p. 127.

<sup>424</sup> CANDIDO, 2006, p. 66, 122.

## 1.7. A SECA E A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO RURAL NORDESTINO: UMA QUESTÃO HISTORICAMENTE SITUADA

No século XIX, o eixo econômico nacional mudou. Aprovada aos 04 de setembro de 1850, a Lei Eusébio de Queirós, que determinava a proibição do tráfico de cativos africanos para o Brasil, acelerou a decadência da produção de algodão e de açúcar no Nordeste, redirecionando as forças de trabalho braçal para o Centro-Sul cafeeicultor – região que despontou como o grande centro de desenvolvimento econômico. Caio Prado Júnior (1994) aponta que “o Norte, embora mais ou menos estacionário, sofria porque o Sul, em particular São Paulo, drenava toda sua mão de obra”.<sup>425</sup> Essa realidade não só atravessou os estertores do Brasil Império, como também predominou por toda a República Velha, com destaque para São Paulo e Minas Gerais no campo político. A atividade econômica concentrou-se principalmente na região do Vale do Paraíba, que, cobrindo parte do Rio de Janeiro e de São Paulo, era bem localizada para o escoamento e a exportação do produto para seu ascendente público-alvo: a classe média europeia e estadunidense. Além disso, a mudança do eixo econômico para o Centro-Sul também foi sustentada pelo desenvolvimento lento das forças produtivas no Nordeste, o que, por sua vez, era sustentada por rudimentares técnicas de exploração do solo.<sup>426</sup>

A caatinga era tomada quase que exclusivamente pela atividade da pecuária extensiva, o que exigia grandes extensões de terra para a criação bovina, caprina e ovina, mas gerava um insignificante número de empregos.<sup>427</sup> No entorno da pecuária concentraram-se pequenos proprietários empobrecidos e trabalhadores anexados, seres gregários que lutavam pela sobrevivência em estado de miséria, como é o caso do vaqueiro Fabiano. Perante tamanhas privações materiais de vida, esses viventes viam, de fato, o coronel como um sujeito rico, invariavelmente.<sup>428</sup>

Como costuma “passar bem de boca” — bebendo leite e comendo ovos, galinha, carne de porco e sobremesa — e tem na sede da fazenda um conforto primário, mas inacessível ao trabalhador do eito — às vezes, água encanada, instalações sanitárias e até luz elétrica e rádio —, o roceiro vê sempre no “coronel” um homem rico, ainda que não o seja; rico, em comparação com sua pobreza sem remédio.<sup>429</sup>

---

<sup>425</sup> PRADO JÚNIOR, 1994, p. 179.

<sup>426</sup> MENEZES, 2018, p. 114.

<sup>427</sup> ARCANJO, 2018, p. 76.

<sup>428</sup> LEAL, 2012, n.p.

<sup>429</sup> LEAL, 2012, n.p.

O valor da “propriedade” em que se criavam gados dissimulava amiúde a pobreza do proprietário, além de não conferir distinção alguma a vaqueiros e outros trabalhadores sem uma atividade certa.<sup>430</sup> Os períodos de estiagens, por sua vez, impactaram a economia da caatinga, afastando-a de um processo de modernização que poderia fazê-la crescer. Os desafios climáticos dificultavam uma organização social, política e econômica mais complexa e estável o suficiente para se manter.<sup>431</sup>

Em perspectiva com *Vidas Secas*, abre-se uma questão: seria o patrão de Fabiano um homem realmente rico, ou somente o era aos olhos do matuto paupérrimo? O romance trata de dois patrões: o primeiro fora seu Tomás da bolandeira, homem diferenciado. Era educado e lia demais.<sup>432</sup> O segundo chefe é o “patrão” atual, um fazendeiro “seco, [...] arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru”;<sup>433</sup> alguém que “berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim.”<sup>434</sup> Sujeito que faz Fabiano trabalhar “como negro e nunca arranjar carta de alforria”,<sup>435</sup> que lhe furta nas pagas, embora Fabiano soubesse não poder dizer aquilo em voz alta, senão seria dispensado e teria novamente de ganhar o sertão aspérrimo com a família, voltando à espreita da morte iminente.<sup>436</sup> Sujeito que abandonaria a fazenda mais uma vez, enjeitaria seus animais campestres a definhar.<sup>437</sup> Dadas as passagens sobrepostas do romance, e em cotejo com o fragmento citado de Victor Nunes Leal, recepciona-se que o “coronel empobrecido”, aparentemente rico aos despossuídos, não é incorporado unicamente na figura de seu Tomás, nem na do patrão fazendeiro – há uma atribuição fragmentada entre os dois. Seu Tomás é um pequeno proprietário empobrecido, mas não passa a Fabiano a noção de ser um abastado, como no exemplo de Leal – o matuto sabe que o velho também é um pobre coitado. Já o patrão fazendeiro, que tipifica o coronel latifundiário aproveitador, não é um vivente empobrecido acossado pelas intempéries climáticas. Portanto, não é um despossuído *aparentemente* rico. Ele *de fato* tem haveres e condições financeiras; afinal, apresenta meios para se remediar, habitar em outros lugares que não a fazenda quando desgraçada pela estiagem.

---

<sup>430</sup> NETO, 2018, p. 36, 39.

<sup>431</sup> ARCANJO, 2018, p. 76, 77.

<sup>432</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>433</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>434</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>435</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>436</sup> RAMOS, 2022, p. 91.

<sup>437</sup> RAMOS, 2022, p. 122.

O fenômeno das secas na região agreste apresenta duas faces para análise: “o aspecto físico e meteorológico (fatores e agentes da ambiência telúrica) e o aspecto social (fatores e agentes de ordem social econômica)”.<sup>438</sup> O estudo do trabalhador reificado em *Vidas Secas* está relacionado a esse aspecto duplo da estiagem, afinal,

[...] o homem real é aquele que sofre as influências do meio, porém, transformando-o constantemente a partir de sua ação. Não se pode imaginar o homem racional ideal, servo exclusivo da razão. Por outro lado, não existe o homem passivo em relação ao seu meio. O homem real é resultado de processo social e histórico, condicionado e condicionador do ambiente onde vive.<sup>439</sup>

A questão climática não se restringia à ausência de chuvas; contemplava também a irregularidade de suas precipitações. Djacir Menezes (2018) nota que quanto mais primitiva a cultura da terra, maior a dependência da vida local a fatores geográficos e intempéries da natureza.<sup>440</sup> É o caso da região agreste na virada do século XIX para o século XX: por causa das condições climáticas e, conseqüentemente, da fome, sua população era majoritariamente rural, nômade, ignorante e pastoril. Matutos em busca da sobrevivência no modo de produção latifundiário.<sup>441</sup> É o que se passa com os viventes em *Vidas Secas*, que queriam *viver* e *precisavam chegar*, embora sem saber aonde.<sup>442</sup>

O aspecto social, por sua vez, se relaciona ao coronelismo, expressão cuja origem remonta ao início do Período Regencial no Brasil. Em 1831, as milícias e ordenanças do Brasil Colônia foram substituídas pela Guarda Nacional, que estabeleceu uma hierarquia em que “a patente de coronel correspondia ao comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular”,<sup>443</sup> mormente integrante dos grandes latifundiários. *A priori*, a patente advinha de um comando reconhecido pela Regência para defender as instituições oficiais. *A posteriori*, ela gradualmente ganhou uma avaliação em dinheiro, sendo, assim, concedida a quem pudesse comprá-la do poder público – uma continuação da centralidade do fator econômico, que já figurava nas investidas anteriores. Adquirida como uma condecoração ou comprada, de um jeito ou de outro essas patentes representavam um

---

<sup>438</sup> MENEZES, 2018, p. 103.

<sup>439</sup> ARCANJO, 2018, p. 75.

<sup>440</sup> MENEZES, 2018, p. 91.

<sup>441</sup> ARCANJO, 2018, p. 77.

<sup>442</sup> RAMOS, 2022, p. 08, 12.

<sup>443</sup> SOBRINHO, 1997, p. 13.

prestígio verdadeiro dentro de uma estrutura social hierarquizada e constituída sobre o alicerce do trabalho escravo.<sup>444</sup>

A formação e a expansão territorial brasileira, complexas e individualistas, se deram por meio de grandes latifúndios, núcleos isolados nos quais imperava o poder do proprietário.<sup>445</sup> É o que aponta Edgard Carone (1971) em seus estudos histórico-sociológicos. A ausência do Estado durante a expansão latifundiária facilitou “a presença do poder privado, que se [arrogou] no direito de todos os atributos legais”,<sup>446</sup> além de colaborar para a criação de ambientes sociais supralegais, nos quais ou se concordava com o latifundiário, ou o melhor era caçar rumo sertão afora. É o que ocorre quando Fabiano, perdendo a paciência, se revolta com o desacerto da paga mensal e fala algumas verdades para o seu patrão: que passava “a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo?”,<sup>447</sup> no que o patrão simplesmente responde achar bom que o matuto arranjasse “serviço em outra fazenda”.<sup>448</sup>

O problema do mandonismo foi central no processo de formação dispersa e desassistida de terras brasileiras. Em *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo do Brasil*, Victor Leal Nunes (1997) arroga que o coronelismo é resultado “da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada.”<sup>449</sup> A partir do Brasil Império, o mandonismo foi “denominado indistintamente de coronelismo (maior parte do Brasil), caudilhismo (Rio Grande do Sul), chefismo (vale do São Francisco) etc. A regionalização de nomes mostra a expansão e unidade do problema.”<sup>450</sup> Desde o princípio da colonização brasileira, o domínio efetivo ficou nas mãos de grandes latifundiários, os quais também compuseram as câmaras municipais e paulatinamente dominaram os Poderes Legislativo e Judiciário, alargando suas margens de poder socioeconômico e político – processo histórico acentuado principalmente a partir do federalismo da Primeira República.<sup>451</sup> O fenômeno do coronelismo é resultado direto do desequilíbrio entre o centralismo e o federalismo.<sup>452</sup> Na medida em que o Estado se mostrou

---

<sup>444</sup> SOBRINHO, 1997, p. 14.

<sup>445</sup> CARONE, 1971, p. 85.

<sup>446</sup> CARONE, 1971, p. 85, 86.

<sup>447</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>448</sup> RAMOS, 2022, p. 90.

<sup>449</sup> LEAL, 2012, n.p.

<sup>450</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>451</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>452</sup> CARONE, 1978, p. 252.

omisso na gestão do desenvolvimento territorial brasileiro, grupos sociopolíticos autônomos arrogaram-se o controle do processo, o que foi potencializado quando o sistema político-administrativo federalista descentralizou o poder do Estado em diferentes entes de um mesmo território.

O coronelismo parte de uma questão objetiva: “a posse dos meios de produção, que é a terra”.

<sup>453</sup> No início da vida republicana, o seu domínio vinculava-se à existência de clãs familiares – estruturas sociais dominadas pela figura do coronel (o chefe, o patriarca), <sup>454</sup> do qual dependiam não só sua família, bem como os agregados:

[...] escravos, ex-escravos, trabalhadores do eito assalariados, todos necessitam do trabalho, alimentação e proteção do senhor. E a forma de autoridade é tão larga que se estende também para os domínios próximos do pequeno comércio e dos profissionais liberais que circulam na zona, pois, a pressão pessoal ou política permite o domínio sobre todos. <sup>455</sup>

Em troca de um apoio irrestrito e submisso, fidelidade, serviços, permanência e participação em possíveis empreitadas beligerantes, os coronéis prestava diversos favores a seus agregados: concedia-lhes terras, ajudava-lhes em caso de enfermidades, acudia-os se fossem parar na cadeia. A familiares e amigos, empréstimo de dinheiro, atribuição de cargos públicos, obtenção de crédito, proteção de compromissos fiscais e autoridades policiais. <sup>456</sup>

Quando se relaciona esse domínio social a uma atividade na política local, compreende-se a vastidão do controle dessas figuras sobre seres subordinados e dependentes. <sup>457</sup> Os coronéis latifundiários dominavam como se estivessem acima da lei; o braço do governo tinha pouco mando e, quando o Estado se aproximava, a relação com essa população era mediada pelos acordos políticos para com esses líderes regionais do Nordeste. Uma autonomia extralegal. Carone (1978) observa que

O crescente aumento de domínio do coronelismo, aliado a uma limitação dos poderes dos governos federal e estadual, facilita a crescente autonomia local: sabe-se da existência destes verdadeiros *estados*, mas a sua ligação com

---

<sup>453</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>454</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>455</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>456</sup> CARONE, 1978, p. 253.

<sup>457</sup> MENEZES, 2018, p. 185.

aqueles dois poderes e os acordos de proteção mútua fazem com que certos atos extralegais subsistam tranquilamente durante a Primeira República.<sup>458</sup>

Os coronéis interferiam “na nomeação ou demissão de autoridades, [...] no aumento ou baixa de impostos”,<sup>459</sup> na escolha de agentes, professores, e juristas com atuação na máquina pública. As indicações premiavam aliados, controlavam a mão-de-obra regional e garantiam a isenção dos coronéis na paga de impostos. Tratava-se de escolhas políticas baseadas em conveniência, no fito de ajudar aliados ou prejudicar adversários.<sup>460</sup> Portanto, a negligência dos governos estaduais sobre as administrações municipais não era despropositada; servia, assertivamente, às trocas de favores políticos.<sup>461</sup> Em face a uma realidade marcada por oportunidades laborais escassas e exíguos recursos de vida, como aconteceu nos sertões do Nordeste, o domínio coronelista era ainda mais marcante. “Todos querem ser situacionistas, isto é, partidários do poder local e beneficiários da situação.”<sup>462</sup> Ninguém queria ficar de fora, até porque opor-se ao coronel e divergir de seus comandos poderiam implicar consequências que iam desde o ostracismo sociopolítico até o assassinato.<sup>463</sup>

Em *Vidas Secas*, Fabiano é um trabalhador braçal a meio caminho do situacionismo e da insurgência. Sabe-se incapaz e preso nas garras do dono da fazenda; sabe-se submisso e hierarquicamente inferior ao patrão e ao soldado amarelo. Na maioria das vezes, tem êxito em recalcar seu ódio e revolta pela miséria à qual ele e sua família são relegados, mas há momentos em que perde o controle, subleva e cospe o que pensa sobre sua situação laboral, destilando veneno acumulado. No entrevero de seus pensamentos, indignação contracenava com resignação.

A manutenção do poder local dos coronéis ocorria por meio de beneplácito: favores realizados à esfera política preponderante de cada unidade federativa. A estrutura de interdependência política se dava do seguinte modo: o federalismo republicano concedia regalias político-econômicas para cada estado; esses, por sua vez, transferiam-nas aos municípios.<sup>464</sup> Recebimento de favores, distribuição dos empregados públicos estaduais, verbas adquiridas e neutralização/beneplácitos de autoridades policiais – tudo isso compõe uma política comum

---

<sup>458</sup> CARONE, 1978, p. 255, 256.

<sup>459</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>460</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>461</sup> LEAL, 2012, n.p.

<sup>462</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>463</sup> CARONE, 1971, p. 86.

<sup>464</sup> CARONE, 1971, p. 87.

entre coronel e autoridade maior. Política cujo elo é o voto,<sup>465</sup> motivo pelo qual ele representa, de toda subordinação da população local aos desígnios do coronel, a expressão maior de acatamento:<sup>466</sup> era o termômetro da afirmação regional de cada coronel. O vínculo entre o voto para cargos políticos – *e.g.* prefeitos, governadores e deputados – e os favores concedidos pelos coronéis está na fundamentação do regime representativo: teoricamente, o pleito baseado em número de votos asseguraria um esteio democrático para a eleição; na prática, a politicagem do “me ajuda a te ajudar” driblava a lisura do processo.<sup>467</sup> A partir da Primeira República, um século de história nacional e ainda persistem vícios similares na política estatal.

Com uma comum identificação de juízes e outras autoridades públicas com os coronéis, era prática comum fazer pressão para suprimir aqueles que exerciam seu ofício com integridade e seriedade,<sup>468</sup> como foi o caso da passagem de Graciliano Ramos pela máquina do estatal, enquanto prefeito de Palmeira dos Índios (1927-1929) e diretor da Instrução Pública de Alagoas (1933-1936) – integridade e seriedade profissional que lhe renderam onze meses de cárcere. A propósito do embate entre o sistema corruptivo nacional e a resistência de um trabalho decente e insubordinado às políticas insidiosas, cabe afirmar que em 1936, o mesmo oficial do exército que encaminhou Graciliano de sua casa para o cárcere lhe solicitara – um mês antes, na repartição de Instrução Pública – a aprovação indevida de sua sobrinha reprovada. O caso é narrado pelo escritor em suas *Memórias do Cárcere* (2023) nos seguintes termos:

Eu lhe mostrara um ofício em que a diretora do grupo escolar de Penedo contava direito aquele negócio: a absurda pretensão de se nomear para uma aluna banca especial fora de tempo.

– Impossível, tenente. Isso é antirregulamentar. Demais, se a garota não conseguiu aprender num ano, certamente não foi recuperar em dias o tempo perdido. Sua sobrinha não é nenhum gênio, suponho.

O tenente recuara, rodara sobre os calcanhares, perfilara-se em atitude perfeitamente militar e replicara com absoluta impudência:

– É o que ela é. Um gênio. Posso afirmar-lhe que é um gênio.<sup>469</sup>

---

<sup>465</sup> CARONE, 1971, p. 87.

<sup>466</sup> CARONE, 1971, p. 87.

<sup>467</sup> CARONE, 1971, p. 254 .

<sup>468</sup> CARONE, 1971, p. 255.

<sup>469</sup> RAMOS, 2023, p. 23.

Cabe ainda observar que forças armadas reunidas a mando de coronéis participaram de embates contra governos estaduais constituídos – conflitos cujos armistícios eram tratados como se fossem verdadeiros tratados entre países beligerantes; assim como houve momentos em que essas milícias coronelísticas deram retaguarda para o governo federal ou estadual, em atividade paralela à Força Pública e ao Exército, mas resguardando sua individualidade.<sup>470</sup> O coronelismo não se deu de forma planificada, homogênea, nas diferentes unidades federativas: nas de economia e política públicas mais presentes, as ações estatais surtiam mais efeito; nas mais fragilizadas, a liberdade para essa estrutura social paralela tinha maior fôlego, o que resultava em querelas mais frequentes.<sup>471</sup>

Antes de 1888, muitos eram os coronéis proprietários de seres humanos cativos. Como a abolição da escravatura não resultou em efetivação de direitos constitucionalmente garantidos, essas figuras autoritárias continuaram a usurpar os direitos civis dos antigos cativos, o que perpetuava o esfacelamento de seus direitos políticos.<sup>472</sup> Em *Vidas Secas*, Fabiano, espécie de caboclo do eito, trabalhava “como um escravo”.<sup>473</sup> A Proclamação da República em entes federados, sob a aparência de uma isonomia jurídica pelo Brasil, deixou profundas desigualdades regionais. Como acontece ainda em dias atuais, a instabilidade monetária, o desemprego e a contenção de crédito atingiam principalmente os mais carentes.<sup>474</sup> No sertão nordestino, a polícia exercia o poder coercitivo na figura de soldados ameaçadores que extrapolavam seus atributos com uma violência descabida;<sup>475</sup> autoridades sempre prontas a exhibir sua força estatal. Impossível não pensar na personagem do soldado amarelo, que levava gente inocente para o cárcere. No romance, o vaqueiro não conseguiu “compreender a acusação medonha e não se defendeu”<sup>476</sup> porque não tinha competência vocabular para tanto. Autoridade corrupta que faz gente ignorante apanhar de lâmina de facão sem mesmo entender o porquê da

---

<sup>470</sup> CARONE, 1971, p. 256, 257, 258, 259.

<sup>471</sup> CARONE, 1971, p. 260.

<sup>472</sup> CARVALHO, 2002, p. 53, 54, 55, 56. Vale lembrar que, em 2024, 593 trabalhadores foram resgatados de condições análogas à escravidão em 15 estados e no Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Agosto/593-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-na-maior-operacao-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

<sup>473</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>474</sup> DE MORAES, 2012, p. 22.

<sup>475</sup> E a violência policial vem crescendo no Brasil desde 2018, afirma a organização não governamental Human Rights Watch. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/human-rights-watch-violencia-policial-cresce-no-brasil-desde-2018>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

<sup>476</sup> RAMOS, 2022, p. 29.

surra ou do encarceramento.<sup>477</sup> “Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.”<sup>478</sup>

Corrupção e violência fundamentavam o domínio das oligarquias, naturalizando mortes a mando de proprietários e chefes políticos. A estrutura fundiária impedia que os mais pobres tivessem uma porção de terra para si.<sup>479</sup> No cenário de negligência estatal, os donos dos engenhos enriquecidos tornavam-se como que senhores feudais das regiões sobre as quais detinha poder. Embora a instituição da escravidão tenha caducado em 1888, as relações econômicas continuaram seguindo um modo de produção fundamentado na objetividade ilusória mercantil, que invisibiliza o fato de a produção material se dar a partir de relações entre seres humanos, e não entre produtos. Perpetuavam-se trocas desiguais de serviço, acordos exploratórios em que matutos trabalhavam em troca de moradia sem serem pagos devidamente – imagem presente em *Vidas Secas*, quando se pensa no patrão que engana e furta Fabiano dissimuladamente.<sup>480</sup> Diante deste cenário, o cangaço<sup>481</sup> aparece como uma reação violenta contra algo que, embora estivesse relacionado com o sentimento de injustiça e humilhação oriundas da politicagem local, Fabiano não sabe bem como definir.<sup>482</sup> Afinal, o matuto vive sob o espectro da reificação, fenômeno a ser investigado a seguir.

---

<sup>477</sup> RAMOS, 2022, p. 29, 30.

<sup>478</sup> RAMOS, 2022, p. 30.

<sup>479</sup> DE MORAES, 2012, p. 28.

<sup>480</sup> MENEZES, 2018, p. 183, 185.

<sup>481</sup> Fenômeno social analisado na seção 3.3.1. *Cangaço: banditismo social à brasileira.*

<sup>482</sup> MENEZES, 2018, p. 95.

## CAPÍTULO 2. REIFICAÇÃO: A TEORIA CRÍTICA

Em 1923, o filósofo e crítico literário húngaro György Lukács publicou a obra *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*, cujos escritos abrangem seus anos de aprendizado do marxismo,<sup>483</sup> conforme revela em seu prefácio para a reedição da obra em 1967. O estudo de número quatro, intitulado “A reificação e a consciência do proletariado”, trata em detalhes da chave interpretativa escolhida nesta tese para analisar *Vidas Secas*: a do embrutecimento do trabalhador dentro da lógica burguesa de mercado, que lhe usurpa a capacidade de alcançar criticamente a totalidade social e a humanidade, relegando-o à condição de coisa, de ser inanimado.

Tamanha foi a importância do estudo lukácsiano, o texto se tornou pedra de toque para o estudo da *reificação* como crítica às sociedades de mercado. Não obstante, começar este capítulo a partir desse conceito seria prova de precipitação, pois para tratar da reificação são necessários conhecimentos propedêuticos de outros dois conceitos que lhe são afins: a *alienação* e o *fetichismo da mercadoria*, sem os quais o raciocínio se torna lacunar. Em verdade, este estudo defende que os três elementos formam uma tríade conceitual, já que um está inexoravelmente relacionado ao outro. Resta compreender por quê.

---

<sup>483</sup> LUKÁCS, 2003, p. 02.

## 2.1. ALIENAÇÃO, UMA RUPTURA ENTRE PRODUTOR E PRODUTO

A origem da palavra *alienação* está no latim *alius*, que significa “outro”. *Alienus* equivale àquilo que pertence ao outro e *alienare*, ao processo de transferir para outra pessoa o que é seu.

Nos manuscritos originais de Karl Marx, em alemão, o autor faz uso do termo *Entäusserung*, que significa *remeter para fora, passar de um estado a outro qualitativamente distinto; despojamento, transferência, exteriorização*.<sup>484</sup> A alienação aponta para um processo de alheamento. Cabe questionar: alheamento de quê? De quem? Ou, ainda, para quem? A alienação desponta no *jovem* Karl Marx como um fenômeno multifacetado: um “processo pelo qual o homem se torna alheio a si mesmo, a ponto de não se reconhecer”;<sup>485</sup> alheio aos seus pares; à natureza e também à capacidade de se objetivar no mundo; fundamentalmente, ao produto de seu trabalho que, por sua vez, estará a usufruto de outro ser humano – localizado na antípoda de uma lógica dual entre espoliados e espoliadores.

Em *Vidas Secas*, o alheamento ganha proporção à medida que se compreende a confluência antinômica de pensamentos que habitam o íntimo dos matutos. Sabem-se seres humanos, apresentam sonhos e desejos. Contudo, também sabem-se desumanizados, produtores forçosamente separados do fruto de seu trabalho. Dadas as condições materiais, acima de tudo sentem-se impotentes de promover mudanças significativas em suas vidas. Embora Fabiano e sua família não consigam colocar isto em palavras, por meio do narrador fica clara a perpétua e extenuante resistência da família contra a subsunção de sua essência, contra o ocultamento do trabalho humano pela lógica capital que vigora em suas vidas secas.

Uma nota propedêutica: falar em *jovem Marx* – e, conseqüentemente, em um Marx já maduro – é demarcar diferentes fases da produção intelectual do autor.<sup>486</sup> Este estudo trabalha a noção de alienação encontrada em *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844), obra anterior ao seu diálogo com Friedrich Engels, marcado pela publicação conjunta de *A Sagrada Família* (1845) e que o levaria para um segundo momento de sua produção intelectual.

---

<sup>484</sup> RANIERI, 2004.

<sup>485</sup> ABBAGNANO, 2007, p. 26.

<sup>486</sup> BARROS, 2011, p. 223.

O sentido de “trabalho” ocupa papel central em sua obra. Nos *Manuscritos* de 1844, o autor alemão dialoga com duas dimensões do termo: uma acepção geral e outra particular. Em perspectiva universal e afirmativa, o trabalho instaura a vida humana, forma a existência individual e atribui-lhe caráter social <sup>487</sup> – figurando como a “determinação ontológica fundamental da humanidade”. <sup>488</sup> O ser humano apresenta necessidades físicas e, para supri-las, produz com o que há na natureza, na realidade material. Interposto entre dada necessidade e sua satisfação, o trabalho humano representa o triunfo de uma ação consciente, teleológica, sobre a ação espontânea, guiada por impulsos biológicos. <sup>489</sup> O ser humano confronta-se com a natureza como uma potência sobre a qual pode agir. Assim o faz, modificando-a e a si ao mesmo tempo; e não poderia ser diferente, pois se trata de uma influência recíproca: não é possível transformar a natureza circundante sem transformar a si próprio e vice-versa. <sup>490</sup> “O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível. Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz.” <sup>491</sup> Marx atribui à natureza um caráter sócio-histórico, o que quer dizer que “a natureza é a fonte de todos os meios de trabalho, dos objetos que vão ser trabalhados e a dimensão em que se desenrola o processo de trabalho”. <sup>492</sup> Essa conformidade entre homem e natureza engendra “todo o processo de formação humana” <sup>493</sup> porque, quando satisfeitas, suas necessidades levam, *ad infinitum*, a novas necessidades. Ranieri (2004) observa que

[...] na medida em que a produção se enriquece, a produtividade aumenta e, portanto, o trabalho se sofisticava. Repõem e renovam necessidades não propriamente materiais, mas abstratas, espirituais, que aparecem, também elas, como resultado da atividade produtiva, tendo em vista o fato de que o marco inicial desse movimento é a relação estabelecida entre o ser humano e o meio natural. É um movimento que define a própria consciência humana, o que nos remete, já nos idos de 1844, à percepção de que é o ser social que produz a consciência, e não o contrário. <sup>494</sup>

O trabalho é mediador necessário entre o ser humano e a natureza, considerada o “corpo inorgânico do homem”. <sup>495</sup> Por meio dele o ser humano realiza-se no curso da História, dando

---

<sup>487</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 72.

<sup>488</sup> MESZÁROS, 2006, p. 78.

<sup>489</sup> ARAUJO, 2024, p. 445.

<sup>490</sup> PETO; VERÍSSIMO, 2018, p. 05.

<sup>491</sup> MARX, 2004, p. 81.

<sup>492</sup> PETO; VERÍSSIMO, 2018, p. 02.

<sup>493</sup> RANIERI, 2004, p. 14.

<sup>494</sup> RANIERI, 2004, p. 14.

<sup>495</sup> MESZÁROS, 2006, p. 79, 80.

múltiplos rumos para a sua existência enquanto ser livre e universal. Por intermédio da produção material, a realização de si próprio ocorre tanto em seara subjetiva – materializando o seu espírito, ideias e inquietações em objetos – quanto na seara intersubjetiva, quando, ao modificar a natureza que o rodeia, cria-se uma nova realidade da qual usufruem outros seres humanos com os quais é possível travar relações interpessoais.<sup>496</sup> Por meio do trabalho, o ser humano diferencia-se dos demais animais, porque produz bens materiais, transformando a si e ao mundo.<sup>497</sup> Enquanto os animais produzem o necessário para suprir uma carência física, o ser humano produz universal e racionalmente. Planeja, pensa e atribui sentido ao que faz – vislumbra uma dimensão teleológica para suas intervenções no mundo natural.<sup>498</sup> Autodesenvolve-se e imprime na face da natureza exterior a sua marca, humanizando-a. Trabalhando, consegue o alimento, encontra abrigo e se proporciona condições reprodutivas.<sup>499</sup> A respeito da construção do mundo e de si por meio do trabalho, considerada a dimensão essencial do ser humano, De Oliveira (2010) declara:

Essa produção da vida por meio do trabalho não deve ser compreendida como uma mera reprodução da existência física dos homens. Ela é, antes, um determinado modo de vida dos indivíduos, o ato de exteriorização de sua vida, ou seja, a vida dos homens em cada época histórica coincide com a sua produção; os homens são aquilo que eles fazem de si mesmos pelo trabalho.<sup>500</sup>

Posteriormente, em um momento particular e histórico – o do desenvolvimento e da instauração do sistema de produção capitalista –, o raciocínio marxiano aponta que “a interrelação original do homem com a natureza é transformada na relação entre trabalho assalariado e capital”<sup>501</sup>, de forma tal que o trabalho se torna “mera atividade de subsistência, de satisfação de carências imediatas”;<sup>502</sup> se torna “mecanismo de aprisionamento do trabalhador”;<sup>503</sup> aprisionamento afim à condição de Fabiano, que ou aceitava trabalhar em humilhante subserviência para seu patrão, ou era novamente acossado sertão afora com sua família – sofrendo as intempéries

---

<sup>496</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 75.

<sup>497</sup> BARROS, 2011, p. 236.

<sup>498</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 75, 76.

<sup>499</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 06.

<sup>500</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 76.

<sup>501</sup> MESZÁROS, 2006, p. 82.

<sup>502</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 73.

<sup>503</sup> RENDON, CAMPOS, 2022, p. 09.

climáticas da seca com o ocaso à espreita. Assim, o trabalho se torna o fundamento de toda a alienação.<sup>504</sup>

Em *Vidas Secas*, o trabalhador matuto de fato trabalha com o que há na natureza, com a realidade material; a partir dela, supre necessidades alimentícias da família, faz a gestão da fazenda e também cuida do gado circundante. O labor de Fabiano e sinha Vitória apresenta, sim, um aspecto teleológico, uma finalidade racional quando se pensa no manejo da terra. Não obstante, em diálogo com Marx, o trabalho dos retirantes não se enquadra em uma perspectiva universal e afirmativa, em instauração e promoção da vida. Pelo contrário, trata-se um processo laboral guiado pelo sistema de produção burguês. O trabalho é vetor de exploração que desumaniza o trabalhador em sua relação com a natureza. Um mal necessário para se garantir a sobrevivência.

Adquirido o posto de trabalhador assalariado, o ser humano passa a vender sua força de trabalho; exterioriza-se e cria produtos cuja importância maior não é o valor de uso (a utilidade prática de cada coisa), e sim o valor de troca. Por um lado, valorizam-se os produtos do trabalho humano – doravante chamados de mercadorias, gradativamente mais sofisticadas e reunindo o que há de mais avançado para sua produção.<sup>505</sup> Por outro, desvaloriza-se o próprio trabalhador, que, à medida que produz em alta frequência para alimentar o mercado capitalista, é visto cada vez menos como ser dotado de humanidade, cada vez mais como coisa qualquer, mero “instrumento utilizado pelo capital a fim de explorá-lo”.<sup>506</sup> Em poucas palavras, reificação.

Em *Vidas Secas*, Fabiano – embora claramente ser humano, com “a barba ruiva e os olhos azuis”<sup>507</sup> – perde gradativamente a capacidade de se enxergar como tal. “E, pensando bem, ele não era homem”.<sup>508</sup> Percepções de si que não são, de forma alguma, contingentes. São exemplos cabais do processo de desvalorização do trabalhador, que vê sua humanidade e idiossincrasias escorrerem pelos dedos até o momento em que deixa de se compreender como ser humano dignificado. Nas palavras do próprio Marx (2004),

---

<sup>504</sup> MESZÁROS, 2006, p. 78.

<sup>505</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 08.

<sup>506</sup> JINKINGS, 2004, p. 7, 8.

<sup>507</sup> RAMOS, 2022, p. 14.

<sup>508</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

[...] a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção. [...] a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. [...] Enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até [a condição de] máquina.<sup>509</sup>

Mediante a reorganização produtiva voltada para o enriquecimento alheio, o produto do trabalho humano não mais pertence ao trabalhador, e sim àqueles que detêm os meios de produção<sup>510</sup> – ferramentas, maquinários e toda sorte de materiais envolvidos no processo de produção material. No universo do romance, este seria a figura do patrão, o dono da fazenda. O trabalho perde seu caráter emancipador; torna-se fenômeno por meio do qual o produtor é alienado do que que produziu. O “trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. [...] Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é.”<sup>511</sup> Eis o processo de alienação: o trabalhador não mais se reconhece na sua própria atividade produtiva, perde o controle sobre algo que se volta contra ele próprio, dominando-o “como um ser estranho, como um ser independente do produtor”.<sup>512</sup>

Com uma atividade produtiva rural aviltante, o vaqueiro de *Vidas Secas* levava uma vida “longe dos homens [e] só se dava bem com animais”.<sup>513</sup> Ao dono da fazenda, a figura do animal é desprovida de apreço e respeito vital, sendo simples meio de produção material. Assim Fabiano se vê: como parte desse grupo de elementos despersonalizados cujo ocaso é sinônimo de bem-estar dos que detêm o capital. “Montado, [Fabiano] confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma língua cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia.”<sup>514</sup>

A pulverização da própria humanidade e o domínio do produto sobre o próprio artífice são resultados diretos de uma configuração socioeconômica historicamente delimitada – a universalização das sociedades de mercado –, não de uma “força externa todo poderosa, natural ou metafísica”<sup>515</sup> desvinculada à tomada de decisões e escolhas de determinada sociedade. É

---

<sup>509</sup> MARX, 2004, p. 79, 80, 29.

<sup>510</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 02.

<sup>511</sup> MARX, 2004, p. 81.

<sup>512</sup> MARX, 2004, p. 80.

<sup>513</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>514</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>515</sup> MÉSZÁROS, 2006, p. 14.

nesse diapasão que Mészáros (2006) afirma que “alienação é um conceito eminentemente histórico”.<sup>516</sup> O teórico marxista húngaro observa que

[...] a "orientação antropológica" sem historicidade genuína – ou sem as condições necessárias desta última, é claro – não passa de mistificação, quaisquer que sejam os determinantes sócio-históricos que possam ter provocado o seu surgimento.<sup>517</sup>

A alienação do ser humano em relação ao produto de seu trabalho é só a primeira das quatro dimensões de alienação analisadas por Marx nos *Manuscritos de Paris*. A segunda acontece em relação à própria atividade produtiva, ou seja, no interior do ato laboral:<sup>518</sup> alienante, o trabalho não mais oferece satisfação por si próprio, só à medida que gera algo que possa ser vendido a outrem – característica nomeada por Marx de “autoestranhamento”.<sup>519</sup> O trabalhador não se afirma por meio do trabalho; pelo contrário, o ato laboral o torna fraco, mortificado, infeliz. Trata-se de uma autonegação. Sua energia pessoal e física se volta contra si mesmo.<sup>520</sup> “O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho.”<sup>521</sup> Mais uma vez, identificação com Fabiano, que “se sente governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”,<sup>522</sup> num trabalho cujo lucro vai todo para o patrão desonesto. Fabiano, trabalhador rural que só tem momentos de paz quando dorme – e ronca profundamente – sobre um incômodo jirau de varas,<sup>523</sup> ou quando toma seus copos de aguardente na cidade,<sup>524</sup> atividade diletta que também é afetada pela reificação que o assola.

Um perigo entrar na bodega. Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. Se não tivesse tido a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre. Nem podia tomar uma pinga descansado. Bem. Ia voltar para casa e dormir.<sup>525</sup>

Marx observa que “o homem só se sente como ser livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só se

---

<sup>516</sup> MÉSZÁROS, 2006, p. 40.

<sup>517</sup> MESZÁROS, 2006, p. 43.

<sup>518</sup> MARX, 2004, p. 83.

<sup>519</sup> MÉSZÁROS, 2006, p. 20.

<sup>520</sup> MARX, 2004, p. 83.

<sup>521</sup> MARX, 2004, p. 83.

<sup>522</sup> RAMOS, 2022, p. 22.

<sup>523</sup> MARX, 2022, p. 42, 43.

<sup>524</sup> RAMOS, 2022, p. 26, 75.

<sup>525</sup> RAMOS, 2022, p. 95.

sente como animal”<sup>526</sup> – o que reitera o contínuo cansaço dos viventes de *Vidas Secas*: seres que gastam suas energias em trabalho braçal alienante, a ponto de colocarem em xeque a própria condição humana. Fato que não elimina, todavia, a contínua resistência das personagens. Sinha Vitória reflete que “o costume de encafiar-se ao escurecer não estava certo, que ninguém é galinha”.<sup>527</sup>

O terceiro aspecto revela a alienação humana diante de seu “ser genérico”, de si mesmo enquanto espécie humana. Para Marx, “a efetivação do trabalho é a sua objetivação”.<sup>528</sup> Por meio dele, o ser humano se objetiva; ou seja, transfere para um objeto parte de si próprio. Duplica-se no mundo, contemplando a si mesmo em um mundo criado por ele.<sup>529</sup> Só que, no modo de produção capitalista, o trabalho alienado faz com que o trabalhador se sinta longe e desapropriado tanto da natureza (o corpo inorgânico do homem) em que se via refletido, quanto da capacidade de objetivar-se no mundo – o que significa que o trabalho aliena o ser humano de sua humanidade.<sup>530</sup> “A efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento, como alienação.”<sup>531</sup> A obliteração da capacidade de se objetivar no mundo por meio do trabalho, somada às explorações sofridas, gera em Fabiano uma sensação de inferioridade e de ser perpetuamente enganado pelos viventes da cidade, na visão de que todos seriam ruins.<sup>532</sup> István Mészáros (2006) esclarece a relação entre trabalho, ser humano e natureza na configuração capitalista:

A atividade produtiva na forma dominada pelo isolamento capitalista – em que “os homens produzem como átomos dispersos sem consciência de sua espécie” – não pode realizar adequadamente a função de mediação entre o homem e a natureza, porque “reifica” o homem e suas relações e o reduz ao estado da natureza animal.<sup>533</sup>

O quarto aspecto aponta para a alienação do ser humano em relação a seus pares: suas relações interpessoais são afetadas, porque se tornam uma mediação utilitária, servindo para suprir necessidades e alcançar conquistas individuais. “Na relação do trabalho alienado cada homem

---

<sup>526</sup> MARX, 2004, p. 83.

<sup>527</sup> RAMOS, 2022, p. 43.

<sup>528</sup> MARX, 2004, p. 80.

<sup>529</sup> MARX, 2004, p. 85.

<sup>530</sup> MARX, 2004, p. 85.

<sup>531</sup> MARX, 2004, p. 80.

<sup>532</sup> RAMOS, 2022, p. 74.

<sup>533</sup> MÉSZÁROS, 2006, p. 80.

considera [...] o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador”:<sup>534</sup> como ser despersonalizado. Fundamental notar que esse último aspecto não se observa nos matutos de *Vidas Secas*. Por mais explorada e humilhada que seja, a família sertaneja resiste à despersonalização alheia. Quando da vertigem do menino mais velho, Fabiano “pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos;”<sup>535</sup> dá “um abraço cansado”<sup>536</sup> na esposa quando finalmente consegue encontrar descanso sob as sombras de juazeiros perto da fazenda abandonada; faz-lhe elogios ao corpo<sup>537</sup> nos momentos de desesperança quanto ao porvir.

A partir da confluência dessas quatro dimensões da alienação flagradas por Marx no modo de produção burguês, Redon e Campos (2022) resumizam: os seres espoliados “perdem não somente o resultado dessa atividade criadora, mas também a completa noção e o domínio desse processo, o seu sentido; o mundo construído pelo homem se defronta a ele como algo hostil e estranho”.<sup>538</sup>

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas?<sup>539</sup>

Instaurada a alienação, a perda referente aos trabalhadores não é una. Tudo o que promove fragmentação no ser humano, o distanciar-se do mundo, de si mesmo, de suas criações, da sua própria consciência em relação ao modo de produção vigente... tudo isso remete à alienação;<sup>540</sup> o que enseja pensar em outras formas, como a política, a religiosa e a social. Nos dias atuais,<sup>541</sup> por exemplo, renderia uma boa pesquisa acadêmica estudar a alienação do cidadão causada pelo uso excessivo de redes sociais. A alienação política também está presente em *Vidas Secas*: Fabiano idealiza o Estado, julga que apanhar do governo não é desfeita, que governo, sendo

---

<sup>534</sup> MARX, 2004, p. 86.

<sup>535</sup> RAMOS, 2022, p. 09.

<sup>536</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>537</sup> RAMOS, 2022, p. p. 118.

<sup>538</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 03.

<sup>539</sup> RAMOS, 2022, p. 72.

<sup>540</sup> BARROS, 2011, p. 236.

<sup>541</sup> A título de esclarecimento dêitico temporal, hoje são 11 de julho de 2024.

perfeito, não poderia errar.<sup>542</sup> A partir de seu contato com Engels em 1845, Marx passa a considerar a alienação produzida no mundo do trabalho como o ventre materno de todas as alienações – a gênese do estado de inconsciência e do sofrimento humano.<sup>543</sup>

Alienado em tantas acepções, ao ser humano explorado nada mais pertence. Sob a égide da legalidade que reclama ares de justiça, mas que acoberta desigualdades sociais entre espoliadores e espoliados, o trabalhador troca por um salário sua força de trabalho e pronto: ela não lhe pertence mais, assim como o produto de seu trabalho ou sua própria atividade laboral – configurada para, simultaneamente, embrutecê-lo e enriquecer o empregador.<sup>544</sup> Marx aponta que o que se paga como ordenado é o estritamente necessário para a subsistência do trabalhador e de sua família; como um todo, para que sua classe não se extinga completamente. Uma realidade identificada em *Vidas Secas*, já que o vaqueiro recebe somente o suficiente para sobreviver – resquício de exploração escravista em claro aproveitamento da vulnerabilidade alheia. O trabalhador é visto como um animal de trabalho, uma besta reduzida a necessidades corporais.<sup>545</sup> “Quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador”,<sup>546</sup> reitera Marx. Inconsciente de que o produto de seu trabalho resulta de seu suor, de que é “uma exteriorização do uso de sua força de trabalho em condições exigidas”<sup>547</sup>, o trabalhador volta a encontrá-lo no mercado – não mais como produtor, agora como consumidor.

A mesma alienação que afeta o trabalhador também estabelece a relação do capitalista com o trabalho: a do lucro. O assalariado engendra uma produção material que simultaneamente o desumaniza e enaltece uma figura outra – alguém que se apropria do trabalho alheio para engrandecer o próprio patrimônio, que se aproveita da objetividade ilusória do livre mercado. A antípoda do trabalhador mortificado, alienado do produto de seu labor, é justamente esta: o proprietário que, estando no controle dos meios da produção, subsume o lucro gerado pela venda do que foi produzido por outrem. Como alegam Marx e Engels em *A sagrada família* (2011),

---

<sup>542</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>543</sup> BARROS, 2011, p. 229.

<sup>544</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 04.

<sup>545</sup> MARX, 2004, p. 24, 30.

<sup>546</sup> MARX, 2004, p. 82.

<sup>547</sup> REDON, CAMPOS, 2022, p. 03.

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é seu próprio poder e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana.<sup>548</sup>

Assim, a propriedade privada é consequência necessária do trabalho alienado, da multiplicidade de alienações a que o trabalhador é submetido no capitalismo.<sup>549</sup> Na manutenção desse sistema produtivo, ela também é causa de todos os desdobramentos da alienação do trabalho,<sup>550</sup> revelando o caráter cíclico das contradições referentes à lógica da propriedade privada. Todavia, esses procedimentos devem ser encobertos para não se colocar em xeque a lógica capital. E assim a infraestrutura social continua com suas contradições: o trabalho gera riqueza para uns e privação para outros; espírito, fruição de vida e alegria para os donos dos meios produtivos; imbecilidade, privação e cretinismo para os trabalhadores.<sup>551</sup> No universo de *Vidas Secas*, a desumanização é tamanha que o vaqueiro nem mesmo consegue responder uma simples pergunta realizada por seu filho. “Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o”<sup>552</sup> – passagem que demonstra a privação de uma vivência escolar, de um ínfimo processo de alfabetização. O vaqueiro jamais as vivenciou, o que não lhe deixa livre de certo mal-estar por não poder responder ao que o filho pergunta.

Ia inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado.<sup>553</sup>

Em sua acepção universal, a propriedade é um produto verdadeiramente humano. Mesmo em sua forma capitalista, ela continua sendo o resultado do trabalho humano. O problema levantado pelo debate marxiano não está entranhado na concepção da propriedade *per se*, mas na sua transmutação em algo privado, uma vez que esse movimento carrega consigo o distanciamento do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho, a transformação de si mesmo em

---

<sup>548</sup> MARX; ENGELS, 2011, p. 70.

<sup>549</sup> MARX, 2004, p. 87.

<sup>550</sup> RANIERI, 2004, p. 13.

<sup>551</sup> MARX, 2004, p. 82.

<sup>552</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>553</sup> RAMOS, 2022, p. 19.

mercadoria ao se vender a força de trabalho e, por conseguinte, a apropriação de si por um terceiro que deterá o poder sobre sua atividade laboral.<sup>554</sup>

Por sua vez, o trabalho enquanto produção material continua sendo o mediador indelével “da sociedade e, portanto, da sociabilidade humana”.<sup>555</sup> Entretanto, sob o signo do capital, ele implica a alienação do trabalhador nas quatro acepções apresentadas. Não poderia ser diferente, já que essa configuração produtiva busca a perpetuação da propriedade privada, a qual está ancorada numa apropriação do trabalho alheio.<sup>556</sup>

No modo de produção criticado por Marx, o divórcio entre produtor e produto gera consequências para ambos os termos da equação. De um lado, o trabalhador desapropriado perde em humanidade a ponto de ser considerado só mais uma mercadoria entre tantas outras que fazem o mercado girar – boa representação de Fabiano, que poderia ser despedido a qualquer momento.<sup>557</sup> Ele e sua família “não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folhas e os troços miúdos”.<sup>558</sup> De outro, a formas-mercadorias assumem dimensões sociais que são originariamente dos produtores, incorporando um valor específico independente do trabalho humano envolvido em sua produção – trabalho que fica oculto sob essa pretensa autonomia da mercadoria.<sup>559</sup>

Finda a exposição sobre a alienação, discute-se a seguir um segundo fenômeno, referente à forma-mercadoria, chamado de *fetichismo da mercadoria*. Depois, então, esta tese debaterá a teoria da reificação, chave de leitura escolhida para este estudo de *Vidas Secas*. “A tematização

---

<sup>554</sup> DE OLIVEIRA, 2010, p. 81.

<sup>555</sup> RANIERI, 2004, p. 14, 15.

<sup>556</sup> RANIERI, 2004, p. 14, 15.

<sup>557</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>558</sup> RAMOS, 2022, p. 43.

<sup>559</sup> Em se tratando da fortuna crítica a propósito dos conceitos-chave da teoria marxiana, a conexão entre “alienação”, “reificação” e “fetiche da mercadoria” é expressa de modos similares, mas não idênticos. Para José D’Assunção Barros (2011, p. 242), o fetiche da mercadoria e a reificação do trabalhador seriam *formas* de alienação. Para José Paulo Netto, “o fetichismo é uma *modalidade* da alienação” (1981, p. 73). Segundo Juliane Zacharias Bueno (2021, p. 139), o fetichismo figura enquanto *desdobramento* da teoria geral da alienação, como fator circunscrito a ela. Já conforme Jéssica Ribeiro Duboc e Maria Lúcia Duriguetto (2019, p. 274, 280), o fetichismo da mercadoria é recepcionado enquanto uma particularidade da alienação “nos moldes da sociedade burguesa desenvolvida”, ou seja, no modo de produção capitalista. Este estudo compreende o *fetichismo da mercadoria* e a *reificação do trabalhador* como fenômenos derivantes de uma mesma origem, a alienação, mas que, embora particularizem o funcionamento de elementos distintos no modo de produção capitalista (mercadoria e trabalhador), carregam consigo o ditame fundamental da alienação: o distanciamento entre o produtor e produto de seu trabalho.

da alienação contém uma primeira aproximação à problemática do fetichismo – porque, em resumidas contas, a concepção marxiana do fetichismo supõe uma teoria da alienação”,<sup>560</sup> dentro da qual identifica-se também a reificação.

---

<sup>560</sup> NETTO, 1981, p. 59, 60.

## 2.2. O FETICHISMO DA MERCADORIA: A HUMANIZAÇÃO DO INANIMADO

O filósofo italiano Nicola Abbagnano conceitua fetichismo como a “crença no poder sobrenatural ou mágico de certos objetos materiais (it. *feticci*; v. port. feitiço - artificial). Mais geralmente, atitude de quem considera animados os objetos materiais”.<sup>561</sup>

Até o momento em que Marx utiliza o termo para compor sua crítica à economia política, “fetichismo” era um termo utilizado em contexto de colonização europeia da costa oeste da África entre os séculos XV e XVII. Os colonizadores, ao despreverem diversos ritos dos mais variados povos africanos destoantes do eixo judaico-cristão monoteísta, caracterizavam-nos como *fetichistas*; isto é, ritos envolvendo efeitos de feitiçaria, uma vez que os povos colonizados idolatravam imagens, objetos e animais enquanto materialização de seres místicos.<sup>562</sup> A palavra portuguesa *feitiço* se referia a “objetos centrais nesses complexos mágico-religiosos, como pedras, estátuas e compostos heteróclitos de ingredientes”.<sup>563</sup> Seu neologismo, *fetiche*, aparentemente de origem crioula, tornou-se gradualmente termo para explicar, entre europeus, a estranheza das religiões africanas. Com a publicação da obra *Sobre o culto dos deuses fetiches*, em 1760, o filósofo iluminista francês Charles De Brosses teorizou sobre o termo, tornando-o conceito. Segundo De Brosses, religiões fetichistas eram a marca das nações primitivas pouco desenvolvidas, iludidas e sem um pensamento lógico-científico; nas quais se adoravam divindades materiais.<sup>564</sup> O adorador fetichista seria aquele que

[...] por ignorância, medo, desejo e loucura, adora pedras, animais e toda espécie de matéria bruta e sórdida. O fetichista desconheceria a verdadeira causalidade física do mundo, as leis de Deus e as ideias de belo e de universal. Além disso, ele seria incapaz de figuração, isto é, de analogia, metáfora, de pensamento representacional, e por isto o fetichista, a partir de sua necessidade de superstição para se proteger de um mundo que não compreende nem domina, adoraria uma coisa qualquer, o mais vil ser que encontrasse no meio do mato. O fetichista projetaria seus desejos sobre este objeto aleatório, e se iludiria, imaginando que o objeto possui poder sobre a natureza e sobre a vida humana.<sup>565</sup>

---

<sup>561</sup> ABBAGNANO, 2007, p. 439.

<sup>562</sup> BUENO, 2021, p. 133, 134.

<sup>563</sup> PIRES, 2014, p. 350.

<sup>564</sup> PIRES, 2014, 351, 352.

<sup>565</sup> PIRES, 2014, p. 351.

Marx demarca um ponto de inflexão em sua recepção do conceito: diferentemente da interpretação predecessora, que caracterizava civilizações tidas como primevas, o crítico alemão atribui um caráter reflexivo ao termo, afirmando que o fetichismo era presente na própria sociedade em que ele vivia – a moderna e civilizada Europa do século XIX,<sup>566</sup> habitada por brancos “trocaadores de mercadorias”.<sup>567</sup>

Nos manuscritos econômicos de 1857-1858, *Grundrisse*, Marx critica os economistas de seu tempo por tomarem as relações sociais de produção – em configuração burguesa – como qualidades naturais, imanentes das coisas. Esse “materialismo tosco” era uma forma de mistificação, de fetichismo.<sup>568</sup> Esses economistas tratavam a questão socioeconômica de modo a-histórico, porque eternizavam relações social e historicamente situadas, coisificando as relações sociais.<sup>569</sup> Sob o signo da hereditariedade, a naturalização a-histórica das relações sociais de produção é medular para analisar a família matuta em *Vidas Secas*, uma vez que Fabiano e sinha Vitória, em momentos de desconsolo, recebem passivamente a pretensa imanência e imutabilidade do estado padrão das coisas.

Em *O Capital* (1867), Marx retoma o termo *fetichismo*, conceituando-o na perspectiva da mercadoria em configuração capitalista. Trata-se da última seção do primeiro capítulo da obra, intitulada *O caráter fetichista da mercadoria e o seu segredo*. A princípio, uma mercadoria parece ser algo trivial, sem demais meandros; entretanto, analisando-a, é possível perceber que ela carrega consigo “sutilezas metafísicas e melindres teológicos”.<sup>570</sup> O valor de uso de uma mercadoria não tem nada de misterioso – enquanto resultado do trabalho humano, cada produto tem sua utilidade, satisfazendo certa necessidade humana.<sup>571</sup> Só que quando colocadas à venda, as mercadorias recebem também um valor de troca – e essa dimensão da mercadoria, sim, lhe confere sutilezas misteriosas. As relações sociais entre produtores transformam-se, *como que por feitiço*, nas relações sociais entre os produtos do trabalho humano, entre objetos inanimados. Em outras palavras, a *forma-mercadoria* transforma características sociais referentes ao trabalho humano em características sociais próprias, de forma que as relações entre produtos passem a existir à deriva de seus produtores. “É apenas uma relação social determinada entre

---

<sup>566</sup> BUENO, 2021, p. 136.

<sup>567</sup> FLECK, 2012, p. 144.

<sup>568</sup> MARX, 2011, p. 575.

<sup>569</sup> FLECK, 2012, p. 146.

<sup>570</sup> MARX, 2011, p. 204.

<sup>571</sup> MARX, 2011, p. 204, 205.

os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”,<sup>572</sup> sintetiza Marx.

Enquanto está no processo de produção, o produto é controlado pelo trabalhador, que lhe incute uma utilidade. Quando é posto à venda e adquire valor de troca, a lógica se inverte: o produto passa a controlar o produtor.<sup>573</sup> O criador perde o domínio sobre sua criação, a qual assume poderes enigmáticos.<sup>574</sup> São movimentos inversamente proporcionais: enquanto os produtos são personificados, os produtores são coisificados. Esse fenômeno, que acontece com os todos os produtos do suor humano enquanto mercadorias, configura o *fetichismo da mercadoria*: a capacidade de a mercadoria ocultar relações sociais entre trabalhadores (relações muitas vezes de exploração) por baixo de seu valor de troca, como se ela tivesse vida própria, características sociais naturalizadas, desvinculadas de quem a produziu. Predomina o valor de troca de um produto – por meio do qual se explora o trabalhador alienado para gerar lucro ao capitalista – sobre seu valor de uso. Oculta-se, com esse embuste, o que é mediato (as relações humanas de produção) pelo que é imediato (o produto final).<sup>575</sup> “O consumo da mercadoria impõe e apaga todas as etapas da produção e o esforço – físico e intelectual – humano.”<sup>576</sup> É um movimento que mascara a realidade, impossibilitando que a subordinação do trabalhador a seu produto seja flagrada pelo consumidor comum.<sup>577</sup> Em *Vidas Secas*, a objetividade ilusória do produto – seja ele o pastoreio do gado que habita a fazenda, a produção de derivados pecuários, o plantio e a colheita dos frutos da terra ou o cuidado com a fazenda do coronel – acaba por ocultar o fato de que isso tudo é fruto do trabalho realizado por seres humanos: Fabiano e sinha Vitória em uma rotina desafiadora para manter as responsabilidades supracitadas em dia, da melhor maneira que podem realizá-las. Consequentemente, a mercadoria

[...] passa a ter assim uma dupla existência, uma no mundo concreto, no qual ela é um produto como qualquer outro, podendo ser utilizado para algum fim, deteriorando-se com o passar do tempo, etc. (dimensão correspondente ao seu valor de uso); e outra no “mundo das mercadorias”, um mundo no qual os homens não são mais do que os veículos, os suportes, que conduzem estas mercadorias ao mercado, mercado este no qual estas mesmas mercadorias se relacionarão de forma quase autônoma, uma vez que são dotadas de uma objetividade numérica que expressa a medida de sua relação com as demais;

---

<sup>572</sup> MARX, 2011, p. 206.

<sup>573</sup> CUNHA, 2014, p. 02.

<sup>574</sup> MIRANDA, 2019, p. 121.

<sup>575</sup> DA SILVA, 2010, p. 375, 376.

<sup>576</sup> CUNHA, 2014, p. 02.

<sup>577</sup> MIRANDA, 2019, p. 122.

um mundo no qual as coisas não perecem e só servem para fins de intercâmbio (dimensão correspondente ao valor de troca).<sup>578</sup>

A finalidade desse *modus operandi* entre produtos e produtores é o lucro dos que detêm os meios de produção,<sup>579</sup> à revelia de condições mínimas para a realização de um trabalho humanizado. Pelo contrário, as relações laborais entre humanos são varridas para baixo do tapete, porque inúteis para a promoção do capital.

Afinal, qual seria o fio condutor que parte do processo de alienação para o fenômeno da reificação? Em *A teoria da alienação em Marx* (2006), István Meszáros identifica essa passagem quando observa que a alienação se caracteriza pela extensão universal da “vendabilidade”; ou seja, tudo se transforma em mercadoria no modo de produção burguês, inclusive o próprio trabalhador, que é convertido em coisa. Por meio de um processo de atomização, o trabalhador reificado é fragmentado do corpo social e se torna um indivíduo isolado a perseguir objetivos limitados, particularistas.<sup>580</sup> Essa conversão do trabalhador em coisa, em objeto, é propriamente chamada de reificação. Portanto, avante com o seu conceito.

---

<sup>578</sup> FLECK, 2012, p. 148.

<sup>579</sup> DA SILVA, 2010, p. 375.

<sup>580</sup> MÉSZÁROS, 2006, p. 39.

## 2.3. REIFICAÇÃO: A DESUMANIZAÇÃO DO HUMANO

### 2.3.1. O conceito de reificação: etimologia e recepção geral

O verbete *reificação*, em língua portuguesa, origina-se do latim: o radical *res* – literalmente, “coisa” – se refere tanto a coisas concretas e empiricamente observáveis (*ens*) quanto a coisas abstratas e indeterminadas (*aliquid*).<sup>581</sup> O restante da expressão deriva de *facere*, modo infinitivo do verbo “fazer”. Tem-se, assim, “fazer coisa”, “tornar coisa”, *coisificar*.

Encontram-se equivalentes morfológicamente similares em outras línguas românicas que compartilham a mesma raiz etimológica, como *reification* (inglês), *reificazione* (italiano), *réification* (francês) e *reificación* (espanhol). Também vale pontuar que, em alemão, língua na qual o termo recebeu especial atenção conceitual por György Lukács, o termo técnico remonta ao substantivo *Ding* (“coisa”), enquanto o prefixo *ver-* aponta para um movimento de transformação. Daí o verbo *verdinglichen* e sua forma substantivada *Verdinglichung*.<sup>582</sup>

*Lato sensu*, o conceito de *reificação* é utilizado para explicar e denunciar formas de desumanização e exploração presentes nas sociedades de mercado. Nesse sentido, a *coisificação* do trabalhador equivale à supressão das qualidades humanas em favor da produção material que faz girar as sociedades de mercado. Em *Para uma ontologia do ser social* (2018), Lukács afirma que a reificação do trabalhador está relacionada com o contínuo intercâmbio de mercadorias no modo de produção burguês, tal como analisado por Marx em sua crítica à economia política clássica. Ao surgir, a coisificação distorce a essência do processo produtivo, inverte posições produtor-produto e dissimula a desumanização, oculta o trabalho humano sob o estandarte do desenvolvimento material, do avanço e do progresso – sólida base de sustentação para a práxis capitalista.<sup>583</sup> Falar em reificação é criticar violências concretas aplicadas por abstrações conceituais. Reificar implica lidar com os fatos sociais como se fossem coisas, suprimir a autonomia dos indivíduos e reduzi-los a engrenagens de uma maquinaria que, embora inanimada, alça ares e prédicas humanas.<sup>584</sup> Uma crítica à naturalização da falsa

---

<sup>581</sup> VANDENBERGHE, 2017, p. 02.

<sup>582</sup> ATAÍDE, 2020, p. 10.

<sup>583</sup> LUKÁCS, 2018, p. 319, 585, 594.

<sup>584</sup> VANDENBERGHE, 2017, p. 02, 03.

objetividade fenomênica que invisibiliza os processos infraestruturais que a constituem<sup>585</sup> – a mesma naturalização que leva Fabiano, em *Vidas Secas*, pensar ser doidice que a esposa quisesse uma cama mais confortável, como a de seu Tomás da bolandeira. “Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo?”<sup>586</sup> Por isso, as notações propedêuticas a respeito da *alienação* e do *fetichismo da mercadoria* foram fundamentais. Improcedente tratar de *reificação* em perspectiva socioeconômica sem antes revisitá-las. Fábio Crocco (2009) sumariza essa relação tríplice ao afirmar que

[...] o estudo da reificação assenta-se na análise do fenômeno da alienação e do fetichismo da mercadoria. A reificação como conceito é o desenvolvimento lógico e histórico destes. Trata-se da elaboração da temática da alienação que, passando pelo fetichismo, culmina na incubação da reificação como uma nova configuração histórica da análise social, na qual ainda estão presentes seus conteúdos constitutivos. Pode-se até mesmo afirmar que – diante da universalização da mercadoria como objetivação social – no conceito de alienação já estava presente o que viria a ser o fetichismo e a reificação.<sup>587</sup>

No curso do agravamento das sociedades capitalistas e na universalização da forma-mercadoria, as organizações humanas se tornaram mais complexas e racionais. Os desdobramentos nocivos do processo apontam para sujeitos imersos nessa configuração produtiva: os produtos do trabalho humano se afastaram da subjetividade de seus criadores. Por meio do fetichismo, as mercadorias se transformaram em sistemas autorreferentes, fechados, cujo funcionamento não depende mais da vontade ou da consciência dos indivíduos – estes perderam em autonomia e humanidade.<sup>588</sup> Nesta acepção, a reificação, vinculada ao fetichismo da mercadoria, é considerada um desdobramento da alienação dentro da sociedade burguesa devidamente assentada.<sup>589</sup>

O debate sobre *reificação* é de tradição marxista e hegeliana de esquerda.<sup>590</sup> Ele surge com a teorização de Marx sobre *fetichismo da mercadoria* em *O Capital* (1867). *Ipsis litteris* a palavra não aparece em seu texto, mas lhe é pulsante porque atrelada aos engendramentos do fetichismo da mercadoria. O contexto em que surge o termo é de crítica ao cientificismo e de célere crescimento industrial durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Em

---

<sup>585</sup> ATAÍDE, 2020, p. 42.

<sup>586</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>587</sup> CROCCO, 2009, p. 50.

<sup>588</sup> VANDENBERGHE, 2017, p. 06.

<sup>589</sup> ATAÍDE, 2020, p. 43.

<sup>590</sup> VANDENBERGHE, 2017, p. 01.

1923, o crítico marxista de origem húngara György Lukács publica *História e Consciência de Classe*, tratando detalhadamente sobre o fenômeno da *reificação* nas sociedades modernas industrial-mercantilistas.<sup>591</sup> Lukács lança mão do conceito de reificação para esclarecer as características que circundam o processo de produção humana dentro da economia capitalista que lhe era contemporânea.<sup>592</sup> Após expor sua recepção crítica do fenômeno, o desafio será pensar suas contribuições para compreender os traços da reificação dentro da realidade nacional.

---

<sup>591</sup> ATAÍDE, 2020, p. 10.

<sup>592</sup> CROCCO, 2009, p. 60.

### 2.3.2. Alienação, fetichismo da mercadoria e reificação – tríade conceitual

Parte-se da ideia de que sociedades escravistas e feudais antecessoras ao sistema de produção mercantil eram regidas pelo valor de uso dos produtos do trabalho humano, não pelo valor de troca. Nem tudo que era produzido se voltava ao mercado; priorizava-se a satisfação das necessidades de comunidades locais, fossem elas pequenas famílias, ou agrupamento de clãs. Não se trata de defender a inexistência de movimentações comerciais antes do modo de produção capitalista, mas de pontuar que ela era restrita ao excedente de produção material dos produtores locais.<sup>593</sup> Tampouco se quer defender que sociedades pré-capitalistas desconheciam formas de opressão ou de exploração. A questão é que, nessas sociedades, em parte alguma o trabalho de massa era racionalmente mecanizado; pelo contrário, as empresas de massa eram fenômenos isolados, pontuais, não reguladores da produção de toda a sociedade. A escravidão, por exemplo, estava à margem do que se entendia como “sociedade humana”, de modo que o destino dos escravizados não equivalia ao destino da humanidade.<sup>594</sup>

Gradualmente, com advento de profissões que não exigem um esforço coletivo para sua realização, o cenário começa a se inverter. Não mais ligados a uma comunidade específica, os profissionais especialistas deixam de produzir com o fito de satisfazer necessidades mais imediatas; passam a produzir prioritariamente para o mercado de troca. Ao mesmo tempo, esses trabalhadores também passam a adquirir seu meio de subsistência (como roupas, moradia, alimentação) unicamente por meio da troca mercantil.<sup>595</sup>

Neste período transitório, o produtor ainda se encontra no controle dos seus próprios meios de produção, o que leva a ideia de que, no sistema de produção mercantil incipiente, ainda não havia a mercadoria *força de trabalho* – fundamental para se compreender a produção capitalista, que sucederá esta etapa. Em outros termos, se se assume que o produtor era detentor de todos os meios e ferramentas para sua produção material, então ele ainda não precisava vender sua própria força de trabalho, vender a si próprio, para garantir a subsistência – cenário oposto à configuração mercantil burguesa, em que o trabalhador precisa fazê-lo, transformando-se em mercadoria.<sup>596</sup> Na abertura de *Vidas Secas*, os viventes erram pelo sertão aspérrimo do

---

<sup>593</sup> ATAÍDE, 2020, p. 34.

<sup>594</sup> LUKÁCS, 2003, p. 206.

<sup>595</sup> ATAÍDE, 2020, p. 35.

<sup>596</sup> ATAÍDE, 2020, p. 35.

Nordeste. Sem o que comer ou onde pousar, veem-se necessitados de sacrificar o papagaio de estimação para se alimentarem – a farinha acabara e debalde buscavam raízes comestíveis.<sup>597</sup> Após encontrarem uma fazenda inicialmente inabitada, a chuva voltar e o patrão retornar,<sup>598</sup> o vaqueiro não vê outra escolha que não garantir a subsistência familiar oferecendo seus préstimos – figurar-se mercadoria – para o patrão.

Com a universalização da forma-mercadoria, o destino do trabalhador também se torna universal: tudo e todos passam a ser avaliados por seu valor de troca; tudo se torna vendável.<sup>599</sup> O processo de industrialização pelo qual passa a modernidade leva às últimas consequências o primado do valor de troca, fazendo do trabalho algo racionalmente mecanizado, sobrepujando a lógica estrita do uso dos produtos a favor da contínua produção de capital. A industrialização caduca a produção voltada à utilidade prática de um produto por um consumidor específico. “Coisas úteis passam a ser produzidas especificamente para a troca, de modo que o valor é levado em consideração já no momento da produção.”<sup>600</sup> Para o comerciante e para o industrial, o valor de uso de seus produtos vira só um rodeio inevitável para alcançar o lucro por meio do valor de troca.<sup>601</sup>

Eis o primado do lucro: sendo ele inegociável, se algo o afeta e o faz declinar, não há valor de uso no mundo que poupe uma “mercadoria” do mais vil abandono, mesmo que essa mercadoria seja um ser vivente, humano ou não. É o que acontece na “fazenda morta”<sup>602</sup> de *Vidas Secas*. Em tempos de estiagem, a propriedade, a flora, o gado e a família trabalhadora de Fabiano ficavam todos a Deus dará. A mecanização racional do trabalho se torna possível com o aparecimento do “trabalhador livre”: o sujeito que é levado a vender a sua força de trabalho, doravante sua única propriedade, enquanto *mercadoria* – separado que está dos meios de produção. Justamente o que ocorre a Fabiano. Assim, as condições socioeconômicas do nascimento do capitalismo moderno substituem relações mais transparentes e humanas por relações racionalmente sistematizadas, reificadas. Disfarçam-se relações subjetivas entre

---

<sup>597</sup> RAMOS, 2022, p. 09.

<sup>598</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>599</sup> LUKÁCS, 2013, p. 206.

<sup>600</sup> ATAÍDE, 2020, p. 40.

<sup>601</sup> GOLDMANN, 1991.

<sup>602</sup> RAMOS, 2022, p. 13.

produtores por relações objetivas entre produtos, conforme esclarece o conceito de *fetichismo da mercadoria*.<sup>603</sup>

José Paulo Netto, em *Capitalismo e reificação* (1981), analisa que

[...] a existência social do camponês europeu da Idade Média, *apartado da economia mercantil*, era travejada pela alienação, mas as suas relações com o senhor – como o próprio Marx o diz n’O Capital – eram tudo, exceto uma relação objetual: eram relações inteiramente personalizadas. O fetichismo implica a alienação, realiza uma alienação determinada e não opera compulsoriamente a evicção das formas alienadas mais arcaicas. O que ele instaura, entretanto, é uma forma nova e inédita que a alienação adquire na sociedade burguesa constituída, assim entendidas as formações econômico-sociais embasadas no modo de produção capitalista dominante, consolidado e desenvolvido.<sup>604</sup>

Ou seja, embora a separação entre produto-produtor existisse nas relações feudais, a dinâmica camponês-senhor não resultava na coisificação do trabalhador, porque as relações eram personalizadas. Em tese, foi com o enquadramento da mercadoria enquanto célula econômica da sociedade burguesa constituída – momento em que as relações mercantis se agravam na produção capitalista – que houve a instauração dos processos alienantes particulares, porque doravante marcados pelo fetichismo da mercadoria e pela reificação. Findo o medievo, o primado da *forma-mercadoria* enquanto estandarte do sistema de produção burguês se inicia já nos estertores do século XV, com a consolidação do sistema econômico mercantilista em perspectiva com as navegações transatlânticas e, conseqüentemente, a reificação de povos originários em prol do acúmulo de riquezas. A partir de meados do século XVIII, o cenário se agrava quando o mercantilismo é sucedido pelo liberalismo econômico: demarca-se o início do capitalismo industrial, consolidado pela Revolução Industrial Inglesa e sua urgência na produção mercantil em larga escala. O ato laboral passa a objetivar exclusivamente a produção sistemática para troca posterior (lógica capital), independentemente de ser ou não necessário ao uso imediato.<sup>605</sup> O trabalhador, por sua vez, é despersonalizado. Sob o fito da produção mercadológica sistemática, suas características personalíssimas, sua humanidade e essência são colocadas em segundo plano – em não sendo lucrativas, são pulverizadas diante da urgência capital. Assim, procede afirmar que “o conceito de reificação é empregado explicitamente como

---

<sup>603</sup> LUKÁCS, 2013, p. 206, 207.

<sup>604</sup> NETTO, 1981, p. 75.

<sup>605</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 187, 188.

chave explicativa da distinção entre a experiência social no capitalismo e a vivência própria das formas históricas do passado.”<sup>606</sup>

György Lukács afirma que o fetichismo da mercadoria é específico do capitalismo moderno, pois é nele que a troca de mercadoria e seus resultados influenciam a vida interior e exterior do trabalhador. Os engendramentos da lógica mercantil em *Vidas Secas* se efetivam em duas dimensões paralelas: uma se refere à exploração e ao aproveitamento insidioso de seres desumanizados; a outra aponta para as consequências dessa vida desumana no interior dos retirantes, que ora resistem – “[Fabiano] não queria morrer. [...] Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem”<sup>607</sup> –, ora se veem rendidos à lógica aviltante, naturalizando a humilhação: “Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.”<sup>608</sup>

Quando o metabolismo de uma sociedade é pautado predominantemente pela troca mercantil, não se deve analisar só o aspecto *quantitativo*, conforme os hábitos modernos já reificados, mas também o *qualitativo*, enxergando além das cifras e investigando as consequências da produção capitalista na infraestrutura social. Afinal, a diferença entre uma sociedade em que forma mercantil aparece esporadicamente e uma em que ela ubíqua também é qualitativa, não só quantitativa.<sup>609</sup> Justamente o fito deste estudo: avaliar as consequências da produção capitalista no âmago dos retirantes nordestinos, bem como nas relações interpessoais que eles travam com seres que aparecem como hierarquicamente superiores.

José Paulo Netto (1981) postula que a reificação é uma “forma qualitativamente diferente e peculiar da alienação na sociedade em que o fetichismo se universaliza”.<sup>610</sup> Afirma ser óbvio que a sociedade burguesa seja fundada na produção mercantil; o que não é tão óbvio assim é perceber que, dada a universalização da forma-mercadoria, isso vá muito além da mera circulação de trocas mercantis e alcance todos os serviços e relações interpessoais, disseminando-se nas próprias entranhas da estrutura social.<sup>611</sup> É o que acontece na imagem evocada por Graciliano em *Vidas Secas*: uma família devastada por uma configuração mercantil

---

<sup>606</sup> MUSSE, 2019.

<sup>607</sup> RAMOS, 2022, p. 22.

<sup>608</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>609</sup> LUKÁCS, 2013, p. 194, 195.

<sup>610</sup> NETTO, 1981, p. 75, 76.

<sup>611</sup> NETTO, 1981, p. 84.

hostil. A alienação não se restringe ao estado de consciência individual. Resultado de produções objetivas que se disseminam em todas as searas sociais, ela é resultado da totalidade concreta, pautada na inversão sujeito-objeto; na subserviência do primeiro em relação ao segundo, sua própria criação.<sup>612</sup>

---

<sup>612</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 187.

### 2.3.3. Totalidade e atomização

Enquanto categoria universal de todo o ser social, a mercadoria é a unidade nuclear da sociedade capitalista e o ponto de partida para a investigação sobre a reificação; <sup>613</sup> afinal, a universalização da forma-mercadoria resulta na abstração do trabalho humano objetivado nos produtos que giram no mercado. <sup>614</sup> Ao passo que a mercadoria se distancia gradativamente das necessidades humanas autênticas, o seu percurso de desenvolvimento continua coisificando as relações humanas. <sup>615</sup> Quando a reprodução do sistema capitalista alça um nível socioeconomicamente mais elevado, a estrutura da reificação penetra a consciência humana de forma mais contundente. <sup>616</sup> É por isso que Lukács avalia a reificação como *experiência fundamental da sociedade burguesa*.

A consciência reificada de Fabiano revela uma vasta fatura de desumanidades sofridas. Quando convidado a jogar cartas, o vaqueiro, incapaz de formular uma resposta coerente, lança expressões aleatórias e desconexas que memorizara de seu Tomás da Bolandeira. “Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.” <sup>617</sup> O romance revela ao longo dos capítulos que as faculdades mais humanas do vaqueiro estavam embotadas, arruinadas por um trabalho que o tomava como objeto inanimado. O que parece lhe restar – malgrado seu empenho em contornar as intempéries e zelar por sua família – é um trabalho silente, resignado a uma realidade aviltante que traz em seu bojo o ocaso final.

Em Lukács, a reificação se consolida na sociedade capitalista a partir da perda da *consciência da totalidade*, que ocorre por meio da especialização do trabalho. A expressão aponta para “a organização da produção num determinado nível do desenvolvimento social e a divisão de classes que opera na sociedade”, <sup>618</sup> integrando os diferentes fatos da vida social. O raciocínio lukácsiano parte do terreno da realidade – e, como reitera Luís Eustáquio Soares, “a realidade vem primeiro.” <sup>619</sup> Para Marx, assim como para Soares e Lukács, não existe espaço para se considerar aspecto algum isolado da realidade histórica, algo que fosse pretensamente regido

---

<sup>613</sup> LUKÁCS, 2013, p. 198.

<sup>614</sup> LUKÁCS, 2013, p. 200.

<sup>615</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 189, 190.

<sup>616</sup> LUKÁCS, 2013, p. 211.

<sup>617</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

<sup>618</sup> LUKÁCS, 2013, p. 140.

<sup>619</sup> Fala do prof<sup>o</sup> dr. Luís Eustáquio Soares na disciplina de Literatura, Alteridade, História e Sociedade: lírica, soberania nacional e alteridade, PPGL, UFES, em 13 de set. de 2023.

por configurações autônomas. O esforço hermenêutico rumo a uma análise social emancipadora pressupõe o conhecimento integral do trabalho humano em seu processo produtivo. A recepção lukácsiana da *totalidade* é, portanto, realista — não algo metafísico e abstrato, mas sim um ajuntamento coerente de fatos investigados na *práxis* social.<sup>620</sup>

A reificação em *Vidas Secas* figura de fato como *perda da consciência da totalidade*. A miséria, o sofrimento, a dor, a fome, a exploração... tudo isso Fabiano e sinha Vitória conhecem. Todavia, os retirantes não alcançam a organização produtiva mercantil em que se enquadram, muito menos como ela engendra a miséria em suas vidas, levando-os ao gradual esfacelamento de individualidades. Tentativa há, mas seus pensamentos ficam mormente anuviados. Paradigmática a cena em que, indignado com o encarceramento arbitrário, Fabiano busca refletir:

Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou — e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.<sup>621</sup>

---

<sup>620</sup> ATAÍDE, 2020, p. 16.

<sup>621</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

### 2.3.4. A ciência no torvelinho da atomização socioeconômica

Proporcionalmente à sua evolução e aprimoramento ao longo da Idade Moderna até os dias correntes, a ciência – por meio de investigações cada vez mais específicas e verticais da realidade fenomênica – vem segmentando o trabalho humano e o todo social em micropartes.<sup>622</sup> O tempo perde seu caráter qualitativo, mutabilidade e fluidez, porque passa a um *continuum* precisamente delimitado, quantitativamente mensurável, reificado. A fragmentação é refratada para o trabalhador, cuja mecanização do trabalho se transforma em realidade intransponível.<sup>623</sup> Estratégia da economia política clássica: aplicar o conhecimento das ciências naturais à evolução da sociedade – fortalecendo a ideologia burguesa, para a qual é imprescindível que a ordem produtiva seja recepcionada pelas massas como atemporal, eterna, naturalmente racional.<sup>624</sup> Em *Vidas Secas*, a recepção naturalizada da ordem produtiva é passada de pai pra filho:

[...] o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.<sup>625</sup>

A racionalização da economia em um sistema de leis, projeto consciente e proposital, constitui uma barreira metodológica que impede os trabalhadores de alcançar a *consciência da totalidade*.<sup>626</sup> A ciência burguesa do século XIX esforçou-se para disfarçar os fundamentos da sociedade burguesa, falsificando fatos e teorizando a propósito do caráter sublime e essencial da História, dos Estados e de outras instituições sociais.<sup>627</sup> A dimensão coletiva do trabalho foi pulverizada. Os campos investigativos foram alienados em partes autônomas. Para maquiagem os fundamentos historicamente situados da sociedade burguesa em uma essência pretensamente atemporal, é fundamental que o povo seja ignorante; e ignorante não somente em relação aos elementos materiais que compõe à totalidade social, mas em relação à sua própria potência de estudar, aprender e ter um pensamento investigativo em relação à realidade para além do fenomênico, em dimensão infraestrutural. Nessa perspectiva, o analfabetismo vigorante em *Vidas Secas* é medular para que a lógica da espoliação seja perpetuada.

---

<sup>622</sup> ATAÍDE, 2020, p. 10.

<sup>623</sup> LUKÁCS, 2013, p. 205.

<sup>624</sup> LUKÁCS, 2013, p. 80.

<sup>625</sup> RAMOS, 2022, p. 15, 16.

<sup>626</sup> LUKÁCS, 2013, p. 231.

<sup>627</sup> LUKÁCS, 2013, p. 168.

É digno de nota que o discurso da objetividade burocrática trabalhe com termos como “probidade”, “honra” e “senso de responsabilidade” do trabalhador, como Fabiano a ouvir do patrão explorador que “era bom pensar no futuro, criar juízo”<sup>628</sup> – quando isso não passa de ferramenta para tentar despistar o vaqueiro do engodo presente na prestação de contas. Em Lukács, a divisão do trabalho penetra a dimensão “ética”, psicológica do produtor; isto é, reforça a estrutura da consciência reificada como paradigma para a sociedade da produção capital. <sup>629</sup> Como consequência, fica mais difícil apropriar-se holisticamente da realidade. <sup>630</sup> Cada trabalhador passa a responder por uma fração ínfima do processo produtivo, quando comparado com o resultado final da mercadoria. Obliteram-se os elos que, num processo produtivo antecessor, ligavam o trabalhador a certa comunidade. Nas sociedades de mercado, o horizonte da ação do trabalhador fica anuviado: não se compreende bem a situação socioeconômica em que se encontra. <sup>631</sup> Reificada, a classe trabalhadora “só poderá desempenhar um papel subordinado e nunca poderá intervir na marcha da história como fator de conservação ou de progresso”, <sup>632</sup> com ações fadadas ao vazio e ao fracasso. Uma “tendência da evolução capitalista”. <sup>633</sup> O fetichismo da mercadoria altera as percepções que se têm dos fenômenos sociais, da coisificação das relações humanas e da crescente racionalização do trabalho, que atomiza os processos produtivos à revelia da capacidade reflexiva do trabalhador.

Dentro da lógica produtiva em larga escala, as ciências burguesas propuseram análises sociais pelo prisma do indivíduo atomizado e alienado de um panorama capaz de avaliar a integração das relações socioeconômicas. Análises parciais e desconexas; <sup>634</sup> fundamentais para apartar o trabalhador do processo global de produção, resultando na desapropriação de seu caráter humano. Com isso, a produção material continua irrefletida. Agrava-se a fragmentação da consciência laboral. Reitera-se: reificação pode ser compreendida como perda de consciência da totalidade social. <sup>635</sup>

---

<sup>628</sup> RAMOS, 2022, p. 89.

<sup>629</sup> LUKÁCS, 2013, p. 221.

<sup>630</sup> ATAÍDE, 2020, p. 16.

<sup>631</sup> LUKÁCS, 2013, p. 141.

<sup>632</sup> LUKÁCS, 2013, p. 144.

<sup>633</sup> LUKÁCS, 2013, p. 72.

<sup>634</sup> ATAÍDE, 2020, p. 20.

<sup>635</sup> ATAÍDE, 2020, p. 27.

O trabalhador descapitalizado de *Vidas Secas* perde fragmentos de sua essência para as engrenagens do sistema que visa o lucro. Anuviando seu horizonte de ação mais próximo, a reificação o faz correr desesperadamente pelo pão cotidiano, ignorando a dimensão socioeconômica que subjaz suas desgraças – cenário paradigmático para a perpetuação de injustiças sociais, visto que nele a consciência da totalidade social é suprimida. Em certa medida, a personagem Sinha Vitória representa exceção a tal panorama: conquanto sofra as consequências da alienação, apresenta uma lucidez singular entre os membros de sua família. Recusa que seus filhos sigam os passos do pai no vaquejo e no trato de animais campestres – sua ideia é que os meninos “adotariam costumes diferentes”<sup>636</sup> após se fixarem num local longe de onde estavam.

Há pontos de inflexão fundamentais entre a reificação em Lukács e em Graciliano. O universo matuto de *Vidas Secas* não trata de um minucioso fracionamento do processo produtivo de certa mercadoria, como se Fabiano fosse um operador que só dominasse parte da produção. Ademais, a reificação em *História e Consciência de Classe* rescende a fumos de Revolução Industrial, de uma “proto-uberização” que aconteceu na Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII e se difundiu, ao longo do XIX, Europa afora e ultramares. Por sua vez, a realidade do Nordeste aspérrimo apresentou uma configuração socioeconômica e política outra, que não a observada por Lukács em *HCC*. O sistema produtivo do sertão nordestino é mais defasado, em conformidade com hábitos coloniais pré-industriais. O diálogo, não obstante, é consistente e vinga: a reificação enquanto perda da consciência da totalidade é precisamente o que se passa com os matutos no romance.

---

<sup>636</sup> RAMOS, 2022, p. 120.

### 2.3.5. Dialética e contingência

A dialética está na contramão de procedimentos que geram fatos isolados, naturalizados, movidos a leis próprias sob a égide das teorias políticas e econômicas burguesas. Embora seja possível uma compreensão dos principais pontos de um acontecimento histórico de forma isolada, Lukács sublinha a importância de compreendê-lo na unidade do processo histórico, ou seja, na relação entre acontecimentos que o anteciparam e outros que lhe são contemporâneos – uma compreensão histórica sólida, consistente.<sup>637</sup>

O processo dialético busca recuperar a historicidade dos fatos, afastando a contingência que fundamenta a manutenção do modo de produção capitalista. Ele ocorre pelo confronto entre o fenômeno das coisas em sua forma imediata e a sua essência – em busca das mediações e possíveis entrelaçamentos. Mediações que amiúde mascaram os motores produtivos da infraestrutura: trabalhadores subjugados em prol da boa manutenção da superestrutura social.<sup>638</sup> Tal concepção dialética de totalidade é capaz de compreender a realidade histórica no plano do pensamento como devir social.<sup>639</sup> Negligenciá-la é perder a inteligibilidade histórica enquanto processo unitário.<sup>640</sup>

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos apresenta procedimento dialético. Visceral, enfrenta e subleva a aparente calma na superfície do tecido social. Em momento algum se afasta de uma perspectiva com credencial histórica. A partir do esteio pragmático, investigativo e estatístico do ambiente retratado esteticamente, o alagoano traz à tona as chagas que acometem os reais motores da infraestrutura social. Escancara uma realidade relegada ao esquecimento, avesso que era à reprodução de privilégio, às relações verticalizadas que pulverizam o trabalho humano e ignoram sangue e suor.

A perda da inteligibilidade histórica ressoa no controle do processo produtivo, que aparece como ferramenta de racionalização apenas no âmbito parcial da realidade fragmentada, cumprindo o papel da demanda mercantil. Quando observado em sua completude, o sistema que incita a concorrência e a extração da mais-valia se revela uma anarquia, um caos impossível

---

<sup>637</sup> LUKÁCS, 2012, p. 83.

<sup>638</sup> LUKÁCS, 2013, p. 72, 73, 75, 75.

<sup>639</sup> LUKÁCS, 2013, p. 78, 79.

<sup>640</sup> LUKÁCS, 2013, p. 82.

de administrar. A racionalização do mundo, que penetra o físico e o psíquico do trabalhador, encontra seu limite justamente na contingência que sustenta seu caráter formal.<sup>641</sup> Ocorre uma paradoxal irracionalidade disfarçada de racionalidade – um engodo sistematizado a fim de esfacelar subjetividades, desumanizando-as e explorando-as em prol da produção capital; <sup>642</sup> um embuste que aliena o trabalhador humilde de si e de seus pares. Fabiano “não gostava de se ver no meio do povo. Falta de costume. Às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões.” <sup>643</sup> Em clave dialética, a autonomia do sistema de produção burguês mostra-se aparente, porque passível de transição diante da dinamicidade do processo histórico. <sup>644</sup> Ainda assim, “toda a estrutura da produção capitalista repousa sobre essa interação entre uma necessidade submetida a leis estritas em todos os fenômenos isolados e uma irracionalidade relativa do processo como um todo”. <sup>645</sup>

A competência do pensamento dialético é o que inconscientemente Fabiano anela ter quando pensa na formação intelectual de sr. Tomás da bolandeira, que era um homem lido, ou quando lembra de sinha Terta e de como ela conseguia expressar em palavras o que sentia. É o que busca também seu filho mais velho com sua curiosidade a respeito de palavras novas, do funcionamento dos astros, do mundo ao seu redor.

---

<sup>641</sup> LUKÁCS, 2013, p. 223.

<sup>642</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 189, 190.

<sup>643</sup> RAMOS, 2022, p. 95.

<sup>644</sup> LUKÁCS, 2013, p. 84.

<sup>645</sup> LUKÁCS, 2013, p. 225.

### 2.3.6. Individualismo proposital e a necessidade do controle

O individualismo que daí decorre não é contingente. O trabalhador fragmentado encontra dificuldade em se associar a seus pares, é impedido de se reconhecer na generalidade do proletário, cego que está pela especificação do trabalho, pela concorrência salarial. A princípio, tem-se a impressão de que a ciência teria perdido o sentido da totalidade por conta da especialização, escapando a ideia de que isso seja proposital.<sup>646</sup> A fragmentação é aguda na dinâmica laboral de Fabiano e de sinha Vitória. Ambos, por conta da atomização social, apresentam dificuldade de associação a seus semelhantes, a tal ponto que não conseguem desenvolver competências linguísticas elementares – nas palavras do romance, “ordinariamente a família falava pouco”.<sup>647</sup>

Mesmo que compreendesse a estrutura que o oprime, a sós o trabalhador não poderia construir laços necessários para o enfrentamento da estrutura que sustenta sua miséria.<sup>648</sup> Como a racionalidade da lógica produtiva burguesa encontra seu limite no pensamento dialético<sup>649</sup> – na capacidade de sobrepujar a realidade fenomênica –, a descoberta coletiva da *consciência da totalidade* colocaria em xeque o sistema produtivo capitalista. Descobri-la é desmascarar a ilusão proporcionada pela “fetichização” do modo de produção capitalista. Lukács defende que a única superioridade eficaz do proletariado em face à burguesa é esta: compreender a sociedade como concreta e histórica, o que leva ao entendimento da reificação que baliza os processos sociais.<sup>650</sup> Com isso, a naturalização e a essência a-histórica dos fenômenos do capitalismo seriam flagradas como engodos. Essa compreensão vivificaria o caráter histórico, transitório, material e proposital do fenômeno que acoberta a infraestrutura social.<sup>651</sup> Nas palavras do teórico húngaro,

[...] as relações reflexivas dessas formas fetichistas, suas “leis”, surgidas inevitavelmente da sociedade capitalista, mas dissimulando as relações reais entre os objetos, mostram-se como as representações necessárias que se fazem os agentes da produção capitalista.<sup>652</sup>

---

<sup>646</sup> LUKÁCS, 2013, p. 228, 229.

<sup>647</sup> RAMOS, 2022, p. 10.

<sup>648</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 188.

<sup>649</sup> CROCCO, 2009, p. 56.

<sup>650</sup> LUKÁCS, 2013, p. 390.

<sup>651</sup> ATAÍDE, 2020, p. 25.

<sup>652</sup> LUKÁCS, 2013, p. 85, 86.

Além de mascarar o processo histórico por trás de fenômenos naturalizados, a ilusão fetichista também oculta as categorias econômicas por trás da produção social, humanizando objetos que passam a se “relacionar entre si”, relegando sujeitos como Fabiano e sinhá Vitória à condição de pedra.<sup>653</sup>

A *totalidade social* assenta terreno na *práxis*. Não só transforma o próprio objeto de conhecimento, como também o sujeito, que, ao buscar compreendê-la, deve ele mesmo ser uma totalidade, coletivizando-se em classe social.<sup>654</sup> A ideia de consciência de classe pressupõe a recuperação do pensamento holístico da sociedade, diante do qual a reificação e a naturalização do *status quo* perdem forças, sendo desmascaradas como um processo historicamente produzido; portanto, passíveis de superação.<sup>655</sup> Quando em busca da *consciência da totalidade*, deve-se suprimir romantismos a-históricos; pelo contrário, é preciso investigar o real para além do espetáculo fenomênico.<sup>656</sup> Em *HCC*, a organização proletária em classes seria capaz de descortinar o véu reificante<sup>657</sup> que relega o trabalhador à atitude contemplativa.<sup>658</sup>

Em suma, a noção de consciência de classe aponta para a *desreificação* do sujeito social enquanto trabalhador;<sup>659</sup> assim como Graciliano Ramos, ao trazer ao cerne do debate o trabalho

---

<sup>653</sup> LUKÁCS, 2013, p. 87.

<sup>654</sup> ATAÍDE, 2020, p. 27.

<sup>655</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 193.

<sup>656</sup> ATAÍDE, 2020, p. 51.

<sup>657</sup> Em 1967, Lukács prefacia uma reedição de *História e Consciência de Classe* apontando autocríticas ao texto originalmente publicado em 1923. Desfecho de seu desenvolvimento intelectual desde o fim da Grande Guerra, o autor considera esta obra um estágio transicional rumo a uma clareza maior (LUKÁCS, 2013, p. 13). Retrospectivamente, ele flagra em *HCC* um “messianismo revolucionário, idealista e utópico” (2013, p. 11), uma influência da herança hegeliana tal que a *práxis* revolucionária, considerada objetivamente, aparece como um “simples milagre” (2013, p. 18). “Eu não percebia que, sem uma base na *práxis* efetiva, no trabalho como sua protoforma e seu modelo, o caráter exagerado do conceito de *práxis* acabaria se convertendo num conceito de contemplação idealista.” (2013, p. 17). Assim, a consciência de classe foi apresentada como imanente à classe proletária, em prejuízo de determinações materiais fundamentais à análise. Ele assume que tal posicionamento não correspondia “à autêntica doutrina de Marx” (2013, p. 17) e “perdia progressivamente sua real influência” (2013, p. 32) nos anos vindouros. A partir de então, o crítico “procurou desvencilhar-se do idealismo hegeliano e caminhar rumo a uma concepção ontológica e materialista.” (FREDERICO, 2023). Todavia, é fundamental sublinhar que *HCC* surgiu nove anos antes de se descobrirem os *Manuscritos Econômico-filosóficos* de Marx, que confirmaram teses lukácsianas a propósito da filiação do pensamento marxiano com Hegel (BARROS, 2023). Malgrado legar ao proletário “uma missão histórica equivalente ao *devoir* do Espírito hegeliano, o que incidia numa metafísica no curso da história” (BARROS, 2023) – equívoco devidamente assumido –, Lukács elaborou em *HCC* uma sólida análise *ante facto* sobre do funcionamento das sociedades de mercado sob o primado da *forma mercadoria* e subsequente presença do *fetichismo* e da *reificação*. O capítulo “A reificação e a consciência do proletariado” segue um dos textos “mais importantes da história do marxismo e do pensamento social contemporâneo” (BARROS, 2023).

<sup>658</sup> MUSSE, 2019.

<sup>659</sup> ATAÍDE, 2020, p. 20.

explorado no aspérrimo do sertão nordestino, batalha em prol da *desreificação* dos viventes esquecidos. O escritor alagoano lhes resgata a humanidade ao atribuir voz ao pensamento sufocado, bem como amplia o escopo de totalidade social de seu público leitor ao desvelar um Brasil desconhecido – afirmativa com acurácia ainda maior em perspectiva com público nacional no final dos anos 1930. Evidente como a consciência de classe e a emancipação do pensamento representam perigo ao bom funcionamento de um modo de produção burguês. A passividade atomizada do trabalhador, o controle social que dela decorre <sup>660</sup> e a aparente inexorabilidade das determinações produtivas são um *sine qua non* do êxito capital. O sistema de leis que o sustenta não deve ser questionado, ou cristalinamente cognoscível, pois colocaria em risco a economia política clássica. <sup>661</sup>

Os lampejos de consciência que Fabiano tem na cadeia lembram essa retomada da totalidade por vias de coletividade. Encarcerado injustamente, o matuto se revolta e, arranjando as ideias, pensa que se não fossem a esposa e os filhos, entraria para o cangaço e faria estrago nos dirigentes corruptos, <sup>662</sup> já que não tinha nada a perder. O cangaço foi, entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, uma forma de resistência ativa contra a negligência estatal dentro da gestão pública do Nordeste, contra os desmandos de autoridades locais; um modo vingativo de tomar as rédeas da realidade social, numa lida extrajudicial considerada por uns como banditismo social e, por outros, como criminalidade cruel em prol de ganhos individuais. Independente de recepção alfa ou ômega deste fenômeno histórico, o fato é que sua dimensão social de coletividade chega aos trôpegos pensamentos de Fabiano como uma hipótese de romper com os grilhões que o prendiam a uma série de injustiças.

---

<sup>660</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 189.

<sup>661</sup> LUKÁCS, 2013, p. 226, 227.

<sup>662</sup> RAMOS, 2022, p. 35.

### 2.3.7. Naturalização

O isolamento reificante engendra a naturalização do *status quo*. Apartado de uma consciência social holística, o sujeito isolado vê o mundo como que regido por leis insuperáveis. Segundo o narrador de *Vidas Secas*, Fabiano vê a hereditariedade como justificativa para sua condição de explorado, naturalizando-a.<sup>663</sup> Fica a sensação de que *não há nada que se possa fazer para mudá-la*, o que desagua em fatalismo.<sup>664</sup> Naturalizado, o mundo reificado aparece como o único possível.

Essa conjuntura leva Fabiano a se “[acostumar] a todas as violências, todas as injustiças”.<sup>665</sup> Embora nunca tivesse tido instrução, admira a comunicação coesa e coerente. “Em horas de maluqueira”,<sup>666</sup> deseja imitar seu Tomás da bolandeira, que tinha uma “sabedoria que inspirava respeito.”<sup>667</sup> Era quando o vaqueiro “dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava.”<sup>668</sup> Sabe que o manejo das palavras auxilia um vivente a lidar com os desentendimentos e imprevistos cotidianos. Contudo, diante da naturalização de uma existência reificada, convence-se de que não havia nascido pra isso. Encarcerado arbitrariamente, sofre porque deseja saber se explicar – tão bem quanto seu Tomás da bolandeira o faria – para o delegado.

Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. [...] Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.<sup>669</sup>

O período “*Cada qual como Deus o fez.*” é paradigmático para compreender a naturalização das injustiças sofridas pelo trabalhador rural. Naturalização agravada pelo fato de Fabiano, na toada da hereditariedade, replicá-la na educação que dá a seus filhos. Naturalizada a desgraça, embora admire “as palavras compridas e difíceis da gente da cidade [...], sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.”<sup>670</sup> Inúteis porque não puderam salvar seu Tomás da bolandeira

---

<sup>663</sup> RAMOS, 2022, p. 15.

<sup>664</sup> ATAÍDE, 2020, p. 26.

<sup>665</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>666</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>667</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>668</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>669</sup> RAMOS, 2022, p. 31, 34.

<sup>670</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

quando a seca voltou; perigosas porque “se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito”.<sup>671</sup> Portanto, defende que o melhor é aprender a “encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado. [...] Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. Era bom eles saberem que deviam proceder assim”.<sup>672</sup> Busca suprimir a curiosidade do filho mais velho. “Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar?”<sup>673</sup> Fabiano não quer que o filho tenha o fim de seu Tomás.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas.<sup>674</sup>

Fabiano zela pela sobrevivência dos filhos. A seu ver, dar vazão aos estudos, ler e aprender representam distrações com as quais eles não poderiam arcar naquele momento da vida. Seus filhos “estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha direito de saber? Tinha? Não tinha.”<sup>675</sup> A lógica que subjaz a naturalização da miséria é trágica: Fabiano convence-se de que não tem direito de saber, porque não nasceu pra isso. “Quem é do chão não se trepa”;<sup>676</sup> isto é, gente pobre não ascende socialmente. “Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?”<sup>677</sup> Como o pai, era preciso que os meninos conhecessem “o seu lugar”.<sup>678</sup> Fabiano entende que, “livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos.”<sup>679</sup> Todavia, superados os perigos climáticos, o embate social e as explorações laborais continuariam dentro de uma sociedade de mercado verticalmente organizada, perspectiva que o vaqueiro não alcança. A educação – *a priori* um óbice à mentalidade reificada de Fabiano na busca pelo pão cotidiano no nordeste aspérrimo – em verdade é uma consistente chave desreificante, aquilo que possibilitaria a seus filhos um futuro desvencilhado da naturalização que figura em *Vidas Secas* como hereditariedade. Para a perpetuação da lógica socioeconômica que os explora, fundamental que continuassem

---

<sup>671</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>672</sup> RAMOS, 2022, p. 19.

<sup>673</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>674</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>675</sup> RAMOS, 2022, p. 20.

<sup>676</sup> RAMOS, 2022, p. 89.

<sup>677</sup> RAMOS, 2022, p. 23, 94.

<sup>678</sup> RAMOS, 2022, p. 91.

<sup>679</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

analfabetos, ignorantes e atomizados o suficiente para não compreenderem as raízes do próprio sofrimento.

“O processo histórico reificado parece ter encontrado seu termo, de forma que o capitalismo é considerado o fim da odisseia humana, a última estação do trem da história”.<sup>680</sup> Restaria ou o domínio da técnica para se dominarem tais leis perpétuas, ou a transformação interior de si – aposta que se restringiria à seara da abstração e da ética, jamais alcançando uma mudança material. Conforme dito, essas regras sociais seriam “pétreas”.<sup>681</sup> Outro ponto de inflexão entre a reificação lukácsiana em relação ao universo dos matutos em *Vidas Secas*: reificados, nem mesmo resta aos matutos o domínio da técnica, ou a transformação social de si. No primeiro caso, porque não se trata do quão subservientes mostram-se em relação ao patrão – independente do domínio da técnica, o fazendeiro os explora, aproveitando-se da rusticidade do casal, enquanto houver condições climáticas favoráveis à pecuária e à agricultura. No segundo caso, porque o interior desses viventes é dominado por um movimento pendular entre a esperança por dias melhores – ancorada não em elementos factuais, mas em hipotética intervenção providencial – e o pressentimento de decadência e morte. Diante do movimento anímico resultante de dinâmicas socioeconômicas que fogem à alçada dos cambaios, não cabe falar em transformações interiores.

Marx critica a naturalização do modo de produção capitalista, alegando que a superestrutura de uma sociedade não tem uma história movida por leis próprias. As grandes e basilares instituições sociais – *e.g.* religião, o direito e a economia – não são autônomas, mas expressões de um movimento coletivo da sociedade.<sup>682</sup> A reconexão entre elementos da superestrutural social e seu motores infraestruturais está na base de *Vidas Secas*: sua estética escancara inconsistências que subjazem a superfície social pretensamente plácida.

---

<sup>680</sup> ATAÍDE, 2020, p. 48.

<sup>681</sup> ATAÍDE, 2020, p. 26.

<sup>682</sup> ATAÍDE, 2020, p. 20, 21.

### 2.3.8. Por todos os domínios sociais – entre o qualitativo e o quantitativo

Ao passar por todos os domínios da vida, a reificação apaga o que há de mais humano no trabalhador envolvido no processo de industrialização, com uma normatização laboral que o automatiza, reconfigurando-o para agir sob métricas precisas que rebaixam o que lhe é qualitativo (suas subjetividades) em prol do quantitativo, da mecanização racionalizada que, por um lado, enobrece a revenda da mercadoria <sup>683</sup> e, por outro lado, deságua em vivências irrefletidas.

O elo fundamental entre a estrutura econômica universal e a consciência subjetiva do proletariado é este: a forma de objetivação humana – o modo de produção em que o trabalhador se encontra, suas condições e suas consequências práticas – interfere em sua consciência. <sup>684</sup> A especialização mecanicista do trabalho não só resulta no aumento da produção e dos resultados, como também penetra até a “alma” do trabalhador. <sup>685</sup> As qualidades psicológicas do trabalhador são separadas de sua personalidade e objetivadas para integrar sistemas devidamente calculados rumo ao aumento do lucro capital. <sup>686</sup> Não só a sua existência física é posta em xeque, como também a anímica. <sup>687</sup> A liberdade em sociedade é a do indivíduo atomizado. Uma liberdade egoísta que desconhece noções de solidariedade e coesão social e, quando as conhece, não as pratica. <sup>688</sup> A consciência de cada um é ignorada e reificada de tal forma que só se consegue pensar no acúmulo de honrarias e posses materiais, em ganhos quantitativos. <sup>689</sup> Na trama de *Vidas Secas*, Fabiano e sua família resistem contra o primado do individualismo atomizado. Resistem ao preservar a humanidade alheia, em clara postura de solidariedade. Isso ocorre até mesmo nas situações menos prováveis, como quando Fabiano encontra o soldado amarelo em meio à mata fechada: momento oportuno para se vingar da humilhação que sofrera aguentando pancada e dormindo no cárcere sem motivo. Todavia, Fabiano não o faz. A reserva de humanidade aparece também quando ele se compadece pelo fim de seu Tomás da bolandeira: “Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito [...] andar por

---

<sup>683</sup> GOLDMANN, 1991.

<sup>684</sup> CROCCO, 2009, p. 55.

<sup>685</sup> GUTIERREZ, 2021, p. 19.

<sup>686</sup> LUKÁCS, 2013, p. 201, 202.

<sup>687</sup> ATAÍDE, 2020, p. 51.

<sup>688</sup> LUKÁCS, 2013, p. 555.

<sup>689</sup> LUKÁCS, 2013, p. 587.

este mundo de trouxa nas costas”;<sup>690</sup> ou até mesmo quando Fabiano sentia falta da ave doméstica, sacrificada para matar a fome do grupo.<sup>691</sup>

É também pelo esfacelamento do qualitativo em prol do quantitativo que o fetichismo da mercadoria, esse duplo da reificação, é específico do capitalismo moderno. À medida que o processo de trabalho se especifica historicamente, desde a produção artesanal até as linhas de frente da indústria mecânica,<sup>692</sup> a criatividade, a mundividência e a individualidade do proletariado se tornaram insignificantes, salvo as que apresentarem algum préstimo produtivo.<sup>693</sup> As qualidades humanas são vistas como fontes de erro; interferências em potencial para um sistema cujo funcionamento é pensado previamente.<sup>694</sup> O ser humano não mais é o verdadeiro portador do processo produtivo, senão mera peça num todo mecânico a cujo funcionamento deve se submeter.<sup>695</sup> Distante do senso de coletividade, a consciência individual perde sua função ativa: torna-se reflexo da sociedade fragmentada em pequenas partes incôscias da totalidade – fenômeno que gera consequências econômicas e subjetivo-afetivas para os seres sociais.<sup>696</sup> O trabalhador se torna mercadoria e como tal é tratado. Para o sucesso da lógica capital, imperativo que a interioridade dos sujeitos produtores seja pulverizada, formalizando-as em moldes objetivos.<sup>697</sup>

As etapas do processo de produção de dada mercadoria devem estar bem calculadas para se faturar a todo custo, mesmo que o trabalhador – nada mais do que um recurso humano na engrenagem do lucro – adote um caráter contemplativo diante da configuração produtiva que lhe é apresentada.<sup>698</sup> Embora tentem compreender a realidade circundante, os matutos de *Vidas Secas* sabem-se ignorantes e impotentes em face à mudança: em momentos de desesperança, resignam-se à contemplação passiva. Na festa de Natal na cidade,

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na

---

<sup>690</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

<sup>691</sup> RAMOS, 2022, p. 09.

<sup>692</sup> ATAÍDE, 2020, p. 44.

<sup>693</sup> DE CARVALHO, DOS SANTOS, RABELO, 2018, p. 188.

<sup>694</sup> ATAÍDE, 2020, p. 45.

<sup>695</sup> LUKÁCS, 2013, p. 203, 204.

<sup>696</sup> GOLDMANN, 1991.

<sup>697</sup> NETTO, 1981, p. 86.

<sup>698</sup> GUTIERREZ, 2021, p. 19.

catinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugá-lo, espremê-lo num canto de parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite.<sup>699</sup>

Proporcionalmente ao enquadramento das relações sociais dentro da métrica das ciências da natureza, o trabalhador adquire uma postura única de observador passivo. Reificado, Fabiano não é mais sujeito dos acontecimentos.<sup>700</sup>

---

<sup>699</sup> RAMOS, 2022, p. 73.

<sup>700</sup> LUKÁCS, 2013, p. 276, 277, 284.

### 2.3.9. Segunda natureza e a mercadoria consciente de si

Em função de um sistema que promove um pensamento mercadológico, indivíduos reificados se comunicam entre si com o fito do interesse material, reproduzindo mutuamente o processo reificante que sofreram – último aspecto da alienação apontado por Marx em *Manuscritos Econômico-filosóficos*: a alienação do ser humano em face ao próprio ser humano.<sup>701</sup> Essa é a chave de leitura para compreender a ideia de que os seres humanos se relacionam por meio das mercadorias. Glauber Ataíde (2020) exemplifica a questão nos termos seguintes:

Este relacionamento entre os produtores, tornado oculto pelas mercadorias, fica mais claro ao compreendermos, por exemplo, a origem do que consumimos cotidianamente. Num primeiro momento, ao tentarmos explicar a origem de um simples pão francês, poderíamos dizer que ele veio de uma padaria, adquirido através de uma troca em dinheiro: o comerciante nos forneceu o pão em troca de algumas moedas. Mas devemos levar a questão mais a fundo: como o pão foi produzido? De onde vieram seus ingredientes? Seguindo nesta trilha de investigação vamos descobrir toda uma complexa cadeia produtiva que nos remeterá do padeiro ao agricultor na produção do trigo, o qual, por seu turno, fez uso de máquinas e ferramentas que, por sua vez, também foram produzidas por outros trabalhadores em uma fábrica metalúrgica. Nesta fábrica o processo se repete: o aço, o minério, o cobre e outras matérias primas também foram extraídas da natureza por outros trabalhadores, de modo que a cadeia parece não ter fim. Cada um dos trabalhadores que encontramos neste processo também consome, por sua vez, aquele mesmo pão francês do qual partiu nossa investigação.<sup>702</sup>

O exemplo acima elucidado o funcionamento do *fetichismo da mercadoria*: a dificuldade em se desenvolver uma linha predecessora rumo à origem do pão francês se dá porque, numa sociedade centrada na *forma-mercadoria*, há dificuldade em se enxergar para além da realidade fenomênica, representada acima pelo valor de troca do pão – o que “realmente importa”. Como que por feitiço, o pão à venda esconde atrás de seu valor de troca relações sociais e processos produtivos de seres humanos coisificados.

À medida que a coisificação lança os ditames da sociedade de mercado, a ruptura entre a realidade social e a busca do humano chega ao ponto em que nada resta, senão constatar e descrever uma nova realidade completamente reificada, esvaziada de significação,<sup>703</sup> denominada por Lukács de *segunda natureza* do indivíduo – aquela que, em função de horas

---

<sup>701</sup> GUTIERREZ, 2021, p. 17.

<sup>702</sup> ATAÍDE, 2020, p. 39.

<sup>703</sup> GOLDMANN, 1991.

extenuantes de trabalho em postos fragmentados e desumanizantes, enquadra o trabalhador como propriedade de seu empregador: mais uma mercadoria, uma coisa qualquer.<sup>704</sup> Sofre desumanização; *ergo*, reificação.<sup>705</sup>

Outro ponto de inflexão: impertinente tratar a reificação como a segunda natureza dos matutos em *Vidas Secas*. A perpétua resistência por eles apresentada contra as intempéries climáticas e sociais, por mais dominantes que estas sejam, impossibilita falar de uma “nova realidade reificada, *esvaziada* de significação” (grifo nosso). De fato, “as formas sociais (a reificação) despojam o homem de sua essência humana [...] [e] quanto mais a cultura e a civilização (o capitalismo e a reificação) apossam-se dele, menos ele está em condição de ser homem.”<sup>706</sup> Não obstante, há no romance um embate perpétuo entre o trabalhador matuto em busca visceral pela vida humana e a reprodução de um sistema socioeconômico que antecipa a sua morte. “Fabiano queria viver”.<sup>707</sup> Necessitava lutar por sua família e por si, embora o triunfo fosse improvável; o ocaso, mais certo – o que não o impede de mirar nas adversidades com seus olhos secos e se recusar a se entregar completamente. Desconhece as engrenagens de um sistema que lhe usurpa a vida e o reduz a pó; sabe-se enganado, injustiçado. Interiormente, tem seus momentos de resistência, bem como os de resignação. Mas nada disso altera uma constante no romance: o vaqueiro é por sua esposa e seus filhos; assim como sinha Vitória é por seu marido e os meninos.

De todo modo, a reificação se faz presente em todas as frentes da atividade humana; leva os indivíduos a conceber um entendimento atomizado de liberdade. O ser humano reificado assume uma postura contemplativa diante de múltiplas manobras da máquina burocrática estatal que racionaliza e submete as criações humanas – como as leis, a cultura, a ética e a política – ao seu próprio crivo, tudo como natural. E Fabiano, sinha Vitória, os meninos e Baleia, por mais que resistam ao ocaso e à despersonalização de si próprios, não escapam da miséria da reificação.

---

<sup>704</sup> ATAÍDE, 2020, p. 93, 94.

<sup>705</sup> LUKÁCS, 2013, p. 309.

<sup>706</sup> LUKÁCS, 2013, p. 285.

<sup>707</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

## 2.4. CONSIDERAÇÕES PROPEDEÚTICAS SOBRE A ESTÉTICA DE GYÖRGY LUKÁCS

As contribuições teóricas de György Lukács para este estudo não se restringem à teoria da reificação em *História e Consciência de Classe*. Em 1963, o crítico magiar publicou uma obra fundamental para se compreender o fenômeno artístico como um todo: sua monumental *Estética*, obra que traz conceitos seminais à investigação da estética em *Vidas Secas*.

Como em Marx, o trabalho em Lukács é fundamental para toda atividade humana. Seu ato teleológico (bem como o da linguagem) é cirúrgico na constituição do ser social, representando fonte de todas as outras formas sociais, dentre as quais se encontra a arte. Assim, os estudos estéticos de Lukács partem não de qualquer humanidade, e sim de uma já estabelecida, em que trabalho e linguagem representam a gênese de outras complexidades do ser humano.<sup>708</sup> Há nexos entre esse entendimento e a estética literária de *Vidas Secas*: Graciliano Ramos também parte da centralidade do trabalho e da linguagem – relações materiais, produtivas, e interpessoais no ambiente laboral – para pensar a elaboração estética. As atividades exercidas pela família de Fabiano são atravessadas por esses dois elementos, os quais estão vinculados a inconsistências infraestruturais.

Em Lukács, a investigação do princípio e do desenvolvimento artístico pressupõe a objetividade do mundo exterior, o que significa que a realidade em si existe diante da consciência dos sujeitos. Com o desenrolar dos processos laborais, diferentes formas de reflexos da realidade (cada qual a cumprir funções próprias) foram elaboradas pelo e para o ser social; reflexos que representam formas dinâmicas de capturar os aspectos da realidade material. Sendo a realidade objetiva histórica, ela “se manifesta nos diversos modos de reflexo, está submetida a mudança ininterrupta e, ademais, esta mudança apresenta direções muito determinadas”.<sup>709</sup>

Há três principais reflexos: o científico, o estético e o da própria vida cotidiana. Mesmo com suas diferenças e funções próprias, todos refletem um mesmo objeto; coletivamente, auxiliam a compor a *totalidade da realidade*. Embora os reflexos da realidade promovam uma cisão entre a objetividade do mundo externo e a subjetividade da consciência individual, essa ruptura de forma alguma é total: a relação é dialética. É relativa a autonomia que os reflexos estéticos e

---

<sup>708</sup> FREITAS, 2023, p. 65.

<sup>709</sup> LUKÁCS, 1966, p. 23.

científicos adquirem em face à atividade laboral e à totalidade social.<sup>710</sup> Como eles se originam da produção/reprodução material do ser social,<sup>711</sup> trata-se de um diálogo constante. Por isso, os reflexos da realidade “não possuem uma história autônoma ou imanente, resultante de suas dialéticas interiores como defendem as concepções idealistas”.<sup>712</sup>

Derivantes do trabalho humano, arte e ciência são produtos do desenvolvimento histórico. Sua gênese deriva da necessidade humana de respostas e esclarecimentos a problemas diversos; seu desenvolvimento pressupõe certo desenvolvimento da consciência. As individualidades “se movimentam dentro do espaço e tempo denominado de cotidiano. Esse espaço se configura no palco de atuação e de percepção imediata e superficial dessa síntese da realidade social pelos indivíduos”.<sup>713</sup> É dessa vida cotidiana que a arte e a ciência partem para depois retornar com os resultados a que puderam chegar. Nesta interação dialética, promovem o enriquecimento da cotidianidade, levando-a a novos níveis de desenvolvimento.<sup>714</sup> “O comportamento cotidiano do homem é o começo e, ao mesmo tempo, o fim de toda atividade humana.”<sup>715</sup> Recorrendo a uma metáfora, Lukács aponta que se a cotidianidade fosse um rio, a ciência e a arte se desprenderiam dele em “formas superiores de recepção e de reprodução da realidade” para depois desembocar “na correnteza da vida cotidiana”<sup>716</sup> novamente, o que faz com que ela se enriqueça com os resultados humanos e, assim, gere novas questões, exigências, “ramificações de formas superiores de objetivação”.<sup>717</sup>

A ciência, por exemplo, à medida que descobre as leis reais dos objetos, volta a introduzir seus resultados no cotidiano. Essas descobertas científicas, esse conhecimento nos auxilia na interpretação da natureza e/ou da sociedade, mediando nossas relações com o mundo objetivo. Por isso, o conhecimento produzido pela ciência tem o caráter de mediação: regulam, de alguma forma, a práxis social. [...] Com uma obra de arte, por outro lado, revivemos as experiências que fizeram parte do desenvolvimento humano. Por exemplo, o indivíduo, ao assistir uma peça que retrata o passado longínquo da Antiguidade grega, revive o passado da própria humanidade com essa peça, habilitando-se a retornar para a vida cotidiana com um entendimento modificado do mundo. Portanto, o papel da arte e sobretudo o da ciência é o de enriquecer e ampliar o pensamento e a prática cotidianos inserindo novas situações, novas mediações. Enquanto a ciência nos ajuda a atuar melhor sobre

---

<sup>710</sup> MOREIRA; MACENO, 2018, p. 11.

<sup>711</sup> FREITAS, 2023, p. 65.

<sup>712</sup> SILVA, M. F. A.; RIBEIRO, L. T. F, 2009, p. 174.

<sup>713</sup> MOREIRA; MACENO, 2018, p. 11.

<sup>714</sup> FREITAS, 2023, p. 65, 66, 67, 69.

<sup>715</sup> LUKÁCS, 1966, p. 11, 12.

<sup>716</sup> LUKÁCS, 1966, p. 11, 12.

<sup>717</sup> LUKÁCS, 1966, p. 11, 12.

a realidade por meio das mediações que produz, a arte nos torna mais humanos [...].<sup>718</sup>

A capacidade de a arte reforçar a humanidade nos próprios humanos encontra solo fértil em *Vidas Secas*. O romance desreifica os viventes explorados; recupera sua humanidade ao lhes atribuir voz, protagonismo e atenção diante das dificuldades enfrentadas – comumente ignoradas pela produção artístico-intelectual elitista.

Diferentemente da arte e da ciência, a vida cotidiana trata da vinculação de teorias para a resolução de problemas práticos, da ordem do dia. Em interação contínua entre cotidiano, arte e ciência, essa vinculação foi denominada por Lukács como *materialismo espontâneo*: a compreensão e o domínio do mundo material, além do estabelecimento de aprimoramentos na vida prática, graças aos avanços do reflexo científico.<sup>719</sup> A ciência busca “refletir a objetividade do mundo externo, independente da consciência, para que se tenha sucesso em qualquer processo científico.”<sup>720</sup> A busca por máxima fidelidade possível, concomitante à eliminação da subjetividade do cientista, evoca o princípio *desantropomorfizador* do reflexo científico, que busca mediações consistentes entre si (teoria) e sua prática no cotidiano.<sup>721</sup> “O reflexo científico da realidade procura se libertar de todas as determinações antropológicas, tanto as derivadas da sensibilidade como as de natureza intelectual”.<sup>722</sup> O oposto ocorre à obra de arte.

Com o devir histórico e a gradual divisão social do trabalho, identificam-se as condições objetivas e subjetivas para o surgimento de uma personalidade artística, a qual apresenta um vínculo indelével com seu tempo histórico.<sup>723</sup> Como acontece com o trabalho, com a ciência e todas as outras atividades sociais do homem, a “arte é um produto da evolução social, do homem que se faz homem mediante seu trabalho”.<sup>724</sup> Trata-se do reflexo estético – que tem como objeto a humanidade, seus conflitos e destinos<sup>725</sup> – e de sua relação com a *historicidade do ser social*, que é a consciência de que a existência humana está vinculada ao espaço e ao tempo histórico que se vive; e que, por conseguinte, investigações sobre o humano devem se ater a

---

<sup>718</sup> FREITAS, 2023, p. 67.

<sup>719</sup> FREITAS, 2023, p. 67, 68.

<sup>720</sup> FREITAS, 2023, p. 69.

<sup>721</sup> FREITAS, 2023, p. 69.

<sup>722</sup> LUKÁCS, 1966, p. 24.

<sup>723</sup> FREITAS, 2023, p. 66.

<sup>724</sup> LUKÁCS, 1966, p. 24.

<sup>725</sup> MOREIRA; MACENO, 2018, p. 11.

esse princípio. Por esse motivo, o artista é resultado “de sua própria época histórica, do conjunto de relações gestadas na sociedade em que ele está inserido, das suas experiências pessoais e de suas escolhas, feitas dentro do reconhecido campo de atuação de possibilidades na vida cotidiana.”<sup>726</sup> Constatação que vai ao encontro da estética de Graciliano Ramos. É cristalina a relação entre seu reflexo estético de resistência, humanização, denúncia da exploração laboral e a historicidade de seu tempo: o autor nasceu na virada do século XIX para o século XX, contemporâneo a fenômenos históricos marcantes, como a Revolução Bolchevique e a Crise Econômica de 1929 (em esfera mundial); a Política do Café com Leite durante a Primeira República e, posteriormente, o populismo getulista (em esfera nacional). Uma investigação estética que ignora a determinação histórica do ser social incorre em desonestidade intelectual. Lukács reitera esse aspecto, somado à importância da dialética entre os diferentes reflexos da realidade objetiva, ao afirmar que

[...] os homens vivem em uma realidade unitária e se encontram nas interações com ela, a essência do estético não pode ser conceituada, nem aproximadamente, senão em constante comparação com os demais modos de reação. [...] A realidade – e por isso, também, seu reflexo e reprodução mental – é uma unidade dialética de continuidade e descontinuidade, de tradição e revolução, de transições paulatinas e saltos.<sup>727</sup>

A partir da interação do ser humano com a realidade objetiva, de suas relações laborais, evolução e refinamento social dos sentidos, compreende-se que a sensibilidade humana e a arte em seu encaixe são produtos do desenvolvimento histórico-material. A própria palavra *estética*, originada do grego *aisthesis*, aponta para substantivos como “percepção”, “sentido” “sensibilidade”, “sensação”, o que leva à seguinte compreensão do termo: *mobilização dos sentidos, das sensações e das sensibilidades humanas* – tanto para o artista, que mobiliza diferentes sensações ao produzir arte, quanto para o receptor de obra porque, ao recepcioná-la, passa por uma ativação de seus sentidos e sentimentos, resultando diferentes sensações.

A estética literária em *Vidas Secas* trata de aridez que se apresenta em dimensões diversas e concomitantes: o título se refere às vidas secas que levavam os retirantes sertanejos tal como retratados na obra, tanto em esfera climática, quanto social. As existências secas são tratadas em uma narrativa igualmente seca – sente-se a escassez de recursos, expectativas e pulsão vital tanto pelas histórias desses retirantes, quanto pela objetividade lexical e sintática da narrativa.

---

<sup>726</sup> FREITAS, 2023, p. 76.

<sup>727</sup> LUKÁCS, 1966, p. 12, 17.

Ao tratar do destino de tipos sociais com determinação histórica, a obra traz a lume sensibilidades humanas sufocadas no devir históricos pelas grandes narrativas, que, tradicionalmente, visam propositalmente ocultar o trabalho realizado entre seres humanos com o manto da objetividade ilusória material.

Contrariamente ao que acontece com a ciência, o reflexo estético evoca um princípio *antropomorfizante*. A arte investiga dilemas, emoções e sentimentos do ser humano; expressa subjetivamente as relações do homem com a natureza e a sociedade em que vive; produz “uma unidade entre a subjetividade dos sujeitos e a objetividade da realidade”.<sup>728</sup> É o que se passa entre a família retirante em *Vidas Secas* e a sociedade em que está inserida, a qual traz consigo condicionantes históricos: processos produtivos exploratórios, ocultação da realidade objetiva, pulverização das individualidades em evidente reificação. Em contraposição com o reflexo da vida cotidiana, a antropomorfização da arte almeja refigurar o mundo humano por meio da estética.<sup>729</sup>

Ainda que o reflexo estético seja marcado pela subjetividade de quem o promove, a figura do artista deve superar a própria singularidade e, em sua criação artística, reproduzir tanto elementos singulares quanto universais por meio de uma particularidade.<sup>730</sup> Em Lukács, apresentam verdadeiro valor estético as criações artísticas que tratam dos grandes dilemas e destinos da humanidade, numa totalidade dialética entre seres sociais que não fuja dos problemas e das inconsistências estruturais de cada etapa histórica – mesma perspectiva defendida por Graciliano Ramos em *O fator econômico no romance brasileiro*, em que trata da necessidade de o ficcionista partir da realidade material investigada para a criação de suas personagens e suas consciências; o que, por sua vez, se aproxima da ideia marxiana de que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”.<sup>731</sup> Conforme Lukács pontua,

[...] a verdade profunda do marxismo, que nem os ataques nem o silêncio podem arranhar, consiste entre outras coisas que, com sua ajuda, podem se manifestar nos fatos básicos, antes ocultos, da realidade da vida humana, e tornar-se conteúdo da consciência dos homens.<sup>732</sup>

---

<sup>728</sup> FREITAS, 2023, p. 71.

<sup>729</sup> FREITAS, 2023, p. 70.

<sup>730</sup> FREITAS, 2023, p. 72.

<sup>731</sup> MARX, 2008, p. 47.

<sup>732</sup> LUKÁCS, 1966, p. 17.

Como salientam Cei e Ortiz (2020), interessam a Lukács os reflexos estéticos capazes de capturar transformações e rupturas, alinhando as massas ao sentido histórico.<sup>733</sup> Reflexos em que “a particularidade de homens ativos [deriva] da especificidade histórica de seu tempo”.<sup>734</sup> Isto é, neles os hábitos, os costumes, os destinos individuais refletem os de toda coletividade.<sup>735</sup> Reflexos que demonstram esteio histórico-materialista na composição das personagens. É o caso de Fabiano em *Vidas Secas*, obra que “consegue refletir, ao mesmo tempo, a particularidade do latifúndio no Brasil dos anos trinta e as questões do gênero humano e do papel da arte na constituição do ser social”<sup>736</sup> de seu tempo.

Ao visibilizar as inconsistências históricas de determinada época, a criação artístico-literária põe em perspectiva personagens representadas nos patamares sociais aos quais pertencem, distantes de elevações idealizadas. O protagonismo é atribuído a uma personagem que representa o povo de modo verossímil, alguém comum que, em função das circunstâncias extraordinárias do enredo, converte-se em herói sem figurar como superior à massa coletiva.<sup>737</sup> Os matutos de *Vidas Secas* também estão longe de incorporar um protagonismo de sofisticação social. Ocorre justamente o contrário. A família representa o esquecimento histórico que pairou sobre um contingente populacional nordestino durante a Primeira República: aguentar pancada, miséria e fome sob a batuta da negligência estatal. Constata, assim, a pulverização de sua humanidade; o ocultamento de seu trabalho humano. Vitor Cei e Eduardo Ortiz (2020) afirmam que

Na concepção de Lukács, a função elementar do romance histórico é auxiliar o leitor a compreender os eventos ocorridos em um determinado recorte temporal passado, valorizando a forma com que se dá a representação do período histórico. Porém, segundo o filósofo húngaro, a ênfase do romancista não deverá recair diretamente sobre os acontecimentos em si, mas sim nos efeitos gerados por este sobre as figuras humanas. É fundamental que o romance apresente a conjuntura e o entrelaçamento da crise sobre os destinos individuais das personagens, não devendo ser essa crise representada de maneira abstrata, como uma catástrofe isolada, mas como uma cadeia de catástrofes, a partir das quais será produzida uma colisão profunda na vida pessoal das personagens.<sup>738</sup>

---

<sup>733</sup> CEI; ORTIZ, 2020, p. 406.

<sup>734</sup> LUKÁCS, 2011, p. 38.

<sup>735</sup> CEI; ORTIZ, 2020, p. 406.

<sup>736</sup> MAGALHÃES, 2015, p. 17.

<sup>737</sup> CEI; ORTIZ, 2020, p. 408.

<sup>738</sup> CEI; ORTIZ, 2020, p. 409.

“Para que a arte tenha verdadeira eficácia, é necessário que o sujeito confronte a realidade refletida pela arte com as experiências que ele mesmo adquiriu.”<sup>739</sup> Concepção artística voltada a representações que partam de “situações históricas determinadas, singulares no limite, que, justamente por meio do reflexo artístico, são elevadas à tipicidade particular, apontando assim na direção do universal”;<sup>740</sup> isto é, reflexos estéticos que não adotem uma idealização apriorística e a-histórica da realidade.

Em seu prólogo da obra *Estética*, o teórico húngaro alega que

[...] o ponto polêmico de todo o presente trabalho se dirige contra o idealismo filosófico [...] [o qual] resulta ser um obstáculo para a conceituação adequada de situações objetivas especificamente estéticas.<sup>741</sup>

Em sua concepção, toda estética idealista apresenta um caráter necessariamente hierárquico, porque quando os reflexos da realidade se afirmam como últimos princípios determinadores do mundo material, reivindicam o papel de juízes supremos a construir sistemas de maneira hierárquica, o que não ocorre na perspectiva materialista, pautada na dialética de algo que já existe objetivamente, com independência de consciência e concretamente conformado.<sup>742</sup> Para o idealismo, não são as “reais e cambiantes correlações de forças”<sup>743</sup> que resultam na superioridade/inferioridade da vida. Pelo contrário, nele ocorre a fixação hierárquica de potências que produzem e ordenam as formas e as relações entre os objetos. Assim, qualquer forma de consciência, como a estética, já possuiria uma essência apriorística – justamente por estar articulada em uma “origem hierárquica estabelecida na conexão de um mundo ideal”.<sup>744</sup> Todas as formas de reflexo da realidade reproduzem a mesma realidade objetiva. Assim, o crítico magiar rompe com o idealismo estético ao conceber “a arte como um modo peculiar de manifestação do reflexo da realidade, [...] um gênero das universais relações do homem com a realidade, na qual aquele reflete esta.”<sup>745</sup>

---

<sup>739</sup> FREITAS, 2023, p. 77.

<sup>740</sup> FREITAS, 2023, p. 72.

<sup>741</sup> LUKÁCS, 1966, p. 19.

<sup>742</sup> LUKÁCS, 1966, p. 19.

<sup>743</sup> LUKÁCS, 1966, p. 20.

<sup>744</sup> LUKÁCS, 1966, p. 20, 23.

<sup>745</sup> LUKÁCS, 1966, p. 21.

Enquanto reflexo estético, *Vidas Secas* segue na contramão de hierarquias apriorísticas e categóricas para representar a realidade sensível objetiva. A trama é construída a partir de tipicidades: o destino das personagens sertanejas está dialeticamente vinculado aos condicionantes sócio-histórico em que elas se encontram. É olhando para as inconsistências econômicas da infraestrutura nacional que se entende a miséria de Fabiano e sua família. A estética de Graciliano, consoante as reflexões de Lukács, se recusa a atribuir pretensa autonomia da trama em face a todo arcabouço sociopolítico que influencia, sim, na vivência e no destino de cada personagem.

Quando confrontada com as experiências do leitor, a realidade refletida em *Vidas Secas* resulta na eficácia da arte. A representação estética do romance se pauta em uma dialética de resistência e de emancipação do ser social. Enriquece o repertório sociocultural do leitor, principalmente quando se leva em conta que a obra, originalmente publicada em 1938, representou veículo intelectual que apresentava ao leitor brasileiro condições sociais ignoradas, desconhecidas e negligenciadas pelo grande público – o que aponta para uma resistência humanista contra a pulverização da classe trabalhadora retirante durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

A peculiaridade estética é o modo como o singular, o particular e o universal da realidade social são refletidos em uma obra de arte.<sup>746</sup> Há obras de arte que negligenciam e outras que acentuam radicalmente a universalidade. As primeiras são elaboradas por artistas que primam pela singularidade imediata, o que resulta na pulverização da relação entre a obra de arte e o mundo em que se encontra (leem-se natureza e sociedade ao redor); as segundas, por artistas que reiteram um objetivismo exagerado, implicando a criação de personagens genéricas, sem nexo consistente com a especificidade histórica. Ao contrário desses dois extremos, Lukács defende a necessidade de uma arte elaborada ao mesmo tempo a partir de experiências subjetivas do artista (o singular) e de mediações sócio-históricas (o universal).<sup>747</sup> Trata-se da particularidade, em que “estão contidas características, situações e sentimentos humanos ‘universais’; além de traços singulares, individuais e pessoais, como partes do processo de desenvolvimento da humanidade.”<sup>748</sup> Ao refletir o mundo objetivo, a particularidade da obra artística resulta em um prazer estético que cria “tipicidade de eventos e dramas humanos, e assim o que antes era

---

<sup>746</sup> MOREIRA; MACENAO, 2018, p. 10.

<sup>747</sup> FREITAS, 2023, p. 72, 73.

<sup>748</sup> FREITAS, 2023, p. 73.

história da humanidade num passado longínquo pode ser revivido e sentido pelas individualidades do presente.”<sup>749</sup>

No romance em investigação, a refiguração tipificada e particularizada dos dramas vivenciados pelos matutos resulta no prazer estético. Quando o leitor entra em contato com a obra, vivencia esteticamente aqueles dilemas históricos. Presença de grandes dilemas humanos, tipicidade, relações dialéticas entre o humano, a natureza e a sociedade – todos esses elementos estão presentes em *Vidas Secas*.

Sazonada em historicidade objetiva,<sup>750</sup> a peculiaridade do reflexo estético está em aprimorar a autoconsciência humana por meio de refigurações da realidade que provoquem a ampliação do entendimento em relação à própria humanidade. Seu enriquecimento está em “tornar o ser humano ainda mais humano, tanto no sentido do conhecimento (objetivo) quanto dos sentimentos (subjetivo)”.<sup>751</sup>

Tal peculiaridade atravessa *Vidas Secas* da primeira à última página. A partir da historicidade objetiva que não foge às contradições socioeconômicas da sociedade de mercado, o enredo articula destinos tipificados de modo a aprimorar a consciência humana em relação ao gênero humano. A história dos matutos representa a história de toda uma população relegada ao esquecimento social, trabalhadores cujo labor é ocultado pela objetividade ilusória mercantil. Quando Graciliano Ramos traz à tona esses assuntos em uma narrativa de alta envergadura literária, torna o humano mais humano. Segundo Moreira e Maceno (2018), a obra de arte é capaz de produzir

uma espécie de fruição e de deleite que não passa necessária e primordialmente por uma compreensão racional (científica) da realidade, mas por todos os sentidos, sensibilidades e afetividades humanas, num nível íntimo das individualidades em relação ao mundo. A sua humanidade, o seu pertencimento em relação ao gênero humano contido na obra de arte é colocado em confronto diante de suas experiências adquiridas e forjadas no contato de sua vida singular com o gênero. O fascínio que a arte tem em nos colocar diante de um passado, de um nível de desenvolvimento diferente, mais atrasado que o atual, ou antes, de nos envolver em dramas que são nossos como humanidade, como pertencentes ao gênero humano, mas que apenas

---

<sup>749</sup> MOREIRA; MACENO, 2018, p. 12.

<sup>750</sup> LUKÁCS, 1966, p. 24.

<sup>751</sup> FREITAS, 2023, p. 64, 75, 76.

pela arte podemos fruir dessa experiência, sentir e vivenciá-la como nossa. Tal fascínio só é possível no interior de uma obra artística.<sup>752</sup>

Em sua composição estética, a obra literária “tende a representar a sociedade. Cumprindo a dialética da estética e estrutura social, a figuração do processo ficcional, ainda que frágil, revela o mundo em que vivemos”<sup>753</sup> – lembra Bárbara Del Rio Araújo (2015) a propósito da crítica em Schwarz. Quando usufrui do reflexo estético proveniente de uma obra artística, o leitor entra em confronto com as grandes questões da humanidade daquele momento histórico específico, sejam elas questões do tempo coevo, ou refigurações de dilemas de outras épocas. Para os leitores de *Vidas Secas* ainda na primeira metade do século XX, tratou-se de uma experiência estética de abordagem coeva. Hoje, findo o primeiro quartel do século XXI, trata-se refiguração de outro momento da história nacional, o que de forma alguma quer dizer que os problemas socioeconômicos identificados em *Vidas Secas* tenham sido superados. Pelo contrário, concentração de renda, desigualdades sociais e exploração dos menos favorecidos ainda são questões urgentes na realidade brasileira sob o signo do capital.

Em sua totalidade, uma obra de arte representa um novo mundo em face das individualidades, convidando o espectador/leitor a refletir, sentir, pensar e se emocionar com dilemas de toda humanidade e, por conseguinte, seus também.<sup>754</sup> Ao representar homens concretos em situações concretas,

[...] a arte cria uma refiguração da realidade, convertendo esse ser-em-si objetivo (a realidade) em um ser-para-nós, isto é, a arte torna a realidade parte do ser social dos humanos, aproxima-nos uns dos outros, nos torna mais humanos, provocando um despertar da auto-consciência.<sup>755</sup>

Pelo seu caráter antropomorfizador, a arte amplia a compreensão do desenvolvimento social do ser humano. Quando retoma a caminhada da humanidade até os dias correntes, contribui para a formação da autoconsciência. A arte representa passado, presente e ainda os destinos da humanidade. Todavia, mesmo quando a arte representar o passado, ou tratar do porvir do ser social, ainda assim ela falará mais sobre o tempo presente em que aparece. Afinal, o artista trata do passado/do futuro sob o crivo de seu próprio entendimento, que, pela historicidade do ser

---

<sup>752</sup> MOREIRA; MACEDO, 2018, p. 12.

<sup>753</sup> ARAÚJO, 2015, p. 71.

<sup>754</sup> MOREIRA; MACEDO, 2018, p. 13.

<sup>755</sup> FREITAS. 2023, p. 74.

social, está condicionado pelo tempo presente. Pelo mesmo motivo, a arte não pode transformar o ser humano para além do seu tempo; como tampouco procede falar em experiências catárticas em indivíduos vazios de experiências precedentes – isso seria idealismo. Pelo contrário, a experiência catártica resulta da relação entre duas totalidades: a das experiências subjetivas de cada ser humano e a da obra de arte. Experiência que representa transformação, aprofundamento e enriquecimento da experiência individual enquanto parte do gênero humano, com possíveis novas condutas, escolhas e ações perante a vida. <sup>756</sup>

Num entrelaçamento entre individualidades do leitor e o reflexo estético de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* dispõe de cenas de verve altamente catártica. Passagens como o encarceramento de Fabiano e a morte da cachorra Baleia mobilizam sensações e sentimentos no leitor atento, que acaba por mergulhar no pensamento dos matutos e reviver seus dramas.

A matéria artística é o tempo corrente, o *hic et nunc* latino. Lukács aponta que “jamais houve uma obra de arte importante sem dar vida com a forma ao *hic et nunc* histórico do momento refigurado [...] Como é natural, cada reflexo está determinado materialmente, tematicamente, pelo lugar de sua consumação”. <sup>757</sup> Retoma-se o fundamental: tal como ocorre em *Vidas Secas*, para Lukács a arte de verdadeiro valor estético não negligencia as questões primordiais da existência social. Se a realidade em que surge é marcada por desigualdades socioeconômicas, violência generalizada, exploração laboral e invisibilidade do trabalho humano, é premente que a ela seja pautada por essas temáticas. <sup>758</sup>

Fugir de tais temáticas é resignar-se diante de inconsistências socioeconômicas e explorações vividas pelos menos favorecidos – os quais, não obstante, não deixam de compor o gênero humano. Por isso, uma essencial característica do reflexo estético é “revelar aquilo que não queremos ver”, <sup>759</sup> tal qual o destino dos viventes sertanejos, que não só explicita contradições estruturais, como também indica “possibilidades de sua superação, ao representar uma aproximação com a essencialidade e a totalidade das relações que compõem essa realidade”, <sup>760</sup> efetivando a tipicidade das personagens. As contradições humanas ocupam local de destaque

---

<sup>756</sup> MOREIRA; MACEDO, 2018, p. 14.

<sup>757</sup> LUKÁCS, 1966, p. 25.

<sup>758</sup> FREITAS, 2023, p. 75, 76.

<sup>759</sup> MOREIRA; MACEDO, 2018, p. 16.

<sup>760</sup> MAGALHÃES, 2015, p. 33.

na arte. Lukács e Graciliano Ramos a entendem como um manual para a vida: para os que têm coragem de encará-la e dela usufruir esteticamente, a dialética entre individualidade e os grandes dilemas da humanidade se dá numa profundidade que nenhum outro reflexo pode proporcionar.<sup>761</sup>

---

<sup>761</sup> MOREIRA; MACEDO, 2018, p. 16.

#### 2.4.1. O realismo estético lukácsiano: antídoto contra a decadência ideológica

Lukács compreende o *realismo estético* enquanto uma “forma artística de expressão humana da realidade histórico-social objetiva.”<sup>762</sup> Em solo nacional, a recepção de Schwarz é afim: realista seria aquela obra crítica que expressa a vida em sua totalidade de reações.<sup>763</sup> Em *Marx e o problema da decadência ideológica*, o magiar ensaia sobre a relação entre a mistificação da realidade social e, em contrapartida, o desmascaramento das contradições estruturais do sistema de produção burguês – trata-se do embate entre *decadência ideológica* e *realismo*.

A decadência ideológica do pensamento burguês ocorre pelo predomínio de uma ideologia pretensamente pura, quando em verdade é sustentada pela eliminação do materialismo histórico.<sup>764</sup> Ao criticar a decadência ideológica, Marx buscava “revelar o espírito pequeno-burguês que se esconde por trás da retórica superficial pomposa.”<sup>765</sup> Para o filósofo prussiano, a ideologia burguesa almejava liquidar a compreensão das reais forças motrizes da sociedade e suas possíveis contradições, buscar refúgio em uma pseudo-história interpretada de modo subjetivo, místico e superficial.<sup>766</sup> Em vez de encarar a realidade material e compreender cientificamente sua essência, a decadência ideológica aposta em misticismos a-históricos – que por sua vez reproduzem a naturalização do estado vigente de coisas. A sociedade, apresentada como objetividade fatalista, incompreendida e desumanizadora, equivale ao “destino eterno” dos homens.<sup>767</sup> Por meio da divisão capitalista do trabalho, a decadência ideológica busca alienar a atividade produtiva de toda a totalidade social, como se fosse autônoma; uma separação ideal entre a teoria e a práxis.<sup>768</sup> Sua retórica pomposa, aparentemente ressoante, é inócua diante de realidade social.<sup>769</sup>

A crítica marxista desmascara a falsificação da realidade operada pela ideologia pequeno-burguesa, a qual propositalmente capitula diante da superficialidade fenomênica do capitalismo e identifica “a aparência (deformada) com a essência”.<sup>770</sup> A fuga da realidade histórica é

---

<sup>762</sup> SOARES, 2023, p. 14.

<sup>763</sup> ARAÚJO, 2015, p. 65.

<sup>764</sup> LUKÁCS, 2015, p. 99.

<sup>765</sup> LUKÁCS, 2015, p. 139.

<sup>766</sup> LUKÁCS, 2015, p. 100.

<sup>767</sup> LUKÁCS, 2015, p. 113.

<sup>768</sup> LUKÁCS, 2015, p. 113.

<sup>769</sup> LUKÁCS, 2015, p.100, 107.

<sup>770</sup> LUKÁCS, 2015, p. 148.

mascarada pela narrativa do “espírito científico objetivo”, elemento que atenua o caráter superficial dessas ideologias ao revesti-las de pretensa credibilidade.<sup>771</sup> A decadência é fomentada por uma literatura que representa vivências atomizadas de uma totalidade socioeconômica, evitando se referir aos contrastes entre burguesia e proletariado.<sup>772</sup> Sob o crivo da ideologia decadente, indispensável que o escritor não capture uma visão aprofundada da realidade.<sup>773</sup>

Por excelência, a estética literária do período decadente é *antirrealista*, marcada pela falsificação da realidade e suas relações sociais. Nessa chave, a literatura para o grande público deve passar à deriva de contradições estruturais da sociedade, ocultar “as condições de vida reais das brasileiras e brasileiros comuns, sem títulos, sem propriedades, sem eiras nem beiras”.<sup>774</sup> Reiterar a sensação de conformidade diante das explorações do sistema de produção burguês. Parte-se da pretensa autonomia da arte para desobrigá-la de representar a realidade – tratada esta como um empecilho a ser superado para se alcançar a “liberdade de criação”.<sup>775</sup> Urgente que desumanidades sejam tomadas como curso natural da vida, elementos contra os quais remédio não haveria, restando a resignação por parte dos espoliados.<sup>776</sup> Lukács (2015) observa que

O que é na vida o resultado de lutas complicadas, isto é, a relação real do indivíduo com a sua classe e, através desta, com toda a sociedade, aparece na literatura da decadência, ao contrário, com um resultado morto, do qual desapareceram todas as determinações sociais (do mesmo modo como ocorre na versão da vida econômica dada pelos economistas vulgares) e que é, portanto, algo abstrato, vazio e carente de conteúdo. Triunfa, neste modo de escrever, o aspecto superficial da vida capitalista [...].<sup>777</sup>

Soma-se à estética antirrealista aquela denominada *pseudorealista*, que trata da realidade de modo fragmentado, desvinculado do materialismo histórico.<sup>778</sup> Conforme aponta Soares (2023), nela destacam-se “o fenômeno pelo fenômeno, sem relacioná-lo com a totalidade do ser social.”<sup>779</sup> Essa estética desumaniza as tipicidades representadas porque recorre ao “fetichismo

---

<sup>771</sup> LUKÁCS, 2015, p. 108.

<sup>772</sup> LUKÁCS, 2015, p. 121.

<sup>773</sup> LUKÁCS, 2015, p. 123.

<sup>774</sup> SOARES, 2023, p. 14.

<sup>775</sup> SOARES, 2023, p. 24.

<sup>776</sup> LUKÁCS, 2015, p. 124, 130, 134, 145.

<sup>777</sup> LUKÁCS, 2015, p. 138.

<sup>778</sup> SOARES, 2023, p. 23.

<sup>779</sup> SOARES, 2023, p. 31.

da violência irracionalista [...] sem embate com as circunstâncias históricas típicas”,<sup>780</sup> o que resulta na reificação de tipicidades “plasmadas em períodos de decadência em que prevalece a derrota da classe operária”.<sup>781</sup> Se o antirrealismo negligencia a realidade historicamente constituída e humaniza as classes dominantes, o pseudorealismo desumaniza a classe trabalhadora no torvelinho do capitalismo, atribuindo aprioristicamente o ocaso do proletariado. Contraponto, o realismo estético combate a ambos em perspectiva desalienante.<sup>782</sup> De um lado, obras literárias anti/pseudorealistas perpetuam uma estética dominante; de outro, obras realistas resistem à manutenção espetacular da superestrutura que menospreza injustas contradições estruturais.

“Se a literatura é efetivamente uma forma particular de reflexo da realidade objetiva, importa captar essa realidade tal como é efetivamente, e não limitar-se a reproduzir o que diretamente parece.”<sup>783</sup> Assim, a recepção estética de Lukács não vê a arte como um fim em si mesma, voltada para “a verdade em si mesma, esvaziando o mundo objetivo e isolando-as das relações concretas”.<sup>784</sup> Ela está alinhada à teoria marxista-leninista do reflexo, que “nada mais é que a teoria que sustenta a crença realista de que seja possível a literatura refletir, como espelho, a realidade”.<sup>785</sup> Nas sociedades de mercado, a realidade equivale à sua imediatez: o imediato aos olhos humanos. Para Lukács, a positividade dos fatos – o dado em sua evidência imediata e fenomênica – é enganosa. Um jogo insidioso de aparências e contradições entre produtos e produtores, uma naturalização de injustiças entre espoliadores e espoliados em prol da produção capital – tal é a acepção lukácsiana de “realidade”. A dialética então aparece como ferramenta para superar a imediatez, compreendendo a razão desse jogo de aparências.

O realismo estético é a atitude da arte que encontra sua função: “desvelar a concretude do seu processo histórico”,<sup>786</sup> desmascarando a aparência que dissimula a essência das coisas.<sup>787</sup> Nas palavras de Soares (2023),

---

<sup>780</sup> SOARES, 2023, p. 24.

<sup>781</sup> SOARES, 2023, p. 24.

<sup>782</sup> SOARES, 2023, p. 35.

<sup>783</sup> LUKÁCS, 1966, p. 293.

<sup>784</sup> DA SILVA, 2020, p. 58.

<sup>785</sup> SOARES, 2005, p. 24.

<sup>786</sup> DA SILVA, 2020, p. 59.

<sup>787</sup> FREDERICO, 2013, p. 91.

[...] a produção literária do realismo estético é a arte de resistência aos períodos de decadência ideológica em que se inscreve, não sendo, nesse sentido, uma escola ou estilo de época, mas uma forma artística de expressão humana da realidade histórico-social objetiva.<sup>788</sup>

O triunfo de tal estética é enxergar na literatura uma ferramenta de resistência contra forças sedimentadas no tecido social que trabalham, direta ou indiretamente, para enfraquecer, silenciar e extinguir subjetividades e sensibilidades capazes de uma autoconsciência material e histórica.<sup>789</sup> Elevar a consciência sobre a realidade material, bem como participar ativamente da vida social, é fundamental para o escritor realista que busca a transformação política,<sup>790</sup> como fez Graciliano Ramos. Só na superfície a sociedade é gestada por um rígido e idealizado ordenamento legal; só na superfície o escritor está aprisionado a um hermetismo solipsista; na realidade, está sempre diante da sociedade em que vive. Em essência, o desenvolvimento da sociedade é dialético: marcado por constantes contradições. Até o momento em que essas contradições “não forem aprofundadas e não surgirem à superfície, de modo patente e inequívoco, a ponto de tornar impossível uma mistificação ou uma interpretação domesticada por parte da burguesia”,<sup>791</sup> reiteram-se as finalidades estéticas da burguesia; isto é, a reprodução do estado de coisas que fundamenta os hiatos de desigualdade socioeconômica: bonança para poucos, miséria para muitos.

Rumo à noção de progresso histórico, a obra literária de Graciliano Ramos é um paradigma do realismo estético lukácsiano.<sup>792</sup> Combativo e resistente, flagra as contradições vivas entre a riqueza e as determinações sociais. Enfrenta a decadência generalizada, escancarando contradições estruturais sob o signo da dialética.<sup>793</sup> Em *Vidas Secas*, refuta apriorismos decadentes e revela as forças motrizes da História: a produção material entre trabalhadores que, sob o signo da reificação, são desumanizados.<sup>794</sup> Graciliano se recusou a elaborar uma narrativa que deformasse a realidade social a favor da classe dominante, vazia de criticidade e plena de formalismos retóricos.<sup>795</sup> Pelo contrário, recuperou a unidade entre intuição e intelecto, investigou a realidade material e as injustiças que a fundamentam, rompeu com a fetichização

---

<sup>788</sup> SOARES, 2023, p. 14.

<sup>789</sup> SOUSA, 2019, p. 12.

<sup>790</sup> COTRIM, 2009, p. 235, 244.

<sup>791</sup> LUKÁCS, 2015, p. 121.

<sup>792</sup> LUKÁCS, 1966, p. 299.

<sup>793</sup> LUKÁCS, 2015, p. 117, 118.

<sup>794</sup> LUKÁCS, 2015, p. 99, 100, 106.

<sup>795</sup> LUKACS, 2015, p. 123, 128, 19.

e a objetividade ilusória mercantil que invisibiliza a desumanização do trabalhador rural. Consumou, em *Vidas Secas*, uma literatura verdadeiramente realista.<sup>796</sup>

Figurar homens reais em colisões reais constitui um princípio de revolta contra o sistema dominante. Fazendo-o, põe-se em xeque a inumanidade inerente às produções materiais no modo de produção burguês.<sup>797</sup> Esse cuidado em humanizar o ser humilhado, em contraste com a denúncia dos que o exploram, é captado por Lukács no excerto seguinte:

Sem um tal amor pela vida e pelos homens, amor que implica necessariamente o mais profundo ódio pela sociedade, pelas classes e pelos homens que os humilham e ofendem, não pode surgir hoje no mundo capitalista um realismo verdadeiramente grandioso. Este amor, bem como o ódio que lhe é complementar, levam o escritor a descobrir a riqueza das relações da vida humana e a representar o mundo do capitalismo como uma incessante luta contra as forças que destroem e matam estas relações humanas.<sup>798</sup>

Paradigma de tal realismo “verdadeiramente grandioso”, *Vidas Secas* escancara os elementos que reificam a família da Fabiano – sejam as autoridades locais, o patrão da fazenda ou as implicâncias decorrentes do alienamento social. Em contrapartida, atribui protagonismo aos emudecidos, alumando seus sonhos e dilemas: todos irmanados pela atomização social desumanizante. A “dialética entre a superfície da vida e as forças objetivas e psíquicas que atuam em profundidade”<sup>799</sup> também apontam para a riqueza de personagens como Fabiano. Os conflitos do desenvolvimento social são refletidos em seu destino pessoal. A título de exemplo, sua busca interna pela expressão vocabular (uma oratória elementar que lhe garantisse uma expressão lexical coesa e coerente) de forma alguma está fragmentada ou dissociada da realidade histórica referente à obra. Seu sofrimento reflete negligência estatal perante todo um povo. Inexistência de instrução escolar mínima que viabilizasse fala e escrita – aspectos fundantes para a vida em sociedade. De fato, o realismo encontrado na prosa de Graciliano Ramos é chave de leitura para a mudança social, como prática que desperta o ser humano de seu estado mais primitivo, transportando-o a um estado consciente<sup>800</sup> em que é possível pensar criticamente os privilégios de sociedades classistas e, por conseguinte, a reificação perpetrada contra a classe trabalhadora.

---

<sup>796</sup> LUKÁCS, 2015, p. 127, 128.

<sup>797</sup> LUKÁCS, 2015, p. 132.

<sup>798</sup> LUKÁCS, 2015, p. 132.

<sup>799</sup> LUKÁCS, 2015, p. 149.

<sup>800</sup> SOUSA, 2019, p. 01.

#### 2.4.2. Centralidade da ação e tipicidade em Lukács: o narrar e o descrever

A centralidade da ação e a tipicidade são termos cirúrgicos para se pensar o romance realista em perspectiva lukácsiana. Como o escritor realista resistente se propõe a representar um reflexo adequado da realidade social, é necessário que sua obra apresente tipicidade, ou seja, apresente “a configuração concreta das contradições fundamentais da sociedade em destinos humanos”.<sup>801</sup> A tipicidade advém da noção de que as forças socioeconômicas se impõem sobre seus membros, de modo a determinar suas ações e destinos, suprimindo vontades e princípios.<sup>802</sup> Diante de condições históricas e socioeconômicas desfavoráveis, em que não é clara a relação entre as forças motrizes da sociedade e a vida em sua imediatez, a ação das personagens é posta no cerne da discussão.<sup>803</sup>

Quanto maior a centralidade da ação em um romance realista, maior o nexos entre a significação social e o destino das personagens; quanto menor ênfase a ela dada, menor a conexão entre os termos. Afinal, “a significação social é parte intrínseca e fundamental dos destinos das personagens”.<sup>804</sup> Segundo o crítico húngaro, é preciso elaborar ações baseadas na vida privada, ações por meio das quais seja possível desvelar as principais contradições e injustiças que subjazem o tecido social. Por isso, os traços desenvolvidos por meio das ações das personagens devem estar vinculados ao mundo objetivo, aos acontecimentos da *práxis*, às forças naturais e às instituições sociais que fundamentam as relações interpessoais.<sup>805</sup> Quando há essa interseção entre as ações individuais e a necessidade social para tanto – ou seja, quando o agir das personagens está fundamentado em situações concretas –, fala-se de ações típicas.<sup>806</sup> “A tipicidade das figuras e destinos nos romances realistas [...] só se realiza na ação.”<sup>807</sup> Em função de seu ser social, as personagens de dado enredo revelam, por meio das ações, sua essência.<sup>808</sup>

Em *Narrar ou descrever* (1965), Lukács afirma que o contraste entre viver e contemplar não é contingente. É algo proveniente do posicionamento do autor diante dos problemas sociais.<sup>809</sup>

---

<sup>801</sup> COTRIM, 2009, p. 263.

<sup>802</sup> COTRIM, 2009, p.276.

<sup>803</sup> COTRIM, 2009, p. 259.

<sup>804</sup> COTRIM, 2009, p. 292, 301.

<sup>805</sup> COTRIM, 2009, p. 302.

<sup>806</sup> COTRIM, 2009, p. 268, 293.

<sup>807</sup> COTRIM, 2009, p. 265.

<sup>808</sup> COTRIM, 2009, p. 259, 260.

<sup>809</sup> LUKÁCS, 1965, p. 50.

Em face ao sistema de produção burguês tal como vivenciou, defende que as duas posições contrastantes resultam em dois métodos romanescos igualmente opostos: a narração e a descrição. A primeira ordena; a segunda nivela.<sup>810</sup> Cabe compreender por que e verificar a viabilidade dessa chave categorial em *Vidas Secas*.

Lukács sublinha a ação e a tipicidade como as pedras de toque do romance realista. Narrar os destinos dos indivíduos com tipicidade significa reiterar que a evolução social no capitalismo não se dá tranquila e superficialmente, e sim de forma complicada e irregular; significa sublinhar a ideia de que as catástrofes que acontecem em sociedade não são súbitas, como pode parecer, muito menos contingentes. Estão vinculadas às contradições que subjazem à superficialidade do tecido social.<sup>811</sup>

É na narração de atos e ações das personagens que se encontra a verdade ou a falsidade, a grandeza ou a limitação de palavras, os sentimentos e pensamentos subjetivos. É no campo da *práxis* que se investiga se há tipicidade na formulação de personagens; ou seja, se as instituições sociais e suas contradições influenciam as ações, sofrimentos e destinos humanos.<sup>812</sup> Nas palavras de Lukács,

Se não revelam traços humanos essenciais, se não exprimem as relações orgânicas entre os homens e os acontecimentos, as relações entre os homens e o mundo exterior, as coisas, as forças naturais e as instituições sociais, até mesmo as aventuras mais extraordinárias tornam-se vazias e destituídas de conteúdo.<sup>813</sup>

Eliminar a ação equivale a eliminar o nexo entre *práxis* e vida interior das personagens, o que, por sua vez, equivale a eliminar a tipicidade. Por isso, Lukács critica duramente o método descritivo, associando-o a uma incapacidade de se afastar da imediatez da vida, do que nela há de mais ordinário, e alcançar o elo entre conflitos individuais e sociais – fenômeno que implica tomar a ação humana como secundária, além de tornar a composição literária monótona.<sup>814</sup> Segundo Lukács, o método descritivo, imbuído dos preconceitos da decadência ideológica, não alcança uma reflexão justa e profunda da realidade objetiva.<sup>815</sup> Sob o seu crivo, a vida das

---

<sup>810</sup> LUKÁCS, 1965, p. 53, 62.

<sup>811</sup> LUKÁCS, 1965, p. 56.

<sup>812</sup> LUKÁCS 1965, p. 57.

<sup>813</sup> LUKÁCS, 1965, p. 58.

<sup>814</sup> COTRIM, 2009, p. 289; LUKÁCS, 1965, p. 81.

<sup>815</sup> LUKÁCS, 1965, p. 57.

personagens desarticula-se da totalidade social – é o que haveria ocorrido na segunda metade do século XIX com a literatura que só apostou em observar e descrever.<sup>816</sup> Em sua perspectiva, a descrição é vazia de ações e acontecimentos humanos.<sup>817</sup> Enquanto a narração revela o significado mais humano presente na poeticidade das coisas, a descrição seria um substituto literário à perda desse significado. Reduziria as personagens a coisas inanimadas, reificando-as.<sup>818</sup> Incapaz de desvelar as dinâmicas sociais do processo vital, através da qual a decadência do humano se vincula ao mundo do capital, o método descritivo reduziria as personagens à mediocridade, apresentando sentimentos superficiais.<sup>819</sup> A representação literária descritiva entrega um indivíduo pronto, como se produto fosse – destituído de suas propriedades sociais e psicofísicas.<sup>820</sup> Na redação lukácsiana,

A tirania da prosa do capitalismo sobre a íntima poesia da experiência humana, a crueldade da vida social, o rebaixamento do nível de humanidade são fatos objetivos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo e desse desenvolvimento decorre necessariamente todo o método descritivo. Uma vez constituído este método, e aplicado por escritores notáveis (a seu modo, coerentes), ele repercute, de ricochete, sobre o reflexo literário da realidade. O nível poético da vida social decai – e a literatura sublinha e aumenta esta decadência.<sup>821</sup>

Os escritores que aderem a esse método capitulariam resignados diante da realidade capitalista, laureada com uma vitória pautada em desumanidades.<sup>822</sup> Por apresentar detalhes desvinculados da realidade material, o método descritivo atomizaria a obra literária em elementos fragmentados e rebaixa as personagens a níveis episódicos.

A título de exemplo, Lukács afirma como o escritor Émile Zola considerava o romance como uma “organização lógica de fatos observados”; a exterioridade enquanto coleção de fatos dados, e como nessa perspectiva as ações humanas têm pouco papel significativo, porque nada influenciam na objetividade material.<sup>823</sup> Lukács critica o posicionamento, pois defende que a

---

<sup>816</sup> LUKÁCS, 1965, p. 59.

<sup>817</sup> COTRIM, 2009, p. 302, 305; LUKÁCS, 1965, p. 58.

<sup>818</sup> COTRIM, 2009, p. 307; LUKÁCS, 1965, p. 61, 75.

<sup>819</sup> COTRIM, 2009, p. 306, 322.

<sup>820</sup> LUKÁCS, 1965, p. 75.

<sup>821</sup> LUKÁCS, 1965, p. 61, 62.

<sup>822</sup> LUKÁCS, 1965, p. 83.

<sup>823</sup> COTRIM. 2009, p. 288, 289.

descrição não deve suplantar a representação de ações humanas dentro de um romance – as qual ocorrem via método narrativo, não descritivo.<sup>824</sup>

As considerações a respeito do realismo estético lukácsiano somam uma fatura de aproximações estéticas com a obra o escritor alagoano, porém a estética de *Vidas Secas* não exemplifica as críticas de Lukács quanto ao método descritivo. O romance não se atém a uma descrição superficial, vazia – longe disso. Quando o narrador adentra a mente das personagens, descreve em palavras pensamentos e vivências que, em função da privação à educação formal, jamais poderiam ser expressos pelos membros familiares. Esse aprofundamento psicológico individual e o envolvimento com o meio externo embrutecedor compõem a estética da obra, trazem a verve de verossimilhança, o que de forma alguma representa prejuízo à qualidade literária do romance. Em *Vidas Secas*, o processo descritivo de modo algum inutiliza, reifica ou relega as personagens a uma superficialidade fenomênica desvinculada das contradições estruturais do universo aspérrimo do sertão. Pelo contrário, trata-se de uma estratégia narrativa que desreifica e humaniza as personagens, porque lhes atribui voz ao que, de outra maneira, ficaria sufocado. O processo descritivo não faz com que as personagens observem contemplativamente os fatos sociais – elas os vivem de fato e, por meio dessa descrição anímica e mental feita pelo narrador, buscam refletir sobre sua condição, apresentam lapsos de consciência, tentativas de concatenar ideias e compreender o que se passa ao derredor. Quando não agem, não o fazem porque não podem fazê-lo, o que torna a “centralidade da ação” na estética de *Vidas Secas* uma questão multifacetada: a configuração concreta das contradições fundamentais em destinos humanos, designada “tipicidade”, se faz presente ao longo de todo o romance; a ação humana, quando narrada, está intimamente vinculada às situações concretas vividas pelos matutos. Contudo, não procede falar que nesse romance a “centralidade da ação” se sobrepõe à descrição, tampouco que esta lhe é prejudicial.

Para Lukács, a prevalência do método narrativo sobre o descritivo era uma marca da grande literatura de ficção. Já a prevalência da descrição psicológica de personagens ou do meio ambiente exterior, em face ao movimento e à ação, representava prejuízo para a ficção literária<sup>825</sup> – o que não ocorre no romance de Graciliano Ramos. O narrativo e o descritivo complementam-se na história dos matutos retirantes. Nela a centralidade de ação aparece em

---

<sup>824</sup> COTRIM, 2009, p. 294, 297.

<sup>825</sup> KONDER, 1967, p. 155.

sintonia com uma relação dialética entre a descrição do ambiente material e as repercussões na interioridade dos viventes acossados pela questão climático-social. Além disso, há ações potenciais em *Vidas Secas* que são neutralizadas justamente pela configuração social; ou seja, é justamente por haver tipicidade na obra, por haver sólido vínculo entre a significação social e o destino das personagens, que algumas ações deixam de acontecer. O fato de Fabiano pensar em agir violentamente contra as injustiças cometidas pelo soldado amarelo, ou pelo patrão, não está desvinculado da estrutura socioeconômica, pelo contrário. É *em função* do ordenamento social e econômico, *em função* da reificação e do processo de espoliação, que isso acontece.

## 2.5. A REIFICAÇÃO COMO CHAVE DE LEITURA DA REALIDADE NACIONAL

Uma análise crítica de *Vidas Secas* pressupõe a discussão sobre as relações de trabalho ocultadas pela objetividade aparente das produções mercantis. Não basta dizer que as personagens são reificadas – é preciso ir além e identificar as singularidades da reificação no romance, porque em solo nacional o fenômeno tem raízes na estrutura socioeconômica, nas incongruências entre a superestrutura e a infraestrutura social: inconsistências que resultam em processos de exploração como os sofridos pela família do vaqueiro Fabiano.

A realidade material é o sustentáculo sobre o qual se deve investigar a representação do trabalhador sertanejo no romance, sem perder de vista a historicidade dos acontecimentos. Em perspectiva com a cor local, a reificação se entrelaça com fatores objetivos, materiais, como o fenômeno do coronelismo e o modelo de produção pós-escravagista, ainda nas primeiras décadas pós-1888 – o qual, aliás, não é muito diferente das condições de trabalho nas décadas anteriores à abolição da escravatura. Imagem que Graciliano Ramos captura em *Vidas Secas*: uma relação entre as condições do trabalhador sertanejo durante a Primeira República com a do negro escravizado pré-abolição da escravidão.

Os cenários que ambientam a análise lukácsiana em *História e Consciência de Classe* e a narrativa em *Vidas Secas* não são os mesmos. Embora o texto teórico seja de 1923 e o romance de 1938, totalizando um hiato de 15 anos, o teórico húngaro escreveu sobre a desumanização no ambiente de trabalho fabril, industrial, ao longo da Segunda Revolução Industrial na Europa até o primeiro quartel do século XX, enquanto o cenário socioeconômico em *Vidas Secas* é do capitalismo em uma dimensão neocolonial, manufaturada, agrária e distante das produções industriais em massa.

Em *Os trabalhadores: estudo sobre a história do operariado*, Eric Hobsbawm (2000) esclarece as condições trabalhistas dos chãos-de-fábrica durante o século XIX, mormente na Inglaterra, pioneira no processo de industrialização europeia. Foi naquele contexto que os trabalhadores compreenderam que sua mão-de-obra era uma mercadoria como as outras a circular numa economia de livre mercado. Por conta dos cercamentos, movimento historicamente conhecido como “inclosures”, muitas terras de uso comum passaram a ser propriedades privadas, forçando

camponeses a abandonar suas terras e migrar para os ascendentes centros urbanos.<sup>826</sup> Conseqüentemente, o trabalhador perdia o direito de acesso às pastagens que lhe eram comuns e, em busca de melhores condições de vida, se tornava economicamente mais dependente dos patrões em ambientes citadinos.<sup>827</sup> O panorama geral do trabalhador fabril era de sujeição “às longas horas de trabalho, à rotina, aos baixos salários, à falta de segurança e de condições de higiene”.<sup>828</sup> Diante da evolução das condições trabalhistas da população inglesa, o operário fabril passa a estar no centro das relações produtivas, ao contrário da sociedade campestre pré-industrial – o que não significa humanização ou grandes melhorias na vida trabalhista.

O ambiente fabril era organizado por regras rígidas, com tarefas rotineiras e monótonas. Diferentemente da sociedade pré-industrial, as estações do ano e o tempo atmosférico deixaram de influenciar na produção fabril, intensificando a primazia do tempo racionalmente calculado para a execução das atividades, o que era benéfico para o aumento do faturamento por parte dos donos das fábricas. A classe trabalhadora, em consonância com a dimensão crítica da *reificação*, era vista por seus patrões como apêndices das máquinas em que trabalhavam. Serviam à medida que aumentavam a fortuna local, independente de suas características humanas.<sup>829</sup> Os homens cuja mão-de-obra era não habilitada deviam se contentar com um salário que suprisse unicamente sua subsistência – assim como foi apontado por Marx em *Manuscritos de 1844*. Isso quando os trabalhadores não eram simplesmente pagos com gêneros alimentícios e outros de subsistência no lugar de dinheiro, prática que ocorria amiúde.<sup>830</sup> Mulheres e crianças recebiam ainda menos do que isso, a troco de extensivas horas de trabalho. Na busca desenfreada pelo lucro, os patrões recorriam a essa mão-de-obra mais barata, que era considerada mais fácil de ser disciplinada.<sup>831</sup> Além de habitualmente mal pagos e explorados, também era comum que os patrões apelassem para a disciplina e para coações, tanto de ordens econômica como não econômica, para recrutar e manter sua força de trabalho.<sup>832</sup>

---

<sup>826</sup> A prática dos cercamentos teve início no século XII e intensifica-se a partir dos XVI. Como o texto trata de um movimento com significativas conseqüências políticas, sociais e econômicas nos séculos XVIII e, principalmente, XIX, deve-se estabelecer a ligação entre o êxodo rural inglês, os *inclosures* e as conseqüências trabalhistas do inglês nos novos centros urbanos, sob o controle dos donos do meio de produção fabril.

<sup>827</sup> MARTINS, 2008, p. 06.

<sup>828</sup> MARTINS, 2008, p. VII.

<sup>829</sup> MARTINS, 2008, p. 22, 23.

<sup>830</sup> MARTINS, 2008, p. 31.

<sup>831</sup> MARTINS, 2008, p. VII.

<sup>832</sup> HOBBSAWM, 2000, p. 400, 401, 406, 408, 409.

Esse panorama de exploração ecoa em *Vidas Secas*, em que a reificação dos viventes se aproxima da teoria lukácsiana, mas não se satisfaz plenamente com ela, já que o fenômeno tem suas características específicas diante da realidade brasileira. A teoria de György Lukács ainda deixa a desejar quando se pensa o engajamento do trabalhador sertanejo, assim como seus lampejos de consciência, os quais se dão à brasileira. É preciso ir além.

A figura do trabalhador no romance de Graciliano não é aquele pensado por Lukács em *HCC*; <sup>833</sup> e não poderia ser diferente, dadas as diferenças históricas, socioeconômicas e culturais entre a realidade brasileira e a europeia. Todavia, na mesma perspectiva do autor húngaro, a ficção de Graciliano Ramos revela o desamparo de trabalhadores atomizados, alienados dos fundamentos socioeconômicos sobre a qual trabalham, usurpados de sua humanidade. Personagens como Fabiano são matutos sacudidos pelas consequências de forças produtivas emergentes no século XX, diante de um modo de produção que se desenvolve de forma desigual no país e no mundo. Portanto, antes de investigar a reificação através dos capítulos de *Vidas Secas*, seguem algumas considerações a propósito do desenvolvimento combinado e desigual do sistema capitalista, bem como de algumas questões da história nacional, da estrutura do poder político em território nacional que singulariza o processo de reificação de viventes como Fabiano, motor de propulsão de uma riqueza alienada.

---

<sup>833</sup> SOARES, 2019, p. 14.

### 2.5.1. Ideias modernas em estrutura arcaica: esclarecimentos sobre o desenvolvimento do desenvolvimento

O Coletivo de Pesquisa Warwick (WReC – *Warwick Research Collective*), nos ensaios que compõem a antologia *Desenvolvimento Combinado e Desigual: por uma nova teoria da literatura-mundial* (2020), pensa o desenvolvimento do sistema capitalista fora da chave homogeneizante do “Ocidente”. No cerne desses estudos está a ideia de que, histórica e geopoliticamente, a trajetória do capitalismo nos últimos séculos se deu de forma combinada e desigual; diferenças que não devem ser achatadas ou desconsideradas.<sup>834</sup> Os ensaios partem da teoria do “desenvolvimento desigual e combinado”, elaborada por Trótski em 1930, segundo a qual a imposição de forças produtivas capitalistas nas diferentes culturas e sociedades – algumas até então não capitalizadas (e outras parcialmente capitalizadas) – não suplantou forças e relações preexistentes, mas a elas se uniram forçosamente, de modo a coexistir formas arcaicas de produção material com as formas modernas da produção burguesa.<sup>835</sup> O fenômeno se dá nas terras nacionais, se cotejado o desenvolvimento socioeconômico do Centro-Sul com o do Nordeste entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX. De acordo com a teoria de Leon Trótski, enquanto formas capitalistas de produção eram coercitivamente impostas em diferentes lugares do planeta desde a Idade Moderna, os agentes coloniais imperialistas apoiavam a perpetuação de uma organização social arcaica, hierárquica, latifundiária e escravista, o que corroborou para a modernidade capitalista ser marcada pela desigualdade, pela coexistência de realidades provenientes de momentos radicalmente diferentes da história.<sup>836</sup> *Vidas Secas* representa a face mais arcaica das forças produtivas capitalistas, aquelas que preexistiam à modernização fabril, calcadas em hierarquias latifundiárias.

Os ensaios de WReC sublinham que o desenvolvimento capitalista não exclui, mas gera desigualdades de forma sistemática. Na contramão da esteira homogeneizante de pensamento, pontuam que o avesso de cenários geográficos capitalizados e tecnológicos são as formas subdesenvolvidas pela modernização capitalista – modernidades periféricas coevas dos grandes centros metropolitanos: ambientes marcados por desequilíbrios e rupturas da economia-mundial, em que a imposição do capital encontra terreno fértil para a espoliação material dos

---

<sup>834</sup> WREC, 2020, p. 68.

<sup>835</sup> WREC, 2020, p. 32, 33.

<sup>836</sup> WREC, 2020, p. 33, 35.

mais vulneráveis, para a violência e a expropriação em escala mundial.<sup>837</sup> Ambientes como o de *Vidas Secas*, marcado pelo subdesenvolvimento desordenado da sociedade rural, largado aos desmandos de forças extrajudiciais e a bel-prazeres de autoridades locais. Um universo-antípoda do desenvolvimento industrial do Centro-Sul.

A modernização capitalista implica desenvolvimento, sim – mas esse “desenvolvimento” também toma as formas de desenvolvimento do subdesenvolvimento, de mau desenvolvimento e de desenvolvimento dependente. Se a urbanização, por exemplo, é claramente uma parte da história, o que acontece no interior como resultado também é. A ideia de uma modernidade “alcançada”, em que a desigualdade teria sido superada, harmonizada, derrotada ou corrigida, é radicalmente não histórica.<sup>838</sup>

André Gunder Frank afirma em *O desenvolvimento do subdesenvolvimento* (2021) que os países hoje desenvolvidos podem não o ter sido anteriormente, o que não significa que foram *subdesenvolvidos* – essa última seria uma categoria satélite e periférica em face aos países metropolitanos centrais ao capitalismo, considerados “de primeiro mundo”. O antagonismo entre desenvolvimento e subdesenvolvimento não só ocorre em âmbito internacional, como também na esfera de um mesmo país: nesse caso, as áreas mais capitalizadas engendram as áreas mais atrasadas em função de um “processo histórico singular de desenvolvimento capitalista”.<sup>839</sup> Em perspectiva com a exploração presente em *Vidas Secas*, postula-se que parte do desenvolvimento socioeconômico do eixo *Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais* nos três primeiros decênios do século XX esteve associado ao desenvolvimento do subdesenvolvimento do Nordeste, antigo eixo econômico nacional. Conjuntura resultante de desmandos coronelistas e negligência estatal para com regiões mais distantes do país, o que agravou um desenvolvimento socioeconômico que estivesse à margem da atenção teoricamente garantida aos entes federados de uma república.

Nesse contexto, regiões-metrópole “extraem capitais ou excedentes econômicos de seus próprios satélites”,<sup>840</sup> amiúde para transferir parte do valor para outras metrópoles estrangeiras, como foi o emblemático caso histórico da assinatura do Tratado de Methuen entre Portugal e Inglaterra em 1703: riquezas de terras brasileiras eram subsumidas pela metrópole lusitana que, por sua vez, as endereçavam para terras inglesas como forma de pagamento de dívidas. Minas

---

<sup>837</sup> WREC, 2020, p. 36, 130.

<sup>838</sup> WREC, 2020, p. 37.

<sup>839</sup> FRANK, 2021, n.p.

<sup>840</sup> FRANK, 2021, n.p.

Gerais, a região Norte e o Centro-Sul – em termos de historiografia nacional – não passaram incólumes pela expansão da economia mundial. Em diferentes momentos históricos, desde o século XVI essas regiões figuraram como economias de exportação dentro do sistema capitalista mundial, o que não significa que esses eixos econômicos resultaram em geração de riquezas para outras regiões nacionais. Em verdade, eles as transformaram em satélites intracoloniais e as enfraqueceram. O fenômeno tampouco fez com que tais regiões ganhassem uma autonomia econômica – após ondas de exaustão de recursos naturais, ficou claro que elas estavam presas, dependentes financeiramente do mercado exportador.<sup>841</sup> Segundo Frank (2021), uma das hipóteses para o desenvolvimento de algumas áreas e o subdesenvolvimento de outras

[...] é que as regiões que hoje são as mais subdesenvolvidas e com maior aparência feudal são aquelas que tinham laços mais estreitos com a metrópole no passado. São as regiões que eram os maiores exportadores de produtos primários, e as principais fontes de capital para a metrópole estrangeira, e que foram abandonadas por esta quando, por uma razão ou outra, os negócios declinaram. [...] A participação destas regiões no desenvolvimento do sistema capitalista mundial proporcionou-lhes, já na sua idade de ouro, as estruturas típicas do subdesenvolvimento de uma economia capitalista de exportação. Quando o mercado para seu açúcar ou para a riqueza de suas minas desapareceu e a metrópole as abandonou a seus próprios desígnios, sua estrutura econômica, política e social já existente impediu a geração autônoma de desenvolvimento econômico e não lhes deixava outra alternativa senão voltarem-se para si mesmas e degenerarem no ultrasubdesenvolvimento que atualmente encontramos nelas.<sup>842</sup>

Exata radiografia da precariedade socioeconômica que afeta o Nordeste a partir da metade do século XIX: com a mudança do eixo econômico para o Centro-Sul do país e a subida da produção cafeeira em torno do Vale do Paraíba (posteriormente, no Oeste Paulista), o Nordeste, principal exportador do açúcar nacional, é abandonado com o declínio da produtividade. Nas páginas de *Vidas Secas*, o abandono de terras é tipificado na figura do patrão, que deixa sua fazenda quando, em razão da seca, os negócios declinam e só retorna quando as condições de exploração de recursos naturais (possivelmente para fins exportadores) voltam à tona. Fora dessa chave, suas terras campestres ficam abandonadas à contingência climática, somando-se à fatura trágica a morte do gado e das plantações.

---

<sup>841</sup> FRANK, 2021, n.p.

<sup>842</sup> FRANK, 2021, n.p.

Não obstante, nessas localidades – tidas como “atrasadas” e prejudicadas pelo desenvolvimento combinado e desigual do capitalismo – surgem reflexos estéticos críticos e pronunciados a respeito da realidade social.<sup>843</sup> A resistente produção artístico-intelectual não capitula em face à mercantilização da cultura, tal como ocorre com o agravamento do sistema de produção burguês. Não aquiesce diante das dinâmicas do imperialismo, as quais, para além da divisão internacional do trabalho, estabelecem ditames coercitivos para a vida cultural. Não se subordina passivamente às leis do mercado. Ao contrário, ela captura essas desigualdades ocultadas, pulverizadas da superfície social, tanto na forma quanto no conteúdo da produção artística de resistência<sup>844</sup> – sùmula da estética elaborada por Graciliano Ramos.

Nos ensaios organizados pela WReC, o romance é considerado a forma literária paradigmática para flagrar as particularidades do desenvolvimento combinado e desigual, “devido sobretudo à sua associação fundamental com o surgimento do capitalismo”<sup>845</sup>, qual seja, sua origem na segunda metade do século XVIII. Nesse raciocínio, o romance desvela os efeitos da alienação e do fetiche da mercadoria – elementos provenientes da centralidade que a forma mercadoria ganha no desenvolvimento desigual.<sup>846</sup> Raciocínio que vai ao encontro do romance *Vidas Secas*, que parte de uma realidade material relegada ao subdesenvolvimento e (des)organizada pela centralidade da *forma-mercadoria* para, investigando o que se passa no interior dos retirantes agrestes, visibilizar a reificação que os assola – exata consequência para o trabalhador oriunda da alienação, do divórcio entre produto e produtor, na sociedade de mercado. O registro dos efeitos da modernização burguesa (dinâmicas sociais verticalizadas e explorações imputadas em áreas periférico-subdesenvolvidas) se dá como crítica ao avanço desigual da modernidade sob o espectro do capital.<sup>847</sup> Quando motivado por perspectiva resistente, o romance reativa “as formas arcaicas e residuais, a usá-las para desafiar, tumultuar, agravar, suplantar e desbancar as (frequentemente impostas) formas dominantes”.<sup>848</sup> Em denúncia, flagra a simultaneidade de produções materiais e imateriais: geração de riquezas fundamentada na mortificação de contingentes reificados – pessoas tipificadas nas personagens de sinha Vitória e Fabiano. Os estudos de WReC identificam tal criticidade nos romances de Fiódor Dostoiévski, que foi

---

<sup>843</sup> WREC, 2020, p. 118.

<sup>844</sup> WREC, 2020, p. 31, 97.

<sup>845</sup> WREC, 2020, p. 41.

<sup>846</sup> WREC, 2020, p. 43, 46.

<sup>847</sup> WREC, 2020, p. 47, 50, 106, 116.

<sup>848</sup> WREC, 2020, p. 134.

[...] capaz de aproveitar o sentido de atraso e incongruência como uma fonte de inovação e proeminência literária, processando a presença do arcaico e do novo em uma forma moderna que tem poucos paralelos em outros lugares do espaço literário do século XIX. Seu “realismo” - se é isso o que ele é - não registra as superfícies suavemente mercadorizadas e racionalizadas da modernidade capitalista tal como experienciadas pelas frações dominantes nas zonas centrais. [...] Antes o “realismo” de Dostoiévski registra as incongruências, os deslocamentos e as formas manifestas da desigualdade características da (semi)periferia.<sup>849</sup>

Não por acaso Graciliano foi comparado ao mestre russo pela crítica literária nacional.<sup>850</sup> Assim como Dostoiévski, o escritor alagoano produziu uma obra avessa à submissão estética ao *status quo*. O atraso econômico, as inconsistências infraestruturais e o abismo social são elementos centrais do romance *Vidas Secas*. Nele, a centralidade das relações verticalizadas e arcaicas revela que o desenvolvimento sociopolítico do Centro-Sul brasileiro se apoiava no subdesenvolvimento de áreas socialmente negligenciadas. Desenvolvimento propositalmente desigual de um sistema produtivo que invisibiliza o trabalho humano, sustentáculo da superestrutura social. Graciliano resgata as vidas secas da invisibilidade social. Traz para o cerne do debate a figura do vencido, rompe com o silêncio e evidencia como a espoliação de alguns contracena tragicamente com o progresso de outros, como o desenvolvimento do sistema de produção burguês é propositalmente combinado e desigual.

Em *As ideias fora do lugar* (2000), Roberto Schwarz flagra o descompasso entre a recepção teórica das ideias liberais europeias pelo Brasil e a práxis laboral e produtiva nacional. No século XIX, o Brasil ainda era um país predominantemente agrário, dividido em latifúndios, com uma produção lastreada em trabalho escravo e voltada para o mercado externo: o raciocínio econômico burguês predominava. De um lado, a Independência Política de 1822 ocorre sob o baluarte ideológico liberal, consoante o ideário francês, inglês e americano coevo, que em tese passa a fazer parte a identidade nacional. De outro, esse esteio ideológico se choca com o modo de produção escravista local – e com todas as suas implicações sociopolíticas e econômicas.<sup>851</sup> É nesse escopo que Schwarz trata das *ideias fora do lugar*; ou seja, das novas configurações do ideário liberal em um país que o recebe teórica e superficialmente, sem eliminar suas inconsistências infraestruturais.

---

<sup>849</sup> WREC, 2020, p. 118.

<sup>850</sup> DE MORAES, 2012, p. 98.

<sup>851</sup> SCHWARZ, 2000, p. 13.

A recepção das ideias fora do lugar se deu às avessas em território brasileiro, gerando dissonância entre o moderno recepcionado teoricamente e a operacionalidade da sociedade local; entre a representação teórica e a realidade prática. Latifúndio e trabalho compulsório – combinação que atravessou a Colônia, o Império e a Primeira República – não coadunavam com transformações significativas na ordem social. Isso pressuporia perda de privilégios e alteração das relações sociais verticalizadas. Assim, em terras locais as maneiras barrocas, parnasianas, românticas e naturalistas não se refletiram em mudanças estruturais. <sup>852</sup> Nelson Werneck Sodré (2019) aponta que, acompanhando o engatinhar da República, “o capitalismo brasileiro [...] carregava pesadíssimas heranças, a do passado escravista e a da resistência das relações feudais peculiares a uma área colonial.” <sup>853</sup> A saída foi elaborar uma fachada política que se aproximasse dos ideais das repúblicas existentes, ocultando as deficiências políticas relativas à dependência e ao atraso econômico, incongruências estruturais como a manutenção de trabalhos mal pagos, coercitivos, análogos ao regime pré-1888. Vale relembrar: Fabiano de *Vidas Secas*, representando o trabalhador rural espoliado, trabalhava feito um ser escravizado. <sup>854</sup> Em teoria, na República o povo receberia direitos consoantes a um regime democrático; na prática, não houve condições práticas para o seu exercício. <sup>855</sup>

---

<sup>852</sup> SCHWARZ, 2000, p. 19, 25.

<sup>853</sup> SODRÉ, 2019, p. 75.

<sup>854</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>855</sup> SODRÉ. 2019, p. 75.

## 2.5.2. Reificação à brasileira: perpetuação do status quo e marginalização das classes populares

Particularidades socioeconômicas do Brasil Colônia que ensejavam a despersonalização do trabalhador em proveito material foram herdadas aos períodos consecutivos da História nacional, atravessando o Império e adentrando a República.<sup>856</sup> Proclamada a Independência do Brasil, a classe dominante não tardou em abandonar o interesse de todas as classes apoiadoras do movimento e primar pelos seus próprios.<sup>857</sup> As classes dominadas não só tiveram seus interesses sociopolíticos ignorados, como também foram privadas do direito legal de contestação. As revoltas regenciais, contrárias ao hiato entre a teoria independentista e sua práxis, foram dominadas pela classe dirigente dos senhores, que impuseram as estruturas político-institucionais que lhes convinham. Neutralização reproduzida também na Primeira República, vide o encarceramento de Fabiano em *Vidas Secas*.

Em tese, as classes dirigentes investiram-se do papel de representante populacional, mas logo eliminaram o direito de representação política a parcelas significativas do povo sob o pretexto de serem contingentes analfabetos. Aliaram-se economicamente a forças estrangeiras em benefício próprio e clara dependência nacional ao capital estrangeiro, o que implicou maior dificuldade na vida da força motriz da produção nacional: o trabalhador instrumentalizado, reificado.<sup>858</sup> Em perspectiva com o universo de *Vidas Secas*, malgrado ambientado na Primeira República e não no Primeiro Império, nota-se a importância da perpetuação do analfabetismo no povo, justamente para que sejam “justificadamente” limados de representação política. Digase de passagem: a privação educacional para o povo, fonte de embrutecimento e miséria, é um fio condutor da política classista que atravessa toda a História nacional desde a primeira chegada lusitana. Segundo a lógica perniciosa, fundamental alienar o povo de uma instrução emancipadora, pois assim resguardam-se privilégios e a manutenção do estado de coisas em uma sociedade estruturada verticalmente. Em função da subordinação econômica ao capital estrangeiro em proveito classista e detrimento populacional, a Independência em 1822 interessou às forças que buscavam controle sobre o mercado brasileiro: objetivamente, a burguesia europeia – especificamente a inglesa –, que buscava expansão de seus mercados, dos avanços produtivos da Revolução Industrial. Independência, assim, *do exclusivo colonial* com

---

<sup>856</sup> MOURA, 2023, p. 200; FERNANDES, 2019, p. 82.

<sup>857</sup> SODRÉ, 2019, p. 38.

<sup>858</sup> SODRÉ, 2019, p. 39.

Portugal – fenômeno que representava o “monopólio comercial mantido pelas metrópoles em suas colônias”.<sup>859</sup> Independência enquanto abertura do mercado nacional para transações comerciais que melhor aproovessem aos interesses materiais das classes dirigentes, à revelia de propostas para melhorar a vida material do povo brasileiro,<sup>860</sup> espoliado de garantias vazias deitadas nas Cartas Constitucionais. Na sociedade imperial dominada por grandes latifundiários, comumente atribuíam-se os males à ignorância do povo, a pensar que sua educação seria o único caminho para o desenvolvimento político – quando o que a classe dirigente menos queria era promover a educação e o avanço político das classes populares.<sup>861</sup> Educação emana fumos de emancipação, que é uma pedra no caminho das relações exploratórias.

As ideias liberais europeias, teoricamente recepcionadas por um país que almejava estar ao par da modernização ultramar, eram impraticáveis na realidade coeva, marcada por produção escravistas, parasitismo social vinculado à espoliação dos menos favorecidos e dependência econômica ao capital europeu. Restou adotá-las ornamentalmente.<sup>862</sup> “A Declaração dos Direitos do Homem, por exemplo, transcrita em parte na Constituição Brasileira de 1824, não só não escondia nada, como tornava mais abjeto o instituto da escravidão.”<sup>863</sup> E, todavia, sabe-se que a libertação formal dos cativos só ocorreu nos estertores do Império, uma das últimas na experiência Ocidental. Situação análoga se deu na burocracia e na justiça nacionais, que se diziam regidas por formas e teorias do estado burguês moderno, mas escondiam clientelismos e outras formas de *favor* – termo cirúrgico para Schwarz em *As ideias fora do lugar*.

Fundamentada no monopólio da terra, a colonização das terras nacionais foi composta por três principais elementos sociais: o latifundiário, o escravizado e o “homem livre”: eufemismo para categorizar o trabalhador despossuído que, se não era escravizado, tampouco tinha qualquer alternativa que não depender materialmente de *favores* de latifundiários para sobreviver, em uma sociedade subserviente a autoridades locais, autocráticas e avessas a um efetivo ordenamento jurídico democrático. Comparado ao vínculo escravista, o *favor* – descrito por Schwarz como a “nossa mediação quase universal”<sup>864</sup> – apresentava um ar mais simpático,

---

<sup>859</sup> SODRÉ, 2019, p. 46.

<sup>860</sup> SODRÉ, 2019, p. 46.

<sup>861</sup> SODRÉ, 2019, p. 67, 72.

<sup>862</sup> SCHWARZ, 2000, p. 26, 30.

<sup>863</sup> SCHWARZ, 2000, p. 12.

<sup>864</sup> SCHWARZ, 2000, p. 16, 17.

embora igualmente capaz de ocultar violências e explorações nas relações produtivo-laborais. A partir do 13 de maio, destaca-se o *favor* como providência para a reprodução do *status quo* social. Se o escravismo desmente o ideário liberal, o favor insidiosamente o absorve, num jogo arbitrário que manipula, sob uma superfície modernizada, as necessidades básicas dos trabalhadores, a cultura interessada, a remuneração a serviços sociais e os interesses materiais.<sup>865</sup> Em teoria, as relações de favor asseguravam que nenhuma das partes fosse escravizada. Nelas, até o mais espoliado dos trabalhadores era considerado “pessoa livre”, o que indica a convivência desse fenômeno à exploração, mas uma exploração com fumos de igualdade, de mérito, de razão.<sup>866</sup> Ou seja, maquiava-se a espoliação com ares de independência social.

O cânone literário até o final do século XIX raramente flagrou essas inconsistências da realidade nacional, preferindo uma representação estética conivente com as dissonâncias entre a realidade nacional produtiva e suas representações fantasiosas, que invisibilizava o trabalho humano. Segundo Roberto Schwarz (2000), para o qual o resultado histórico pode ser a origem artística,<sup>867</sup> o Brasil, em sua reprodução social, trabalha impropriamente com ideias europeias. O escritor “só alcança uma ressonância profunda e afinada caso sinta, registre e desdobre [...] a desafinação”<sup>868</sup> proveniente da ausência de transparência social, da dependência econômica, política e cultural a que o país se prendeu em função do nexo colonial,<sup>869</sup> como o fez Graciliano Ramos em *Vidas Secas*.

No Brasil, o conceito de liberdade se relaciona com o estigma legado pelo sistema escravista, vigente durante a maior parte da história nacional. Pensar a reificação em terras nacionais pressupõe compreender que a Lei Áurea não eliminou o racismo. Em verdade, as primeiras décadas da República foram marcadas por negligência estatal diante dos que haviam sido escravizados, os quais, embora passassem a figurar legalmente como homens livres, continuavam na prática a viver sem eira nem beira sob o signo da exploração, humilhados por latifundiários analogamente à realidade pré-abolição da escravatura, como acontece aos matutos de *Vidas Secas*, miseráveis que “vestiam mal, [cujas] crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa.”<sup>870</sup> Sodré

---

<sup>865</sup> SCHWARZ, 2000, p. 15, 16, 17, 19.

<sup>866</sup> SCHWARZ, 2000, p. 20.

<sup>867</sup> SCHWARZ, 2000, p. 30.

<sup>868</sup> SCHWARZ, 2000, p. 29.

<sup>869</sup> SCHWARZ, 2000, p. 29.

<sup>870</sup> RAMOS, 2022, p. 39.

(2019) observa que “com a extinção do trabalho escravo, permanecerão as relações feudais e semifeudais no campo, conjugadas ao latifúndio”.<sup>871</sup>

A produção fundamentada na mão-de-obra assalariada não eliminou as arcaicas e regressivas relações de clientelismo.<sup>872</sup> O conceito de liberdade burguesa – posta em xeque na obra literária de Graciliano Ramos – na prática continuou a falar mais alto do que a teórica assinatura da Lei Áurea. O sujeito livre, com o devido direito à cidadania, continuava a ser o proprietário, representante de uma herança ancestral pretensamente superior.<sup>873</sup> Se por um lado a imigração europeia na virada do século XIX para o XX solucionou o problema dos antigos escravocratas, que substituíram a mão de obra cativa pela assalariada, por outro inexistiu o direito à educação, à moradia e ao trabalho para um contingente da população negra, indígena e seus descendentes.<sup>874</sup> *Vidas Secas* flagra as consequências dessa chave histórica, investigando o interior de viventes que, embora não mais considerados cativos, vivem como tal: em privação de garantias sociais e pulverização da humanidade.

A Proclamação da República de 1889 foi um golpe militar que tampouco engendrou melhoras sociopolíticas na vida dos brasileiros, que estavam à deriva do acontecimento.<sup>875</sup> Como observa Sodré em *Formação histórica do Brasil* (1968), os dirigentes do 15 de novembro objetivavam usar as novas instituições republicanas para os mesmos fins das instituições derrocadas; perpetuando a marginalidade do povo, alienando-o da vida política e do exercício da cidadania. Para manter o aparelho estatal a seu dispor, a classe dominante elaborou um sistema político devidamente adequado.<sup>876</sup> Proclamada a República, ela novamente se desligou das outras camadas populares que constituíam o povo e se isolou no poder, desfrutando de seus benefícios a sós.<sup>877</sup> A motivação etimológica da *res publica* se mostrou mais um engodo, porque a preocupação primeira nesse novo período histórico, desde o seu princípio, não foi a atribuição de poder e participação política para o povo, mas sim a segurança de privilégios materiais.

---

<sup>871</sup> SODRÉ, 2019, p. 51.

<sup>872</sup> ARAÚJO, 2018, p. 23.

<sup>873</sup> MOURA, 2023, p. 110.

<sup>874</sup> MOURA, 2023, p. 125.

<sup>875</sup> PRADO JÚNIOR, 1994, p. 208.

<sup>876</sup> SODRÉ, 1968, p. 303.

<sup>877</sup> SODRÉ, 2019, p. 54.

A primeira Carta Constitucional do Brasil República, promulgada aos 24 de fevereiro de 1891, substituiu o voto censitário pelo sufrágio universal, mas concedeu-o somente aos homens maiores e alfabetizados: limavam-se do direto ao voto, além dos incapazes, os analfabetos e as mulheres.<sup>878</sup> Quase um século de história nacional e o exercício político do voto continuava alienado da classe trabalhadora analfabeta. Partindo do pressuposto de que a história de *Vidas Secas* se passa durante a Primeira República (1889 – 1930), esta seria a Carta Constitucional vigente.<sup>879</sup> Houvesse condições sociais para uma alfabetização eficaz da população, fosse o alfabetizar-se ato de vontade, mesmo assim a discriminação contra os iletrados seria questionável. Não era esse o caso: como evidencia a trama de *Vidas Secas*, a alfabetização das massas continuou não sendo o objetivo da classe dirigente. A segregação tinha fundamento antidemocrático. Não obstante, à época ela foi aceita com naturalidade, sem demais questionamentos.<sup>880</sup> Sodré (2019) sumariza as consequências dessa fatura de manipulações do discurso republicano, dos fundamentos teóricos de uma democracia observando que

dizer, pois, que as eleições representam a oportunidade em que o povo se manifesta, define a sua vontade, escolhe os seus representantes, é uma falsidade que não resiste à menor análise. Um exame metucioso da composição de classe do eleitorado brasileiro prova que as classes estão nele desproporcionalmente representadas, sempre em detrimento daquelas que, realmente, constituem o povo. É fácil, aliás, verificar o fato, pela desproporção, evidente à simples observação, entre a vontade popular, manifestada, aqui e ali, por acontecimentos e processos não sistemáticos, e a vontade do eleitorado, manifestada por ocasião dos pleitos.<sup>881</sup>

Já nos estertores da Primeira República, quando as condições sociopolíticas e econômicas correntes (quebra da “Política do Café com Leite”, insatisfação geral com o sistema político oligárquico, assassinato de João Pessoa, crise de 1929 etc.) impuseram com mais veemência mudanças que levariam à Revolução de 1930, ficou célebre uma frase atribuída a Antônio Carlos de Andrada, governador de Minas Gerais de 1926 a 1930: *Façamos a revolução antes que o povo a faça* – para salvaguardar uma estrutura política que garantisse a classe dominante como tal,<sup>882</sup> era preciso agir primeiro do que o povo, que sonhava com a materialização da representação política e as seguranças cidadãs comumente atribuídas ao princípio republicano (representação política e administrativa pública voltada para o bem comum) e democrático

---

<sup>878</sup> SODRÉ, 2019, p. 76.

<sup>879</sup> Vale dizer: historicamente, o voto a analfabetos só foi concedido na Carta de 1988.

<sup>880</sup> SODRÉ, 2019, p. 76.

<sup>881</sup> SODRÉ, 2019, p. 89.

<sup>882</sup> SODRÉ, 2019, p. 78.

(povo enquanto fonte irradiadora de poder). Ilações todas que apontam para a instrumentalização histórica das camadas populares, como representadas no núcleo familiar reificado em *Vidas Secas*.

Em *Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”* (2019), Florestan Fernandes também aponta que a institucionalização da violência contra esses grupos minoritários foi motivada pela perpetuação de interesses sociais, políticos e econômicos das classes dominantes – as mesmas que, sob a contínua neutralização das massas, buscaram convencer a nação do caráter democrático da República.<sup>883</sup> Desde o 15 de novembro, a democracia nacional reclama a si ares de liberdade e igualdade que, todavia, não passam de protocolo: sendo ela uma democracia burguesa, apresenta sob o véu dos jogos políticos a monopolização do poder pelas classes dirigentes, bem como desigualdades econômicas, sociais e culturais – sua essência. Irradia técnicas verticalizadas de dominação e manipulação populacional, se generalizando no tecido social;<sup>884</sup> afirma-se transcendente, dedutiva, mas sua estrutura de poder, como qualquer outra, tem realidade histórica e como tal deve ser analisada. A Lei de Segurança Nacional (LSN) de 1935, tratada no primeiro capítulo desta tese, exemplifica essas estruturas e ordenamentos autoritários a neutralizar e suprimir do tecido social vozes contrárias aos interesses do Estado e seus dirigentes. A supressão da voz dissidente amiúde sobrepujou a estrita legalidade, a qual por si só nem sempre era razoável. Em *Vidas Secas*, o matuto é neutralizado e jogado no cárcere por xingar a mãe de uma autoridade que, propositalmente, lhe pisava os pés com o salto de uma botina.<sup>885</sup> Se os governantes da Primeira República postulavam ser a questão social caso de polícia, os da segunda (período referente ao governo provisório, constitucional e estado-novista de Getúlio Vargas; 1930-1945) tornaram-na, de fato, um caso de polícia: trataram-na com autoritarismos que sublevaram amiúde as seguranças garantidas pelo texto constitucional.<sup>886</sup> Nas palavras de Nelson Werneck Sodré (2019), “o aparelho de prevenção e de repressão a qualquer ideia que não coincidissem com os interesses da classe dominante cresceu e se especializou, passando, inclusive, a ser controlado pelo imperialismo.”<sup>887</sup>

---

<sup>883</sup> MOREIRA, 2019, p. 19, 21.

<sup>884</sup> FERNANDES, 2019, p. 118.

<sup>885</sup> RAMOS, 2022, p. 29.

<sup>886</sup> SODRÉ, 2019, p. 81.

<sup>887</sup> SODRÉ, 2019, p. 81.

Os interesses do capital se escondiam por trás de pretensa “neutralidade” da máquina pública; assim, resguardava-se a dominação de uma oligarquia sobre o conjunto populacional. Na transição do Império para a República, mantiveram-se relações de produção latifundiárias arcaicas e o prosseguimento da dependência econômica nacional ao capital estrangeiro, o que beneficiou as poucas classes dirigentes, mas agravou a marginalização de massas populares das decisões sociopolíticas nacionais.<sup>888</sup> Com a primazia do jogo retórico e do convencimento das massas, a defesa do modo de produção burguês se passa pela defesa da própria democracia: a partir do pretenso benefício coletivo, naturaliza-se o *status quo* social, à medida que a institucionalização da violência garante o conformismo por meio da repressão de vozes contrárias.<sup>889</sup> O discurso burguês coopta o trabalhador espoliado para o *estabelecimento*, convencendo-o de que está do lado correto, democrático, da História; leva-o a afirmar uma igualdade e uma liberdade restritas ao cerco da ordem dominante, o que equivale a ratificar sua submissão à ideologia que o pulveriza. Encarcerado, Fabiano reflete que “apanhar do governo não é desfeita”.<sup>890</sup> Estratégias que alienam e neutralizam o trabalhador,<sup>891</sup> resultando em tipos reificados como Fabiano, representativo de milhares de brasileiros embrutecidos.

Essa política cênica, que objetivava gestões sem drásticas modificações na infraestrutura social e econômica nacional – e, conseqüentemente, sem mudanças significativas na realidade social – se dá durante toda a República Velha com a *Política do Café com Leite*, como salienta Araújo (2018):

Minas e São Paulo, como prenúncio dos antigos elementos, faziam parte do regime federativo e, mesmo após o trabalho livre e a lei áurea, manipulavam as massas assalariadas; sob a égide da política dos governadores, a elite rural desses estados era fortalecida pelo regime presidencialista, que, por sua vez, garantia a unidade política e conferia a legalidade ao poder hegemônico do sudeste cafeicultor. A aparência era, pois, de uma igualdade jurídica, mas seguia a lógica hierárquica dominada pelas desigualdades do desenvolvimento econômico e financeiro regional, em que o poder central era subjugado ao mando local.<sup>892</sup>

Trata-se do desenvolvimento do subdesenvolvimento nacional durante a República Velha. Outra estratégia elaborada pelas classes dirigentes para manter seus privilégios durante a

---

<sup>888</sup> COUTINHO, 1979.

<sup>889</sup> FERNANDES, 2019, p. 64, 66.

<sup>890</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>891</sup> FERNANDES, 2019, p. 68.

<sup>892</sup> ARAÚJO, 2018, p. 15.

República Oligárquica (1894–1930) foi a *política dos governadores*: um sistema de negociação política no qual, em troca de apoio político, o governo federal respeitava as decisões tomadas pelos governos estaduais; uma rearticulação política entre a burguesa republicana nascente e a classe latifundiária <sup>893</sup> – fenômeno que foi levado às últimas consequências “com a descentralização do reconhecimento dos eleitos: o critério oficial passou a ser o de confirmar aqueles que viessem aprovados pelas juntas apuradoras estaduais.” <sup>894</sup> Como elas eram manipuladas pelos próprios governadores, a representação eleitoral nesse período histórico não passou de uma farsa. <sup>895</sup> Fundamental sublinhar: o “respeito às decisões tomadas pelos governos estaduais”, mancomunados com autoridades latifundiárias, pressupunha o encobrimento de relações laborais extenuantes e abusivas, além da invisibilização do trabalho braçal realizado por seres neutralizados em termos sociopolíticos. Acordos que fomentavam a miséria e a reificação de viventes como os de *Vidas Secas*.

Soma-se à fatura da marginalização social a categoria de *recalque histórico*, que Domenico Losurdo (2017) elabora em *Guerra e revolução* ao desvelar engodos de historiografias revisionistas que buscam ocultar, apagar fatos históricos das narrativas hegemônicas. Para o ensaísta italiano, o principal recalque da historiografia revisionista, dirigida por uma política de viés liberal, é o que se refere à questão colonial e nacional. Sob o pretexto de empreitadas civilizadoras, o colonialismo implicou massacres em larga escala de contingentes populacionais. <sup>896</sup> Em diálogo com a recepção de Raymond Williams sobre a *tragédia*, trata-se de episódios históricos trágicos – na acepção do sofrimento perpetrado a seres silenciados, instrumentalizados. Ocorre na historiografia nacional um *recalque duplo*: apagamento concomitante do genocídio perpetrado sobre os povos originários <sup>897</sup> e do domínio exercido sobre os viventes despossuídos na colônia <sup>898</sup> – como afrodescendentes escravizados e trabalhadores despossuídos –, bem como do apagamento da história de resistência desses seres reificados.

---

<sup>893</sup> SODRÉ, 2019, p. 54, 55.

<sup>894</sup> SODRÉ, 1968, p. 312, 313.

<sup>895</sup> SODRÉ, 1968, p. 312 313.

<sup>896</sup> LOSURDO, 2017, p. 153, 157, 167, 168.

<sup>897</sup> Cabe dizer que catástrofe demográfica dos povos originários não se deu só por um real genocídio motivado pela superioridade bélica lusitana, como também por ondas epidêmicas a partir do contato com os europeus. Conforme afirma Boris Fausto, os nativos “foram vítimas de sarampo, varíola, gripe, para as quais não tinham defesa biológica. Duas ondas epidêmicas se destacaram por sua violência entre 1562 e 1563, matando mais de 60 mil índios, ao que parece, sem contar as vítimas do sertão” (2012, p. 46).

<sup>898</sup> LOSURDO, 2017, p. 167.

A dizimação de nativos, a subsunção de suas terras cultivadas à custa de trabalho realizado por seres escravizados – “deportados da África em viagens marcada por uma altíssima taxa de mortalidade”<sup>899</sup> – são fatos históricos recalcados por ferramentas que buscam delinear a identidade do Brasil, justificando o pretense privilégio da missão civilizatória colonialista. Em José de Alencar, por exemplo, a literatura nacional romântica voltou-se para a busca por essa identidade nacional. Basta pensar em *Iracema*: a protagonista homônima representa a origem mítica do povo, o colonizador Martim personifica o europeu colonizador e o filho Moacir, a formação da identidade verde-e-amarelo. A partir da construção literária dessas personagens e das relações que travam entre si ao longo do enredo, flagram-se idealismos e supressões factuais da realidade social brasileira durante o período Colonial. Não obstante, assim como a arte pode endossar o *status quo*, também é capaz de desafiá-la e desvelar em primeiro plano os recalques históricos, bem como esclarecer esteticamente a finalidades puristas que eles carregam. É o que realizou Graciliano Ramos ao escrever *Vidas Secas*: uma narrativa que resgata a humanidade de viventes reificados diante das dinâmicas do capital, seres cujas tragédias são habitualmente consideradas meras fatalidades, trabalhadores subsumidos pelo recalque histórico, pulverizados do tecido social.

---

<sup>899</sup> LOSURDO, 2017, p. 349.

### CAPÍTULO 3. ENTRE A MUDANÇA E A FUGA: REIFICAÇÃO E DESREIFICAÇÃO EM VIDAS SECAS

#### 3.1. MUDANÇA

*Mudança*, o primeiro capítulo do romance, transmite ao leitor a precária ambiência em que vive a família de Fabiano – retirantes sertanejos em busca de sobrevivência na região agreste; seres de consciência fragmentada, alienados das nuances socioeconômica que atravessam suas vidas. Viventes em vias de naturalização, mesmo que inconscientemente, das injustiças infraestruturas que sofrem, reificados pela perda *consciência da totalidade*.

Já no parágrafo inaugural, o narrador diz sem rodeios que eles “tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos”<sup>900</sup>, designando-os “os infelizes”, escolha discursiva que não passa incólume: um adjetivo que, sendo responsável pela caracterização daqueles viventes, quando substantivado por derivação imprópria sugere forte entrelaçamento entre o ser e sua qualidade, o que leva a pensar que a família, para ser referenciada dessa forma, passava por grande infelicidade. O cansaço e a fome são elementos que inviabilizam quaisquer possibilidades de enxergarem além do mundo fenomênico mais aparente. Privações viscerais para as quais não há espaço para criticidade. O mundo fenomênico, sustentado pelo insidioso jogo de aparências que ocultam a primazia da *forma-mercadoria*, lhes é intransponível. Retomando uma premissa de Marx, logo na primeira página do romance nota-se que o ser social dessa família determina a sua consciência – nesse caso, consciência fragmentada.<sup>901</sup>

A cena inicial retrata a família de retirantes atrás de uma sombra de árvore para descansar, mas “os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se”<sup>902</sup> – prosopopeia interpretada como consequência da miragem. Fabiano e os seus queriam tanto chegar a uma árvore folheada que se perdiam em sua própria visão tomados pelo desejo agudo. A partir da caracterização dos viventes como infelizes, a cena estabelece um *continuum* que atravessa toda a narrativa: a

---

<sup>900</sup> RAMOS, 2022, p. 07.

<sup>901</sup> MARX, 2008, p. 47.

<sup>902</sup> RAMOS, 2022, p. 07.

convivência antagônica entre fatores socioclimáticos, contrários à sobrevivência dos sertanejos, e uma indelével resistência que habita o interior das personagens.

Na terra, havia restos ósseos de animais mortos; no céu, urubus em voo alto atrás de bichos moribundos.<sup>903</sup> A princípio, o termo bicho aponta para os animais do sertão. Entretanto, cabe expandir o sentido do termo e comparar, por analogia da precariedade mútua, os bichos e a família em desalento. Os urubus também esperavam sua morte para o ataque de suas carnes macilentas. Defender a confluência semântica em “bichos” significa perceber a desumanização daqueles vivos. Estavam magérrimos, lutando para não morrer e virar alvo das aves necrófagas – tragicidade flagrada à revelia da acepção acadêmica clássica, como nota Raymond Williams.

A reificação em *Vidas Secas* está entrelaçada à desumanização das personagens – processo causado pela objetividade ilusória do fetiche da mercadoria, que esconde a relação entre seres humanos sob a pretensa relação entre produtos. Um controle econômico, que relega os trabalhadores à condição de “coisa” por meio da violência, da coação e do mais baixo engano.<sup>904</sup> Afinal, são seres humanos a lidar perpetuamente com as consequências de relações sociais e econômicas desfavoráveis, todas historicamente delimitadas. No torvelinho da lógica que busca o faturamento do patrão e o domínio despótico de autoridades locais, os retirantes de *Vidas Secas* são despersonalizados. Fabiano é reduzido a uma ferramenta que faz viver um sistema que o massacra. O homem é tratado como “coisa”. Não é só o ser humano que se encontra sob o signo da miséria e da exploração: os animais que lá habitam também. Ferramentas inanimadas, seres humanos e pecuária local são igualmente *meios de produção* cuja finalidade última é o faturamento do dono da fazenda.

O menino mais velho sofre uma vertigem: deita-se chorando e fecha os olhos, em demonstração de fraqueza e prostração, dada a inexistência de comida ou de descanso. Demonstração do esvaimento vital de um corpo pulverizado, alienado de condições essenciais para se viver e se desenvolver física ou intelectualmente. Áspera, a reação do pai dialoga com a miséria da cena: sua família está para morrer à fome, à sede. Ignora as configurações político-econômicas que subjazem sua desgraça. É tomado pelo sentimento de impotência diante de transformações

---

<sup>903</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>904</sup> MOURA, 2023, p. 346.

efetivas em sua vida, diante do aprisionamento a grilhões naturalizados que o acompanham ao longo da narrativa. Sua reação também dialoga com o embotamento de traços humanos, tal como funciona na lógica da sociedade de mercado. Afinal, a reificação inflige dano até na constituição anímica do trabalhador. Fabiano é marcado pela alienação política – a separação entre si próprio, como trabalhador embrutecido, e o conhecimento das relações opressivas de poder. Reage de tal forma para resistir, para não se entregar por inteiro à decadência. Fabiano assim o faz porque se sente responsável pela sobrevivência familiar. Precisa cuidar dos seus. O vaqueiro recusa-se a se entregar por completo às condições mortificantes. Acaba descontando no filho a derradeira submissão de sua consciência às estruturas que o reificam. Admoesta-o, chama-o de “condenado do diabo” e de “excomungado”, expressões que devem ser analisadas em face às privações socio-climáticas.

Condenado é alguém sentenciado por ser culpado de algum crime; excomungado é aquele que foi expulso de um convívio religioso (mormente católico) e, por consequência, amaldiçoado. Tais significados levam à reflexão: imerecidamente, seu filho mais velho de fato havia sido excomungado de uma vivência dignificada, relegado à condição de vivente acossado pela negligência de um Estado indiferente à aplicabilidade de garantias constitucionais. A marginalização do matuto acossado pela seca era a regra, fenômeno que compôs o desenvolvimento do subdesenvolvimento nordestino entre os séculos XIX e XX no Brasil, sob os inócuos baluartes da modernização liberal. O menino fora condenado a errar na busca extenuante pela vida – o que não é sua condição exclusiva, mas de toda a família; a qual, por sua vez, tipifica um sem-número de brasileiros que tiveram suas vidas ceifadas pelas inconsistências sociopolíticas nacionais escancaradas pela estética de Graciliano. Em perspectiva com a tradição cristã, traça-se um comparativo entre esses “condenados do diabo” com o povo judeu, marcado historicamente pelo signo dos seres errantes e apátridas. A diferença é que condenação-excomunhão não é posta por forças transcendentais, e sim por uma estrutura social e uma configuração econômica que destinam ao trabalhador despossuído a infelicidade perpétua. Como acontece no processo produtivo capitalista, estão obliterados os elos que ligam o trabalhador Fabiano a uma dada comunidade. O sentimento de pertencimento não existe, o que corrobora para anuviá-lo seu horizonte de ação.

A fúria do pai passa quando toca o pulso de seu filho. Sentindo-o frio, compreende que o infante não é culpado; decide carregá-lo sobre os ombros, cuidando de sua integridade física em

resistência contra o espectro de coisificação que os espreita silente. Sua aspereza esconde um “espírito atribulado”.<sup>905</sup> Fabiano não sabe o que fazer, mas não deixa de resistir de forma sobrecomum às circunstâncias que encaminham a si e a família para o declínio. O homem não sabe onde canalizar sua indignação interna perante algo que, embora não saiba especificar o que é, provém de algo injusto para com ele e os seus. Atribulação de um ser que não consegue enxergar nada além de fatos isolados – configuração favorável para o *modus operandi* burguês; afinal, a consciência que leva à adjunção dos fatores da totalidade é perigosa: põe em xeque o privilégio de poucos a troco da decadência de muitos.

Fabiano vê a seca como um “fato necessário”, como se sua situação não pudesse ser diferente disso. Derivada da objetividade ilusória da *forma-mercadoria*, a naturalização de vida submissa gera o entendimento insidioso de que o mundo objetivo é posto arbitrariamente por uma força imutável, pretensamente desvencilhada de um desenvolvimento social historicamente situado. A visão de mundo exterior do vaqueiro não consegue ultrapassar o seu fenômeno: o modo como é apresentado a ele por meio dos sentidos humanos. É o oposto da perspectiva dialética, que propõe o embate entre os engodos das instituições que pautam o tecido social e as inconsistências estruturais. Embora *Vidas Secas* seja ambientado num modo de produção pré-industrial do capitalismo, o nexos com a reificação vinga porque a seca nordestina – e suas consequências para os que a enfrentam – não se resume a fatores climáticos; vincula-se também à ausência do Governo Federal em face ao Nordeste durante a Primeira República.

Sinha Vitória observa que estavam perto de algum lugar com sombra, comunicando-se com “alguns sons guturais”.<sup>906</sup> A escolha discursiva coloca em xeque a desumanização da personagem. A mulher ignora as regras de um idioma constituído, atendo-se à fala primitiva. Como todos os membros de sua família, é alienada do processo de letramento, que, a cabo, dignifica a experiência humana. Já em 1934, no Rio de Janeiro, Graciliano fazia essa leitura da rusticidade comunicativa dos seres agrestes, escrevendo que “o matuto fala pouco diante de pessoas sabidas. Quando o obrigam a falar, recorre a gestos, usa circunlóquios – e o discurso é charada.”<sup>907</sup> Consoante Marx, a miséria da trabalhadora (nesta acepção pontual de sequer se comunicar verbalmente) é inversamente proporcional à riqueza gerada para o fazendeiro, que empregará seu marido em péssimas condições laborais.

---

<sup>905</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>906</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>907</sup> RAMOS, 1934, p. 01.

Em dado momento, a cachorra Baleia toma a dianteira dos migrantes, um sinal de energia e animosidade que se esvai diante do cansaço coletivo. A última refeição da família tinha sido um papagaio, o sexto ser vivo que compunha o grupo. Antes do sacrifício levado pela fome coletiva, os sertanejos haviam procurado raízes debalde, porque toda a farinha acabara e não “se ouvia um berro de rês perdida na caatinga.”<sup>908</sup> Trecho sugestivo: a reificação não se limitava aos matutos. *Vidas Secas* trata de todo um universo reificado. A centralidade do faturamento material implica a negligência de toda uma região do país, abandonada à sua sorte em meio ao clima semiárido.

Depois do triste feito, narra-se que Fabiano sentiu falta da ave. A busca por uma alternativa ao sacrifício do papagaio aponta para a humanização do outro – mesmo que fosse uma ave doméstica, ela era considerada como parte dos errantes. Em meio às privações, havia unidade e reciprocidade entre aqueles seres exilados do convívio humanizado. Quem decide aproveitá-lo como alimento é sinha Vitória, que havia sido interrompida de seus pensamentos pelos gritos do papagaio. A mulher pensava em felizes acontecimentos passados, como festas de casamentos e vaquejadas – todos eles eventos que destoam de sua degradante condição atual. Os membros dessa família se parecem neste sentido: em alguns momentos, buscam isolar os fenômenos externos reificantes com pensamentos que, ancorados ou não em eventos passados, apontem para um futuro melhor. Essa motivação, todavia, não basta para modificar a realidade em *Vidas Secas*, a qual está calcada em relações laborais exploratórias, em prol do benefício de dirigentes políticos e autoridades latifundiárias. O romance traz a lume esse debate sociopolítico apresentando uma família privada desse entendimento.

É irônica a justificativa que sinha Vitória dá a si própria para aproveitar a ave como alimento: diz que o papagaio era mudo e inútil. Ora, a família, imersa em ignorância e primando pela economia de forças vitais, “raramente soltavam palavras curtas”,<sup>909</sup> o que se agravou depois da morte do bicho. Em defesa de uma sugestão narrativa irônica entre o estado de mudez e o de inutilidade, os cambembes poderiam se considerar inúteis, incomunicáveis, privados que eram do mínimo necessário para se viver.

---

<sup>908</sup> RAMOS, 2022, p. 09.

<sup>909</sup> RAMOS, 2022, p. 09, 10.

Quando encontram uma cerca, enchem-se de esperança. A estrutura material que delimita um espaço é o limite entre a natureza e o humano, e as imediações de interferência humana sobre a natureza lhes dá pista de comida, sombra e moradia. Chegam a uma fazenda a princípio abandonada. O achado desperta o que há de humano em Fabiano, que sente vontade de cantar. Porém, cômico da necessidade de economizar força para resistir às adversidades, cala. Sob a sombra de um juazeiro, o menino mais velho descansa e se recupera da vertigem que tivera. Em um momento de descanso, “os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam”<sup>910</sup> – outro fragmento de humanidade e alteridade a representar resistência desreificante. A cachorra Baleia enrosca-se junto deles, ação que compõe a extraordinária humanidade que a circunda. Ela representa um fio de afeto que atravessa todos os membros da família, o que se destaca por sua condição de isolamento. As circunstâncias desfavoráveis os relegam a um estado de embrutecimento desumano. Em resistência, a família se faz um. Além do vínculo afetivo, Baleia também ajuda os seus de forma prática: caçando algum animal que pudesse matar a fome do grupo. É o que faz ao farejar preás, correr no encalço de um e voltar vitoriosa.

A imagem é distintiva porque exemplifica a existência dual entre a reação das personagens e a análise crítica que o narrador propõe. Ao ver a cachorrinha voltando com o preá na boca, os viventes “levantam-se todos gritando”<sup>911</sup> de alegria, a ponto de sinha Vitória beijar seu focinho. O período seguinte instaura uma ruptura de forma abrupta: o narrador volta ao primeiro plano e observa que “aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo”.<sup>912</sup> Traz uma perspectiva realista e áspera diante daquele momento festivo, que foi suficiente para fazer Fabiano se esquecer dos pés machucados.

Ainda no capítulo inaugural do livro, o prenúncio de chuva sublinha a natureza como uma força constante a pautar andanças, intempéries e as breves alegrias dos retirantes – força potencializada frente à ausência estatal. Chuva é vida; a água faz reviver a fazenda: traz de volta a plantação, o gado e a esperança por dias de trégua. Como a privação de conhecimento e a fragmentação social deixam Fabiano e família nas garras de autoridade aproveitadoras, as tréguas da natureza lhe são a única possibilidade de algo bom acontecer. Logo após a primeira

---

<sup>910</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>911</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

<sup>912</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

sombra que se forma por cima de um monte, esposa e marido torcem para que ela não passe, para que não seja “vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbra e endoidecia a gente”.

<sup>913</sup> A alegria toma conta do vaqueiro quando, ao pôr-do-sol, os cirros se acumulam no céu: certeza da chuva iminente.

A narrativa expõe as parcas esperanças de Fabiano por meio do futuro do pretérito do modo indicativo – conjugação que expressa a incerteza de um fenômeno que poderia ter acontecido após alguma condição passada, ou ainda a vontade de que algo que ainda não aconteceu aconteça dentro de um raio de incertezas. Cabe a reprodução integral de um excerto exemplificativo:

A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. [...] Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria, as nádegas bambas de sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinha Vitória provocaria inveja das outras caboclas. [...] A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. [...] Uma ressurreição. As cores da vida voltariam à cara triste de sinha Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tintilariam pelos arredores. A catinga ficaria verde. <sup>914</sup>

Analisa-se essa escolha verbal em composição com uma oração subordinada adverbial condicional, como aquela em que se usa a conjunção “se” com uma condição conjugada no pretérito imperfeito do subjuntivo: *se chovesse, a catinga ressuscitaria etc.* A chuva e suas possíveis mudanças demonstram alegrias que lhes são alienadas, sonhos simplórios sem os quais os retirantes não reconhecem como gente. Diante da fatura de privações sociais por que passam, alegrias restritas a contingências climáticas. A narrativa individualiza os seres embrutecidos, traz-lhes singularidade ao observar que a vinda da chuva lhes seria importante. Uma alegria que, coletivamente, se traduz em vida e esperança no porvir.

Há indício da reificação sofrida por Fabiano quando o narrador trata pela primeira vez de seu Tomás da bolandeira. Revela-se que Fabiano “movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás”. Com a seca que afugentou a todos, “a

---

<sup>913</sup> RAMOS, 2022, p. 11.

<sup>914</sup> RAMOS, 2022, p. 13, 14.

bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por que, mas era.”

<sup>915</sup> O primeiro excerto coloca a figura do vaqueiro em comparação com uma roda dentada que gira sobre um moinho, um meio de produção rural. A pouca diferença entre os dois aponta para a automação laboral e a mortificação dentro do processo produtivo. Fabiano se parece com uma bolandeira porque, assim como ela, seu único préstimo é potencializar o lucro material do patrão, malgrado sua humanidade. O segundo excerto traz uma perspicaz notação do que se passava pela cabeça do vaqueiro. Ele era como a bolandeira, sem saber o porquê. O vaqueiro nota a desumanização que o acomete. Sabe-se mercadoria, sabe-se coisa. Sente a reificação se consolidar em seu íntimo, mas não identifica o porquê de isso acontecer. A universalização da *forma-mercadoria* implica que tudo e todos se tornam vendáveis. Fabiano se reconhece como uma bolandeira porque também se sabe vendável. Em termos de consciência política, encontra-se atomizado, distante de compreender o todo que o circunda, o que o limita a essa confusa sensação de que algo – sem se saber o quê – está errado.

---

<sup>915</sup> RAMOS, 2022, p. 13.

### 3.2. FABIANO

Fabiano é um homem rústico de interioridade amorfa, como se a conjunção final do *cogito* cartesiano lhe fosse inaplicável. Uma existência entregue à participação associativa com sua família, a tentativas sufocadas de compreender a condição produtiva e social que vive e ao extremo trabalho braçal. Em sua simplicidade, busca de balde concatenar uma ideia na outra. De balde porque a reificação lhe atinge a alma e se faz presente de diferentes prismas: as autoridades locais o reificam, o desenrolar de sua atividade produtiva o reifica e, por fim, ele mesmo se questiona se é uma coisa, um animal ou um homem – sendo a terceira hipótese a menos crível, tamanha a humilhação em suas empreitadas de sobreviver na região aspérrima do sertão dominado pela oligarquia latifundiária. Seu cismar não se opõe ao ato, mas se mistura a ele – processo que o narrador da obra busca desvelar. Nas palavras de Candido (2006), o homem em *Vidas Secas* está intimamente ligado à natureza, que é a própria lei da vida naquela região. Junto à natureza, o matuto sofre com os desafios climáticos – no seu caso, um sofrimento duplo, pois também é alvo de toda sorte de aproveitamentos. Diante da universalização da formamercadoria, a natureza não é vista só como natureza; nem o gado simplesmente como gado ou as ferramentas como objetos que carregam em sua concepção um valor de uso. Tudo é visto pelo prisma da utilidade lucrativa; tudo é uma oportunidade para faturar: gerar mais dinheiro, que gera mercadoria, que volta a gerar dinheiro. O olhar que recai sobre Fabiano é o mesmo. Como consequência, a personagem primeva contribui à obra como um elemento objetivamente impactante, incisivo dentro da recepção da obra.<sup>916</sup>

No íntimo de Fabiano, expõe-se a tragédia vivenciada, fruto de um sistema socioeconômico que o devora ao lado das alarmantes condições climáticas. Tragédia discutida por Raymond Williams: de seres reduzidos ao silêncio, cujas vidas são afetadas por uma desordem material da realidade. A voz de Fabiano se entrelaça à do narrador, que funciona como um procurador a representar em palavras as agruras sentidas pelo matuto. Suas falas se constroem ora por consonância, quando o narrador reitera as dificuldades vividas pelo vaqueiro, ora por dissonância, quando a esperança da personagem destoa de uma leitura fria e objetiva do futuro trágico que se espera a partir daquelas circunstâncias aviltantes e exploratórias. O narrador expõe o que havia no íntimo do vaqueiro e, logo em seguida, observa que a realidade era oposta. O entrelaçamento se intensifica diante do discurso indireto livre, a ponto de o leitor se deparar

---

<sup>916</sup> CANDIDO, 2006, p. 64, 65, 122.

com algumas passagens em que não é tão evidente se a fala é de um, ou de outro.<sup>917</sup> A personagem destoa da imagem ideal de herói, aproximando-se mais da concepção lukácsiana: uma representação verossímil do povo, que resiste com um profundo vigor contra as inconsistências socioeconômicas que engendram o esfacelamento de si. Muito embora seu final não seja propriamente feliz ou triunfante – representa, em verdade, os sofrimentos de toda uma coletividade. Tal é a genialidade de Graciliano, que compõe em *Vidas Secas* imagens representativas do país, sem romantismos. O triste início da narrativa se parece com o fim. Tristeza que marca a vida do brasileiro esquecido nas regiões mais distantes, abandonadas da nação. Um reflexo estético que não foge à historicidade dos fatos. Em Fabiano habitam diversas vozes – uma miscelânea de vontades, sonhos, reprimendas e discursos institucionalizados que compõem o desafio que é analisar seu interior.<sup>918</sup> Nas palavras de Sandrini (2019),

O vaqueiro conecta vários pontos – sua fome, a postura do patrão, o devir tatu, a sabedoria de seu Tomás, o desaparecimento das secas. Transita, com isso, por vários campos – o social, o político, o econômico, o cultural –, caracterizando, confrontando e correspondendo umas às outras essas linhas de pensamento, tão heterogêneas, num exercício permanente de flexibilidade, que dá forma ao seu pensamento.<sup>919</sup>

As diversas vozes que compõem Fabiano demonstram que ele está a meio caminho do processo de reificação. Desumanizado, o vaqueiro é alvo de inúmeras oportunidades dos aproveitadores, que veem em sua ignorância e rusticidade uma chance para fazer valer o interesse próprio em detrimento da vida matuta. A reificação, todavia, não lhe é totalizante. Sabe que algo não está certo, sabe-se explorado, reflete em diversas passagens sobre as injustiças pelas quais passa e tenta fazer o que lhe é possível para escapar delas. E, embora as provações materiais sejam constantes, não se dá por vencido.

O vaqueiro Fabiano apresenta uma consciência dilacerada entre a resistência e a resignação à condição de reificado. Por um lado, tinha para si que trabalhava como um ser escravizado,<sup>920</sup> mais um cabra a aumentar o lucro alheio. Por outro, o narrador revela que a personagem teria barba e cabelos ruivos, sujos e olhos azuis<sup>921</sup> – ou seja, a própria narração é projetada para sublinhar que, apesar do esfacelamento de suas prédicas humanas, o vaqueiro ainda assim era

---

<sup>917</sup> SANDRINI, 2019, p. 25.

<sup>918</sup> SANDRINI, 2019, p. 49.

<sup>919</sup> SANDRINI, 2019, p. 82.

<sup>920</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

<sup>921</sup> RAMOS, 2022, p. 08, 14.

um ser humano único e tinha características próprias, tanto físicas, quanto psicológicas. Tais passagens recuperam a humanidade dos matutos, por mais que vivam sob o signo da reificação no sertão distante. Fabiano anda pela região agreste de alpercatas com solados gastos e com os pés todos calejados, “duros como cascos”<sup>922</sup>, rachados e sangrando. Seus pés são descritos como tão duros que quebravam espinhos, imunes à quentura da terra.<sup>923</sup> Caracterização que cresce em importância porque, ao mesmo tempo em que demonstra a rusticidade do contato do homem à terra, aponta para a força e a resistência física do vivente. A descrição dos pés também contrapõe com a ambiência humilhante na qual ideias como “dor” ou “incômodo” pouco importam – a questão fundamental é gerar renda alheia. O narrador de *Vidas Secas* também se destaca nas descrições desreificantes: para além de perscrutar os pensamentos mais íntimos dos matutos, ainda lhes confere individualidade.

Fabiano consegue instalar a si e à família nas acomodações da fazenda, o que o deixa satisfeito. Escapara das garras da fome, trocando raízes por comida possibilitada pela volta das chuvas. Arrumara uma pequena câmara em que pudesse dormir com a família, embora parecessem ratos, como realça o narrador, enfatizando a degradação por que passam.<sup>924</sup> Externamente, a personagem é descrita com características que evidenciam seu exílio da dignidade humana. Ao sentar, ele se curva, “feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés”<sup>925</sup> – descrição que aponta para o esgotamento de forças referente ao intenso trabalho braçal em ambiência campestre.

Todavia, o vaqueiro se orgulha das pequenas vitórias e, fumando seu cigarro de palha, exclama a si mesmo em voz alta que é um homem, momento em que a dinâmica da obra propõe outro embate entre a fala da personagem com o que se passava por sua cabeça. Isso porque logo depois de afirmar em voz alta ser homem, o narrador revela que, a bem pensar, Fabiano não era homem; “era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”,<sup>926</sup> um caseiro qualquer. A reificação o afasta da condição de homem, na acepção de ser dignificado. A figuração social de Fabiano é denunciada quando se narra que o homem habitava as terras de um latifundiário, cuidando de suas reses em subserviência. Como poderia, nessas condições, ser de fato um

---

<sup>922</sup> RAMOS, 2022, p. 10.

<sup>923</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>924</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

<sup>925</sup> RAMOS, 2022, p. 66.

<sup>926</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

“homem”? Ele é um sujeito desapropriado, alienado do fruto de seu trabalho, que não vê opção que não seja aceitar sua condição social de humilhado para garantir a sobrevivência familiar, seu objetivo maior.

Com a chuva, a vida retornou à fazenda abandonada. O dono da fazenda também, aceitando a estadia dos retirantes desde que lhe prestassem serviços. Fabiano passa a ser explorado, recebendo o mínimo necessário para sobreviver – sintoma da verticalização social no mais inóspito do Nordeste durante a Primeira República, dada a negligência do Estado. O embrutecimento proposital do trabalhador fundamenta a prosperidade do senhor de terras. Com o embrutecimento, potencializam-se a fragmentação da totalidade, a incompreensão quanto à organização produtiva naquela configuração social, as inconsistências e as injustiças fundamentais para a manutenção do sistema.

Fabiano não está no controle dos meios de produção usados em seu labor para gerar riqueza. Representa a figura do “trabalhador livre” pós-13 de maio: alguém que só tem sua força de trabalho e “escolhe” vendê-la; isto é, ou se faz isso, ou se morre à fome. Vê-se despersonalizado diante de um processo que enaltece o trabalho quantitativamente mensurável. Com a venda da sua única posse, torna-se mercadoria ele mesmo.

Consoante a figura de autoridade que humilha gratuitamente, o patrão é descrito como alguém que gritava despropositadamente com Fabiano, reclamando de tudo que via pela frente.<sup>927</sup> A reificação pressupõe um labor metricamente observável; e ainda assim o patrão de Fabiano rompe com a racionalização do trabalho quando lhe é favorável fazê-lo: nem mesmo respeita a quantia já acordada para se pagar por uma dada quantidade de trabalho realizado – o que já é influenciada, em si, por acordos viciados, injustos. Assim, usurpa no pagamento, entregando-lhe menos do que havia acordado.

O dilema psicológico reaparece na obra, e Fabiano continua na corda-bamba entre se dizer homem – alguém respeitado, honrado – e um mero cabra, um despossuído dominado pelo fazendeiro. A tipificação de Fabiano como “cabra” é um intermédio entre o homem e o bicho. Em sua sempiterna resistência, o vaqueiro ainda tenta enxergar algum proveito na sua condição de bicho, a qual afirma em voz alta para emendar o erro que cometera ao se considerar homem.

---

<sup>927</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

Convence-se que só conseguira vencer as dificuldades e prover uma situação melhor para sua esposa porque era forte e resistente como um bicho.<sup>928</sup> A força que carrega em si é animal, a única suficiente pra passar por tantas privações.

A alternância entre pensamentos animados e desanimados é uma constante em Fabiano. Ora afirma orgulhosamente que sua família havia criado raízes na fazenda,<sup>929</sup> ora acha a ideia das mais absurdas, dizendo que seu destino era vagar sertão afora sem chegar a lugar algum.<sup>930</sup> A esperança do resistente contracena com a análise crua da situação, que o faz acreditar ser um ser humano reificado, um “vagabundo empurrado pela seca”<sup>931</sup> – mais uma referência ao desterro histórico. Constata que, na verdade, não há raízes que o prendem àquela terra. Ele e a família estariam lá só de passagem. Fabiano era só mais uma coisa da fazenda e, quando menos esperasse, seria despedido novamente e substituído por outro caseiro igualmente descartável.

<sup>932</sup>

O vaqueiro percorre veredas e se embrenha pela mata usando as mãos, com “a cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda”<sup>933</sup> de forma desengonçada, como um macaco, tal como fizera o pai, o avô e os antepassados mais antigos – e seus filhos já começavam a reproduzir os mesmos gestos. O narrador sublinha a naturalização de um fenômeno historicamente representado sob a roupagem da hereditariedade. O caráter histórico e potencialmente dialético do fenômeno não é alcançado pelo vaqueiro. Ele não enxerga perspectiva de mudança, tampouco pensa que o costume que corre de pai para filho é, na verdade, resultado de relações humanas, da exploração do homem pelo homem – e, nesse viés, passível de alteração, de mudança. Pelo contrário, a condição aviltante, ao agrado da ideologia da classe dominante, não é questionada, mas sim tomada como “normal”.

A passividade corrobora para o controle social de viventes como Fabiano. A cena não aborda só gestos e posições corporais. Vai além disso: ela fala da submissão a uma condição degradante de trabalho que atravessa gerações – uma decadência reificante. Manipulando a ignorância política do trabalhador rural, a narrativa de “se ter nascido para trabalhar na enxada” busca

---

<sup>928</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>929</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>930</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>931</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>932</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>933</sup> RAMOS, 2022, p. 16.

convencer que as coisas sempre foram assim. Em não havendo o que fazer para mudá-las, melhor aceitá-las – discurso insidioso que desumaniza Fabiano, representante das massas despossuídas, em proveito do ocultamento das inconsistências sociais mantidas por um sistema que visa o lucro, e o lucro somente, de uma classe governante numericamente pequena diante da vastidão de espoliados nas sociedades de mercado.

Fabiano não só se apega às plantações e aos animais circundantes, como também se dá melhor com eles do que com os seres humanos. Montado em seu cavalo, confundia-se com o próprio bicho.<sup>934</sup> Falava pouco. Esse afastamento é também uma forma de alienação. As condições laborais degradantes alienam o vaqueiro do convívio social, fazem-no naturalizar passivamente a situação ao longo do tempo. Assim como sua esposa, sua linguagem era rústica o suficiente para que os animais o entendessem.<sup>935</sup> De sua privação educacional resulta a fragmentada comunicação verbal. Aliena-se o convívio necessário para alcançar uma dimensão coletiva do trabalho que, por sua vez, poderia implicar uma consciência de classe. Com uma vitória tal, abrir-se-ia precedente para pensar mudanças práticas nessas vidas secas.

Escapam-lhe as dimensões sociopolítica e econômica da vida, para além da questão climática. Em seu âmago, o vaqueiro interessa-se em descobrir mais sobre o mundo, sobre as convenções e tudo aquilo que o intelecto pode alcançar, mas não sabe externalizar tal interesse em palavras. Seu Tomás da bolandeira lia muito e dominava as palavras, o que enchia Fabiano de admiração. O antigo patrão, que se empenhava em ler e conhecer, pedia em vez de mandar seus empregados para dada tarefa<sup>936</sup> – relato que sinaliza possível mudança interna adjunta à formação intelectual de um ser humano. Vez ou outra, Fabiano tentava imitá-lo falando palavras difíceis, mas errava tudo.<sup>937</sup> Para remediar a distância que há entre sua vontade de saber e sua condição socioeconômica de ignorante, reproduz o discurso reificante da submissão naturalizada.

Se aprendesse alguma coisa, receava ter de continuar a aprender e nunca ficar satisfeito – o que, em situações de extremas privações materiais, inutilizaria parte de um tempo do trabalho na lavoura. Com isso, o vaqueiro fortalece o discurso burguês de que o conhecimento – ferramenta capaz proporcionar a *consciência da totalidade* – pode ser algo perigoso e inútil. Busca

---

<sup>934</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>935</sup> RAMOS, 2022, p. 18.

<sup>936</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>937</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

justificativa com o caso de seu Tomás, que mesmo com tanto estudo não escapou às garras da seca. Assim, repreende quando um de seus filhos lhe faz uma pergunta qualquer, tomado pela curiosidade. No entendimento paterno, o pequeno não deveria se meter com o que não era da sua conta. A vontade de conhecer poderia deixá-lo em maus lençóis. O pai lhe passa a mensagem de que o vaquejar é seu destino, de que não se deve vislumbrar outra vida. Para remediar a situação, procura interessá-lo em coisas práticas, como “bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos”<sup>938</sup> de Baleia – movimentos de vaqueiro. Era necessário que seus filhos se acostumassem com atividades que lhes garantissem a sobrevivência, no lugar de perguntas abstratas. Em verdade, a pergunta que Fabiano não pôde responder o inquieta, porque gostaria de saber respondê-la. Como não sabe, procede resignadamente e pensa em tratar com a esposa sobre a educação dos meninos.

A narrativa da subalternidade hereditária é aceita pelo vaqueiro, que julga que seus filhos devem entrar no “bom caminho”: serem duros como tatus, senão teriam o fim de seu Tomás.<sup>939</sup> Fabiano compreende a formação intelectual enquanto uma veleidade com a qual ele e a família não podem arcar – pensamento derivante da fragmentação social do sujeito. Se algum dia se livrassem dos perigos da fome e da seca, ele não recriminaria a curiosidade dos filhos. Entretanto, na miséria em que viviam, tal proceder era inexecutável. Clara aceitação subserviente do discurso de segregação social entre pessoas que merecem ter uma formação intelectual e outras que, em função das circunstâncias socioeconômica, não a merecem e, portanto, devem agir de acordo: em obediência silente. Em momento algum põe em xeque os fundamentos dessa segregação; ele simplesmente a naturaliza. Não obstante, Fabiano prepara os filhos para outra modalidade de resistência: a física. Conforme a narração, “se morresse de fome ou na ponta de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.”<sup>940</sup>

Embora satisfeito por ter livrado a família da fome, Fabiano sabe que são efêmeras a relativa bonança e a estabilidade alimentar conquistadas. Calejado pelos revezes da vida retirante, desconfia que a seca regressaria e desgraçaria tudo novamente, não deixando uma planta sequer para trás. A interpolação de bons e maus dias lhe era recorrente – a seu ver, sempre fora assim, mesmo antes de nascer – e o dissuadia de apostas românticas quanto ao porvir. “A desgraça

---

<sup>938</sup> RAMOS, 2022, p. 19.

<sup>939</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>940</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

estava em caminho, talvez andasse perto”.<sup>941</sup> Ainda assim, o vaqueiro se posiciona como um homem que não desiste de batalhar, ideia capturada neste parágrafo da obra:

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.<sup>942</sup>

---

<sup>941</sup> RAMOS, 2022, p. 22.

<sup>942</sup> RAMOS, 2022, p. 22.

### 3.3. CADEIA

Quando Fabiano vai preso, fica claro seu lamento em não saber articular ideias em palavras. Bruto como é, não consegue se defender e aceita injustiças calado por falta de opção.

O vaqueiro vai à feira da cidade para comprar suprimentos para a família, mas acaba usando parte do dinheiro em bebida e jogos de azar. Tenta elaborar uma desculpa para contar à esposa, mas nem isso consegue: a privação vocabular o impede – “tinha imaginação fraca e não sabia mentir”.<sup>943</sup> Ademais, a mulher “era atilada, notaria a pabulagem.”<sup>944</sup> Em meio às falhas tentativas de elaborar desculpa, o vaqueiro sente “desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância.”<sup>945</sup> Pensa em alguém próximo com quem pudesse partilhar as dificuldades por que passa, na contramão do mundo reificado.

Receia que os cidadãos o enganem e se aproveitem dele. Porém, não sabe o que fazer ou falar para remediar o problema. Estava certo de que “todos os caixeiros furtavam no preço e na medida”.<sup>946</sup> O dono da bodega em que bebe uma pinga, seu Inácio, metia água nas mercadorias – estratégia insidiosa para economizar na aguardente. Conforme observado, a questão econômica é fio condutor que atravessara toda a obra. O reflexo estético de Graciliano é marcado pela tipicidade por elaborar personagens e cenas que refletem dinâmicas histórico-materialistas factuais, como acontece com a estratégia insidiosa do dono da bodega. Fabiano nota que tanto o querosene quanto a pinga estavam aguados. Interroga o bodegueiro sobre o porquê disso, mas não recebe uma resposta.<sup>947</sup> O silêncio é sintomático: não há motivos para se argumentar com um matuto ignorante. Ele nem sabe mesmo elaborar ideias. A aguardente continuará aguada.

Animado por conta do efeito alcóolico, senta-se na calçada e conversa. Para fazer valer o pouco de humanidade que guarda a sete chaves, relembra algumas expressões de seu Tomás da bolandeira – atitude que aponta para a comunicação verbal como tentativa de escapar à reificação circundante.

---

<sup>943</sup> RAMOS, 2022, p. 27.

<sup>944</sup> RAMOS, 2022, p. 27.

<sup>945</sup> RAMOS, 2022, p. 27.

<sup>946</sup> RAMOS, 2022, p. 25.

<sup>947</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

Quando o soldado amarelo o convida para jogar carteadado, sua resposta exala o ostracismo social, a completa desapropriação da linguagem enquanto ferramenta de socialização. Faltam-lhe coesão e coerência no manejo das palavras, o que demonstra o nível de precariedade vocabular que o assola. Fabiano não consegue organizar ideias em palavras justapostas. Evidente a busca por elaborar uma resposta coesa, mas a tentativa é frustrada. O desafio lançado pela figura estatal está ancorado na ignorância do interlocutor. A autoridade se aproveita da ignorância do matuto para poder lhe tomar algum dinheiro.

Fabiano se levanta e o segue. O vaqueiro “sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”<sup>948</sup> – atitude que reitera o *status quo* de relações sociais verticalizadas: uma negação do aspecto personalíssimo de alguém (o desejo, a pergunta) em proveito da finalidade objetiva de produzir (a substância, o muque). Obediência servil naturalizada; apagamento de questionamentos verbais; configuração social que afeta o íntimo do trabalhador e minora a emancipação dialética. Imprescindível o não questionamento para que a espoliação do trabalhador seja perpetuada. A escrita jornalística de Graciliano Ramos também perpassa o tema da obediência cega decorrente da coação estatal e do medo. Na crônica *As rãs estão pedindo um rei*, reitera: na vigência do Estado Novo varguista, os cidadãos se tornavam afeitos à obediência, esperavam pacientemente que o ascensorista lhes abra a porta do elevador, não reclamam caso o condutor lhes cobre a tarifa de passagem duas vezes.<sup>949</sup>

Fabiano sai derrotado do carteadado e ainda é ultrajado pelo soldado amarelo, que o empurra, o insulta e lhe pisa o pé. O policial representa o autoritarismo estatal. Reproduzindo o *status quo*, o agente demonstra bravura e superioridade diante da população civil, que se esmorece e acata os abusos em silêncio para não sofrer crueldades. *Continuum* na historiografia nacional. O adormecimento e a contemplação subserviente potencializam a perpetuação de desmandos estatais. A pulverização do corpo social em indivíduos alienados agrava o temor de se encarar de frente uma autoridade governamental.

---

<sup>948</sup> RAMOS, 2022, p. 26.

<sup>949</sup> RAMOS, 2022, p. 251.

A princípio, Fabiano “moderou a indignação”.<sup>950</sup> Não fosse o crivo social “dos homens quem mandavam”,<sup>951</sup> o roceiro “desmancharia [o soldado] com um tabefe”.<sup>952</sup> Na caatinga, o policial “não dava um caldo”.<sup>953</sup> Malgrado Fabiano tentar acalmá-lo, o guarda continuou a pisar-lhe o pé despropositadamente. Por fim, Fabiano xinga a mãe do soldado, o que lhe rende uma passagem de ida para a cadeia.<sup>954</sup> Tomado pela veleidade de poderosa figura estatal, o soldado amarelo humilha o vaqueiro. É cego para a tragicidade de sua ação. Sua atitude comprova o espraiamento da ideologia burguesa por todas as dimensões sociais, em prejuízo do ser reificado.

O vaqueiro ouve uma acusação absurda na delegacia, mas não se defende. Não sabe fazê-lo. Pensa que “se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho”,<sup>955</sup> o que não passa de um consolo vazio, privado que é de artifícios argumentativos que esclarecessem a injustiça perpetrada, livrando-o do cárcere. Há consistente nexos entre esta passagem e um momento vivido por Graciliano durante os meses de reclusão na cadeia. Encarcerado arbitrariamente, a indignação do matuto pode ter sido sazoadada pela experiência do escritor. Em *Memórias do Cárcere*, escreve que

Se me dessem tempo suficiente para refletir, ser-me-ia possível juntar ideias, dominar emoções, ter alguma lógica nos atos e nas palavras, exibir a aparência de um sujeito mais ou menos civilizado. Mas na situação nova que me impunham, fervilhavam as surpresas, e diante delas ia decerto confundir-me, disparatar, meter os pés pelas mãos.<sup>956</sup>

Enquanto o que move a inaptidão de Graciliano em concatenar ideias são a ausência de tempo hábil para refletir e a indignação em saber-se encarcerado injustamente, a passagem ficcional de Fabiano sublinha a incapacidade comunicacional, resultante de um sistema educacional omissivo. Encarcerado, o vaqueiro apanha despropositadamente.

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente, um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe

---

<sup>950</sup> RAMOS, 2022, p. 28.

<sup>951</sup> RAMOS, 2022, p. 30.

<sup>952</sup> RAMOS, 2022, p. 30.

<sup>953</sup> RAMOS, 2022, p. 32.

<sup>954</sup> RAMOS, 2022, p. 29.

<sup>955</sup> RAMOS, 2022, p. 30.

<sup>956</sup> RAMOS, 2023, p. 42.

caído todos em cima, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.<sup>957</sup>

A cena parece ser reverberação de um conto elaborado por Graciliano Ramos em 1915, *O ladrão*. No enredo, um homem é acusado de roubo pela população de uma vila. Levam-no à força até a delegacia de polícia. Lá, apanha dos carcereiros e de outros detentos até perder os sentidos em meio ao empoçado de sangue. As pessoas formam uma plateia ávida pelas pancadas que o sujeito recebe enquanto clama por trégua. “Parecia que experimentávamos o prazer de uma vingança. [...] Nosso prazer era muito intenso”,<sup>958</sup> relata uma personagem.

Ser embrutecido pelas circunstâncias não torna Fabiano ressentido. Pelo contrário, ele é um homem cuja bondade supera as adversidades – daí a indignação com o encarceramento. Sofre e apanha como um condenado. Romantiza o Estado e pensa que o tenham confundido com outra pessoa, tamanho o disparate. Bruto como é, seu pensamento simplista não alcança a realidade política que vivia o Brasil durante a década de 1930 – desigualdades latifundiárias, coronelismo, desenvolvimento desigual, neutralização dos dissidentes por trás de discursos “democráticos” e “populistas”. Sob o signo da reificação a ideia de que o governo seria distante e bom se sustenta, prescindindo de uma justificativa que a comprove.

Fabiano “acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças”,<sup>959</sup> e pensava que “apanhar do governo não é desfeita”.<sup>960</sup> Outra desumanidade naturalizada. De todo modo, sua indignação persiste, pois não concebe como o soldado amarelo, teoricamente comprometido pela ordem coletiva, pode ser um desordeiro.<sup>961</sup> Falta-lhe a percepção de que as relações reificantes e exploratórias estão no cerne da manutenção da configuração social.

Encarcerado, Fabiano preocupa-se com a esposa, os filhos e a cachorrinha, em alteridade genuína. Arrepende-se de não ter comprado o querosene e se culpa em imaginar “a mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos”.<sup>962</sup> Sua família é o que o separa da revolta – entrar para o cangaço e fazer desgraça sertão afora.

---

<sup>957</sup> RAMOS, 2022, p. 29.

<sup>958</sup> RAMOS, 1915, p. 48, 50.

<sup>959</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>960</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>961</sup> RAMOS, 2022, p. 31.

<sup>962</sup> RAMOS, 2022, p. 33.

Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. [...] Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.<sup>963</sup>

Com tal composição psicológica de Fabiano, Graciliano propôs uma intervenção estética diante do estereótipo litorâneo a respeito do sertanejo ultrajado. Conforme aponta na crônica *Sertanejos*, de 1931, “para o habitante do litoral, o sertanejo [...] não tem morada certa, desloca-se do Juazeiro do Padre Cícero para o grupo de Lampião, abandona facilmente a mulher e os filhos, bebe cachaça e furta como rato.”<sup>964</sup> Entrega-se ao banditismo a despeito da família – o contrário do que faz Fabiano, movido pela sua reserva ética e resistente.

Assume a responsabilidade pela sobrevivência e pelo bem-estar dos seus, mostrando-se um homem honrado. Bruto como era, só sabia que as coisas – embora não identificasse exatamente o quê – não estavam certas. Preso em sua incomunicabilidade, só queria voltar para sua esposa e descansar. Todavia, o matuto flagra com êxito que sua desgraça está vinculada à sua ignorância, ao fato de não ter instrução, não saber se explicar, colocar as coisas em seus lugares e se expressar. “Se tivessem lhe dado ensino”,<sup>965</sup> poderia ter explicado o que se passara e se livrado da sina de criminoso que não é.

Em fúria, pende para a subserviência ao desejar berrar no cárcere que lá ninguém servia pra nada, senão para “aguentar facão”.<sup>966</sup> O pensamento reproduz o discurso reificante do valor individual ancorado na produtividade, no caráter quantitativo do trabalho em detrimento das qualidades idiossincráticas de cada trabalhador. Há um nexos entre a fala de Fabiano a ideia de que, com a universalização da forma-mercadoria, o destino de um trabalhador se transforma no destino de todos: o vaqueiro observa que ali todos formaram uma massa amorfa de invalidados a seguir para um único destino cruel – produzir, obedecer, silenciar e aguentar facão. Em recepção passiva da ideologia decadente, pensa que futuramente os filhos “guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” – ideia que exemplifica a hereditariedade como modalidade de naturalização do *status quo*.

---

<sup>963</sup> RAMOS, 2022, p. 35.

<sup>964</sup> RAMOS, 1931.

<sup>965</sup> RAMOS, 2022, p. 34.

<sup>966</sup> RAMOS, 2022, p. 35.

No início dos anos 1920, pouco menos de duas décadas antes da publicação de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos já refletia sobre a importância da formação intelectual do cidadão nordestino. Em seu texto elaborado para o quarto número do jornal *O Índio*, em circulação em Palmeira dos Índios, Alagoas, suplica ao governo local por abertura de escolas e que o livro, ao qual se refere como a fonte do bem humano, adentre as casas das miseráveis famílias nordestinas.<sup>967</sup>

Dois números anteriores, o jornalista Duarte discorrera sobre temática afim no mesmo jornal; tratava da relação entre a liberdade e a instrução. Sua tese era a de que a democracia – o governo do povo pelo povo – não vinga quando a própria população ignora direitos, deveres e conhecimentos elementares que a levem para a evolução sociopolítica e moral. Critica a negligência governamental para com os cidadãos alagoanos.<sup>968</sup> A democracia não se efetiva em massas populacionais alienadas daquilo que lhes é de direito para o exercício da cidadania. A perda coletiva da *consciência da totalidade*, fortalecida pelo parco letramento, reitera a reificação do trabalhador. O jovem Graciliano retoma a mesma temática na sexta edição desse jornal local, publicada em março de 1921. Denuncia que, no lugar da cartilha de ABC, o povo recebia cartas de baralho; no lugar de ensinamentos, cachaça que lhe embaraçava as ideias e o organismo.<sup>969</sup>

Fabiano representa o sertanejo cuja educação é negligenciada. Nunca pisara em uma escola. Procede supor a inexistência de uma iniciativa estatal que se encarregasse de seu

---

<sup>967</sup> Vai como uma súplica endereçar-se ao governo; partiu pela minha pena desses infelizes pais de família que veem, dia a dia, a miséria invadir-lhe o lar, onde não penetrou ainda, balsâmica e divina, a fonte do bem humano: o livro! Criam-se aqui todos os dias, quase, centros de diversões, e, no entanto, uma escola não se abre! [...] E a ignorância aumenta, e os crimes multiplicam-se! [...] Abri escolas, senhores do governo, esses “viveiros de esperança”, como lhes chamou Rosendo Muniz, e tereis prestado um grande bem à nossa pátria. p. 61, 62 - X [Graciliano Ramos]. “Garranchos IV”. *O Índio*, Palmeira dos Índios, ano 1, nº 4, 20 de fevereiro de 1921. In: RAMOS, G. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

<sup>968</sup> “Pode-se conceber liberdade sem instrução? Pode existir democracia, que é o governo do povo pelo povo; uma vez que ele, despojado dos conhecimentos necessários, das luzes precisas, não está cômico de seus deveres e direitos? [...] Como a terra, que sem amanho e cultivo não pode dar bons frutos, um povo entregue à inércia e ao abandono não pode jamais contribuir com auxílios mútuos para o seu engrandecimento político, moral e social.” (DUARTE, Oliveira. “Liberdade e instrução”. *O Índio*. Palmeira dos Índios, ano 1, nº 2, 6 de fevereiro de 1921, p. 1).

<sup>969</sup> Voltamos a encarar de novo o grave mal que ameaça destruir a moral do povo: o analfabetismo. A ignorância arrasta, a passos gigantescos, a multidão sertaneja ao abismo tenebroso do crime! [...] São destas naturezas os dramas terríveis que nos oferecem a selvageria do meio em que vivemos. E tudo por quê? Porque, em vez de uma carta de ABC, se dá ao povo a carta de baralho; porque, em vez de um ensinamento são, que lhe ilumine o cérebro, se lhe deita na boca o copo de aguardente que lhe devasta o organismo e relaxa o caráter! [...] Não serão acaso tantos crimes o resultado da ignorância que caracteriza o povo? Precisamos abrir escolas. p. 65, 66 X [Graciliano Ramos]. “Garranchos VI”. *O Índio*, Palmeira dos Índios, ano 1, nº 6, 06 de março de 1921. In: RAMOS, G. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

encaminhamento escolar. Isso *se* existisse uma escola pela redondeza. Quando ele se aproxima à cidade, uma autoridade estatal o convida ao carteadado, que, como visto, termina em cárcere. A criminalidade, sob a roupagem do cangaço, espreita seus pensamentos. Ser cangaceiro, no ideário da personagem, equivale a vencer arbitrariedades governamentais e fazer valer a justiça reprimida nos viventes da terra – exato fundamento para o banditismo social dos fins do século XIX e início do XX.<sup>970</sup> Contudo, o matuto demarca um ponto de inflexão diante da reificação: resiste à tentação de fazer justiça com as próprias mãos, prioriza a família, resguarda a humanidade.

---

<sup>970</sup> SANDRINI, 2019, p. 131.

### 3.3.1. Cangaço: banditismo social à brasileira

Em *Vidas Secas*, a hipótese do cangaço é o que mais se aproxima da *consciência da totalidade*. Embora sem saber nitidamente contra o que ou quem se revolta, o cangaço foi uma resistência ativa – vingativa e violenta – contra os problemas sociais e a omissão governamental diante de dilemas socioclimáticos. Algumas palavras elucidativas são bem-vindas, cotejadas com os estudos de Eric Hobsbawm (2015) e com crônicas publicadas por Graciliano ao longo da década de 1930.

A etimologia de *cangaço* remonta à *canga*: peça de madeira usada no arado para conectar dois bois pelo pescoço a um carro. Remete à ideia de trabalho forçado e violento – assim como ocorre aos que se embrenham pela atividade criminosa.<sup>971</sup> A Revolução de 1930 não resolveu o quadro de desigualdades sociais e de misérias no sertão nordestino: seca, fome, analfabetismo, indústria escassa, exploração do trabalho rural – fatores que, diante do desespero e da luta pela sobrevivência, levaram muitos matutos a apelar ao banditismo.<sup>972</sup>

Em *Bandidos* (2015), Eric Hobsbawm analisa o banditismo social em suas várias dimensões, identificando-o como fenômeno que desafia a ordem socioeconômica e política, por desafiar detentores do poder e da lei.<sup>973</sup> O cangaço se enquadra como uma modalidade nacional daquilo que o historiador britânico investiga em sua obra: o fenômeno aparece em sociedades a meio caminho da organização tribal-familiar e a sociedade capitalista industrial, refletindo a decadência da primeira em prol da segunda – outra modalidade do desenvolvimento do subdesenvolvimento. A questão dialoga com a realidade nacional desde meados do século XIX até as primeiras décadas do XX: desde a chegada da família real ao Rio de Janeiro em 1808, paulatina mudança do eixo econômico nacional para o Centro-Sul, gradativa urbanização da Corte (Rio de Janeiro) e, libertos os cativos, imigração de mão de obra estrangeira destinada ao trabalho industrial, em completa desassistência governamental em face às regiões mais distantes da metrópole.<sup>974</sup>

---

<sup>971</sup> HOUAISS, 2001.

<sup>972</sup> LEBENSZTAYN, SALLA, 2014, p. 09, 12.

<sup>973</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 20.

<sup>974</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 38, 39.

O cangaço vincula-se a um contexto histórico de poder. Ocorre a partir da relação entre governantes, grandes proprietários de terras e a população neutralizada. O fenômeno desponta, cresce e toma proporções endêmicas em cenários de disparidades socioeconômicas. Surge em meio a viventes paupérrimos subjugados por autoridades locais (institucionalizadas ou não) a condições abusivas de trabalho. Os bandidos sociais buscam reparar injustiças: para a sociedade camponesa, vistos muitas vezes como admirados vingadores, heróis, justiceiros dignos de suporte e sustento quando necessário; para os senhores rurais e o Estado, proscritos da lei, criminosos.

O banditismo social busca restabelecer a ordem das coisas – o que pode significar tanto algo que aconteceu em um passado longínquo, quanto algo mítico que perdura no imaginário coletivo popular. Trata-se de buscar recuperar relações equitativas entre ricos e pobres, fortes e fracos.<sup>975</sup> Protagonizam esse fenômeno viventes que recusam a passividade do camponês submisso a desmandos e desumanizações, como acontece a Fabiano em *Vidas Secas*. A resistência vem junto com a marginalidade que, nessas situações, é vista como preferível ao sentimento de ultraje, ou do desrespeito mais profundo.<sup>976</sup>

Em Hobsbawm, a variedade de banditismo social que se aproxima ao lampionismo é aquela composta por seres que, em vez de desagravarem ofensas, vingam-se e executam o poder à sua maneira. Conjuntamente à ideia de justiça, apostam em desforras vingativas, pagando sangue com sangue e mostrando que mesmo os mais pobres, enfraquecidos pelas estruturas sociais, podem ser terríveis. Vingança que acontece tanto contra humilhações pessoais, quanto contra a opressão de outras pessoas, pequenos grupos com os quais o vingador se identifica. Sua ética apresenta valores antinômicos: ao passo que cangaceiros como Antônio Silvino foram lembrados por boas ações, outros, como Rio Preto, foram conhecidos pela crueldade.<sup>977</sup> Em um cordel analisado pelo historiador, havia a narração de uma série de horrores feitos sob o comando de Lampião, como “batalhas, ferimentos, ataques a cidades, sequestros, assaltos a ricos, combates com soldados, aventura com mulheres, episódios de fome e de sede”.<sup>978</sup>

---

<sup>975</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 25, 37, 45, 49, 106.

<sup>976</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 63.

<sup>977</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 95.

<sup>978</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 98, 99, 108.

Para garantir segurança e respeito coletivos, o banditismo social demonstra ser capaz de atrocidades. Outra explicação seria a de que a crueldade vem adjunta à vingança. Como o opressor compõe uma estrutura de poder, riqueza e status social acima daquela em que se encontra o humilhado, tal humilhação simplesmente não pode ser paga na mesma moeda. Dentre os recursos disponíveis à vítima que busca desforra, portanto, a crueldade e a violência figuram como opções de maior eficácia.<sup>979</sup>

Na busca de proteção efetiva, muitos bandoleiros procuraram aliados políticos e, assim, se achegavam a facções e instâncias de poder local. Mesmo que as alianças não fossem firmadas, era importante que as principais figuras políticas regionais os enxergassem como aliados em potencial; tratando assim de firmar, minimamente, boas relações interpessoais. Hobsbawm aponta que a longevidade do lampionismo no Brasil, que ocorreu em áreas afastadas da autoridade central do governo, é explicada por conta dessas redes de alianças, que se adaptavam à estrutura social. Neste caso, “essa situação política para formar uma força foi tão poderosa que ela deixara de constituir mero reforço em potencial para qualquer grande ‘coronel’ do sertão, passando a ser um poder em si mesmo.”<sup>980</sup> Em regiões tais – em que a máquina estatal se mostra negligente – a estrutura política rural gera dois efeitos: aquece e faz multiplicar o banditismo social, além de fazer com que eles sejam integrados ao sistema político real – ou seja, um Estado paralelo à máquina oficial diante da ineficácia estatal.<sup>981</sup>

Na crônica *Lampião*, publicada em Maceió em 1931, Graciliano aponta a vida sofrida e injusta como um elemento comum na trajetória dos que escolherem a vida errante e gatuna pelo sertão do Nordeste. Em suas próprias palavras,

O que transformou Lampião em besta-fera foi a necessidade de viver. Enquanto possuía um bocado de farinha e rapadura, trabalhou. Mas quando viu o alastrado morrer e em redor dos bebedouros secos o gado mastigando ossos, quando já não havia no mato raiz de imbu ou caroço de mucunã, pôs o chapéu de couro, o patuá com orações de cabra preta, tomou o rifle e ganhou a capoeira. Lá está como bicho montado. [...] É natural que procure o soldado que lhe pisava o pé, na feira, o delegado que lhe tirava pancada, o promotor que o denunciou, o proprietário que lhe deixava a família em jejum.<sup>982</sup>

---

<sup>979</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 101,102.

<sup>980</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 137.

<sup>981</sup> HOBBSAWM, 2015, p. 141.

<sup>982</sup> RAMOS, 1931.

Há semelhança entre o exemplo trazido pelo Graciliano cronista – “*é natural que [Lampião] procure o soldado que lhe pisava o pé, na feira [...] o proprietário que lhe deixava a família em jejum.*” (grifo nosso) – com as cenas que compõem *Vidas Secas*. É o que se passa a Fabiano no terceiro capítulo, *Cadeia*, e no décimo capítulo, *Contas*, respectivamente. O que diferencia Lampião de Fabiano é que este não cede à tentação de fazer justiça com as próprias mãos e permanece ao lado de sua família.

Aderir ao cangaço é tentação ao sertanejo despossuído que não tem mais o que comer, nem onde trabalhar. Afora a opção pelo cangaço, as saídas que lhe são possíveis são três: morrer à fome, emigrar ao Sul do Brasil ou ainda entrar para a polícia.<sup>983</sup> As protagonistas de *Vidas Secas* resistem à primeira opção enquanto podem – encontram certo hiato quando se instalam por um ano numa fazenda a princípio abandonada –, porém cedem para êxodo rumo ao Sul com o retorno da estiagem.

O Graciliano cronista diferencia o lampionismo do século XIX daquele cuja atividade foi testemunhada por seus contemporâneos ao longo dos 1930. O primeiro era marcado por um *fenômeno mormente social*: questões de honra ou brigas políticas entre proprietários mais poderosos e outros menos, perseguidos, que acabavam por se organizar em pequenos bandos chefiados por pessoas de consideração.<sup>984</sup> A primeira espécie de cangaceiro, tomado pelo escritor como os do “tipo heroico”, são comparados como espécie de Quixote a corrigir injustiças de ordem política e, do ponto de vista dos anos 30, foi minguando até desaparecer completamente.

O modelo que o substituiu foi *calcado eminentemente na ordem econômica*: um ser cujo banditismo era fomentado pela mais crua fome e necessidade de sobreviver. Sua barbaridade deriva da desorganização econômica que sobrepuja a seca. É potencializada também por exploração do trabalhador rural, carência da administração nas áreas agrestes e o precário desenvolvimento da indústria rural – elementos relacionados à reificação do matuto e ao desenvolvimento do subdesenvolvimento.<sup>985</sup>

---

<sup>983</sup> RAMOS, 1933.

<sup>984</sup> LEBENSZTAYN, SALLA, 2014, p. 147.

<sup>985</sup> RAMOS, 1937, p. 52, 53.

O povoamento do sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX não acompanhou seu crescimento em riqueza: a região continuou pobre, com trabalho precário e escasso – sob as condições climáticas das estiagens a tudo piorar. Com isso, houve uma multiplicação dos bandos criminosos, seres famintos levados às barbaridades principalmente em épocas de seca, fome, miséria e privações. <sup>986</sup> O escritor identifica três fases no que chama de evolução do cangaço: na primeira, grandes mercenários se entendiam com os proprietários e trabalhavam a mando deles; na segunda, uma massa anônima e aumentada de despossuídos escolhem líderes entre os seus e, por fim, indivíduos superiores rebaixarem-se à massa amorfa de criminosos e dela emergirem como dirigentes. <sup>987</sup>

Vale ainda pontuar que quando o tenente Bezerra dá fim ao famoso cangaceiro Lampião, aos 28 de julho de 1938 em Angico, Sergipe, a política do Estado Novo varguista glorifica o triunfo do combate contra o banditismo. Graciliano recusa essa visão redentora; defende ser uma ingenuidade supor que a morte de Lampião equivaleria à supressão imediata das monstruosidades potencializadoras do cangaço: a seca e a miséria. Pelo contrário, analisa o movimento como cartada política, que preferia celebrar e enfatizar a morte do maior representante do cangaço nacional a resolver os problemas estruturais que continuariam a assolar o povo nordestino. <sup>988</sup> Aponta em seara jornalística o que faz com seus reflexos estéticos: a necessidade de ver para além do mundo fenomênico e compreender que os problemas que atravessam o tecido social não devem ser tomados de forma atomizada, mas em perspectiva histórica, que os vincula em um todo dialético e desvela inconsistências infraestruturais.

A reificação de Fabiano ocorre à brasileira. É no cangaço, movimento nacional historicamente situado, que vislumbra hipotética desforra para as humilhações sofridas. Não obstante, cabe sublinhar: em função da adesão psicológica de Fabiano à sua esposa e filhos, o cangaço lhe parece uma saída mais individual (para si e os seus) do que algo coletivo, no sentido de romper com os desmandos presentes no sertão aspérrimo, emancipando os viventes da região. A sobrevivência dos cambaios era uma questão de “adiar a *própria* morte” (grifo nosso). <sup>989</sup>

---

<sup>986</sup> RAMOS, 2014.

<sup>987</sup> RAMOS, 2014.

<sup>988</sup> LEBENSZTAYN, SALLA, 2014, p. 148.

<sup>989</sup> RAMOS, 2022, p. 12.

### 3.4. SINHA VITÓRIA

Sinha Vitória, a *mater familias*, é um forte elo entre os viventes. Provê o cuidado e o preparo do alimento para todos, toma conta dos meninos e ainda gerencia as parcas finanças de seu marido. Sua força tem um senso prático na busca pela sobrevivência.<sup>990</sup> Embora seus pensamentos não sigam uma lógica metódica e disciplinada, eles se atêm à *práxis* de como compreender e superar as dificuldades diárias.

Enquanto “sinhá” é forma de tratamento para mulheres de classe alta, “sinha” é o tratamento oposto, para as pobres e casadas<sup>991</sup> – sua condição socioeconômica a acompanha no vocativo. A esposa de Fabiano tem um nome irônico para suas condições ultrajantes de vida. Na maior parte do tempo, o que rege suas vidas não é a vitória, mas seu exato antônimo. Sinha Vitória também dialoga pendularmente com a desesperança e a resistência. Nos momentos de recusa, incomoda-se com a miséria circundante; nos de resignação, deixa-se levar pelas dificuldades e se perde em desesperança.

Dentre os membros da família, é a que mais se aproxima de uma reflexão crítica da realidade, compreendendo minimamente as engrenagens que deságuam na injustiça sofridas.<sup>992</sup> Enquanto executa tarefas domésticas, reflete sobre os problemas vivenciados e projeta possibilidades para superá-los. Embora também se entristeça, a mulher em momento algum anula a si própria.<sup>993</sup> A produção de sentido que atribui à realidade não é inventado, nem compreendido como destino: a mulher compreende que o sentido não está dado, que o devir está aberto à superação das dificuldades a partir da tomada de decisões; que, embora minguada pelas privações, as escolhas ainda existem e se abrem para um futuro melhor. “O mundo [de *Vidas Secas*] é um espaço de confinamento e superá-lo significa retomar o tempo como devir”;<sup>994</sup> isto é, não determinado de forma teleológica, mas aberto para mudanças. O pensamento de sinha Vitória representa a proposta de resistência em Graciliano: a de não simplesmente constatar uma realidade de exploração e humilhação, mas de refletir criticamente a caminho da mudança.<sup>995</sup>

---

<sup>990</sup> CARBONEL, PALERMO, s/d, p. 13.

<sup>991</sup> LIMA, 2013, p. 54.

<sup>992</sup> LIMA, 2013, p. 55.

<sup>993</sup> LIMA, 2013, P. 55, 61.

<sup>994</sup> BASTOS, 2015, p. 78.

<sup>995</sup> BASTOS, 2015, p. 75, 77.

Seu maior sonho é trocar a cama de varas por uma de lastro de couro, como a de seu Tomás, embora tivesse se acostumado a dormir na cama dura de varas.<sup>996</sup>

Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos.<sup>997</sup>

A cama mais confortável simboliza uma dignidade que inexistente em sua vida despersonalizada; é elemento que lhe traria um quê de humanidade e satisfação, em desreificação. O leito em lastro de couro aparece em comparação à realidade socioeconômica de seu Tomás da bolandeira. A mulher não quer qualquer cama: ela quer uma igual à do antigo patrão de Fabiano. Ou seja, adjunto à mudança prática de sua realidade material mais próxima, o desejo também revela uma aspiração por dignificação e ascensão social. Conscia das privações em sua vida, a mulher almeja descansar sobre uma cama melhor: um conforto que atribui a outras classes sociais.

O universo reificado é aquele em que tudo se torna vendável, inclusive a própria mão de obra, sob a métrica da quantidade produtiva em detrimento da qualidade. No panorama de vendabilidade universal, o valor de troca de um produto fala mais alto que seu valor de uso – o oposto do que ocorre nos pensamentos da retirante Vitória em relação à cama sonhada. Naturalmente, paga-se um valor monetário para obter uma cama mais agradável, mas não se trata de fazer a economia girar, avaliar o leito como mercadoria que lhe trouxesse lucro futuro. Pelo contrário, sinha Vitória busca uma ínfima qualidade de sono – e, conseqüentemente, de vida.

Além disso, o desejo por uma cama apropriada para o descanso revela outro sonho da mulher: estabilidade mobiliária e habitacional. Para se ter uma cama de lastro de couro, é preciso se estabelecer num local fixo. Todavia, a condição de contínuos retirantes sem eira nem beira impossibilita tal estabilidade. Em seus momentos de mau humor, tomava consciência da precariedade de sua vida e julgava seu desejo desarrazoado, inatingível. “Não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folhas e troços miúdos.”<sup>998</sup> Como

---

<sup>996</sup> RAMOS, 2022, p. 38.

<sup>997</sup> RAMOS, 2022, p. 44.

<sup>998</sup> RAMOS, 2022, p. 39, 43.

levar uma cama atrás de si? A ideia não procede. Seu esposo tinha para si que a ideia da cama era “doidice”:<sup>999</sup> miseráveis, viviam de trouxas arrumadas e não podiam ter luxo. A qualquer momento poderia ser demitido e, sendo novamente obrigado a errar sertão afora.

Sua cama é dura, feita de varas. Sinha Vitória se incomoda especificamente com uma vara que não a deixa se virar quando deitada. Questiona-se sobre o porquê de não terem removido a vara incômoda.<sup>1000</sup> O nó em uma das varas simboliza todos os outros entraves presentes em suas vidas – a exploração da força de trabalho, o patrão insidioso, a autoridade estatal que se aproveitada da ignorância de seu marido.<sup>1001</sup> Sua remoção significaria a resolução dos demais problemas que os circundam – daí ele pertencer. Outra possível interpretação: a remoção do nó não iria resolver os reais problemas, não simbolizaria uma mudança prática em suas vidas. Terceira recepção: sinha Vitória, mulher inconformada com a miséria reinante, não se satisfaria com a resolução deste pequeno problema. Estaria em busca de algo muito maior, de uma mudança de vida, mais humanizada e honrada.

Havia desentendimentos esporádicos entre marido e mulher. Buscando cortar despesas para comprarem a cama de lastro de couro, a esposa se enfeza: alude ao dinheiro perdido pelo marido com jogo e pinga na ocasião do cárcere. Fabiano rebate condenando seus sapatos de verniz. Julga-os caros, inúteis. Diz-lhe que, ao calçá-los, andava ridícula, trôpega como um papagaio. O comentário a entristece duplamente: primeiro, pela própria parte que lhe toca, ferida em sua autoestima; depois, porque a faz pensar no papagaio sacrificado para que a família matasse a fome nos seus piores dias de andanças pelo sertão. Quando “cansada, meio morta de fome, carregava o filho mais novo, o baú e a gaiola do papagaio.”<sup>1002</sup> Esmorecida, a mulher julga que o ato foi justificado por estrita necessidade. Não havia outra maneira de continuarem vivos, senão matando-o.<sup>1003</sup> As lembranças da seca lhe dão arrepios. A mulher se esforça para afastar dos pensamentos os dias penosos; tenta se convencer de que “tivesse nascido depois que chegara à fazenda.”<sup>1004</sup> Malgrado as discordâncias, sente-se segura com o marido. Quando ele dorme, ronca profundamente, o que significa para a esposa ausência de perigo, distância de mais uma onda de seca. “Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava,

---

<sup>999</sup> RAMOS, 2022, p. 21.

<sup>1000</sup> RAMOS, 2022, p. 44.

<sup>1001</sup> LIMA, 2013, p. 61.

<sup>1002</sup> RAMOS, 2022, p. 39, 41.

<sup>1003</sup> RAMOS, 2022, p. 41.

<sup>1004</sup> RAMOS, 2022, p. 41.

o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe a sensação de firmeza e repouso.”

<sup>1005</sup> A escolha discursiva de sublinhar a dimensão intimista do casal recupera sua humanidade. Na contramão de uma acepção reificante dos sertanejos como pobres coitados dignos unicamente de pena, pontuar dilemas matrimoniais sugere que os matutos, embora embrutecidos, eram pessoas com sentimentos próprios como qualquer outra pessoa.

Assim como Fabiano, sinha Vitória carrega consigo uma reserva indelével de humanidade: cuida dos seus, agarra-se à ideia de dias melhores e demonstra, de maneira genuína, forças para superar as adversidades.

---

<sup>1005</sup> RAMOS, 2022, p. 42, 43.

### 3.5. O MENINO MAIS NOVO

O menino mais novo tem frágil estrutura corporal. Vaga pela fazenda sujo, com roupas rasgadas.<sup>1006</sup> Tem profunda admiração pelo pai, que, paramentado com seus equipamentos de vaqueiro, é considerado “a criatura mais importante do mundo”.<sup>1007</sup> Maravilha-se ao vê-lo cavalgar.<sup>1008</sup> Carrega consigo uma ingenuidade natural à idade: alheio à condição miserável de seu pai, superestima-o, toma-o como herói. Quando Fabiano monta uma égua alazã e tenta domá-la, o pequeno fica indignado diante da indiferença da mãe e do irmão mais velho. O evento lhe é façanha.<sup>1009</sup> O pequeno ignora o valor de troca e quantitativo do mundo material, em completa validação dos traços qualitativos do seu pai. Em seus olhos, Fabiano é um ser respeitado, corajoso. Um homem digno, admirável, humanizado. Infante, o menino ignora os sofrimentos paternos. Sob o signo da candura, as ideias que concatena em seu interior ainda estão alheias à miséria da reificação. Sua admiração por Fabiano é flagrada neste parágrafo:

E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru. [...] Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catanga como pé-de-vento, levantando poeira.<sup>1010</sup>

A cama de varas, motivo de queixa para sinha Vitória, é símbolo de maturidade e poder para o filho, que idealiza a figura paterna. Quer seguir os seus passos; se não era ele, pelo menos “precisava mostrar que podia ser Fabiano”.<sup>1011</sup> Destemido como o pai. O menino tinha o “desejo vago de realizar qualquer ação notável que espantasse o irmão e a cachorra Baleia”.<sup>1012</sup> Na busca por reconhecimento, pula em cima de um bode e tenta domá-lo. Falha: cai no chão machucado e envergonhado.

---

<sup>1006</sup> RAMOS, 2022, p. 49.

<sup>1007</sup> RAMOS, 2022, p. 45.

<sup>1008</sup> RAMOS, 2022, p. 47.

<sup>1009</sup> RAMOS, 2022, p. 46.

<sup>1010</sup> RAMOS, 2022, p. 51.

<sup>1011</sup> RAMOS, 2022, p. 48.

<sup>1012</sup> RAMOS, 2022, p. 45.

### 3.6. O MENINO MAIS VELHO

O menino mais velho – fraco, magro e sujo como o irmão – deseja aprender, conhecer e esclarecer o mundo à sua volta, mas a ignorância coletiva e a imposição do silêncio subserviente lhe são obstáculos. Escuta sinha Terta dizer a palavra inferno. Movido pela curiosidade, pergunta aos pais o significado da palavra. Fabiano se cala e sinha Vitória vagamente alude a “certo lugar ruim demais”<sup>1013</sup> com “espetos quentes e fogueiras”.<sup>1014</sup> Dada a vagueza da resposta, o filho lhe pergunta se ela havia visto o inferno: recebe um cocorote. Sentindo-se injustiçado, retira-se chorando para a beira de uma lagoa.

O pequeno sabia tantas palavras quanto o papagaio morto no início da história; isto é, quase nada.<sup>1015</sup> Tenta explicar o ocorrido à Baleia, que fora ao seu encontro para reanimá-lo; explicação que se restringe a gestos e exclamações.<sup>1016</sup> Tenta debalde falar direito: balbucia, repete sílabas, berra como os animais. O garoto anseia atribuir significado ao significante da palavra *inferno*. Decide aprendê-la. Se sinha Terta a usara, deveria ser importante.<sup>1017</sup> Queria “que a palavra virasse coisa”<sup>1018</sup> e fica desapontado quando a mãe informa significar algo ruim. A sós com Baleia, esforça-se por elaborar mentalmente uma definição do que é inferno a partir dos elementos e seres rurais que lhe são familiares: o tal lugar “devia estar cheio de jararacas e suçaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com a bainha de faca.”<sup>1019</sup> Não se satisfaz com a parca explicação de sua mãe. Elabora suas ideias como pode, no encalço de decifrar o significado do código linguístico. Em um golpe de candura, tenta se convencer de que não tinha feito a pergunta para se convencer de que não havia apanhado.<sup>1020</sup> Atrás de aprender sobre o mundo, o menino inocentemente atribui bondade a tudo aquilo que consegue nomear. Encanta-se com tudo o que pode conhecer. Recepciona romanticamente o mundo como um lugar em que

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. [...] Esses mundos viviam em paz, às vezes

---

<sup>1013</sup> RAMOS, 2022, p. 53.

<sup>1014</sup> RAMOS, 2022, p. 54.

<sup>1015</sup> RAMOS, 2022, p. 55.

<sup>1016</sup> RAMOS, 2022, p. 55.

<sup>1017</sup> RAMOS, 2022, p. 57.

<sup>1018</sup> RAMOS, 2022, p. 55.

<sup>1019</sup> RAMOS, 2022, p. 59.

<sup>1020</sup> RAMOS, 2022, p. 58.

desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvidas em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas.<sup>1021</sup>

O menino mais velho também ignora a dimensão política e socioeconômica da vida. Consoante sua tenra idade, atém-se a dilemas que lhe são imediatos. Pergunta-se como é possível haver estrelas na terra, mas a pergunta ficaria em aberto. A exceção para o idílico mundo cognoscível é a lembrança que carrega consigo da seca, tempos em que sua família fugia, cansada e faminta, e ele desmaiara no chão que lhe torrava os pés, mal se atentando para a admoestação paterna. “Naquele tempo o mundo era ruim”,<sup>1022</sup> pensa.

Embora envolto em inocência, flagra o absurdo em sua mãe tentar convencê-lo de algo à base de casudos, em vez de usar uma explicação racional.<sup>1023</sup> Inconscientemente, esta figura infantil reluta contra a naturalização da vida miserável, buscando esclarecimentos razoáveis para compreender as ideias mais básicas do cotidiano. O garoto anseia romper com a alienação de uma existência atomizada, fugir da coisificação a mando mercadológico – mesmo que não tenha a maturidade, nem a ciência para refletir nesses termos. Sua sede por conhecimento é resistência. A reificação ainda não lhe toma a consciência. Dentro da sua área de atuação, busca *consciência da totalidade* que o circunda – algo que resultar na compreensão da sociedade como algo concreto, histórico, aberto ao devir.

Luta contra a sina de ser pedra como seu pai e toda a linhagem ascendente. O infante tem várias indagações. Quando as expõe, é recriminado. É relegado ao silêncio da ignorância – o que levou o pai a se convencer de que não nasceu para aprender, naturalizando pretensa inferioridade. Sua condição de reificado seria consequência de uma potência intelectual que não se torna ato porque ignorada, negligenciada por uma gestão governamental desinteressada em fazer valer as garantias sociais de um regime pretensamente republicano e democrático.

---

<sup>1021</sup> RAMOS, 2022, p. 56.

<sup>1022</sup> RAMOS 2022, p. 57, 58.

<sup>1023</sup> RAMOS, 2022, p. 57.

### 3.7. INVERNO

Nas noites de inverno, histórias entre realidade e ficção combatem a coisificação dos matutos, que teriam de viver “no mato, como preás”<sup>1024</sup> se a onda de fortes chuvas desgraçasse sua moradia. Os causos, embora desvinculados da realidade dos fatos, recuperam a humanidade familiar. Fazem lembrar que também são pessoas com sonhos e desejos. Enquanto os meninos tentam se esquentar, Fabiano e sinha Vitória dialogam com frases incongruentes, repetitivas, espaçadas. Para remediar a ambiguidade e a deficiência do processo comunicativo, lançam interjeições e falam alto.<sup>1025</sup> O pai conta histórias do vaquejo: começa moderado, empolga-se, exagera e tenta convencer a si e aos seus que é homem de maravilhas. É necessidade: as histórias contornam as humilhações e as privações. Retardam a reificação, suprem a necessidade fabular da família, recuperam sua humanidade estilhaçada pela urgência capital.

O soldado amarelo desgraçou Fabiano em pancadas na cidade, e o matuto sentiu humilhação e vergonha pelo encarceramento injusto. Amadurecia planos vingativos. Como não os executou, narra hipérbolos de seus feitos campestres.<sup>1026</sup> O matuto atribui alta importância às narrações. Durante uma delas, o menino mais velho se levanta para pegar uma braçada de lenhas – na mesma hora é repreendido pelo pai, que só não lhe bate porque a mãe o defende.<sup>1027</sup> O rapaz escuta atento o caso narrado pelo pai. Desencanta-se do que ouve: nota repetição de ideias, incongruências. Encontra falha narrativa que “reduzia-lhe a verossimilhança”.<sup>1028</sup> Afeito ao conhecimento e à estrutura lógica das coisas, decide que “brigaria por causa das palavras”<sup>1029</sup> – em combate com o embrutecimento que pauta sua vida.

---

<sup>1024</sup> RAMOS, 2022, p. 64.

<sup>1025</sup> RAMOS, 2022, p. 62.

<sup>1026</sup> RAMOS, 2022. P. 65.

<sup>1027</sup> RAMOS, 2022, p. 62 .

<sup>1028</sup> RAMOS, 2022, p. 67.

<sup>1029</sup> RAMOS, 2022, p. 67.

### 3.8. FESTA

A festa de Natal na cidade demonstra a inexistente sociabilidade familiar. Reificação que os aparta de uma vivência humanizada. A caminho da cidade, a família andava pelos “seixos como bois doentes dos cascos”.<sup>1030</sup> Vestido socialmente a custo, Fabiano lança mão da humanidade que lhe é estranha, procurando “erguer o espinhaço”. Sua esposa tem dificuldade em se equilibrar sobre tamancos. Como a ideia soa superficial e forçada, antes mesmo de chegarem à cidade, desistem da vestimenta.

Descalçou-se, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado. Sinha Vitória decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade.<sup>1031</sup>

Ao chegarem, o marido tem dificuldade de pôr o calçado: a alça estoura, ele passa “raiva excessiva”.<sup>1032</sup> Entra na igreja e se sente constrangido com o convívio social dentro do recinto. Não se sente bem com as roupas sociais, elas o apertam. “A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o”.<sup>1033</sup> Eram como inimigos ao seu redor. A sensação era parecida com a que sentira quando fora preso.<sup>1034</sup>

O vaqueiro processa aquela sensação isoladamente. Ignora que a vergonha sentida e a impressão de não pertença são algo com explicações socioeconômicas historicamente situadas. Sua recepção isolada apraz à manutenção do sistema que o humilha. Afinal, quando tomados como fatores isolados, os acontecimentos suscitam pouca ou zero mudança no sujeito submisso. Embora normas de etiqueta e de vestimenta o deixem desconfortável, o vaqueiro não rompe com a tradição. Julga-a um dever e se submete à experiência torturante. Reconhece-se como inferior aos outros homens, desconfia que zombem dele. Aproveitadores.

Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirá-lo qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora

---

<sup>1030</sup> RAMOS, 2022, p. 69.

<sup>1031</sup> RAMOS, 2022, p. 70.

<sup>1032</sup> RAMOS, 2022, p. 71.

<sup>1033</sup> RAMOS, 2022, p. 73.

<sup>1034</sup> RAMOS, 2022, p. 73.

enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviara daqueles viventes.<sup>1035</sup>

A aceitação da pretensa inferioridade o reifica. É efetivação do discurso que naturaliza o *status quo*. Há uma centelha de resistência em desconfiar que seus semelhantes sejam aproveitadores e zombeteiros. Contudo, a suspeita resulta em isolamento, que potencializa sua alienação. Devido à baixa sociabilidade, Fabiano generaliza a maldade humana. Convence-se de que “todos os habitantes da cidade eram ruins”,<sup>1036</sup> impressão improcedente.

Ao sair da igreja, Fabiano convida sua esposa e filhos para andar no carrossel. Pensa que, se ganhasse em um jogo de dados, agradaria a esposa comprando a cama sonhada.<sup>1037</sup> Mais uma vez, postura que transparece humanidade: o vaqueiro prioriza cada membro da sua família, validando seus desejos e sentimentos.

Naquela noite, algumas doses de cachaça deixam-no corajoso. O vaqueiro apruma-se e olha os transeuntes em desafio, na esperança de encontrar o soldado amarelo e lhe dar uma surra. “Se topasse com o soldado amarelo, esbodegava-se com ele. Andou entre as barracas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés.”<sup>1038</sup> Deixa escapar a angústia de se saber humilhado pelo Estado, pelo patrão. Pela miséria em sua vida. Sua indignação é recusa da somatória de privações que o transformam em pedra. Quer xingar os convivas, mas se perde na busca por um palavrão. Novamente, o entrave vocabular. Aposta em “cambada de...”. A palavra final lhe falta. Conclui a expressão com “cachorros”. A propósito do xingamento elaborado a custo, observa que “matutos como ele não passavam de cachorros”.<sup>1039</sup>

Sinha Vitória, que caminhava aos tombos por conta dos saltos do sapato, carrega seu guarda-chuva com o castão para baixo e a biqueira para cima. A mulher observou “as outras matutas procederem assim”.<sup>1040</sup> A mulher, imitando o gesto alheio, incorpora algo que compõe normas e costumes sociais – por meio da observação, almeja desreificar-se. Nota a movimentação da

---

<sup>1035</sup> RAMOS, 2022, p. 74.

<sup>1036</sup> RAMOS, 2022, p. 74.

<sup>1037</sup> RAMOS, 2022, p. 75.

<sup>1038</sup> RAMOS, 2022, p. 76.

<sup>1039</sup> RAMOS, 2022, p. 77.

<sup>1040</sup> RAMOS, 2022, p. 72.

cidade; conclui que “realmente a vida não era má”,<sup>1041</sup> apesar dos percalços socioclimáticos. Valida as pequenas coisas positivas da vida, mesmo vivendo-as em miséria. Resistência à reificação circundante.

Os meninos se amedrontam com um mundo “subitamente alargado”.<sup>1042</sup> Alienados sociais que são, não entendem como seria possível haver tantas moradias, tantas pessoas.<sup>1043</sup> Duplo da reificação, a vida cidadina se move sob o signo do fetiche da mercadoria: por conta própria. Afastado de seu objeto, o sujeito social perde controle sobre o que criou.<sup>1044</sup>

O menino mais velho pensa que todas aquelas maravilhas desconhecidas deveriam ter um nome. Indaga-se como seria possível guardar tantas informações, tantos nomes em sua mente. Em sendo sinhá Vitória e Fabiano sua referência mais próxima de repertório vocabular, recepciona com incredulidade a nomeação dos objetos ao redor. “Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas”.<sup>1045</sup> O nome singulariza o ser – constatação que revela estratégia magistral de Graciliano em não atribuir nome aos meninos. O mundo lhe é distante e misterioso por não ser nomeado, apartado pela reificação. O intento pela nomeação da vida circundante é motivado pela vontade de compreender, unificar. Desreificar-se. E os meninos não têm nome.

---

<sup>1041</sup> RAMOS, 2022, p. 78.

<sup>1042</sup> RAMOS, 2022, p. 72.

<sup>1043</sup> RAMOS, 2022, p. 72.

<sup>1044</sup> RABELLO, 2015, p. 189.

<sup>1045</sup> RAMOS, 2022, p. 80.

### 3.9. BALEIA

A cachorra Baleia é central em *Vidas Secas*: põe em xeque tanto a humanização sufocada da família retirante, quanto a reificação que a espreita. Inspirada em um cachorro do avô de Graciliano,<sup>1046</sup> Baleia é apresentada como “pessoa da família, sabida como gente”.<sup>1047</sup> Em tempos de fome e seca, ajuda na busca de comida,<sup>1048</sup> faz companhia a todos os integrantes da família e ainda *consola* o menino mais velho em momentos de isolamento. É o que ocorre quando o filho, após tomar um cascudo da mãe por lhe indagar se já estivera no inferno, se retira em tristeza. Como gente, o cocorote faz Baleia *suspeitar* que as coisas não iam bem.<sup>1049</sup> A cachorrinha lhe faz companhia, mais ninguém.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Tentou *minorar-lhe* o padecimento saltando em roda e balançando a cauda. [...] Afinal *convenceu-o* de que o procedimento dele era inútil. [...] Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável.<sup>1050</sup>

A cachorra não só o acompanha, como também se deixa abraçar, mesmo não se agradando das carícias excessivas. Para não *magóá-lo*, ação predominantemente humana, silencia. Assim como o narrador adentra os pensamentos do vaqueiro, da esposa e dos filhos, também o faz em relação à Baleia – o que a torna uma das principais chaves de leitura para se compreender a miséria e os tênues vínculos afetivos no romance. A estratégia narrativa tomada por Graciliano coloca seu último romance em um lugar único dentro da literatura brasileira: o ficcionista pormenoriza os pensamentos de uma cachorra, mostrando que ela também partilhava do sofrimento familiar. Esse procedimento determina a humanização da cadelinha, cujos pensamentos partem de uma estrutura antropomórfica. Baleia pensa, age, reage e toma decisões da mesma forma que Fabiano, sinhá Vitória e os meninos. Por um lado, isso demonstra a sofisticação de suas ideias; por outro, a equanimidade de pensamentos aponta para a primitividade da família de Fabiano, que, a bem da verdade, nem sempre consegue manter o ritmo de pensamentos de Baleia.

---

<sup>1046</sup> BARBOSA, 1958.

<sup>1047</sup> RAMOS, 2022, p. 32.

<sup>1048</sup> RAMOS, 2022, p. 32.

<sup>1049</sup> RAMOS, 2022, p. 54.

<sup>1050</sup> RAMOS, 2022, p. 54, 55.

Os pensamentos de Baleia equiparam-se a de seres humanos (e todas as palavras em itálico nesta seção argumentam a favor). Para um canino, sua desenvoltura de ideias é extraordinária. Geralmente posta à margem do universo humano, a cachorrinha é humanizada no romance. Sobrepuja sua animalidade e compartilha com os outros membros da família a dor da fome, o desconsolo do futuro sem perspectivas.<sup>1051</sup> Segundo Silveira,

[...] o que esta cachorra sente e o que ela suporta dentro da vida, bem que poderia ser o fadário de qualquer existência humana. Quase que não há diferença entre a angústia de Baleia e a de Fabiano, não há diferença, mesmo. [...] Baleia que tem as ideias mais difíceis, é Baleia que vive mais. E se a gente dissesse que a humanidade do livro está mais em Baleia do que em Fabiano?<sup>1052</sup>

Ao acompanhar Fabiano em suas andanças pelo sertão, indica-lhe antecipadamente os perigos iminentes que sente ou fareja. Quando na fazenda, enrosca-se entre pedrinhas perto da trempe enquanto sinha Vitória cozinha. Sonha com uma porção generosa de comida que sua dona faz.

Repousava junto à trempe, cochilando no calor, à espera de um osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava nos ossos, e o torpor que a embalava era doce. [...] Admitia a existência de um osso graúdo na panela, e ninguém lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. [...] Um osso grande subia e descia no caldo. Esta imagem consoladora não a deixava. O menino continuava a abraçá-la. [...] Havia ali um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e com alguma carne.<sup>1053</sup>

Delicia-se com as emanções da comida quente e é inteligente o suficiente para se retirar quando observa que a quentura poderia queimar a pelugem.<sup>1054</sup> Os verbos utilizados para indicar suas ações são acompanhados de advérbios de modo antropomórficos, bem como os predicativos do sujeito que ela é. Construções lexicais que a aproximam dessa feição humana – ela se retira *prudentemente* e observa as coisas *maravilhada*.

Quando sinha Vitória a enxota para longe, afasta-se “*humilhada* e com sentimentos revolucionários”,<sup>1055</sup> termos que aproximam seu sentimento ao de Fabiano diante das injustiças sofridas, como se a cachorra representasse um duplo de seu dono. Assim como a seca aparece

---

<sup>1051</sup> CANDIDO, 2006, p. 149.

<sup>1052</sup> SILVEIRA, 1939, p. 9, 10.

<sup>1053</sup> RAMOS, 2022, p. 54, 59.

<sup>1054</sup> RAMOS, 2022, p. 37, 38.

<sup>1055</sup> RAMOS, 2022, p. 38.

“como um fato necessário”<sup>1056</sup> para Fabiano, os pontapés que Baleia recebia eram “fatos desagradáveis e necessários”<sup>1057</sup> que só poderiam ser remediados com a fuga. Paralelismo de ideias entre as duas personagens: seca e pontapés são tomados como fatos necessários. Quando Baleia indica a fuga para o seu problema, prenuncia o término da desventura familiar, fim que desemboca em cíclica miséria.

A cachorra *desaprova* quando o menino mais novo tenta montar uma cabra, *enfastia-se* com o barulho que Fabiano, embriagado, faz na festa de Natal. Tem opinião formada quando, na cidade, *acha* que tudo deveria estar no escuro e as pessoas recolhidas por ser noite; quando considera perda de tempo a família estar na cidade, cheia de odores desconhecidos, embora *perceba* que não conseguiria convencer ninguém a voltar naquele momento.<sup>1058</sup> Capaz de ações e descrições racionais, Baleia é genuinamente humanizada. Considerada membro daquela família; recepcionada pelo leitor como um igual entre os retirantes.

Sua morte é um golpe trágico e irônico dentro da narrativa. A cachorrinha adoece por contrair raiva, também conhecida como hidrofobia. Eis o espetáculo: de acordo com o próprio autor, “no Nordeste, regra geral, os cães recebem nomes assim: ‘Baleia’, ‘Jacaré’, ‘Tubarão’. [...] Os sertanejos dizem que o batizam assim para preservá-lo da hidrofobia”,<sup>1059</sup> palavra que, em sua raiz, aponta para uma aversão à água. Pois Baleia, uma cachorra atormentada pela seca e com nome do grande mamífero aquático, morre de doença cuja morfologia aponta para aversão à água. Já em seus últimos dias, ela

[...] tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sagravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida.<sup>1060</sup>

Fabiano a sacrifica a tiros de espingarda. A morte é justificada tanto por misericórdia – não era mais possível vê-la sofrer e definhar gradualmente –, quanto por necessidade de proteção à família: a doença poderia ser transmitida para esposa e filhos. Decisão “necessária e justa”.<sup>1061</sup>

---

<sup>1056</sup> RAMOS, 2022, p. 08.

<sup>1057</sup> RAMOS, 2022, p. 58.

<sup>1058</sup> RAMOS, 2022, p. 50, 68, 72, 79.

<sup>1059</sup> MEDEIROS, 1941, p. 149-153.

<sup>1060</sup> RAMOS, 2022, p. 81.

<sup>1061</sup> RAMOS, 2022, p. 82.

Símbolo de afeto familiar, sua morte é cena triste. Permanece indelével na memória do leitor em função da peculiaridade do efeito estético. Toda a família enluta-se. Inclusive Fabiano, que carregara bem sua arma “para a cachorra não sofrer muito”<sup>1062</sup> – estratégia que, todavia, não vingou. Já havendo escurecido, naquele mesmo dia, a cachorra “abriu os olhos a custo”<sup>1063</sup> e, no fim das contas, morreu trágica e lentamente.

Momentos antes, o tiro da espingarda inutiliza sua pata traseira; falta-lhe depois a outra pata e, como perdia muito sangue, “andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo.”<sup>1064</sup> Um nevoeiro impede-lhe a visão, perde o paladar, o olfato se embota e a cachorra começa a arquejar.<sup>1065</sup> Quando Fabiano aponta-lhe a arma pela segunda vez, é com *desconfiança* que Baleia o olha. O animal doméstico, que “era um bicho diferente dos outros”, sente uma sede que lhe queima a garganta, enquanto perde a sensibilidade dos órgãos corporais. Sente-se aflita, deseja morder o dono, mas, mesmo no seu momento terminal, *reflete* que não poderia fazê-lo, afinal, nascera e vivera ao seu lado, auxiliando-o com o vaquejar, pensamento que revela a grandeza inabalável de um ser elevado à humanidade. Suas pestanas se fecham, levando Fabiano a pensar que ela enfim descansou. Entretanto, momentos depois, a cachorra torna a si, volta a respirar depressa, descontroladamente.<sup>1066</sup>

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.<sup>1067</sup>

E, só então, morre.

Fio condutor de afeto dentro da família matuta, Baleia vive uma vida seca inteiramente dedicada a minorar o sofrimento familiar. Até seu último estertor, enfatiza-se sua lealdade, humanidade e singularidade com aqueles viventes. Em relação aos filhos, a narração aponta que “ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo” – ao narrador, são vistos em pés

---

<sup>1062</sup> RAMOS, 2022, p. 81.

<sup>1063</sup> RAMOS, 2022, p. 86.

<sup>1064</sup> RAMOS, 2022, p. 84.

<sup>1065</sup> RAMOS, 2022, p. 84, 85.

<sup>1066</sup> RAMOS, 2022, p. 87.

<sup>1067</sup> RAMOS, 2022, p. 87.

de igualdade.<sup>1068</sup> Ao cerrar os olhos pela última vez, o faz com uma angústia no coração, livre de suas altas responsabilidades de guardiã doméstica e sonhando com um futuro de fartura e alegria ao lado dos seus.<sup>1069</sup>

Nos capítulos posteriores à sua morte, as personagens rememoram a cachorrinha com pesar. Fabiano não consegue mais olhar a espingarda sem se lembrar dela, ou mesmo as pedras no fim do pátio, onde os urubus atacaram seu cadáver, aproveitando-lhe os olhos.<sup>1070</sup> Sinha Vitória lembra-se da cachorrinha quando, ao fugir com sua família para outras terras, passa por aquelas pedras. Derrama lágrimas, “mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.”<sup>1071</sup>

Baleia endossa sentimento de pertença e unidade familiares, tão fragilizado diante da longa fatura de desumanidades sofridas pelos matutos. A cachorra é um elo que atravessa todos os pequenos dramas individuais e serve de enlace para unificar pai, mãe e filhos em uma batalha comum contra a reificação. A cachorra resiste contra a coisificação porque resgata a todos os membros da família a humanidade perdida, o afeto de se estar ao lado de alguém cuja importância não está no produto do trabalho braçal, mas nas características personalíssimas.

---

<sup>1068</sup> RAMOS, 2022, p. 82.

<sup>1069</sup> RAMOS, 2022, p. 83, 85, 86, 87.

<sup>1070</sup> RAMOS, 2022, p. 107.

<sup>1071</sup> RAMOS, 2022, p. 114.

### 3.9.1. Ser humano/animal: dualismo a ser superado

Sobre o quê ou quem a reificação incide é assunto fundamental. A priori, poderia se pensar que o fenômeno afeta só os seres humanos que, em dadas condições materiais, são tomados como meros meios de produção, tratados sem qualquer centelha de humanidade. Nesse entendimento, não caberia falar em reificação do que é tomado como *não humano*, como os animais e a natureza. Este estudo defende o entendimento contrário: postula-se que tanto os membros da família de Fabiano quanto a cachorra Baleia (que, a propósito, também é considerada como parte da família) e os recursos naturais são reificados em *Vidas Secas*, porque igualmente submetidos ao trato utilitário da produção material, o que configura a instrumentalização que aliena o ser vivo da sua própria vida. A “exploração social é inseparável da exploração natural”,<sup>1072</sup> vínculo adequado para a ambiência do romance, porque nele a espoliação dos seres vivos está relacionada à mortificação dos animais que cooperam para a sobrevivência dos vivos, bem como à exaustão da terra sertaneja, o que agrava sua realidade naturalmente alarmante: a seca nas regiões aspérrimas do sertão nordestino. Não são só o vaqueiro Fabiano, sua esposa e filhos têm idiossincrasias pulverizadas pela fatura de desumanizações sofridas. Não. A cachorra Baleia também é destituída de sua vida animal na luta pela sobrevivência, como todo o resto do grupo. No primeiro capítulo do romance, é ela que consegue comida em provisão familiar. Portanto, esta seção será dedicada à mobilização de debates sobre o criticismo ecológico, em diálogo com *Vidas Secas*, no encalço de defender a sublevação da fronteira entre “animal” e “humano”.

Primeiramente, uma consideração preludial: esta seção aproxima os termos “natureza” e “animal”, no entendimento de que, em princípio, ambos mereçam preservação e respeito dos seres humanos – embora, na práxis das sociedades de mercado, sejam indiscriminadamente instrumentalizados.

Fronteiras entre o *humano* e o *não humano* são imposições amiúde arbitrárias e, como será esclarecido nos parágrafos seguintes, apresentam uma verve capitalocêntrica que serve à produção material utilitária. Embora haja diversas estratégias para fundamentar a estruturação de fronteiras pétreas e irredutíveis entre *humano* e *não humano* – dentre elas, a alma humana imortal, a diferenciação neurológica e a liberdade existencial dos seres humanos –, esses

---

<sup>1072</sup> CORONIL, 2005, p. 51.

argumentos não cristalizam a espécie humana como categoricamente superior. Pelo contrário, demonstram um desespero em estabelecer uma diferenciação que viabilize práticas, intuítos e finalidades particulares.<sup>1073</sup> Portanto, é premente superar o divórcio entre o *humano* e a *natureza/animal* a favor de um posicionamento biocêntrico, em resistência contra o dualismo antitético atribuído aos dois elementos.<sup>1074</sup> Em consonância com a estética de Graciliano Ramos, marcada pela recuperação da humanidade de seres reificados nas sociedades de mercado, deve-se sobrepujar a hierarquização na percepção de que, sob um sistema produtivo que visa o lucro, o sofrimento é comum a seres humanos e animais. Para tanto, enriquecem o debate algumas considerações a respeito da *Ecocrítica*, amplo ramo de investigações estéticas que, a partir dos estudos literários e de outras modalidades artísticas, pensa criticamente as interconexões entre o ser humano e o meio ambiente, em interesse pelas subjetividades do não-humano;<sup>1075</sup> ou ainda, estudos sobre os diálogos entre cultura e mundo físico e como dialeticamente um afeta o outro.<sup>1076</sup> Nos termos de Cheryll Glotfelty (1996),

A despeito do amplo escopo de investigação e diferentes níveis de sofisticação, todo criticismo ecológico partilha a premissa fundamental de que a cultura humana está conectada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetada por ele.<sup>1077</sup>

O objeto de estudos da *Ecocrítica* são as relações entre humanos e não-humanos ao longo da história cultural humana, em investigação crítica do que se entende por “humano”.<sup>1078</sup> Trata-se de investigar “histórica, filosófica e culturalmente como se apresentam diferentes vetores relacionados aos modos como se situaram humano e natureza no ocidente”.<sup>1079</sup> A reflexão é chave de leitura para a forma como Fabiano se enxerga. Sua dificuldade em se ver como *homem* não é contingente, mas fincada na representação antinômica entre a *humanidade* digna de trato respeitoso, humanizada (lê-se, os seres humanos capitalizados) e a *não humanidade* (toda a sorte de viventes cujas vidas são levadas a aquecer a produção material por meio de trabalho exploratório) nas sociedades de mercado. Como as questões ambientais resultam da relação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural, elas demandam não somente análises científicas, mas também investigações estético-culturais, o que enseja estudos

---

<sup>1073</sup> GARRARD, 2006, p. 202.

<sup>1074</sup> DAFLON, 2021, p. 586.

<sup>1075</sup> GARRARD, 2006, p. 208.

<sup>1076</sup> DAFLON, 2021, p. 563.

<sup>1077</sup> GLOTFELTY, 1996, p. 19, tradução própria.

<sup>1078</sup> GARRARD, 2006, p. 16.

<sup>1079</sup> DAFLON, 2021, p. 579.

interdisciplinares entre diferentes áreas do saber, dentre as quais estão os estudos literários – perspectiva que, frente a complexas e multifacetadas crises ecológicas, aparece como necessidade política.<sup>1080</sup> Assim Graciliano recepcionava esteticamente o fazer literário: uma ferramenta para se pensar criticamente o universo cultural do ser humano, as relações de trabalho, suas particularidades reificadas e outras inconsistências indesejadas para o *status quo* social. Claudete Daflon (2021) esclarece que

[...] a literatura e as artes têm participação estratégica na construção de reflexões que interrogam uma concepção de natureza que, cunhada no seio da modernidade ocidental, se definiu como única e universal. A imaginação artístico-literária desestabiliza a ideia unívoca de natureza, torna evidente sua dimensão cultural (naturezas-culturas) e, no leque de mundos possíveis, expõe o poder de destruição de uma cosmovisão que, por meio de distinções hierárquicas e dualistas, desqualifica a vida.<sup>1081</sup>

Cientes da incapacidade humana de rastrear percepções e saberes animais por meios racionais, alguns escritores se ocupam ficcionalmente com a interioridade dos bichos, traduzindo-a em linguagem humana. Ao atribuírem voz a seres não humanos, potencializam a poesia de seus escritos e desafiam os ditames do antropocentrismo vigente na literatura ocidental.<sup>1082</sup> Ademais, os estudos contemporâneos de etologia apontam que muitas espécies não humanas também apresentam consciência, o que auxilia a superar a ideia reducionista de que ela seria exclusiva do homem – um sustentáculo do antropocentrismo ocidental –, como também questiona a premissa de que somente os seres humanos teriam estatuto de sujeito.<sup>1083</sup>

Em *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*, Maria Esther Maciel (2023) afirma que, ao lado do cachorro Quincas Borba, de Machado de Assis, Baleia é um dos “caninos mais canônicos” da literatura nacional, exercendo um protagonismo com inteligência, sensibilidade e solidariedade.<sup>1084</sup> Ao se valer de sensibilidade e empatia para escrever sobre a interioridade da cachorra Baleia, acompanhando-lhe os pensamentos até o momento de sua morte, Graciliano compôs

[...] uma das cenas mais fortes e comoventes da literatura brasileira, a qual, aliás, foi recriada com engenhosidade por Nelson Pereira dos Santos no filme

---

<sup>1080</sup> GARRARD, 2006, p. 29.

<sup>1081</sup> DAFLON, 2021, p. 592.

<sup>1082</sup> MACIEL, 2023, p. 50.

<sup>1083</sup> MACIEL, 2023, p. 49.

<sup>1084</sup> MACIEL, 2023, p. 66, 70.

Vidas Secas, de 1963. Tanto que houve quem achasse, na época, que a cachorra que interpretara Baleia tivesse sido realmente assassinada em prol do realismo da cena. O que levou o diretor a exibi-la no Festival de Cannes como comprovação de que estava viva e ativa.<sup>1085</sup>

Ao esquadrihar os pensamentos de Baleia de maneira humanizada, Graciliano propõe uma releitura do que se entende pela categoria do *respeitável*, do digno de observação e notação, reiterando que os viventes da obra se uniam em vários aspectos: nos laços sanguíneos, na recepção de um animal como membro da família, nos sonhos de um futuro desreificado e, sobretudo, na miséria material que os acometia. O romancista contribui, portanto, para a superação de binômios que separam a natureza da cultura humana.

Não é só Baleia, com seu triste fim, que emociona o leitor de *Vidas Secas*. Há outro animal ao qual a obra atribui uma sensibilidade ao padecer sofrimentos como os outros viventes miseráveis: o cavalo de fábrica. Quando a família novamente foge pela volta da seca, o vaqueiro se lembra do animal nos seguintes termos:

Ja morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Algum tempo comeria folhas secas, mas além dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente pertencia ao fazendeiro – e definhava, sem ter quem lhe desse a ração. Ja morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhes os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. [...] Olhou as sombras movediças que enchiam a campina. Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de cerca. Coitado do cavalo. Estava magro, pelado, faminto, e arredondava uns olhos que pareciam de gente.<sup>1086</sup>

O trato humanizado de Fabiano para com o equino também está na contramão do dualismo antropocêntrico *homem/animal*. Embora o animal figurasse como força de trabalho dentro da fazenda, Fabiano rememora-o como um amigo e lamenta não poder tê-lo levado consigo. Não pensa em si próprio, ou só em como o cavalo poderia servir ao grupo. Lamenta o cavalo pertencer ao fazendeiro porque, assim, não sobreviveria ao retorno da seca. Para o dono da propriedade, o cavalo não passa de um meio instrumentalizado para o lucro pessoal. Portanto, abandoná-lo-ia. Nos pensamentos de Fabiano, urubus gradualmente rodeariam o animal a espera de seu fim, olhos e vísceras, assim como fizeram com Baleia.

---

<sup>1085</sup> MACIEL, 2023, p. 101, 102.

<sup>1086</sup> RAMOS, 2022, p. 121, 122.

O conceito de natureza é cirúrgico para se definir como os seres humanos lidam com ela.<sup>1087</sup> Partindo do princípio de que a noção hegemônica de natureza no Ocidente moderno é dualista, tem-se uma cisão no trato humano para com a natureza; uma verticalização fundamentada na ideia de superioridade e domínio. Diante de tal realidade, as reflexões estéticas e epistemológicas da Ecocrítica são contra-hegemônicas. Evidenciam não só o caráter geopolítico da concepção de natureza, como também pensam a “pertinência e viabilidade de formas distintas de percepção de vida”.<sup>1088</sup> Em *Vidas Secas*, o cuidado – pode-se falar mesmo em afeto – que os retirantes têm para com os animais são formas diversas de percepção da vida. Para além das vidas canina e equina mencionadas, até mesmo a figura do papagaio está envolta de uma resistência humanizada por parte dos integrantes do bando retirante. Sim, sinha Vitória termina por sacrificá-lo para saciar a fome de sua família, mas não o faz com prazer, ou indiferença. Sacrifica-o com pesar, conforme recorda no capítulo dedicado a ela:

Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: – Meu louro. Era o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia com Baleia. Coitado.<sup>1089</sup>

Quando a estiagem retorna e a família retirante mais uma vez ganha o sertão sem perspectivas, Fabiano “recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás? Os animais estavam mortos. Encarquilhou as pálpebras contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração.”<sup>1090</sup>

A palavra “natureza” remonta ao vocábulo latino *natura* – significando uma disposição inata, essencial das coisas – bem como ao termo grego *physis*, que na filosofia pré-socrática indicava o ser como um todo. A civilização helênica clássica compreendia a inteligência como inerente à natureza; a antiguidade latina clássica usava a palavra “anima” para se referir ao princípio de toda vida animada – fosse animal ou ser humano. Todavia, a partir do pensamento renascentista e da lógica cartesiana, potencializou-se a cisão entre os dois termos, num rebaixamento do *não humano* frente ao *humano* em relações antônimas de exclusão.<sup>1091</sup> Quando a razão cartesiana é considerada a faculdade suprema da existência, o animal passa a ser considerado um estranho

---

<sup>1087</sup> DAFLON, 2021, p. 548.

<sup>1088</sup> DAFLON, 2021, p. 546.

<sup>1089</sup> RAMOS, 2022, p. 41.

<sup>1090</sup> RAMOS, 2022, p. 117.

<sup>1091</sup> DAFLON, 2021, p. 548, 549, 555; MACIEL, 2023, p. 18, 19.

inanimado, incapaz de pensamento, amiúde reduzido a instrumento.<sup>1092</sup> Nas palavras de Daflon (2021),

[...] essa diferença é fundamental para que se desloque de uma visão em que a natureza é considerada como organismo inteligente para uma em que seja concebida como máquina, o que terá implicações importantes no desencantamento do mundo natural, objetificado e reduzido à condição de mecanismo.<sup>1093</sup>

A razão instrumentalizada fundamenta o trato reificante dos viventes em *Vidas Secas*. O padrão trata como inanimados não somente os elementos naturais e os animais de sua fazenda, como também os trabalhadores rurais. O lucro invisibiliza todas as outras particularidades que não as utilizáveis na produção material. Tanto é que simplesmente abandona a fazenda em tempos de seca e só retorna com a volta da chuva, conforme este trecho do segundo capítulo da obra: “Viera a trovoadas. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara.”<sup>1094</sup>

Enquanto civilizações arcaicas recepcionavam a natureza como um organismo vivo, a ponto de a própria inteligência estar relacionada ao natural, a recepção moderna estabelece um ponto de inflexão que historicamente resultou na perspectiva instrumental-mecanicista. E embora Idade Moderna avante o dualismo a aceção dualista entre *ser humano/natureza* prepondere, de forma alguma ela é a única ao longo do devir histórico. É simplista o entendimento de que natural seria tudo aquilo que não é humano; não só em função de diferentes aceções do termo em sentido diacrônico, como também pela estrutura técnico-científica na base do entendimento dualista, que privilegia a produção material em detrimento da unicidade entre ser humano e natureza.<sup>1095</sup> Em defesa do esteio ecocrítico na elaboração ficcional de Baleia como membro da família de Fabiano, *Vidas Secas* representa uma recuperação da unicidade perdida entre viventes humanos e não humanos, perdida com a cooptação da razão pela lógica de mercado. A obra simboliza uma resistência contra o dualismo antitético e a desestabilização vinculada ao desencanto do mundo: o aumento da exploração e da destruição massiva do meio ambiente.<sup>1096</sup> Afinal, sob o espectro dualista, reifica-se a categoria “natureza”.

---

<sup>1092</sup> MACIEL, 2023, p. 18, 19.

<sup>1093</sup> DAFLON, 2021, p. 555.

<sup>1094</sup> RAMOS, 2022, p. 17.

<sup>1095</sup> DAFLON, 2021. P. 550.

<sup>1096</sup> DALFON, 2021, p. 554.

Há nas artes e na literatura consistente literatura zoo em forma de mitos, crenças e saberes populares. Nas fábulas atribuídas de Esopo e nos compêndios zoológicos de Aristóteles, a presença do mundo animal já tinha sua envergadura. Predominavam simbologias, alegorias e metáforas animais pautadas amiúde no antropomorfismo, a serviço dos valores humanos. No capítulo *Sinha Vitória*, Baleia toma um pontapé da dona por atrapalhá-la no preparo da comida junto à trempe, e “se [afasta] humilhada e com sentimentos *revolucionários*” (grifo nosso).<sup>1097</sup> Além de este adjetivo ser único em todo o romance, o impulso sazonado em humilhação parece ser um ponto de interseção com o interior de Fabiano. Cachorra e trabalhador, ambos se sentem injustiçados, cada um à sua maneira, e impossibilitados de fazer mudanças. Baleia, por auxiliar no provimento da comida ao grupo e, vez ou outra, tomar um pontapé da dona; Fabiano, por se saber explorado, preso a certa configuração socioeconômica e, todavia, impossibilitado de ganhar o sertão em vingança – responsabiliza-se pela sobrevivência familiar. Nesse sentido, claro quê alegórico na figuração de Baleia.

Dentre outras finalidades, as narrativas zooliterárias apresentam finalidades moral-religiosas, em representação de vícios e virtudes humanas. Conforme prefaciou La Fontaine para a primeira edição de suas Fábulas, de 1668, suas narrativas não apresentavam só um fundo moral: nelas, as diferentes características dos animais são traços a representar os seres humanos. De um lado, a antropomorfização animal carrega a supremacia humana em relação aos animais, os quais reproduzem ficcionalmente valores e preconceitos humanos de forma heterônoma. De outro, possibilita um elo entre os viventes humanos e não humanos, o que configura as narrativas fabulares como resistentes ao antropocentrismo moderno.<sup>1098</sup> Novas propostas estético-literárias a respeito do mundo zoo foram propiciadas a partir do evolucionismo darwinista do século XIX: a partir da defesa científica de que a origem do ser humano é animal, ganha ares uma produção simbólica caracterizada por uma complexa interação de viventes *humanos* e *não humanos*. A zooliteratura, nome designado para obras que primam pela representação animal a partir de diversas estratégias narrativo-ficcionais, possibilita “uma compreensão dos animais, da animalidade e das interações *humano/não humano* também pela via dos sentidos e da imaginação”,<sup>1099</sup> além de provocar questionamentos e indicar a inexistência de respostas pétreas, ou assertivas categóricas, aos movimentos dialéticos

---

<sup>1097</sup> RAMOS, 2022, p. 38.

<sup>1098</sup> MACIEL, 2023, p. 27, 28, 29.

<sup>1099</sup> MACIEL, 2023, p. 33, 34.

constantes no mundo dos seres vivos.<sup>1100</sup> Por intermédio do efeito estético, o leitor de *Vidas Secas* é levado a reconsiderar sua compreensão de animalidade. O humanizado drama de Baleia não passa incólume quando se avalia sua íntima relação com todos os outros membros humanos da família retirante.

A partir da década de 1960, identificaram-se na América Latina novos rumos estéticos que recuperam a ligação entre animal e humano, em redistribuição de corpos na imaginação e na cultura – rumos antecipados por Graciliano Ramos por quase três décadas. Giorgi (2016) escreve textos críticos em mesma perspectiva resistente, sublevando a distinção normativa entre o *humano* e o *animal* em busca de uma reconfiguração entre esses dois elementos: uma que siga linhas de continuidade e contiguidade.<sup>1101</sup> Trata-se da defesa de textos em que

A vida animal abandona o âmbito dessa “natureza” que a tornava inteligível e que a definia em sua contraposição à vida humana, social e tecnológica; a partir dali arrasta uma série muito vasta de distinções e oposições - natural/cultural, selvagem/civilizado, biológico/tecnológico, irracional/racional, vivente/falante, orgânico/mecânico, desejo/instinto, individual/coletivo etc. - que haviam ordenado e classificado corpos e formas de vida, e haviam fundado éticas e políticas. Pôr em movimento os lugares do animal na cultura abre linhas de contágio sobre procedimentos ordenadores mais gerais [...] O animal começa a funcionar de modos cada vez mais explícitos como um signo político.<sup>1102</sup>

Em *Vidas Secas*, a sublevação das distinções e oposições acontece em função do elo entre Baleia e os matutos, bem como do trato humanizado que os retirantes dão às outras vidas *não humanas*. A obra evidencia a *singularidade* das relações entre os viventes *humanos* e os *não humanos*. Singularidade que enfraquece da distância imposta pelo binômio alienante. Ao escrever sobre as subjetividades animais identificando-os como “signo político”, Gabriel Giorgi contesta as formas como as subjetividades são produzidas politicamente a partir de uma gestão de corpos e de vidas. Em cotejo com a Ecocrítica, enfrenta o domínio do que é considerado *não humano*, em oposição ao que é reconhecido socialmente como *vivível* nas sociedades coevas. Resiste contra elementos arbitrários que tornam reconhecível um ser vivente em detrimento de outros.<sup>1103</sup> Insurge contra a separação arbitrária entre o *humano* e o *não humano*; entre as *vidas*

---

<sup>1100</sup> MACIEL, 2023, p. 37.

<sup>1101</sup> GIORGI, 2016, p. 08, 26.

<sup>1102</sup> GIORGI, 2016, p. 09, 10.

<sup>1103</sup> GIORGI, 2016, p. 11, 12, 38, 39.

*por proteger* e as que estão *por abandonar*, relegadas à eliminação.<sup>1104</sup> No romance fica claro o resgate da individualidade de vidas que, para o tecido social, são consideradas *por abandonar* porque não geram lucro.

Não obstante a zooliteratura resgatar a dignidade animal e a teoria darwinista no XIX aproximar *homem e animal*, vingou a cosmovisão dualista e excludente entre os dois termos, fruto da guinada racionalista-mecanicista moderna no pensamento humano. Com uma breve consulta a modernos dicionários da língua portuguesa, identificam-se sentidos conotativos pejorativos ao termo “animal”, usados para depreciar atributos humanos, bem como do verbo “animalizar”, sinônimo de embrutecer, bestializar. Indício de uma concepção negativa, marginalizada e antropocêntrica do mundo zoo,<sup>1105</sup> de reificação do que é considerado *não humano*.

Na economia política de Marx, o trabalho figura como relação entre o ser humano e a natureza sob um processo designado de *metabolismo*: conceito cirúrgico para compreender a relação a partir tanto das condições da própria natureza, quanto da capacidade humana para afetar tal processo.<sup>1106</sup> Interessava a Marx compreender de que forma o processo é regulado nas sociedades humanas. A partir de suas investigações teóricas, responde que tais regulações se dão por meio do trabalho humano e pelo seu desenvolvimento histórico.<sup>1107</sup> Em *Grundrisse* (2011), Marx aponta que não é a unidade entre o ser humano e as condições naturais que necessita de explicações, mas sim a separação entre a existência ativa do ser humano e as condições inorgânicas de sua existência (ou seja, a natureza) – uma separação que só se evidencia por completo na relação entre o capital e o trabalho assalariado.<sup>1108</sup> Em *Vidas Secas*, a relação de Fabiano com a natureza é justamente mediada pelo seu trabalho assalariado. A partir do conceito de *metabolismo*, o teórico prussiano estrutura uma crítica à exaustão da natureza no sistema de produção burguês, em que a indústria e a agricultura de larga escala se conjugaram para potencializar a produção material: a primeira forneceria à segunda formas de intensificar a exploração do solo. Como consequência, elas empobreceriam o trabalhador e as áreas destinadas ao cultivo.<sup>1109</sup> *Vidas Secas* apresenta a anomalia desse metabolismo que, ao ser cooptado pelo acúmulo material, reifica o trabalhador descapitalizado. Todavia, o romance

---

<sup>1104</sup> GIORGI, 2016, p. 12, 13, 14.

<sup>1105</sup> MACIEL, 2023, p. 22.

<sup>1106</sup> FOSTER, 2005, p. 201, 223.

<sup>1107</sup> FOSTER, 2005, p. 228.

<sup>1108</sup> MARX, 2011, p. 648.

<sup>1109</sup> FOSTER, 2005, p. 218, 220.

não apresenta o fenômeno em perspectiva decadente, mas em resistência que parte de processos históricos dialéticos, abertos para o porvir. Em Marx, a crescente urbanização na Inglaterra ao longo do século XIX acumulara a força motriz histórica da sociedade, o que desvirtuou o metabolismo entre a terra e o homem; o progresso da agricultura capitalista é então recepcionado como o progresso da arte de saquear o solo e o trabalhador – em outros termos, a outra face do avanço e da técnica agrícola seria o esgotamento, a exploração das fontes de riqueza: fertilidade telúrica e força de trabalho humana.<sup>1110</sup> Na fatura estética do romance, o saqueamento e exploração se estendem para os animais subsumidos pela lógica capital. No terceiro tomo de *O Capital* (2017), Marx sumariza essa crítica com as palavras seguintes:

[...] a grande propriedade do solo reduz a população agrícola a um mínimo em diminuição constante e opõe-lhe uma população industrial cada vez maior, aglomerada em grandes cidades, gerando assim as condições para uma ruptura irremediável no metabolismo social, prescrito pelas leis naturais da vida; dessa ruptura decorre o desperdício da força da terra, o qual, em virtude do comércio, é levado muito além das fronteiras do próprio país. [...] A indústria e a agricultura em grande escala, exploradas de modo industrial, atuam de forma conjunta. Se num primeiro momento elas se distinguem pelo fato de que a primeira devasta e destrói mais a força de trabalho e, com isso, a força natural do homem, ao passo que a segunda depreda mais diretamente a força natural da terra, posteriormente, no curso do desenvolvimento, ambas se dão as mãos, uma vez que o sistema industrial na zona rural também exaure os trabalhadores, enquanto a indústria e o comércio, por sua vez, fornecem à agricultura os meios para o esgotamento do solo.<sup>1111</sup>

O último período do romance traz a lume essa exaustão dual do trabalhador, seja no sistema agrário ou industrial capitalista. A afirmativa de que “o sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos” não é recepcionado com esperança neste estudo. Afinal, o esteio mercadológico é ponto em comum das zonas rurais e urbanas. Dadas as condições materiais da ambiência histórica investigada e representada esteticamente no romance, a vida dos migrantes continuaria a ser pautadas pela aridez, mesmo em ambiente citadino.

Jason Moore (2022) postula que a real mudança histórica se dá por uma dupla internalidade: “a humanidade dentro da natureza, a natureza dentro da humanidade”.<sup>1112</sup> Pensa uma ontologia do ser natural e social que não vise apenas a distribuição de riquezas, como também formas de

---

<sup>1110</sup> MARX, 2011, p. 702, 703.

<sup>1111</sup> MARX, 2017, p. 762, 763.

<sup>1112</sup> MOORE, 2022, p. 98.

recriar o lugar do humano na natureza, viabilizando a emancipação de todas as formas de vida.<sup>1113</sup> Exata resistência estética presente no romance *Vidas Secas*, com a humanização comum dos seres vivos. Contrariamente ao posicionamento combativo dos dois intelectuais, a dicotomia *ser humano/natureza* implica falar de uma sociedade sem natureza, de uma natureza sem humanos: ideia basilar para a lógica que levou a biosfera rumo a um mundo menos habitável, repleto de violências e desigualdades. Em Moore, como em Marx, esse dualismo também é historicamente condescendente com exclusões humanas e políticas de exaustão de recursos naturais extra-humanos, como o meio ambiente e os animais. Enquanto vigorar a cisão entre natureza e sociedade, serão inúteis quaisquer tentativas de superar o capitalismo de modo sustentável. Além disso, estratégias antissistêmicas não vão longe quando se investiga a realidade social pelas lentes desse dualismo.<sup>1114</sup>

Organizador do livro *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo* (2022), Moore aponta brechas ao conceito de *Antropoceno* enquanto possível chave de leitura para os estudos ecocríticos e, concomitantemente, disserta sobre os porquês de o *Capitaloceno* ser conceito mais adequado para representar a época geológica que hoje se vive. Resta esclarecer o que se entende pelas duas expressões, assim como a contribuição que delas se tira para a superação do divórcio *ser humano/natureza* em *Vidas Secas*.

O termo Antropoceno, formulado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer, se refere à era geológica corrente, marcada por uma transformação do tempo biológico, da biosfera e de mudanças climáticas causadas por contundentes atividades humanas.<sup>1115</sup> Essas mudanças seriam tais que os geólogos do futuro perceberiam a marca dos humanos durante esse tempo geológico.<sup>1116</sup> O Capitaloceno, por sua vez, é definido como “a era histórica moldada pelas relações que privilegiam a acumulação infinita do capital”.<sup>1117</sup>

O capitalismo não figura só como um sistema econômico de produção, mas também como uma organização da natureza como um todo, “uma ecologia-mundo que se junta à acumulação do capital, à busca pelo poder e à coprodução da natureza em configurações históricas sucessivas.”

---

<sup>1113</sup> MOORE, 2022, p. 136, 137.

<sup>1114</sup> MOORE, 2022, p. 13.

<sup>1115</sup> MOORE, 2022, p. 14.

<sup>1116</sup> CRIST, 2022, p. 29, 30.

<sup>1117</sup> MOORE, 2022, p. 115.

<sup>1118</sup> Embora o universo de *Vidas Secas* apresente um sistema capitalista ainda em vertente colonial, o enredo apresenta relações interpessoais que também privilegiam a acumulação perpétua do capital, como exemplifica a relação entre Fabiano e o patrão, fundamentada em exploração e arbitrariedades sob o signo do “ou aceita, ou suma daqui com sua família”.

Enquanto concepção para descrever a era geológica corrente, o Antropoceno falha ao reduzir a atividade humana a uma humanidade homogênea, desconsiderando violências, desigualdades sociais, mercantilização e imperialismo – elementos inscritos nas relações de poder e produção e, portanto, devem ser levados em conta na fatura das interferências agravadas pela ação humana na Terra. Improcedente afirmar que as atividades exercidas pelas personagens de *Vidas Secas* são planejadas. Uma análise crítica deve, sim, levar em conta as diferenças sociais e econômicas, às quais, por sua vez, indicam as desigualdades que separam o que é considerado *humano* e o que é considerado *natureza*.

Quando se perguntam como os seres humanos se tornaram uma “força geológica”, os defensores do Antropoceno apresentam respostas voltadas às mudanças biosféricas, a fatores demográficos e tecnológicos. Aderem a categorias generalistas, como “urbanização”, “industrialização”, “população”, marginalizando o que está no cerne da questão: as relações de poder, trabalho e capital. <sup>1119</sup> Assim, o Antropoceno é condescendente à planificação das interferências humanas, que ignora a manipulação do trabalho humano em prol da prosperidade capital – consistente chave de leitura para *Vidas Secas*. Além disso, “o argumento do Antropoceno mostra que o dualismo *Natureza/Sociedade* está na etapa mais avançada de seu desenvolvimento”. <sup>1120</sup> Ele não problematiza, e sim oculta o debate em torno dessa separação entre “ser humano” e “natureza”, o que minora sua contundência crítica. Apresenta um caráter burguês: uma alternativa fácil de contar, porque invisibiliza a “especificidade histórica do capitalismo e a implicação de que suas contradições socioecológicas são responsabilidade de todos os humanos.”. <sup>1121</sup>

A partir do conceito de *Natureza Barata*, defende-se que o capitalismo não só atribui aos elementos da natureza um baixo ou nulo valor, como também a inferioriza em termos ético-

---

<sup>1118</sup> MOORE, 2022, p. 19.

<sup>1119</sup> MOORE, 2022, p. 101, 103.

<sup>1120</sup> MOORE, 2022, p. 14.

<sup>1121</sup> MOORE, 2022, p. 101, 103.

políticos para minorar o preço pela sua apropriação indiscriminada. Tal estratégia, que se aproxima à reificação dos viventes exilados da categoria *ser humano*, está vinculada ao processo de instrumentalizar a natureza para que trabalhe de graça (ou por um valor irrisório). Segundo Moore (2022), essa lógica compõe a base do progresso e do desenvolvimento da Idade Moderna desde as primeiras travessias do Atlântico na virada do século XV para o XVI; não só a partir segunda metade do século XVIII com a Revolução Industrial Inglesa, como é de praxe postular nas humanidades. Sob as métricas do mercantilismo, já nessa época buscava-se não só interpretar o mundo, mas também controlá-lo para se acumular riquezas. Desde então, sua ascensão é pensada para além do sistema financeiro. Nesta chave, o capitalismo figura como verdadeira forma de organizar a natureza: as relações laborais, a produção e as condições de vida. Não só o trabalho humano, como também a natureza extra-humana entra no movimento de produção material, de acumulação de dinheiro. Desde tal momento histórico, o capitalismo se revela no enalço de quatro coisas baratas: alimento, energia, matéria-prima e vida humana, numa imposição de claro padrão violento, extenuante, tanto para *viventes humanos*, quanto para *não humanos*.<sup>1122</sup> Sob a lógica racional cartesiana, elementos como a formação de Estados Nacionais, a divisão de classes e as sociedades de mercado a nível mundial seriam derivados *inteiramente* de relações entre humanos – o que, em Moore, se revela um embuste: todo o desenvolvimento capital se dá à custa da *relação entre a natureza humana e a extra-humana*.

1123

Da Idade Moderna até os dias correntes, as ditas revoluções científicas, cooptadas pela lógica material, direcionaram a totalidade da natureza a serviço da produção capital. Investigando ao máximo as possibilidades de transformar a natureza em algo rentável para o sistema de produção burguês, a ciência agravou a dualidade verticalizada da qual se fala aqui: por um lado, o *Ser Humano* representando o proprietário de recursos; por outro, a *Natureza*, representando a propriedade privada. E, embora os seres humanos não se divorciem *ipsis litteris* da natureza, essa cisão dicotômica pautou os ditames de uma nova realidade a serviço do capital.<sup>1124</sup> Nas palavras de Moore, a dominação capital

[...] postulou a regra da reprodução civilizacional — a produtividade do trabalho dentro da produção de mercadorias —, permitindo algo bastante novo a atividades territoriais e capitalistas: colocar toda a natureza — ao menos,

---

<sup>1122</sup> MOORE, 2022, p. 14, 16, 23, 104.

<sup>1123</sup> MOORE, 2022, p. 116.

<sup>1124</sup> MOORE, 2022, p. 106.

aquelas naturezas humanas extra-humanas a seu alcance — a serviço do avanço da produtividade do trabalho. Muito antes de o termo ser cunhado por economistas, a natureza se tornou um fator de produção: *Natureza*.<sup>1125</sup>

A dicotomia *Ser Humano/Natureza* foi medular para o desenvolvimento do capitalismo, sendo ela útil não só para baratear a terra, como também o trabalho humano.<sup>1126</sup> Historicamente, muitos viventes humanos não compuseram a categoria *Ser Humano*. Em face às divisões de trabalho na ordem capitalista, ficavam de fora os cativos, os nativos de terras conquistadas e os desapropriados. Mulheres e crianças a compunham parcialmente. Muito do trabalho realizado por humanos não figurava como força de trabalho. Seus representantes humanos eram classificados como *Natureza*, categoria que representa tudo aquilo que, sob o crivo das ciências, seria apropriada à exaustão pelo *Ser Humano*: o próprio meio ambiente, a diversidade animal e grande contingente populacional tachados como inferiores, de não-humanos.<sup>1127</sup> Em *Vidas Secas*, representam o *Ser Humano* o soldado amarelo, o patrão, os comerciantes da feira da cidade. Viventes com alguma relevância monetária ou burocrático-estatal. Já a *Natureza* engloba não só o meio ambiente rural, o gado pastoreado, as aves de arribação, a vegetação circundante bem como todos os trabalhadores despossuídos: Fabiano e sua família (incluindo Baleia), presos nas engrenagens de um sistema de produção que mortifica e invisibiliza o trabalho humano. Moore (2022) aponta que

[...] transformar trabalho em força de trabalho e terra em propriedade privada era transformar natureza em *Natureza*. Na mesma medida, essa transformação produziu a Sociedade como algo fora da *Natureza*, para que a Sociedade pudesse melhor transformar a *Natureza* em um conjunto de unidades discretas, em um repertório de objetos e fatores de produção calculáveis.<sup>1128</sup>

A partir do século XVI, a lógica da *Natureza Barata* opera neste sentido: em mobilização conjunta das capacidades do capital, dos avanços científicos e do domínio do *Ser Humano* sobre a *Natureza* (dentro do recorte apresentado), ela busca a apropriação de baixo custo ou gratuita “de trabalho/energia das naturezas globais no alcance do poder capitalista”.<sup>1129</sup> Afinal, o capitalismo é movido pela constante competição na seara produtiva, no continuo aumento da produtividade laboral pelas menores expensas possíveis. É aí que habita a importância da apropriação da natureza não capitalizada: enquanto sistema, o capitalismo se sustenta porque

---

<sup>1125</sup> MOORE, 2022, p. 111.

<sup>1126</sup> MOORE, 2022, p. 135.

<sup>1127</sup> MOORE, 2022, p. 106, 107, 111.

<sup>1128</sup> MOORE, 2022, p. 107.

<sup>1129</sup> MOORE, 2022, p. 109.

parte do trabalho/energia se paga com salários – que representam o custo à figura do burguês – , mas a outra parte é eliminada para fora do campo das despesas: o chamado trabalho/energia não remunerado, que abarca espécies vegetais, animais, seres humanos reificados e, em maior esfera, processos biológicos.<sup>1130</sup> Assim, os custos crescentes da produção mercadológica puderam, graças às estratégias da *Natureza Barata*, ser controlados pela localização, criação, mapeamento e quantificação de naturezas externas passíveis de apropriação pela lógica capitalista.<sup>1131</sup>

A *Natureza Barata* é uma adequada chave de leitura para a exploração dos viventes considerados *não humanos* em *Vidas Secas*. Quando se pensa na relação do patrão com a terra, com o gado e com o trabalhador matuto, a finalidade de apropriação indiscriminada é alcançada se atribuindo um baixo ou nulo valor a todos eles. A exaustão dos recursos naturais, o abandono dos animais e a mortificação do trabalhador são consequências da disfuncional valorização desses elementos, que de um modo ou de outro acabam por ser instrumentalizados. Para a lógica material, é cirúrgica a apropriação reificada, pouco ou nada remunerada, da força de trabalho/energia de viventes exilados da arbitrária *humanidade* – afinal, lucra-se com isso.

A exaustão da natureza é vista como uma “expressão específica da organização do trabalho capitalista”.<sup>1132</sup> A prosperidade desse sistema se assenta na captura de trabalho/energia da biosfera, seja ele remunerado, ou não remunerado. As forças da natureza se tornam meios de produção. Nos últimos cinco séculos, sob o espectro do binômio *Ser Humano/Natureza*, deu-se a “acumulação de capital por meios dos múltiplos excedentes generalizados e racionalizados do trabalho não remunerado”,<sup>1133</sup> seja ele de seres humanos reificados, ou de fontes naturais instrumentalizadas e levadas à exaustão – ambos presentes em *Vidas Secas*. Esta foi a “genialidade” das sociedades de mercado: naturalizar a ideia de que o trabalho realizado às expensas da natureza é um “presente gratuito” (ou, quando necessário, de baixo custo), empregando a ciência para ratificar a ideia.<sup>1134</sup> Nesse viés, o trabalho estético de Graciliano em *Vidas Secas* foi de evidenciar a farsa da estratégia capitalista, mostrando que a naturalização

---

<sup>1130</sup> MOORE, 2022, p. 112, 113, 114.

<sup>1131</sup> MOORE, 2022, p. 136.

<sup>1132</sup> MOORE, 2022, p. 133.

<sup>1133</sup> MOORE, 2022, p. 134.

<sup>1134</sup> MOORE, 2022, p. 134.

dessas configurações laborais se sustenta sobre a reificação de viventes relegados indiscriminadamente à categoria de *Natureza*; portanto, passíveis de exploração.

### 3.10. CONTAS

Fabiano sabe que é explorado e enganado pelo patrão, que se aproveita da falta de instrução do matuto para lucrar. Quando lhe é proveitoso, o fazendeiro rompe com a racionalização do processo produtivo: não paga a Fabiano o ordenado que lhe é devido.

Como as condições climáticas dificultam o plantio e a pecuária que lhe cabe cuidar, o sertanejo recorre ao fazendeiro. Sem mais o que vender, endivida-se com ele para conseguir o sustento alimentício da família. A consciência da exploração e a diferença entre as contas feitas por sua esposa e aquelas feitas pelo patrão o indignam. Remédio, todavia, não há. Quando reclama com o patrão sobre a diferença monetária, ouve que isso se dá por conta dos juros. Então perde a paciência, se engrandece. Somada à escassez de recursos, sua ignorância vocabular o impossibilita de tomar qualquer atitude que remediasse o sentimento de injustiça e humilhação. Frente à única opção de partir com a família sem rumo para lugar algum e pôr novamente a sobrevivência em xeque, o sertanejo se desculpa e volta resignado à obediência silenciosa. Por falta de opção, aceita a exploração do patrão, naturaliza-o. Reafirma a sentença contra a qual o seu interior combate: a de que conhece o seu lugar de vivente desumanizado, fadado a cumprir tarefas laborais em prol do enriquecimento alheio, malgrado a pulverização de si. Alega o que interiormente lhe é absurdo: que a esposa deveria ter se confundido, ignorante que era. De todo modo, a encenação da sobrevivência, a coação para aceitar calado o furto, não lhe altera o interior. Julga que “tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.”<sup>1135</sup> A reificação de Fabiano se dá em comparação com a realidade socioeconômica do chefe, considerado “gente rica” – o que não o impede de agir “com safadeza”. Em *História econômica do Brasil* (1994), Caio Prado Júnior esclarece, em termos histórico-sociológicos, a cena de *Vidas Secas* com semelhança sem precedentes. Após a abolição da escravatura, uma forma de dominar o trabalhador assalariado – evitando que fosse procurar melhores condições laborais em outro canto – era por meio de pagas reduzidas e aumento dos gêneros alimentícios, equação que resulta justamente na dívida.

O trabalhador livre não estará, como o escravo, preso a seu empregador e obrigado, por isso, a sofrer passivamente todas as vicissitudes da exploração de seu trabalho. Logo às primeiras dificuldades o abandonará em busca de situação mais favorável. Tal contingência, particularmente grave num país de baixa densidade demográfica, e portanto de poucas disponibilidades de mão-

---

<sup>1135</sup> RAMOS, 2022, p. 91.

de-obra, forçará a adoção de um sistema de relações no trabalho que obrigasse o empregado, embora juridicamente livre, a conservar-se no seu lugar. O processo para chegar a este fim e que mais se difundiu no Brasil será o de reter o trabalhador por dívidas. Pagando salários reduzidos, e vendendo-lhe ao mesmo tempo, por preços elevados, os gêneros necessários ao seu sustento, o empregador conseguirá com relativa facilidade manter seus trabalhadores sempre endividados, e portanto impossibilitados de o deixarem. [...] Torna-se fácil estabelecê-lo (o sistema) por causa das distâncias que em regra separam as explorações rurais dos centros urbanos e do comércio, o que faz do proprietário, quase sempre, um fornecedor obrigatório dos gêneros consumidos por seus trabalhadores. Doutra lado, o baixo nível cultural da massa trabalhadora do país, tão recentemente egressa da escravidão, facilita o manejo arbitrário das contas sempre em prejuízo do empregado.<sup>1136</sup>

Reificado, Fabiano não é visto como um semelhante dotado de dignidade. A estrutura socioeconômica instaurada tanto isola Fabiano de quaisquer recursos sociais e comunicacionais para reivindicar seus direitos, quanto garante a desapropriação do mínimo a lhe proporcionar bem-estar. A espoliação monetária seguida da impossibilidade de se impor com dignidade leva o vaqueiro aos pensamentos resignados sustentados pelo fator hereditário.

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látégos — aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos.<sup>1137</sup>

É levado a crer que seu destino é vagar de fazenda em fazenda, implorar por emprego e um canto em que pudesse ficar com a família. Depois, desgraçar-se e morrer de fome pela região agreste.<sup>1138</sup> Em momentos assim, não vislumbra um futuro melhor para si e para os seus, não consegue se recordar de fatos agradáveis e a vida lhe parece inteiramente má.<sup>1139</sup> Reitera para si a condição de pedra. A reificação, todavia, não aniquila a sensação de insatisfação e injúria dentro de si. Ódio e indignação por não ter recebido instrução se misturam com essa resignação. Tinha a “casca muito grossa”,<sup>1140</sup> mas quando estava sozinho perdia a paciência diante de tantos

---

<sup>1136</sup> PRADO JÚNIOR, 1994, p. 212.

<sup>1137</sup> RAMOS, 2022, p. 93.

<sup>1138</sup> RAMOS, 2022, p. 96.

<sup>1139</sup> RAMOS, 2022, p. 96.

<sup>1140</sup> RAMOS, 2022, p. 93.

desaforos das autoridades regionais. Ódio e indignação por se saber reificado, por não o enxergarem que ele também era de carne e osso. “Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que não estava certo?” <sup>1141</sup> Uma instrução educacional como a de sinha Terta o faria procurar emprego em outra fazenda, num lugar menos desumanizado. Fabiano sabe não ter recursos vocabulares para se defender. “Se tivesse, não viveria naquele estado.” <sup>1142</sup> Admira as palavras difíceis, tenta decorá-las. Assim como poderiam ajudá-lo a buscar melhores condições de vida, também podem esconder ladroeiras, dissimulam enganos. Sabe disso. Desacostumado a falar com as pessoas, o vaqueiro só se sente confortável em conversar com a esposa, com quem se resolvia com gestos e palavras soltas. A privação vocabular o incapacita até mesmo de tomar uma cachaça, sua válvula de escape, porque teme não se fazer entender na bodega, gerar mal-entendido e acabar em maus lençóis. <sup>1143</sup>

---

<sup>1141</sup> RAMOS, 2022, p. 94.

<sup>1142</sup> RAMOS, 2022, p. 95.

<sup>1143</sup> RAMOS, 2022, p. 95.

### 3.11. O SOLDADO AMARELO

Um ano após o episódio de sua prisão, Fabiano reencontra o soldado amarelo – desta vez, no meio da mata fechada. A situação, diferentemente da anterior, lhe era favorável. Fabiano agora abre a mata de facão em mãos: situação propensa se vingar da injustiça sofrida anteriormente. Embora a cena seja breve, é descrita em detalhes. Evidencia uma cisão interna em Fabiano, que não se decide entre matar o soldado amarelo de uma só vez ou aquiescer e continuar seu caminho.

Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? não pisava os pés dos matutos, na feira? não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino. <sup>1144</sup>

O soldado amarelo representa mais do que um homem – é uma autoridade estatal, e como tal se porta. A sua força está em ser autoridade legal sobre a sociedade civil. A de Fabiano é inerente à própria estrutura física. Diante do sertanejo naquela mata fechada, o soldado t(r)eme. O vaqueiro ainda é atormentado pelo crivo hierárquico. Sente-se em perigo – um perigo infundado, dada a fraqueza do soldado, um sujeito que “ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas”. <sup>1145</sup> Em seus planos vingativos, iria matá-lo e entregar a carne aos urubus sem remorso. Entretanto, convalesce de sua raiva e lhe indica o caminho de saída.

Em *Dois irmãos*, crônica de 1938, Graciliano investiga o proceder de um cangaceiro diante de brutalidades e injustiças perpetradas por autoridades corruptas, descrevendo hipotética vingança.

Quando na feira um soldado lhe planta a reiuna em cima da alpercata, apruma-se e rebenta-lhe o focinho com um murro, se o agressor está desacompanhado; se não está, vai esperá-lo numa volta de caminho, passa duas semanas emboscado, com um saco de farinha e algumas rapaduras, dormindo na pontaria. Mata-o, fura-lhe a carótida com o punhal, depois elimina qualquer indivíduo que, no seu entender, tenha relação, próxima ou remota, com a vítima. <sup>1146</sup>

---

<sup>1144</sup> RAMOS, 2022, p. 99.

<sup>1145</sup> RAMOS, 2022, p. 99.

<sup>1146</sup> RAMOS, 1938, p. 74.

Se por um lado a vingança de Fabiano não acontece, por outro o impasse o faz refletir sobre a relação entre si, o governo e o soldado. A violência lhe aparece como demonstração de força. Fabiano não concretiza seu plano de vingança, “caminho a ser seguido que, difícil, soa como fraqueza num mundo de arbitrariedades”.<sup>1147</sup> Há minimamente três chaves de leitura para sua decisão pacífica. Primeira: os anos de submissão às injustiças estatais e às humilhações o enfraqueceram. O vaqueiro torna-se resignado e arruinado com o tempo. Incorpora a reificação, naturaliza a submissão aos desmandos aviltantes. “Como a gente muda! Era. Estava mudado. [...] Um Fabiano bom para aguentar facão no lombo e dormir na cadeia.”<sup>1148</sup> Segunda: o vaqueiro não só é fisicamente superior ao soldado amarelo, como eticamente também. Mesmo com motivo e ambiente propício para a vingança, decide poupar-lhe a vida. Assassinando-o, reafirmaria a violência que, de diversas formas – econômica, policial, educacional –, incide sobre ele e sobre sua família. Rompe com esse ciclo do abuso, algo mais pungente do que a questão climática.<sup>1149</sup> “Para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.”<sup>1150</sup> Fabiano não apresenta a mesma face agressora e injusta do soldado, não suporta espancamentos aleatório. Agora que a vingança lhe é favorável, despreza a covardia do soldado, que nada pode fazer.<sup>1151</sup> A personagem reflete que, se um dia fosse um guarda, não procederia de tal forma virulenta. Terceira: a hipotética morte do soldado amarelo seria algo pontual. Não significaria o término dos desmandos governamentais. Morto o soldado, a vida de Fabiano continuaria sob o espectro da reificação.

---

<sup>1147</sup> LEBENSZTAYN, SALLA, 2014, p. 177.

<sup>1148</sup> RAMOS, 2022, p. 103.

<sup>1149</sup> BUENO, 2023, p. 14.

<sup>1150</sup> RAMOS, 2022, p. 103.

<sup>1151</sup> LEBENSZTAYN, SALLA, 2014, p. 174.

### 3.12. O MUNDO COBERTO DE PENAS

Quando sinha Vitória diz a Fabiano que as aves de arribação matavam o gado, o marido não compreende, acha que a mulher está endoidecendo. A metáfora da mulher simplifica o que é narrado no início do capítulo. As aves “vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam para o sul,”<sup>1152</sup> de sorte que, sem água para beber, o gado morria de sede. Depois de pensar no caso, o marido compreende a tirada de sua esposa e se enche de orgulho com tamanha esperteza. “Uma pessoa como ela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo.”<sup>1153</sup> Eis mais um aspecto que combate a reificação: o marido encanta-se com a esposa.

A volta iminente da seca embota o vaqueiro, leva-o a pensar infelicidades. Reflete que teria entrado para o cangaço e feito miséria sertão afora se não fosse fraco. Se acabasse na cadeia, teria pelo menos pra si a ideia de que era homem, não um cabra.

Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.<sup>1154</sup>

A despersonalização, a automação das ações diárias e as desumanidades sofridas levam-no a recepcionar a ideia de que um “homem respeitado”, quando humilhado, recorre à violência – recurso prático para aplicar desforra às injustiças sofridas.

---

<sup>1152</sup> RAMOS, 2022, p. 105.

<sup>1153</sup> RAMOS, 2022, p. 106.

<sup>1154</sup> RAMOS, 2022, p. 108, 109.

### 3.13. FUGA

O capítulo final, “Fuga”, demarca circularidade à narrativa, porque funciona como um duplo do capítulo inicial “Mudança”. Vendo a fazenda despovoar em função de nova onda de seca pelo sertão, o vaqueiro não vislumbra qualquer possibilidade de continuar morando lá. Constata uma perda e parte rumo ao sul com a esposa e os meninos.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.<sup>1155</sup>

Sua saída ocorre como a chegada: vergonhosa, humilhada, despersonalizada. Fogem de madrugada para escapar das garras do patrão. Durante os momentos iniciais da fuga, a estrutura anímica dos matutos é pendular: ora entristecidos e desesperançosos; ora animados, vislumbrando dias melhores. Para afugentar pensamentos tristes, sinha Vitória puxa conversa com seu marido. O diálogo os distrai do desamparo. Mais uma vez, a comunicação – a mínima tentativa de exercitá-la – é ferramenta de desreificação. A esposa lhe pergunta se seria possível voltarem a ser o que haviam sido. Depois da matutar, o marido responde negativamente. Tinham envelhecido e enfraquecido – consequências práticas dos dilemas socioclimáticos vivenciados. Fabiano retoma os ânimos e afirma que podem caminhar por bastante tempo, pois suas alpercatas estavam novas. Elogia, então, sua esposa.<sup>1156</sup>

Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos.<sup>1157</sup>

Assim como quando reconhece a habilidade da esposa em propor metáforas e em lidar com números, os elogios também desreificam. Demonstrem a validação de qualidades individuais da esposa – faísca de humanidade dentro do seio família. Sinha Vitória reitera a necessidade de viverem como gente, e não “sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos.”<sup>1158</sup> Afirmando que o mundo é grande, mas essa centelha de esperança é relativizada pelo narrador: relembra

---

<sup>1155</sup> RAMOS, 2022, p. 113.

<sup>1156</sup> RAMOS, 2022, p. 117.

<sup>1157</sup> RAMOS, 2022, p. 118.

<sup>1158</sup> RAMOS, 2022, p. 119.

que para eles o mundo era pequeno.<sup>1159</sup> Retoma-se o futuro do pretérito para esquadrihar os pensamentos de Vitória: que a vida *seria* diferente, que *chegariam* a uma nova terra e não *voltariam* mais. Depois que a fraqueza e a fome batem em Fabiano, o otimismo da esposa deixa de surtir efeito – mais uma verossimilhança do efeito estético em *Vidas Secas*. O enredo é farto em tipicidade da primeira até a última página. Os planos do casal se tornam fantasiosos, dada a realidade da fuga miserável.<sup>1160</sup> O bom humor de Fabiano ressurge quando a esposa mexe na disposição dos pertences, aliviando-lhe uma carga que vira um guarda-sol para um dos meninos. Os dois em sintonia passam a vislumbrar, por meio do tempo verbal dos desejos, uma vida melhor para si e seus filhos:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e a coroa da espingarda de pederneira.<sup>1161</sup>

A narrativa termina com um prenúncio de circularidade histórica, adivinhando o sertão a enviar outras pessoas igualmente fortes e embrutecidas para a cidade. Quando o narrador afirma que os matutos “chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela”,<sup>1162</sup> sugere que o êxodo rural sentido sul do Brasil não representa uma solução providencial para todos aqueles problemas vividos por Fabiano e sua família. Pelo contrário, ficariam presos à nova terra porque presos a outras configurações aviltantes decorrentes do primado da *formamercadoria*. A cenários que, aproximando-se do ambiente industrial, mais e mais se parecem com a reificação em perspectiva citadina e fabril, como Lukács teoriza. A métrica da racionalidade fria e objetiva para configurar a vida trabalhista, o esfacelamento das características personalíssimas, o uso dos métodos das ciências da natureza para planificar e naturalizar uma simplificação da superestrutura social, o ocultamento das injustiças e mazelas na infraestrutura, a atomização do sujeito no tecido social levando ao distanciamento da totalidade, o caráter contemplativo do trabalho humano – todos esses aspectos, adaptáveis e passíveis de análise no universo agreste de *Vidas Secas*, seriam repaginados em âmbito urbano. Belmira Magalhães (2015) recepciona essa imagem final do romance de modo afim:

---

<sup>1159</sup> RAMOS, 2022, p. 119.

<sup>1160</sup> RAMOS, 2022, p. 120.

<sup>1161</sup> RAMOS, 2022, p. 123.

<sup>1162</sup> RAMOS, 2022, p. 124.

Graciliano em 1938, ao deixar as personagens no meio da estrada em direção ao sul, antecipou o que ocorreria durante o processo de industrialização da sociedade, que se utilizaria dos braços nordestinos para construir o parque industrial. Ao mesmo tempo, há a confirmação da impossibilidade de transformação da realidade do sertanejo sem uma transformação efetiva de toda a sociedade. Durante a comemoração dos sessenta anos de publicação de *Vidas secas*, constata-se que novos Fabianos continuam caminhando pelo sertão, fugindo da seca.<sup>1163</sup>

Por fim, cabe observar: o longo da narrativa, a religião faz parte do sistema de significação da família de imigrantes sertanejos. Privados da consciência da totalidade social – e diante das dificuldades materiais e climáticas –, a família de Fabiano se atem à esperança no metafísico como providência maior para os problemas terrenos, como um elemento que remediaria o sofrimento por que passam em vida. A narrativa é composta por passagens esparsas em que Fabiano e sinha Vitória silenciosamente rezam, manejam rosário, refletem que Deus os livraria de uma desgraça específica como a volta da seca, ou ainda recebem uma boa notícia como um milagre. O léxico religioso também importa para a formação vocabular do menino mais novo, que, em sua vontade de aprender mais sobre o mundo, busca descobrir o sentido do termo “inferno”. Dentre outras interpretações possíveis, recebe-se a adesão ao transcendente como resultado da alienação – da separação que há entre as personagens e realidade estruturalmente compreendida em totalidade; como uma forma de suprir a necessidade por explicações para os sofrimentos enfrentados diariamente. Ou mesmo como um apelo à providência como única saída vislumbrada diante de um sistema produtivo aviltante que, quando naturalizado, se mostra irremediável, a-histórico, perpétuo.

---

<sup>1163</sup> MAGALHÃES, 2015, p. 21.

### 3.14. VIDAS SECAS – ROMANCE DESMONTÁVEL?

Finda a exposição sistemática das passagens da obra, traz-se a lume o problema da unidade em *Vidas Secas*. Uma das descrições mais emblemáticas para caracterizar a estrutura do texto é justamente a de Rubem Braga, em 1938, referida no primeiro capítulo:

Quem pega no romance logo repara. Cada capítulo desse pequeno livro dispõe de uma certa autonomia, e é capaz de viver por si mesmo. Pode ser lido em separado. É um conto. Esses contos se juntam e fazem um romance. Graciliano não fez assim por recreação literária. Fez por necessidade financeira. Ia escrevendo e ia vendendo o romance a prestação. Vendeu vários contos. Alguns capítulos ele fez de maneira a poder rachar no meio. Foi colocando aquilo a varejo, em nosso pobre mercado literário. Depois vendeu tudo por atacado, com o nome do romance. Quase tão pobre como o Fabiano, o autor fez assim uma nova técnica de romance no Brasil.<sup>1164</sup>

Resta compreender uma boa forma de se recepcionar tal adjetivo, *desmontável*, para evitar radicalismos. Por um lado, é indiscutível a relativa autonomia das passagens retratadas na obra – o próprio Graciliano o afirmou. Ora, o autor escreveu os textos que viriam a ser os capítulos da obra num momento em que passava por dificuldades financeiras, vendendo-os em forma de contos – o que pressupõe, em acordo com a própria concepção do gênero literário, uma progressão lógica com início, meio e fim. Ademais, poucas são as marcações temporais dentro da obra: de forma expressa, há somente uma, presente no capítulo “O soldado amarelo”: “Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara uma noite”,<sup>1165</sup> evidenciando que o hiato entre uma desgraça e outra vivida pela família de Fabiano durou média de um ano. A dimensão temporal recebe menos ênfase do que a dimensão espacial – essa, sim, bem ratificada nas inúmeras situações pelas quais Fabiano e família passam; trata-se de quadros arquetípicos da exploração sofrida pelos que estão abandonados à própria sorte.

Por outro lado, a fragmentação proposta pelos capítulos-contos não implica contradição no universo do romance.<sup>1166</sup> Embora não haja uma sequência temporal imediata entre o fim de um capítulo e o início do seu seguinte, é indiscutível a *impressão* de unidade após a leitura do romance; ou seja, a inexistência duma estrita contiguidade não exclui a continuidade unitária

---

<sup>1164</sup> BRAGA, 2011, p. 127.

<sup>1165</sup> RAMOS, 2022, p. 98.

<sup>1166</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 846.

da história.<sup>1167</sup> Ainda que seja escassa, a marcação temporal em *Vidas Secas* existe. No trecho citado acima, retirado do capítulo 11, observa-se uma retomada de algo que acontece no terceiro capítulo: a prisão de Fabiano pelo soldado amarelo – o que prova uma continuidade da narrativa sedimentada na posição anterior e posterior dos capítulos 03 e 11, respectivamente. Desafiando o suposto caráter desmontável da obra – na aceção segundo a qual eles poderiam estar posicionados em quaisquer posições que a unidade narrativa prevaleceria –, Bueno de Camargo (2001) defende a existência de diálogos simétricos entre os capítulos na ordem em que estão, sejam eles convergentes ou divergentes.<sup>1168</sup> Em suas próprias palavras,

[...] se dividirmos o romance em duas partes, seis capítulos para cada lado tendo no centro “Inverno”, o sétimo, estes capítulos ocupam uma posição simétrica na obra – uma vez que o antepenúltimo é também o terceiro se começamos a contar do final. Como veremos, esses não são casos isolados: os capítulos se relacionam um a um, como se houvesse um espelho entre as duas partes de *Vidas Secas*.<sup>1169</sup>

Camargo (2001) defende existir um movimento em *Vidas Secas* que vai “da escassez ou insegurança para a satisfação e a segurança e, posteriormente, o movimento oposto, da satisfação para a escassez”,<sup>1170</sup> sendo o sétimo capítulo aquele que representa o auge da segurança sentida pela família, que, embora estivesse praticamente ilhada em função das chuvas, presenciava o sentimento de certa estabilidade, ouvindo as narrações hiperbólicas do pai tomado pelo ímpeto fabular. A pequena casa na fazenda simboliza, mesmo que de forma insular entre tanta chuva, um reduto em que reina momentaneamente a intimidade entre os membros da família.

Conforme canonizada pela crítica literária, a relação entre o primeiro e o último capítulo da obra demonstra seu caráter circular. É o justo hiato de relativa estabilidade que os matutos vivenciam, assentados numa fazenda pertencente a outrem. Como é possível saber que esse momento é de um ano, supõe-se que antes do primeiro capítulo suas vidas eram marcadas pelas andanças sertão afora, assim como ocorre após o último capítulo do livro. “Mudança” demarca a “passagem de um período ruim, de seca, para um período bom, sem seca; em ‘Fuga’ temos

---

<sup>1167</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 852.

<sup>1168</sup> A título de auxílio, o leitor encontra ao cabo desta seção uma tabela didática que representa essa simetria proposta por Bueno de Camargo.

<sup>1169</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 855.

<sup>1170</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 854.

exatamente o oposto: o início da seca.”<sup>1171</sup> Portanto, improcedente alterar essas passagens para o meio do romance, e vice-versa, a risco de romper com a tênue dimensão temporal da obra.

O capítulo “Fabiano” contrapõe-se a “O mundo coberto de penas” por representar a tão esperada estabilidade da família no local em que passam a morar, em oposição aos indícios de que terão de deixar a fazenda e tornar a errar pelo sertão nordestino. No segundo capítulo do romance, Fabiano reflete com orgulho ter conseguido vencer as adversidades, ter livrado a si e aos seus das garras da morte, assentando-se na fazenda. Seus pensamentos não são prospectivos, mas voltados ao tempo presente. Reflete sobre sua tríplice condição de homem/bicho/cabra, sobre o acordo feito com o patrão para se estabelecer naquelas terras e, por fim, sobre os limites da educação que daria aos seus filhos – algo voltado às necessidades prementes, objetivas e práticas; avesso às abstrações relativas a uma formação intelectual. Já no penúltimo capítulo do livro, também marcado pelos pensamentos do vaqueiro, Fabiano compreende a metáfora lançada por sinha Vitória – “as aves matam o gado” – e esmorece frente à tragicidade dos dias que estariam por vir. Os últimos parágrafos desses dois capítulos também traçam um diálogo entre si.

Àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha, acorada junto à trempe, a saía de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta. Fabiano sentiu vontade de comer. Depois da comida, falaria com sinha Vitória a respeito da educação dos meninos.<sup>1172</sup>

Chegou-se à casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem. Livrar-se das arribações. Explicar-se, convencer-se de que não praticara uma injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.<sup>1173</sup>

Em ambas as passagens, o vaqueiro retorna para casa ao entardecer – momento em que sua esposa estaria preparando a janta. Só que o estado anímico da personagem destoa de uma passagem à outra. No final do segundo capítulo, ele volta faminto e desejoso de tratar com sua esposa, após recuperar as energias, sobre o rumo de seus filhos. Já no término do penúltimo capítulo, volta entristecido, enfraquecido diante das infelicidades por que passara. Nota-se que, aqui, Fabiano não faz referência à fome ou à comida – o que faz lembrar que, quando alguém

---

<sup>1171</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 856.

<sup>1172</sup> RAMOS, 2022, p. 23.

<sup>1173</sup> RAMOS, 2022, p. 112.

está bem triste, pode até perder a fome. A consulta à sinha Vitória permanece, mas agora é sobre a necessária fuga para outros cantos, sobre a estrita necessidade de ter matado Baleia.<sup>1174</sup> Súmula de momentos que prenunciam, cronologicamente, estabilidade contra instabilidade.

Conforme pontuado acima, “Cadeia” e “O soldado amarelo”, respectivamente terceiro e décimo primeiro capítulos, marcam a temporalidade da obra. Enquanto a maioria dos pensamentos presentes em *Vidas Secas* aponta para acontecimentos que ocorrem antes do escopo da história, aqui ocorre o inverso. Fabiano se encontra com o mesmo soldado que o humilhara e o maltratara um ano atrás – evento narrado no capítulo três da obra. Essa relação constitui, também, forte resistência à “completa aleatoriedade” das ordens dos capítulos desse texto “desmontável”; afinal, a coesão dos eventos narrados ficaria comprometida na hipótese de inversão dos capítulos.

Malgrado as dificuldades por que passa a esposa no ambiente doméstico precário, o capítulo “Sinha Vitória” demonstra a segurança que a esposa sentia com o momento que vive. Se por um lado o fantasiar de uma cama de lastro de couro aponta para o desejo de uma estabilidade habitacional, por outro essa fantasia só pôde ocorrer num contexto em que não se está a morrer à fome, ou a sumir-se num descampado com sol a pino. O capítulo narra andanças da mulher dentro do ambiente doméstico, em que conseguiu juntar panelas para cozinhar e mantimentos também, como fica evidente no trecho “chegou-se ao jirau onde se guardavam cumbugos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela”.<sup>1175</sup> Enquanto cozinha, ouve o marido roncar numa de suas sonecas, o que também tranquiliza a mulher. Recepciona o sono plácido do marido como sinal de segurança, como confirma o trecho “tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, dava-lhe sensação de firmeza e repouso.”<sup>1176</sup> Por outro lado, “Contas”, décimo capítulo da obra, invoca a fragilidade das sensações boas experimentadas pela família; ou, ainda, a *instabilidade*. Em sua esperteza, sinha Vitória esclarece ao marido o quanto deveria receber de seu patrão – o que se descobre em vão, dado o engano verticalizado. Rebelar-se tampouco é saída. O vaqueiro poderia aceitar a submissão ou partir. Por falta de opção, resigna-se.<sup>1177</sup>

---

<sup>1174</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 858

<sup>1175</sup> RAMOS, 2022, p. 41.

<sup>1176</sup> RAMOS, 2022, p. 43.

<sup>1177</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 860.

“O menino mais novo” e “Baleia”, respectivamente capítulos 05 e 09, representam o choque entre a vida e a morte. O pequeno admira seu pai e, em sua pequenez, já traça planos para o futuro, que lhe é aberto para várias possibilidades. Quando crescer, o menino mais novo almeja ser destemido, bravo, valente como seu pai. Quer saber montar cavalos, cuidar do gado e fumar cigarros de palha. Nesse ímpeto, protagoniza a cena em que tenta debalde montar um bode. “Baleia”, por sua vez, demarca não o princípio, mas o término de uma vida. A morte é apresentada de forma trágica, absurda e irônica em relação ao nome dado à cachorrinha. Acometida pela hidrofobia, é morta à espingarda pelo próprio dono tomado por tristeza. Fabiano “serve como ponto de referência tanto para o menino como para a cachorra, mas em sentidos opostos”.<sup>1178</sup> Para o menino mais novo, representa uma prospecção do que se almeja ser; para a cachorrinha, todo o seu passado, tendo em vista ter nascido ao lado do vaqueiro e tê-lo acompanhado nas andanças e no vaquejo.<sup>1179</sup>

Por fim, “O menino mais velho” e “Festa” – sexto e oitavo capítulos da obra – evidenciam diferentes recepções do mundo por parte do primeiro filho de Fabiano. No sexto capítulo, evidenciam-se o domínio e o conhecimento do seu mundo – os quais se resumem a auxiliar o pai nas andanças pelo pasto e a brincar com o irmão mais novo com os animais na fazenda. Esses lugares, conforme diz o texto, “eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda”,<sup>1180</sup> que se relacionavam harmonicamente – o que está diante e além do vale, embora exista, figura como exceções de sua realidade. Já no oitavo capítulo, o panorama se inverte: a partir do contato com as dinâmicas de uma festa de fim de ano na cidade, o mundo se torna grande, gigante. O menino constata desconhecer o nome de vários elementos que presencia – nomes que, seguindo sua verve pelo conhecimento, ele julga existir. Aquela segurança advinda do domínio sobre o ambiente sai de cena. Sua admiração com o desconhecido, agora, é acompanhada pelo medo.<sup>1181</sup>

Portanto, em consonância com a ideia de Camargo, defende-se aqui uma específica recepção de “desmontável” atribuído ao romance. “Desmontável”, sim, na acepção de ter sido elaborado,

---

<sup>1178</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 862.

<sup>1179</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 862.

<sup>1180</sup> RAMOS, 2022, p. 56.

<sup>1181</sup> DE CAMARGO, 2001, p. 865.

inicialmente, como contos escritos pelo autor em função da necessidade de se reestabelecer financeiramente após sua saída do cárcere imposto. A recepção descabida, conforme defendido detalhadamente acima, é a de que qualquer capítulo poderia ser colocado em qualquer outra ordem sem afetar a unidade composicional da obra, tal como ela figura enquanto unidade narrativa. Para melhor visualização dessa possível simetria entre os capítulos do romance, elaborou-se a tabela a seguir.

TABELA DIDÁTICA DA SIMETRIA ENTRE OS CAPÍTULOS DE VIDAS  
SECAS

CAPÍTULO 07 - INVERNO

|                          |                               |
|--------------------------|-------------------------------|
| 01 – MUDANÇA             | 13 – FUGA                     |
| 02 – FABIANO             | 12 – O MUNDO COBERTO DE PENAS |
| 03 – CADEIA              | 11 – O SOLDADO AMARELO        |
| 04 – SINHA VITÓRIA       | 10 – CONTAS                   |
| 05 – O MENINO MAIS NOVO  | 09 - BALEIA                   |
| 06 – O MENINO MAIS VELHO | 08 – FESTA                    |

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há em *Vidas Secas* um embate em torno do fenômeno socioeconômico da reificação: de um lado, a objetividade ilusória mercantil oculta o trabalho humano e a exploração presente nas relações de produção material, condenando o trabalhador miserável à condição de coisa, o que é tipificado nos integrantes da família de Fabiano; de outro lado, o próprio romance, ao trazer centralidade à trama vivida pelos matutos, desvela as relações aviltantes entre trabalhadores ocultadas pela mercadoria e enfrenta a naturalização do *status quo* no modo de produção burguês – restitui voz a seres historicamente marginalizados e neutralizados, em recuperação das verdadeiras forças motrizes da História.

Em outros termos, o romance representa a restituição da humanidade que os viventes matutos perderam sob o espectro da reificação, que os despersonaliza a partir do ocultamento do trabalho propriamente humano, da naturalização de relações laborais verticalizadas e exploratórias. Essa foi a tese deste estudo; e sua defesa, objetivo geral do texto. Já os específicos foram: 1. elucidar a estética de Graciliano Ramos e o entrelaçamento com a realidade socioeconômica brasileira coeva; 2. empreender um estudo sobre o elo entre *alienação*, *fetichismo da mercadoria* e *reificação* no capitalismo moderno a partir de Karl Marx e György Lukács, identificando a reificação dentro da realidade histórica brasileira; e, por fim, 3. analisar individualmente os dilemas reificantes vividos pelos integrantes da família retirante de *Vidas Secas*, no enalço do modo como cada um almeja se livrar dessa condição. Respectivamente, disposições investigadas nos capítulos um, dois e três.

Para tanto, foi fundamental estar constantemente no enalço de elementos que tornassem o desenvolvimento da pesquisa plausível, o que revela as numerosas camadas a serem percorridas a fim de se apresentar um texto minimamente decente. Foi necessário ir além dos estudos literários *stricto sensu* e realizar incursões na História (Mundial e Nacional), na Sociologia, na Filosofia e em estudos biográficos. Talvez a maior riqueza de uma pesquisa de pós-graduação seja justamente perceber, com o andamento de leituras e fichamento de textos, que há um longo e desafiador caminho pela frente a ser trilhado; muitas vezes a colocar em xeque impressões preliminares e a redirecionar as veredas rumo à elaboração de um texto de consistência acadêmica, cabendo ao pesquisador autonomia e honestidade intelectuais, disposição, organização e seriedade acadêmica para se lograr êxito.

A reificação não é um fenômeno a ser investigado isoladamente, mas como componente de uma tríade elementar no modo de produção capitalista: *alienação*, *fetichismo da mercadoria* e, por fim, *reificação*. Relação tríplice que parte dos estudos empreendidos por Marx até chegar a incursões elaboradas por Lukács. Nas sociedades de mercado, o primeiro termo aponta para o divórcio entre o produtor e o produto de seu trabalho. O segundo, para a animação fantasiosa da mercadoria, que – como se enfeitada estivesse – ganha no livre mercado autonomia diante de seu produtor e, sob o manto de valor de troca, consegue ocultar todo o processo laboral e as relações sociais entre trabalhadores que estiveram na base da sua produção. O terceiro, para a consequência antitética ao aprimoramento da forma-mercadoria: a despersonalização do trabalhador, que nada mais vale senão pela sua estrita capacidade produtiva; sendo, assim, considerado uma coisa, um mero meio de produção a aumentar o lucro alheio. Para estudar a reificação em *Vidas Secas*, as considerações acima foram insuficientes. Não basta afirmar que a reificação desumaniza o trabalhador matuto que protagoniza o romance. Afinal, os seres humanos são viventes historicamente situados – observação a não se perder de vista, sob o risco de se incorrer em apriorismos a-históricos. Assim como Lukács pensou, em *HCC*, o trabalhador espoliado em um escopo historicamente delimitado – Europa fabril e citadina entre os séculos XIX e XX –, a coisificação do trabalhador brasileiro também apresenta nexos indelével com as cores locais; isto é, com o desenvolvimento político e socioeconômico nacional, razão fundamental para investigá-lo por meio da historiografia nacional e do pensamento social brasileiro.

Quando se pensa historicamente a reificação à brasileira, deve-se ter em perspectiva a manipulação das massas a fim de salvaguardar os privilégios das classes dominantes, latifundiários e alta burguesia. Isso é o principal. E, para isso, vale de tudo. Os discursos pretensamente *democráticos* e *republicanos* encobriram o engodo da exploração, despistaram o hiato abissal entre a representação popular na teoria e na prática da realidade brasileira. Nos processos que levaram à Independência e à República, o povo foi instrumentalizado; em seguida, novamente silenciado e, em havendo insurgências, violentamente neutralizado. Nesta toada, passa-se por fenômenos sociais como o *favor* e o *coronelismo*, que, potencializados pela negligência estatal em face às áreas mais distantes do eixo econômico ao Centro-Sul do país, encobriam a perpetuação de relações verticalizadas de dependência, exploração e heteronomia em prol de classes dirigentes. Chega-se, no mais aspérrimo do sertão nordestino, à realidade de

Fabiano e sua família. A dependência econômica nacional ao capital estrangeiro, benéfica aos interesses das classes oligárquicas, embruteceu ainda mais o trabalhador desapossado, preso à lógica produtiva reificante. Em perspectiva histórica, a perpetuação de um povo ignorante e analfabeto foi fundamental para afastá-lo da participação política (o que, para a oligarquia nacional, nunca foi coisa para as massas), reproduzindo uma sociedade hierarquizada que provesse o desenvolvimento para uns e o subdesenvolvimento para outros. Nos termos de Marx, “riqueza para uns e privação para outros; espírito, fruição de vida e alegria para os donos dos meios produtivos; imbecilidade, privação e cretinismo para os trabalhadores.”<sup>1182</sup> Frente a um povo reificado, a recepção ilusória de ideários modernos vingou: ilusória porque a modernidade foi fachada, alinhamento discursivo que encobria a perpetuação de práticas arcaicas, desumanizantes. A negligência estatal e a miséria à qual matutos como Fabiano foram largados esclarecem a prioridade das classes dirigentes ao longo da História do Brasil: manutenção de uma ordem social desigual que garantisse privilégios à revelia do povo – força motriz do desenvolvimento nacional, por vezes pobres desgraçados a errar Brasil afora em busca de sobrevivência.

Sob o signo de uma reificação investigada à luz da realidade histórica nacional, as protagonistas de *Vidas Secas* são apresentadas como viventes destituídos de consciência da totalidade social, presos à passividade irrefletida, relegados a diversas privações, que os reificam. Quando Graciliano Ramos flagra essa realidade e a deita no papel como um reflexo estético à Lukács – isto é, com tipicidade e perspectiva dialética que encara de frente os problemas e as inconsistências estruturais de seu tempo, sem apriorismos ou idealismos estéticos –, acaba por elaborar imagens de resistência que resgatam a humanidade dos viventes sertanejos. O autor os individualiza, restitui-lhes os sonhos, os sentimentos e os desejos por meio de um narrador onisciente que, em incursos anímicos, perscruta o interior de cada vivente, demonstrando que, por mais brutos e humilhados que fossem, ainda assim eram seres humanos. As personagens apresentam dilemas que ampliam o entendimento humano em relação à própria humanidade. Verossímeis porque, vinculados à historicidade objetiva do ser social, eles refiguram a realidade objetiva: são imagens que tornam o ser humano ainda mais humano – em termos lukácsianos, dramas que apontam para a peculiaridade do efeito estético.

---

<sup>1182</sup> MARX, 2004, p. 82.

A investigação desses dramas levou à seguinte constatação: embora irmanados em sangue e em miséria reificante, cada uma das personagens é privada de um sonho específico, algo que na fatura de suas vivências representaria uma restituição de humanidade e dignidade; um elemento de desreificação. O de Fabiano é a comunicação. Embora atravesse o enredo em um conflito interno constante entre naturalizar e repudiar as condições ultrajantes às quais é abandonado, é incontestemente sua admiração por discursos coesos, coerentes e lexicalmente fartos, vide sua consideração por seu Tomás da bolandeira: vivente que busca aprimorar suas competências intelectivas por meio da leitura. Ademais, o vaqueiro compreende o auxílio prático do desenvolvimento vocabular nos momentos de necessidade, porque por meio das palavras um vivente se faz entender – coisa que lhe é inatingível, dadas as privações em sua vida. Naturalizada sua suposta inferioridade por ser um “bruto”, o homem teme que letramento não seja algo para gente da sua “laia”, que passa uma vida inteira a contornar desgraças e buscar a sobrevivência do amanhã. Curioso e investigativo, o menino mais velho aspira justamente à formação intelectual, a qual o agraciaria em humanidade. Sentir-se dignificado para ele é conhecer mais sobre o mundo e as coisas que nele há. Seu pai, todavia, é levado a naturalizar a vida reificada, o que distancia ainda mais a educação formal de sua vida. Em tenra idade, o menino mais novo ignora as explorações e humilhações sofridas pelo pai. Levado por ideações infantis, enxerga-o como herói, um destemido cavaleiro cujo gibão de couro o condecora com honra. Em meio às brincadeiras lamacentas no chiqueiro dos porcos, admira-o; sonha ser como ele no futuro. Busca admiração e reconhecimento alheio, elementos que lhe recuperariam a humanidade. Quando sonha com uma cama de lastro de couro, sinha Vitória na verdade almeja uma estabilidade habitacional, que lhe traria dignidade. Sagaz, ela dribla a naturalização daquela vida e vislumbra uma condição social menos aviltante, bem como um futuro diferente para seus filhos. Instrumentalizada e relegada ao campo do “não-humano” tanto quanto os outros membros da família, a cachorra Baleia – elã de afeto, resistência e cuidado com sua família – vive atrás de ossos graúdos, “cheios de tutano e com alguma carne” <sup>1183</sup> e morre sonhando com um mundo “todo cheio de preás, gordos, enormes”. <sup>1184</sup> A eliminação da fome, seminal em *Vidas Secas*, seria seu alento de dignidade.

Em seu último romance, Graciliano Ramos captura a tragicidade em viventes comuns, reduzidos ao silêncio e ao ocaso social. Denuncia a institucionalização da violência estatal e a

---

<sup>1183</sup> RAMOS, 2022, p. 59.

<sup>1184</sup> RAMOS, 2022, p. 87.

desordem real e proposital, que engendram sofrimentos e o desenvolvimento do subdesenvolvimento social. Para além de seu enredo, a obra promove uma mudança na formação intelectual e crítica do próprio leitor ao retratar negligências, explorações e manipulações do povo mais humilde perpetradas historicamente pelas classes dirigentes. Na obra, os hiatos socioeconômicos de forma alguma figuram para o leitor como contingenciais ou naturalizados; ao contrário, é cristalino como o destino de toda uma sociedade rural é o produto da soma de ações humanas, propositais, historicamente fundamentadas no embrutecimento de viventes marginalizados em prol da bonificação anímica de uma oligarquia latifundiária. A riqueza do dono da fazenda pressupunha engano e exploração: subtrações e imputação de juros descabidos na hora do acerto de contas. Graciliano parte da práxis. Suas subjetividades ficcionais são elaboradas a partir de fatores objetivos, estatísticos e de elementos mensuráveis; não o contrário: tipicidade que atrai verossimilhança para o texto ficcional. A obra resgata a consciência da totalidade no leitor ao partir de uma fria adesão às condições materiais do ambiente e das personagens retratadas, reavivando a ideia de que a realidade social do país – com suas inconsistências ocultadas por narrativas oficiais em prol do *status quo* – vai muito além do mundo fenomênico, daquilo que os olhos alcançam num primeiro plano. Pelo contrário, *Vidas Secas* denuncia que, por trás da aparente ordem e progresso nacional, há populações de embrutecidos: viventes esquecidos, abandonados à contingência climática e às garras de um modo de produção que bestializa os mais necessitados. O resgate da consciência da totalidade no leitor também se dá com o afastamento de um cânone literário romantizado. Sua estética pressupõe um rompimento com narrativas que exaltam privilégios da elite nacional; no lugar, busca-se abordar uma narrativa que se aproxima do povo e das dificuldades por que ele passa. Assim, *Vidas Secas* desreifica e recupera a consciência da totalidade porque, por meio do reflexo estético, aponta para o perigo que é pensar o Brasil a partir de perspectivas confortáveis, reducionistas e acomodadas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE, Paulo Roberto de Medeiros e. **Como fazer um romance**. *A Gazeta Magazine*, São Paulo, 1941. *Apud* BARROS, Ivan. *Graciliano era assim*. Maceió: Sergasa, s.d., pp. 149-53. *In*: RAMOS, Graciliano. *Conversas*. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

ARAÚJO, Bárbara Del Rio. **O Amanuense Belmiro, Fogo Morto e São Bernardo**: formas do trágico no capitalismo tardio. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte, 2018.

\_\_\_\_\_. O jovem Schwarz X o Schwarz maduro: complementações da crítica sociológica. **Em Tese** (Belo Horizonte. Online), v. 21, p. 60-73, 2015.

ARAUJO, Paulo Henrique Furtado de. Trabalho, objetivação e alienação na Ontologia do ser social de Lukács: notas introdutórias. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 439-461, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49227>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar. Música, linguagem e política; repensando o papel de uma práxis sonora. **Terceira Margem**, v. 15, n. 25, p. 211-231, 2017.

ARCANJO, José Estevão Machado. **A cana e o gado - o nordeste segundo Gilberto Freyre e Djacir Menezes**. *In*: MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

Arquivo Graciliano Ramos; Crônicas, Ensaios e Fragmentos; Manuscritos, not. 10.13. *In*: RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Arquivo Graciliano Ramos, Manuscritos, Discursos, not. 12.10A e 12.10B. *In*: RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_, not. 12.9. *In*: RAMOS, G. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_, not. 12.20. Discurso proferido, provavelmente, no segundo semestre de 1946. *In*: RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ATAÍDE, Glauber. **O conceito de reificação em História e Consciência de Classe, de Georg Lukács**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2020.

BASTOS, Hermenegildo. **Inferno, alpercata:** trabalho e liberdade em *Vidas Secas* [posfácio]. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Graciliano, aos cinquenta anos”. In: *Achados ao vento*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1958. In: RAMOS, Graciliano. **Conversas**. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

BARROS, Douglas Rodrigues. Cem anos de “História e consciência de classe”. **Blog da Boi Tempo**. 09 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2023/08/09/cem-anos-de-historia-e-consciencia-de-classe/>>. Acesso em: 22 maio. 2025.

BARROS, José D’Assunção. **O conceito de alienação no jovem Marx**. *Tempo Social*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 223-245, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12659>. Acesso em: 4 set. 2023.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAGA, Rubem. *Vidas secas*. **Teresa**: Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 2, p. 126–129, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116581>>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

BROCA, Brito. “Vidas Secas: uma palestra com Graciliano Ramos - O sertanejo da zona árida - O homem no seu habitat”, *A Gazeta*, “Livros e Autores”, São Paulo, 15 mar. 1938, p. 8. In: RAMOS, Graciliano. **Conversas**. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

BUENO, Juliane Zacharias. **A teoria do fetichismo em Karl Marx e a educação** [recurso eletrônico]. – Florianópolis : Editoria Em Debate/UFSC, 2021.

BUENO, Luís. **A presença do amor em Vidas Secas**. *Teresa* revista de Literatura Brasileira; São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Prefácio:** um homem. In: MOURA, Edilson Dias de. **Graciliano:** romancista, homem público, antirracista. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão:** Ensaios sobre Graciliano Ramos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARBONEL, Thiago Ianez; PALERMO, Iraídes Fátima Bogni. **A retórica da reificação:** reflexos contextuais no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, 2021. Disponível: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt30/10.pdf>. Acesso em 23/02/2024.

CARONE, Edgar. **A República Velha I:** Instituições e Classes Sociais (1889 - 1930). Rio de Janeiro, São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A., 1978.

\_\_\_\_\_. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 85–92, 1971. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/40377>>. Acesso em: 01 mai. 2025.

CORONIL, Fernando. **Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

COSTA, Iná Camargo. **Prefácio**. In: WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Tradução: Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COTRIM, Ana Aguiar. **O realismo nos escritos de Georg Lukács dos anos trinta: a centralidade da ação**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal, 1979. In: **Marxists**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/coutinho/1979/mes/democracia.htm>. Acesso em: 26 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. **Prefácio à primeira edição**. In: DE MORAES, Dênis. O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

CRIST, Eileen. **O surgimento da natureza barata**. In: MOORE, Jason W. (Org.). Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

CROCCO, Fábio Luiz Tezini. **Georg Lukács e a reificação: teoria da constituição da realidade social**. Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-graduandos em Filosofia. São Paulo, Outubro-2009, p. 49 - 63.

CUNHA, Cliciane Sampaio Pinheiro *et al.* **Fetichismo e alienação do trabalho na atualidade a partir das concepções de Marx**. Anais da XIII Semana de Economia da UESB - 19 a 24 de maio de 2014 Vitória da Conquista/BA.

DAFLON, Claudete. **Natureza**. In: (Novas) Palavras da Crítica [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.

DA SILVA, Fábio César. **O conceito de fetichismo da mercadoria cultural de T.W. Adorno e M. Horkheimer: uma ampliação do fetichismo marxiano**. Kínesis, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 375 – 384.

DE CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2001.

DE CARVALHO, Ana Paula; DOS SANTOS, José; RABELO, Josefa. **A reificação das relações sociais:** fragmentação das subjetividades no processo de produção e reprodução do capital. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 10, n. 3, p. 186-194-, dez. 2018.

DE MORAES, Dênis. **O velho Graça:** uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

DE OLIVEIRA, Renato Almeida. **A Concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas.** *Kínesis*, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 72 – 88.

DUARTE, Oliveira. “Liberdade e instrução”. *O Índio*. Palmeira dos Índios, ano 1, nº 2, 6 de fevereiro de 1921, p. 1. *In:* RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

DUBOC, Jéssica Ribeiro; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **As categorias da alienação e do fetichismo na teoria social de Marx.** *R. Katál.*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 273-283, maio/ago. 2019.

FACÓ, Ruy. “Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC”. *Tribuna Popular*, Suplemento de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, 26 ago. 1945. *In:* RAMOS, Graciliano. **Conversas.** Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 14. ed. atual. e ampl., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. (Didática, 1).

FERRI, Caroline; & ROSSETTO, Daísa Rizzotto. (2015). A Reificação Do Humano Ao Não Humano: do documentário carne osso à literatura de vidas secas. **Revista Brasileira De Direito Animal**, Salvador, v. 10, n. 19, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

\_\_\_\_\_. **Memórias do Cárcere.** Sociólogo analisa adaptação cinematográfica do clássico de Graciliano Ramos. *In Folha de S. Paulo*, Série Colunas Eternas, 20/08/1984.

FLECK, Amaro. **O conceito de fetichismo na obra marxiana:** uma tentativa de interpretação. *ethic@* - Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 141 – 158 Jun. 2012.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx:** materialismo e natureza. Tradução: Maria Teresa Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRANK, André Gunder. **O desenvolvimento do subdesenvolvimento.** Tradução: Fernando Lima das Neves. A terra é redonda, 2021. Publicado originalmente na *Monthly Review*, vv. 18, n. 04, set. 1966. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/o-desenvolvimento-do-subdesenvolvimento/>>. Acesso em: 29 abr. 2025.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. Um século de Lukács. **Outras Palavras**. 15 de dez. de 2023. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/blog/um-seculo-de-lukacs/>>. Acesso em: 22 maio. 2025.

FREITAS, Petrus Alves. Introdução à estética de György Lukács e o papel da arte para o enriquecimento da personalidade humana. **Revista Marx e o Marxismo**, v.11, n.20, jan/jun 2023.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. Tempos de insônia - Graciliano Ramos e as inflexões do romance em 30. **Estudos Avançados**, v. 37, n. 108, p. 181–196, maio 2023.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica**. Tradução: Carlos Nougué. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

GLOTFELTY, Cheryll. **Introduction: Literary Studies in the Age of Environmental Crisis**. In: *The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology*. Edited by Cheryll Glotfelty and Harold Fromm. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1996.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.

GUTIERREZ, Debora Priscila Arevalo. **Reificação e niilismo em contos de Rubem Fonseca**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia. 2021.

HOBBSAWM, Eric John Earnest. **Bandidos [recurso eletrônico]**; tradução Donaldson Garschagen. - 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991 [recurso eletrônico]**; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os trabalhadores: estudo sobre a história do operariado**. Tradução: Marina Leitão Teixeira Viriato de Medeiros. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOUAISS, Antonio; Villar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político - A narrativa como ato socialmente político**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Ática: 1992.

J.C. [Graciliano Ramos]. **Judas**. O Índio, Palmeira dos Índios, nº 9, 27 de março de 1921. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 92.

\_\_\_\_\_. **O Índio**, Palmeira dos Índios, fevereiro de 1921. In: RAMOS, Graciliano. Linhas tortas: obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 65.

JINKINGS, Ivana. **Nota à Edição**. In: MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio. **Apresentação: Os cangaços de Graciliano Ramos**. In: RAMOS, Graciliano. Cangaços. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Prefácio**. In: RAMOS, Graciliano. Conversas. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Posfácio Lampião de palavras: Graciliano Ramos. Os cangaços de Graciliano Ramos**. In: RAMOS, Graciliano. Cangaços. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LINS, Álvaro. **Valores e misérias das Vidas Secas**. In: RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 69ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

LIMA, Eloísa Aparecida Cerino Rosa. **Vidas Secas: representação estética e política**. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Faculdade UNB Planaltina, Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2013.

LOSURDO, Domenico. **Guerra e revolução [recurso eletrônico]**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

LUKÁCS, György. **Estética**. Traducido por Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, S.A., 1966.

\_\_\_\_\_. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Tradução: Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Marx e o problema da decadência ideológica**. In: VEDDA, Miguel. Anuário Lukács 2015 / Miguel Vedda, Gilmaisa Costa, Norma Alcantâra. – São Paulo : Instituto Luckács, 2015.

\_\_\_\_\_. **Narrar ou Descrever**. In: Ensaio sobre Literatura. Coordenação, tradução e prefácio: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.

\_\_\_\_\_. **O romance histórico [recurso eletrônico]**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social volume 14.** Tradução por Sérgio Lessa e revisado por Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Se trata del realismo.** In.: Problemas del realismo. Trad. Carlos Gehard. México: Fondo de cultura Económica, 1966, p. 288-318.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades:** zooliteratura e os limites do humano [recurso eletrônico]. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MAGALHÃES, Belmira. **A particularidade estética em Vidas Secas, de Graciliano Ramos.** 2.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MARTINS, Olga Guimarães. **Condições de vida e de trabalho na Inglaterra da Revolução Industrial** [Dissertação de Mestrado em Estudos Ingleses]. Universidade Alberta, Lisboa: 2008.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução e Introdução: Florestan Fernandes. 2. e.d. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse.** Tradução: Mauro Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Capital:** crítica da economia política. Livro I - O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Capital:** crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista [recurso digital]. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família [recurso eletrônico].** Tradução, organização e notas: Marcelo Backes. – 1. ed. revista. – São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

MESZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MIRANDA, Danilo Santos de. **Ambivalências em curso:** a literatura e a vida de Graciliano Ramos. In: MOURA, Edilson Dias de. Graciliano: romancista, homem público, antirracista. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

MIRANDA, Ricardo. **Desvendando o segredo do fetichismo da mercadoria na perspectiva de Marx.** In: Literatura, biopolítica e indústria cultural do imperialismo norte-americano [recurso eletrônico] / Barbosa, Diana Carla de Souza; Serrano, André Luís de Macedo; Soares, Luis Eustáquio; Takao, Andressa Santos. - Organizadores. – Dados eletrônicos. – Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

MIRANDA, Wander Melo. **Posfácio.** In: RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. 55ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

MOORE, Jason W. **Introdução**. In: MOORE, Jason W. (Org.). Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

\_\_\_\_\_. **O surgimento da natureza barata**. In: MOORE, Jason W. (Org.). Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MOREIRA, Luciano Accioly Lemos; MACENO, Talvanes Eugênio. **Nota editorial**. In: LUKÁCS, György. Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. – São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MOREIRA, Renata Couto. **Por que reeditar hoje um texto de Florestan Fernandes de 1978 sobre o autoritarismo?** In: FERNANDES, Florestan. Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MOURA, Edilson Dias de. **Graciliano**: romancista, homem público, antirracista. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

MUSSE, Ricardo. Reificação em História e consciência de classe: de Max Weber a Karl Marx. **Blog da Boitempo**, 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/05/22/reificacao-em-historia-e-consciencia-de-classe-de-max-weber-a-karl-marx/>. Acesso em: 16 out. 2023.

NETO, Paulo Elpídio de Menezes. **“O Outro Nordeste”, de Djacir Menezes, de 1937 a 2017**. In: MENEZES, D. O outro Nordeste. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

ORTIZ, Eduardo; CEI, Vitor. A ideologia no romance histórico lukácsiano: uma interpretação de Memórias Postumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. **Revista História e Cultura**, Vol. 9, Nº 1, UNESP, 2020.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Um romance mudo como um filme de Carlitos**: Vidas Secas. In: \_\_\_\_\_. A leitora e seus personagens. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2005.

PETO, Lucas Carvalho; VERÍSSIMO, Danilo Saretta. Natureza e processo de trabalho em Marx. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, 30, 2018.

PIRES, Rogério Brittes Wanderley. Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 57, n. 1, 2014. Disponível em: [www.periodicos.usp.br/ra/article/view/87763/pdf\\_9](http://www.periodicos.usp.br/ra/article/view/87763/pdf_9). Acesso em: 19 mar. 2023.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Luciana Molina. **A imaginação negativa**: uma política da ficção. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2018.

RABELLO, Rosana Baú. **Vidas Secas e aspectos da reificação.** Revista Entrelaces, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 182-193, jul./dez. 2015.

RAMOS, Graciliano. **A tarefa principal: Constituinte!** Tribuna Popular. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1945, p. 3 Arquivo Graciliano Ramos; Crônicas, Ensaios e Fragmentos; Manuscritos, not. 10.13. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **A palavra de Graciliano Ramos**, *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1946, p. 2. In: RAMOS, Graciliano. *Conversas*. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **A propósito de seca.** *Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, n. XIII, p. 86, fev. 1937. In: RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

\_\_\_\_\_. **Chavões.** *Novidade*, Maceió, nº 8, 30 de maio de 1931, p. 7. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 119

\_\_\_\_\_. **Comandante dos burros.** *Jornal de Alagoas*, Maceió, 27 maio 1933. In: RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Decadência do romance brasileiro.** *Literatura*, Rio de Janeiro, nº 1, setembro de 1946. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos,** *Diretrizes*, ano 1, n. 6, set. 1938, pp 14, 15, 24. In: RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Lampião.** Revista *Novidade*. Maceió, n. 3, 25 abr. 1931. In: RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Linhas tortas:** obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Memórias do cárcere.** 55ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

\_\_\_\_\_. **O antimodernista:** Graciliano Ramos e 1922. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. Rio de Janeiro: Record, 2022.

\_\_\_\_\_. **O fator econômico do cangaço.** Manuscrito pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros: Arquivo Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **O ladrão.** Coleção Graciliano Ramos, Minas Gerais, 1915. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Partido Comunista e a criação literária.** *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, ano II, 22 de maio de 1946, p. 11. Arquivo Graciliano Ramos; Crônicas, Ensaios e Fragmentos; Manuscritos, not. 10.13. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **O romance no Nordeste.** *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 de março de 1935. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sertanejos.** Novidade (Direção de Valdemar Cavalcanti e Alberto Passos Guimarães). Maceió: Livraria Vilas-Boas n. 1, p. 11, 11 abr. 1931. In: RAMOS, Graciliano. Cangaços. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um inquérito,** *Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 set. 1910, p. 1. In: RAMOS, Graciliano. Conversas. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um romancista do Nordeste.** *Literatura*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 18, 20 de junho de 1934, p. 1. In: RAMOS, Graciliano. Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **Viagem:** Checoslováquia - URSS. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

\_\_\_\_\_. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro: Record, 2022.

\_\_\_\_\_. **Virgulino.** Manuscrito pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros: Arquivo Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. Cangaços. [organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Ricardo. **Explicação final.** In: RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. 55ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

RANIERI, Jesus. **Apresentação.** In: MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

REDON, Silvio; CAMPOS, Eliane Christine Santos de. A alienação em Marx. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/43021>. Acesso em: 4 set. 2023.

R.O. [Graciliano Ramos]. *Jornal de Alagoas* - Maceió, AL, março de 1915. In: RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas:** obra póstuma. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SALLA, Thiago Mio; LEBENSZTAYN, Ieda. **Apresentação:** Ramos intrincados de um antimodernista. In: RAMOS, Graciliano. O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SALOMÃO, Ivan Colangelo. As origens do pensamento industrial brasileiro no século XIX: uma análise através das associações de classe. **Leituras de Economia Política**, Campinas, (24), p. 79-98, jan./dez. 2016.

SANDRINI, Elizabete Gerlândia Caron. **Entrelaçamento de vozes**: em Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Vitória, ES: EDUFES, 2019.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. In: SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SENNA, Homero. “Como eles são fora da literatura: Graciliano Ramos”. *Revista do Globo*, n. 473, 18 de dez, 1948. In: RAMOS, Graciliano. **Conversas**. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

SILVA, Edson José da. **Lukács e Bazin**: o realismo estético na literatura e no cinema. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada*, vol. 7, n. 2: 54-70, Jul/Dez. 2020

SILVA, Marcus Flávio Alexandre da; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Prólogo da estética de Lukács: um esboço para apresentação. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 172-175, jan. 2009.

SILVEIRA, Joel. “Graciliano conta sua vida”. Caricatura de Augusto Rodrigues. *Vamos ler!*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1939, pp. 9-10. In: RAMOS, Graciliano. **Conversas**. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Conversas com Graciliano Ramos**. In: SILVEIRA, Joel. Na fogueira: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, pp. 281-5. In: RAMOS, Graciliano. **Conversas**. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Prefácio**: O rizoma teórico-estético de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: SANDRINI, Elizabete Gerlândia Caron. **Entrelaçamento de vozes**: em Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Vitória, ES: EDUFES, 2019.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. Os retirantes em Vidas Secas (1938), as Vidas Secas em Os Retirantes (1944). **Revista Interfaces**, v. 6, n. 2, p. 63-71, 2015.

SOARES, Luis Eustáquio. **As duas guerras frias e a resistência ao complexo de Arcádia brasileiro [recurso eletrônico]**. Dados eletrônicos. Vitória, ES: EDUFES, 2023.

\_\_\_\_\_. Mimesis, alteridade e pobreza. **Contexto**, Vitória, n. 12 (2005): Dossiê Literatura e Expressões da Alteridade, p. 15 - 31, dezembro, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6726>. Acesso em: 26/08/2023.

\_\_\_\_\_. **O Começo do Fim da Era Multipolar**: Literatura e Indústria Cultural [livro eletrônico]. Alegrete, RS: Editora TerriED, 2024.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Prefácio à segunda edição.** In: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

\_\_\_\_\_. **História da literatura brasileira**. 7. ed. atualizada. São Paulo: DIFEL, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o povo no Brasil?** Marília: Lutas anticapital, 2019.

SOUSA, Douglas Rodrigues de. **O Realismo em Lukács - sua visão e concepção de arte:** breves considerações. *Signótica*, Goiânia, v. 31, 2019.

SOROMENHO, Fernando Monteiro de Castro. **Um depoimento literário brasileiro:** Marques Rebelo (Eddy), *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 9 ago. 1939.

VANDENBERGHE, Frédéric. “Reificação”, por Frédéric Vandenberghe. Tradução: Alberto Luis Cordeiro de Faria. **Blog do labemus**, 2017. Disponível em: <https://blogdolabemus.com>. Acesso em: 05 jul. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Tradução: Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WREC (Coletivo de Pesquisa de Warwick). **Desenvolvimento combinado e desigual:** por uma nova teoria da literatura-mundial. Tradução: Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

X [Graciliano Ramos]. “Garranchos IV”. *O Índio*, Palmeira dos Índios, ano 1, nº 4, 20 de fevereiro de 1921. In: RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

X [Graciliano Ramos]. “Garranchos VI”. *O Índio*, Palmeira dos Índios, ano 1, nº 6, 06 de março de 1921. In: RAMOS, Graciliano. **Garranchos [organização de Thiago Mio Salla]**. Rio de Janeiro: Record, 2012.